

M. L. PONTES



Algoritmos Sagrados

SÍMBOLO
Douto

ME
MODO
Editora

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Chico Mauro chmauro@fortalnet.net.br

M. L. PONTES

Símbolo Oculto

Algoritmos Sagrados

Modo editora

Copyright©, 2012 de Marcelo L. Pontes
Título: Algoritmos Sagrados: Símbolo Oculto
Beta Reader: Adriana Vargas
Revisão: Débora Ortola
Diagramação e arte: Marcelo L. Pontes
Capa: Marcelo L. Pontes
1ª Edição – 2015

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida sem consentimento da editora – em qualquer meio ou forma, seja mecânica ou eletrônico, fotocópia e gravação.

Os livros físicos da saga podem ser adquiridos nos catálogos da livraria
Cultura ou Saraiva.

E com desconto através da loja virtual na página:

<https://www.facebook.com/Algoritmos.Sagrados>

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P859

Pontes, Marcelo

Algoritmos Sagrados : Símbolo Oculto / Marcelo Pontes. - 1.

ed. Campo Grande,

MS : MODO, 2015.

240 p. : il. ; 23 cm.

Inclui índice

ISBN 978-85-8405-030-7

Romance Brasileiro. I. Título. II Série

15-21210

CDD:

869.93

CDU:

821.134.3(81)-3

<http://modoeditora.com.br/>

Sumário

Selo dos homens

O tesouro

A linha do destino

Buscando a verdade

Revelações

A órfã alienada

Memórias

Um estranho entre nós

Símbolo Oculto

Medo de amar

Possuídos

O Colecionador

Portões do inferno

Entre o bem e o mal

O Sacerdote de Axum

O Graal

Ponteiros à meia-noite

Mudanças

Uma noite em Bagdá

Babel

O mausoléu

Perdidos

Prefácio

Demônios... Quantas vezes escutamos essa palavra e trememos. O termo que há séculos é associado ao terror, medo, angústia e sofrimento, mantém-se atualizado na velha imagem do bode chifrudo em corpo de homem.

Mas, quem são eles, e o que querem?

A palavra *Daemon* usada pelos gregos significa “a voz do interior, algo que habita em nossa consciência e nos aconselha nas decisões da vida”. O termo, em fontes mais antigas, também aparece para descrever qualquer entidade sobrenatural que se encontre entre o homem e Deus.

Acreditamos que os demônios nasceram do universo cristão, mas o fato é que podemos encontrá-los em diversos relatos espalhados pelo mundo, como nas culturas dos povos da Mesopotâmia, Pérsia e Egito. Os textos paralelos revelam semelhanças; as descrições de espíritos com capacidade de provocar doenças, fome, incêndios, pragas e guerras são ricas em seu aspecto único, mas também trazem detalhes que parecem ter sido tirados dos textos judaicos. Muitas vezes os termos “O Emboscador” ou “O Adversário” eram usados, espíritos que causavam o mau e estavam prontos para atacar os lares que não estavam protegidos por seus amuletos.

Essas lendas e mitos sempre estiveram em nossa cultura, mas nunca pensei que um dia iria acreditar nelas.

Enquanto caminhávamos pela longa avenida em direção à praça central, eu, como um bom escoteiro, ajudei-o a caminhar. Na primeira passada ele tossiu violentamente. Quando percebi as pequenas gotículas vermelhas no ar fiquei preocupado e perguntei sobre seu estado de saúde. De forma seca ele me respondeu:

– Não se preocupe, pois meus dias estão contados.

– Algum problema grave de saúde? – perguntei franzido em uma mescla de aflição e curiosidade.

Ele tossiu novamente colocando sua mão à boca. Após se restabelecer, virou-se com um sorriso caloroso de avô e me respondeu:

– Transgressão.

Alcançando a praça, sentamos no banco. Parados, reflexivos, olhávamos as pessoas que cruzavam, seguindo para seus empregos.

O velho tossiu mais uma vez. – Perdoe-me – se desculpou sem tirar os olhos da praça. – Me diga: o que está vendo neste exato momento?

– Uma praça com... seus típicos transeuntes? – indaguei sem saber o propósito de sua pergunta.

– Você acredita em destino?

– Não, acredito no livre arbítrio.

Ele riu. – Está certo e errado ao mesmo tempo.

Minhas sobrancelhas curvaram, pois como eu poderia estar certo e errado ao mesmo tempo? Mas é claro, ele explicou-me.

– Há uma linha escrita para cada ser neste planeta, entretanto, ela não será necessariamente cumprida – ele fez uma pausa. – Porém, existe uma força poderosa que induz que ela ocorra.

– Uma força?

– Esses são os ‘Algoritmos Sagrados’.

Meus olhos se arregalaram naquele momento, pois minha mente foi bombardeada por ideias e revelações. Suas narrações estavam mais claras. A história de peças dispersivas formou um quebra-cabeça; agora, a imagem podia ser definida.

Fiquei afoito, eu queria o seu desfecho. Ele percebeu minha inquietude e, colocando sua mão em meu ombro, levantou-se do banco.

– Me acompanhe até a rodoviária. Vou continuar a história, ainda há muito a ser revelado.

Segurando em seu braço, seguimos em direção a seu destino.

No terminal, caminhamos para o embarque.

– Pretende viajar? – perguntei com tom amedrontado, pensado na hipótese dele partir sem ao menos dar-me o final que tanto almejava.

– Fique tranquilo, terminaremos antes do meu embarque – me respondeu em sua fleuma.

– Para onde vai? – perguntei ingenuamente esperando uma simples resposta, mas, como em outras ocasiões, fui surpreendido.

– Para o Rio de Janeiro, preparar meu último túmulo.

Perplexo, estremeci, pois por um breve momento, duvidei de sua natureza humana.

M. L. Pontes.

I

Selo dos homens

“Os demônios devem dormir, ou eles nos devorarão;
devem ser mergulhados no sono, ou nós pereceremos!”

(Edgar Allan Poe)

Estocolmo, Suécia, 21 de Julho de 2009.

Descendo as ruas na região de Gamla Stan, três figuras chamam a atenção dos poucos que circulavam naquela fria manhã de verão.

Suas vestimentas incomuns induziam os transeuntes a acreditar que pertenciam a outras épocas: grossas malhas de cetim de coloração vermelho-sangue e uma longa capa branca com bordados na lateral onde a cruz da Ordem de Cristo, de cor vermelha, era estampada no centro. Nos pescoços ornavam colares de ouro, onde o metal engastava-se a uma pequena pedra de ônix. O que caminhava à frente carregava um bastão: no topo uma cruz celta de ferro fundido e na base, uma lâmina afiada. Eles pareciam idênticos como gêmeos; cabelos dourados, olhos claros e pele branca. Entretanto, a poucos centímetros, notavam-se certas particularidades que poderiam distingui-los. A região estava quieta e uma brisa soprava vinda do lago Mälaren.

Gamla Stan é considerada a parte mais velha da cidade de Estocolmo, uma região linda que parou no tempo e conservou sua arquitetura rústica do século XIII. Apesar do ar pesado e a cena monocromática e melancólica típica das regiões temperadas, Gamla Stan renovava-se através de suas construções coloridas e acolhedoras.

Eles desceram pela Rua Prästgatan. Em um determinado ponto conferiram o perímetro. Em marcha, seguiram à esquerda por uma série de becos.

No cruzamento, o que estava à frente parou e levantou seus olhos para o prédio ao lado. Ele apertou seu colar e sentiu-o aquecer em sua mão.

Eles se entreolharam e seguiram para o local.

Na porta, o líder empurrou-a e, após um silencioso estalar, entrou no estabelecimento. No local escuro havia um balcão com várias peças de santos esculpidas em madeira. Eles vasculhavam o cômodo quando um senhor desceu as escadas carregando seu material de entalhe. Quando ele viu os intrusos, espantou-se. Após derrubar sua caixa de ferramentas, correu atormentado, procurando escapar. Percebendo seu movimento, o líder misterioso lançou seu bastão. O pesado metal seguiu o trajeto no ar e encravou sua lâmina no batente da porta. A saída foi bloqueada, mas afoito, o homem em fuga continuou correndo em direção à porta. Sem perceber, ele chocou-se contra a haste de metal e caiu no chão.

O homem misterioso partiu em sua direção. Segurando-o pela casaca, ameaçou-o.

– *Var är djävulen?* – perguntou-o com tom agressivo.

Tremendo, o velho apontou para a escada que na escuridão conduzia para o andar superior.

Abandonando o velho escultor, os três seguiram cautelosos, subindo lentamente os degraus que rangiam baixinho. No segundo andar, a escuridão permanecia, havia apenas uma nesga de luz que entrava de forma discreta pelas frestas das janelas fechadas. O ambiente era perturbador. No ar podia-se sentir o agourento fedor da morte. Com os olhos acostumados, ficaram estarecidos diante à cena: três corpos estendidos de ponta cabeça.

Eles se aproximaram com cautela.

Os corpos pendentes eram de mulheres nuas, presas pelos pés às correntes que se estendiam até as vigas de sustentação do telhado. Nas cabeças, sacos de estopas foram apertados e laçados ao redor do pescoço. Um dos homens, vendo o sangue que gotejava, seguiu seus olhos para o ventre. Com um leve aperto na carne, notou o profundo corte. Tirando a adaga de sua bainha, abriu o ferimento.

– Erick, retiraram seu útero.

O homem que segurava o bastão soltou o ar dos pulmões com uma expressão consternada.

Sem que ele esboçasse uma resposta, seu aliado, que ainda analisava o ferimento, completou:

– Os códigos estão se cumprindo.

Subitamente Erick se enfureceu e com seu bastão, projetou-se para cima dele. Sem reação, seu companheiro deixou a adaga cair, enquanto seu corpo chocava-se contra a parede. Pelo bastão em sua garganta, ele era sufocado.

– Eles se cumprem apenas se eu permitir! – exclamou Erick em fúria.

Naquele momento de tensão, eles escutaram um gemido que vinha de um dos corpos pendurados.

– Zac, solte-a, mas não a descubra – disse o líder colérico para o companheiro ao lado.

Erick voltou seus olhos para seu aliado que mantinha o semblante assustado, enquanto o cajado continuava apertando sua garganta. Ele apontou o dedo em sua face e o direcionou em seguida à porta que acessava os outros cômodos.

Com passos medidos eles seguiram pela porta, enquanto Zac permaneceu para libertar a vítima.

Adentrando naquele complexo de sombras e terror, eles seguiram tensos por um corredor estreito e asqueroso. No fundo, alcançaram um escritório rústico. Aquele ambiente divergia do resto da casa. No teto, havia vitrais que permitiam a entrada da luz, formando lindos mosaicos no ambiente. As janelas nas laterais eram temáticas, com ilustrações de santos. Colunas vitorianas circundavam todo o ambiente sustentando as pesadas vigas do teto. Em frente havia uma escrivaninha, onde em uma cadeira de acácia um homem estava sentado de costas. Eles se aproximaram e Erick dirigiu-lhe a palavra.

– *Jag är i närvaro av djävulen?*

O homem virou-se.

Sem aviso, a figura assustadora projetou-se para Erick que, imediatamente se protegeu segurando seu cajado. Ele encarou sua face grotesca de pele enrugada desprovida de órbitas oculares. A criatura estava motivada a matá-lo. Seu companheiro, procurando retardar o ataque, pegou o maior objeto ao seu alcance. Com uma cadeira, alavancou-a no ar e desferiu um violento golpe nas costas do adversário. A figura nem sentiu, e após um arquejar, virou-se para seu molestador e o agarrou. Assustado, o indefeso combatente tirou sua adaga da bainha e tentou cravá-la nos trapos

mortiços daquele corpo. A criatura respondeu mais rápido, e com força descomunal, lançou-o pela janela. O vitral estilhaçou com o impacto.

Ela voltou-se para seu principal alvo.

Erick começou a circundá-la com passos curtos e silenciosos. A criatura esticava seus braços tentando agarrá-lo, mas cega, era incapaz de encontrá-lo. O destemido líder continuou andando cuidadosamente. Quando se posicionou nas costas da figura assombrada, armou o punhal de sua cruz. Ele articulou a ponta do pé para o ataque, mas o vento entrou pela janela derrubando uma caneta-tinteiro. A criatura virou-se rapidamente em direção do combatente. Em resposta ao frustrado ataque, Erick improvisou. Com um salto, ele apoiou seu pé na escrivaninha e girou seu corpo sobre a figura errante. Sem piedade, desferiu seu golpe cravando o punhal da base de seu bastão nas costas da desprotegida criatura. Sentindo o impacto, ela tentou escapar, mas Erick aprofundou sua cruz na carne e derrubou-a no chão. A luta daquele monstro ainda durou um tempo desumano, mas finalmente as lamúrias cessaram, e o corpo ensanguentado sucumbiu.

Sem descanso, Erick pegou sua adaga e colocou-a ao lado do corpo. Fechando seus olhos, pôs-se de joelhos.

– *Dominus pascit me, et nihil mihi deerit: in pascuis virentibus me collocavit, super aquas quietis eduxit me, animam meam refecit. Deduxit me super semitas iustitiae propter nomen suum. Nam et si ambulavero in valle umbrae mortis, non timebo mala, quoniam tu mecum es. Virga tua et baculus tuus, ipsa me condolata sunt. Parasti in conspectu meo mensam adversus eos, qui tribulant me; impinguasti in oleo caput meum, et calix meus redundat. Etenim benignitas et misericordia subsequenter me omnibus diebus vitae meae, et inhabitabo in domo Domini in longitudinem dierum* – completou Erick recitando o Salmo 23.

Ele retirou as vestimentas do moribundo, pegou a adaga no chão e fez um corte na altura do abdômen. Através da fissura na carne, usando sua mão, arrancou o coração. Com muito cuidado, ele estendeu o corpo sobre a escrivaninha e com a cruz celta de seu cajado, apertou-a contra o peito nu. De seu bolso, retirou seu isqueiro de prata e despejou o fluido na cruz. Com o polegar, acendeu sua chama. O fogo ardeu, marcando a pele do monstro. Os olhos de Erick permaneceram parados, contemplando a carne que se queimava lentamente.

Quando a chama extinguiu-se, ele retirou o cajado e virou-se para a janela. Do bolso, pegou seu celular e fez uma chamada.

– O carneiro está morto, mas perdemos um dos doze – disse ele olhando para o corpo de seu companheiro estendido no chão, com o sangue espalhado pela rua.

– A linha foi interrompida? – perguntou uma voz feminina com sotaque lusitano.

Erick parou e virou seus olhos para o corpo em cima da escrivaninha. – Não, os códigos ainda preservam suas linhas.

Houve uma pausa. – Creio que terás que se preocupar com *Daemons* de hierarquia superior.

– Há muitos anos estou preparado. Mandem os *Erasers*, quero isso limpo em uma hora.

Preparado para desligar, a voz feminina completou:

– Erick, se não encontrarmos o ‘Símbolo Oculto’, eles a matarão e tudo estará perdido.

II
O tesouro

“No fundo de cada alma há tesouros escondidos que somente o amor permite descobrir.”

(Edouard Rod)

Layla cravava suas unhas no solo enquanto guiava pelo chão seus olhos tomados pela escuridão.

– Malditos!

Vendo a lâmina partida do sabre de Cristóvão, se levantou e pegou-a. As lembranças do conflito regressaram com um fator apelativo. Em estado de fúria, ela apertou com força o metal a ponto de ferir seus dedos. Sem pensar, seguiu em direção às portas do castelo.

– Layla! – gritou Aaron tentando impedi-la de qualquer ato estúpido.

Sem resposta, ele levantou novamente sua voz:

– Layla, o que pensa que está fazendo?

Ela parou e virou-se com seu semblante intimidador.

– Estou começando a minha guerra! – exclamou com olhos perturbadores.

Aaron parou atônito, tentando assimilar a situação.

– Quem está no controle? – pensou ele, sem saber de fato quem estava manipulando suas emoções.

– Victor não pode ser salvo! – afirmou o velho corvo com semblante entristecido.

– Ele pode, e será salvo... E você, seu traidor, irá me ajudar! – exclamou seguindo com passos firmes de volta ao castelo.

– Traidor? – aquela palavra acertou seu coração como um martelo de um ferreiro. Após se recompor, ele se limitou a segui-la. – Mas... como?

- Seu corpo foi levado para Etemenanki.
- Como pode saber disso?
- Estou conectada.

Aaron levantou suas sobrancelhas e arregalou os olhos, pois naquele momento, sabia que aquela menina de alguma forma havia superado o controle que Victor havia alcançado. Era fato que um obscuro caminho se formava à sua frente.

Apertando seus olhos, Layla seguiu com passos determinados para dentro do castelo, enquanto Aaron continuou atrás, na mesma passada.

Chegando à sala, a jovem menina fixou seus olhos em Kerem. A exuberante mulher, sentada em sua poltrona, tomava seu chá calmamente. Quando notou a intrusa, torceu levemente o pescoço com expressão altiva.

– Vejo que estás diferente; andou cometendo erros menina? – perguntou ela, sorvendo lentamente mais um gole de chá.

– O único erro foi se intrometer na minha vida! – gritou Layla partindo para cima de Kerem com a lâmina empunhada.

Quando estava pronta para desferir o golpe na garganta à sua frente, a jovem angustiada foi interrompida pela pomposa mulher que se levantou rapidamente e a segurou firme pelo pulso.

– Menina, tu não seria capaz de me derrotar – os olhos seguros da ruiva aplacavam temor no coração da gótica. Layla tentou lutar, mas seu braço parecia petrificado, preso a amarras poderosas. – Não tenho escolha, controladores sempre encontram sua cova – concluiu sua adversária com um sorriso maquiavélico.

A perdida menina exibiu uma expressão insegura. Sua determinação esvaia-se diante à força que lhe segurava o braço. Aquele embate parecia ter um vencedor claro pela discrepância entre as forças.

Cansada, Kerem procurou terminar aquele inútil conflito. Com dedos abertos, projetou suas afiadas unhas contra o peito da gótica. Ela sentiu o impacto perfurante, e serrou os dentes.

A ruiva olhou ostensiva para o semblante dolorido de sua presa.

– Mais um pouco menina, e suas dores finalmente cessarão. – Layla sentiu suas forças minguarem, suplantada por uma energia que sugava sua alma. Enfraquecida, ela despencou sua face em direção ao chão.

Kerem completou:

– Nunca em sua vida teve chances contra seu destino.

Momentos de sua vida passaram em sua mente. Dor... angústia... e solidão. Layla parecia derrotada.

– Victor – disse baixinho.

Subitamente uma força tomou suas veias. Ela levantou sua face e suas órbitas foram tomadas pela total escuridão.

Surpresa, Kerem arregalou-se.

– Como?

Com a mão direita, Layla segurou no pulso de sua adversária, impedindo-a de finalizar seu golpe.

– O que pensa que está fazendo? – indagou a ruiva, sem compreender de onde vinha aquela força que a repelia.

Percebendo a inadvertida reviravolta, Kerem puxou seu braço e, com um movimento circular, lançou-o direcionando suas unhas contra o rosto de Layla. Com o poderoso golpe, o pescoço da gótica torceu.

Houve um momento de silêncio. A pomposa ruiva esperava tê-la ferido mortalmente, mas para sua surpresa, a menina voltou-se para ela com olhos determinados. – Você não pode me machucar sua vadia! – exclamou, enquanto as feridas em seu rosto eram regeneradas.

Temendo sua desvantagem, Kerem tirou seus sapatos e com um movimento rápido saltou para o corrimão da escada. Seus pés articulavam como garras presos à madeira lisa do corrimão. Ela subiu rapidamente, movendo-se de forma sobrenatural. No topo, ela virou em seu próprio eixo, esperando ter escapado, mas foi surpreendida pela brutal força de Layla que desferiu um chute no pilar da escada, fazendo com que a estrutura desabasse. Kerem desequilibrou-se e seu corpo tombou em direção ao piso da sala.

– Não! – exclamou, percebendo seu descuido.

No ar, antes que tocasse o chão, Layla agarrou-a pela garganta e, usando sua força, alavancou o corpo ao solo de forma que as tábuas do piso partiram. Mais uma vez a lâmina de Cristóvão armou-se contra o corpo da ruiva.

Aaron advertiu-a:

– Não Layla, espere!

Ela não lhe deu ouvidos e, com uma vontade implacável, acertou o coração de Kerem.

A ruiva gritou; era um som estranho, uma agonia funesta.

No peito, uma fumaça negra ondulante saiu do ferimento e a lâmina de prata ardeu em brasa de tal forma que o metal diluiu-se na carne. O corpo de Kerem começou a decompor-se a uma velocidade assombrosa, até que restou apenas seu esqueleto.

Mia, do outro lado da sala, gritou: – Mami! – exclamou, partindo em sua direção. O corpo da pequena se desfez em pó revelando seu esqueleto que rolou ao chão.

Layla levantou seu rosto.

– O que fez menina? – indagou Aaron.

– Eu chamo de vingança. – Havia satisfação em seu rosto.

– Se realmente falou a verdade, a lâmina de prata possuía o sangue de Victor.

Os olhos da gótica voltaram ao normal e a pobre menina de joelhos se pôs a chorar.

– O que eu fiz Aaron? – indagou arrependida, tampando com as mãos o seu rosto.

O velho corvo ajoelhou-se ao seu lado e abraçou-a com ternura.

– Calma menina, acharemos uma forma.

Layla tirou suas mãos do rosto e direcionou-as para Aaron, seus olhos lacrimejando.

– Você acredita?

– Seu corpo está mesmo em Etemenanki?

– Sim, mas não sei onde se encontra seu coração.

– Se você realmente está conectada, isso significa que o coração de Victor está em mãos humanas.

– Mas como vamos encontrá-lo?

– Bem, essa é a parte fácil. Agora, sair de Etemenanki vivos... aí é outra história.

Aaron levantou-se e estendeu sua mão a Layla.

– Venha comigo, vamos iniciar a sua busca.

Tímida, ela se levantou e seguiu-o cabisbaixa.

Aaron foi conduzindo-a para fora do castelo, seguindo a trilha em direção à capela. Ele sabia mais do que ninguém os mistérios que cercavam os mitos e lendas sobre o cristianismo e, naquele momento poético, cogitou quanta energia seria necessária para mover as montanhas que intercalavam

aquele perigoso caminho. Mas ele conhecia o poder do amor, por isso não hesitou um só segundo em ajudar aquela pobre garota.

Na entrada da capela, de forma calma e descontraída, Aaron abriu as portas. Após o primeiro passo ele pulou sobre um dos bancos e direcionou seu olhar para os vários símbolos encontrados em diferentes partes daquela antiga construção.

– O que fazem aqui? Esta é a casa de Deus! – afirmou Abner ao ver Aaron pulando os bancos da capela como uma criança.

– Na casa de Deus não entram demônios, meu caro monge – afirmou Aaron.

Layla ignorou aquele comentário e seguiu pelo corredor.

– Menina, tu estás com esse selvagem? – perguntou Abner com seu cajado à mão.

– Estou Abner – respondeu ela.

– O que querem aqui?

– Um cofre – completou Aaron.

– Cofre? Do que estás falando homem?

– Me diga uma coisa monge, em que ano nasceu?

– Em 15 de abril de 1822.

– É... muita coisa mudou meu caro.

– Deves sair destas terras, pois este local é santo, onde repousa Sião, a cidade de nosso Senhor.

– Sião não é uma cidade meu caro monge, e sim um portal.

– Portal? Quem pensa que és para dizer tamanha mentira?

– Abner, ele sabe do que está falando – interrompeu Layla.

Confuso, o monge encarou os olhos fleumáticos da garota. – Layla?

– Me diga monge, quantos portões há na nova Jerusalém? – perguntou Aaron, enquanto continuava saltando entre os bancos.

Abner franziu a testa e respondeu:

– Há doze portões na cidade de Deus.

– Certo, deixe-me contar uma antiga história, que começa com a primeira cruzada.

Sem tirar seus olhos da arquitetura, ele começou a narrar:

– Na primeira cruzada os Cavaleiros Templários encontraram um tesouro único, que não se podia medir nem em prata, nem em ouro.

– Isso é uma fábula! – afirmou Abner.

– Não é meu caro – ele fez uma pausa. – Ao contrário do que pensam muitos, os templários não estavam interessados no tesouro supostamente empilhado nos templos, mas sim, em um conhecimento específico que permaneceu escondido nos recônditos, abaixo do grande templo de Jerusalém.

– Conhecimento específico?

– Sim, estou falando de livros antigos, fontes históricas que contam em detalhes a criação do mundo e suas temidas regras.

– Mas isso está na Bíblia, não é nenhum segredo.

– A Bíblia é apenas um manual.

– Não insulte a palavra de Deus.

– Não estou insultando. É simples: se queres ser salvo, leia-a. Mas se queres dominar seu mundo, precisará de mais. Eu digo que estas informações encontradas eram tão poderosas que trouxeram a cobiça de muitas nações e matou milhares de pessoas em guerras.

– Mas, que informações poderiam ser essas?

– Informações que conduziriam o homem a conhecer seu futuro, assim como a localização dos portais para o céu.

– Portais para o céu? Do que estás a falar?

– Conhece o sonho de Jacó, uma longa escada que conduzia ao céu?

– Sim, conheço.

– Pois bem. Assim funcionam os portais — doze no total —, espalhados pelo globo terrestre e que levam a Nova Jerusalém, a verdadeira casa do Senhor.

– Isso não pode ser possível!

– Deixe-me completar a história. Em outubro de 1307, uma sexta-feira no dia treze, Filipe IV, rei da França que cobiçava tal tesouro, iniciou uma tentativa de derrubar a Ordem dos Cavaleiros Templários afirmando que eles haviam entregado suas almas a Baphomet, o velho pentagrama invertido. A imagem da Ordem veio por terra, pois a heresia era um ato abominável perante a igreja. Nesse mesmo ano, os Templários encontrados na França foram queimados nos madeiros.

– Mas, que relação há com os portais?

– Sabe... o velho mundo nunca teve uma grande tecnologia naval, mas no século XIV tudo mudou. Em algumas décadas os Templários possuíam uma enorme frota, as caravelas mais avançadas do globo.

Abner exibiu olhos apreensivos quando Aaron indagou:

– Você sabe o motivo desse enorme investimento naval?

– Não – afirmou o monge.

– Os Templários possuíam um mapa detalhado do mundo no século XIV e, por incrível que pareça, lá estava desenhada a América, quase 200 anos antes do seu descobrimento.

– Como?

– Os Templários conheciam o continente Americano, pois já tinham estado lá.

– Estás a me iludir?

– Acha coincidência haver civilizações evoluídas como os maias na América Central? Não meu caro monge, pois três dos doze portais se encontram nas Américas.

Abner levantou seus olhos. Estava perdido tentando assimilar aquelas afirmações que o estranho em sua capela ruminava com tanta convicção.

Aaron continuou:

– Assim que os Templários foram presos na França, toda a frota de navios zarparou durante a noite e nunca mais foi vista. Muito se especulou, pois Filipe nada conseguiu com os Templários. Alguns dizem que eles esconderam seus tesouros em algum lugar deste mundo.

– Mas, onde?

– Na verdade, o tesouro não foi guardado apenas em um único ponto, mas em doze lugares espalhados pelo globo: o solo Santo onde o tempo não existe; Sião, a escada para o céu.

– Mas, os Templários deixaram este mundo há muitos séculos.

– A Ordem foi desfeita em 1312 pelo Papa Clemente, mas os remanescentes fugiram para Portugal e fundaram a Ordem de Cristo – Aaron fitou o monge. – Por que acha que a frota na Península Ibérica se desenvolveu da noite para o dia? Comércio, como se prega nos livros? – Aaron seguiu em direção do altar. – Mesmo extintos, os Templários comandaram e ainda comandam o mundo. O descobrimento das Américas

foi devidamente planejado, uma grande encenação ao mundo, pois sabiam que esse segredo não poderia durar para sempre.

– Estás a me dizer que Cristóvão Colombo era um Templário e sabia das Américas?

– Sim, por que acha que suas naus tinham a cruz da Ordem em suas velas? – Aaron fez uma pausa reflexiva. – Sabe, aquele homem era sábio, durante sua missão ocultou seu local e dia de nascimento para que, assim, o mal não o aplacasse.

– Mal? Mas, que mal?

Aaron subiu os degraus e examinou os símbolos que compunham a nave da capela. No fundo, atrás do altar, ele sentiu seu pé afundar levemente. Ele olhou para baixo e encontrou uma pedra circular com a cruz dos Templários. Ele se abaixou e pressionou a pedra com as mãos.

– Encontrei! – exclamou.

Abner subiu os degraus e conferiu a pedra com os olhos.

– Esta pedra é apenas um adorno, homem.

– Vamos ver – Aaron pressionou a pedra nos quatro cantos do símbolo. – Uma fechadura tetra numérica. Precisamos agora do segredo.

– Fechadura? – indagou Abner de forma acuada, sentindo-se estranho com aquela caça ao tesouro em sua própria capela.

– Você sabia que os Templários foram responsáveis pela criação do famoso banco da Suíça? Na verdade, o atual sistema bancário também foi criado por eles. – Aaron mexeu o lábio inferior para o lado olhando para o símbolo na pedra. – É, os caras manjavam tudo sobre cofres e fechaduras.

– Um cofre, nesta capela?

– Bem, o que temos aqui que possa ser múltiplo? – Aaron olhou para toda a estrutura e sorriu.

Ele correu para o altar e apoiando a mão, saltou para ele. De coque, colocou sua mão no queixo quando Abner chamou sua atenção:

– Homem! Saia de cima do altar, isso é um sacrilégio – disse o monge levantando os braços.

– O que temos aqui? Doze homens – afirmou Aaron apontando para as colunas.

– Os Santos?

Aaron virou-se para Abner – Santos? – ele pulou do altar e foi para o centro entre as colunas. – Nestas figuras temos: avarento, invejoso,

mentiroso, preguiçoso, ciumento, insolente, vaidoso, orgulhoso, arrogante, covarde, impulsivo e por último, mas não menos importante, traidor – completou apontando para as colunas a cada defeito que mencionava. – Tenho que concordar que foram grandes homens. Mas como homens, também eram pecadores.

Aaron torceu seu pescoço olhando fixamente para a coluna onde havia a pintura de Judas Iscariotes.

– É, acho que encontrei.

Na pintura, notava-se que alguns dedos de ambas as mãos estavam esticados, enquanto outros, dobrados.

Aaron memorizou os números de cada coluna e seguiu para pedra. Em cima da cruz Templário esculpida no granito, ele começou a pular e dançar como se estivesse em cima de um console.

– Sabia que os Templários inventaram as máquinas de dança?

Layla levantou sua sobrancelha com olhar objurgado.

Aaron contorceu a cara enquanto dançava. – É brincadeira, foram os japoneses, mas é uma ideia muito boa, queima as calorias.

Terminando a sequência, houve um estalo nas pedras que conduziam ao altar. Lentamente, elas desceram ao subsolo de forma consecutiva formando uma escada que seguia abaixo do altar.

Abner, espantando, aproximou-se colocando seu pé no degrau.

– Se queres viver, fique aqui – advertiu Aaron.

– Como? – indagou o monge.

– Apenas a menina pode descer e retirar o lacre.

Layla balançou a cabeça confirmando. Com semblante determinado ela desceu as escadas.

A poucos metros, abaixo do altar, o túnel encerrava-se em uma parede de pedras de granito justapostas. No centro havia a estrela de Davi, rubra, pintada à mão. Layla, utilizando sua unha, rasgou a carne de seu pulso e respingou seu sangue sobre o desenho. A pintura começou a oscilar, parecia estar viva. Como nas artérias de um corpo, o sangue percorreu os traços daquele símbolo.

– Abra! – fechando seus olhos, ela tocou na parede fazendo-a desabar. Quando a poeira assentou, ela continuou pelo corredor.

Layla escutava os sons, cânticos desafinados que pareciam vir de todas as direções. Uma rápida lufada de ar morno veio do fundo, era como

se aquele local fosse um imenso pulmão. Ao final do extenso corredor ela alcançou uma grande sala circular sustentada por doze colunas. Entre cada par de colunas, encontrava-se uma estante contendo vários pergaminhos que seguiam até o chão. No centro, havia um baú com relíquias em ouro e prata.

Layla sabia o que procurava e seguiu em frente.

Entre uma das colunas, ela pegou uma pequena caixa de madeira com a palavra hebraica הַהַנְשַׁמְהַכְלוֹא esculpida na tampa. Ela abriu a caixa com certo cuidado. Dentro, repousava um anel de ouro com uma joia, um ônix com o selo da estrela de Davi. Respirando fundo, ela virou-se e, com a caixa em mãos, retornou o caminho.

Quando chegou à Capela, Aaron veio abordá-la.

– Conseguiu?

Ela apenas balançou a cabeça confirmando.

– Certo. Vamos, temos muito a tratar.

Ambos seguiram para fora da capela quando Abner indagou:

– Para onde vão?

Aaron virou seu rosto.

– Trazer à vida um pobre demônio condenado.

O monge arregalou-se.

– Mas, e os portais, como podemos encontrá-los?

– Através das estrelas – respondeu Aaron.

– Não compreendo? – indagou Abner aflito.

– Contemple sua bandeira e achará a resposta.

Abner petrificou sem reação.

Saindo da capela, Layla foi surpreendida pelos vários funcionários que trabalhavam nas terras de Montesiano. Seu espírito foi amedrontado, pois no passado, ele já havia sido caçado em circunstâncias semelhantes.

Os presentes deram um passo à frente e se curvaram.

– Bem-aventurada sejas tu, minha senhora. Que Sião conduza à paz e à vida eterna – disse Sara com sua face projetada ao chão.

Layla olhou para Aaron sem entender.

Ele encarou seus olhos.

– Agora você é a única herdeira de Montesiano.

A jovem menina exibiu sua face de espanto.

[Retornar ao sumário](#)

III

A linha do destino

“O destino é o que baralha as cartas, mas
nós somos os que jogamos.”

(William Shakespeare)

Rio de Janeiro, 19 de Outubro de 2009.

Bruna arrumava seu cabelo em frente ao espelho enquanto o elevador subia.

– Espero que ele goste – disse ela, jogando os fios sedosos para o lado.

Assim que a campainha do elevador tocou no oitavo andar, ela abriu sua bolsa e caminhou para o *hall*. Tirando um molho de chaves com um Hobbit sorridente, selecionou a chave de três posições e destrancou a porta.

– Hanz? – chamou a perita quando colocou os pés no *loft*.

Escutando o barulho do chuveiro, ela aumentou seu tom. – Hanz, eu estou aqui!

– Ok; já estou saindo – gritou o mergulhador, tentando superar o barulho dos respingos.

Bruna circulou na sala olhando para a decoração.

O *loft* em que Hanz morava era pequeno, mas bem planejado. No espaço decorado havia uma miscigenação artesanal de várias partes do mundo.

Sobre uma prateleira, a perita admirou um globo de neve onde, no centro, podia-se ver a Torre Eiffel. Ela pegou-o em suas mãos e chacoalhou. Solto de sua base, o globo de vidro caiu no tapete e rolou em direção ao

cômodo adjacente. Ela seguiu-o debruçada atravessando a porta. Quando o alcançou pegou-o do chão.

Olhando para o objeto intacto, ela sorriu enquanto a neve caía sobre a Torre Eiffel. – O quê? – indagou com os olhos arregalados. Pelo reflexo do globo, notou algo estranho naquele cômodo. Ela virou-se imediatamente.

Na parede, havia um quadro com vários recortes de jornais e fotos perturbadoras. Ela aproximou-se exibindo na face um assombro momentâneo.

– Que diabo é isso? – indagou perplexa.

Os artigos estavam separados pelo ano, de 1992 a 2009. Ao lado de cada marcação havia fotos: mortos enfileirados, assim como uma pequena nota com o número de vítimas.

Aquela alta e imponente mulher que a pouco sorria, agora parecia atormentada. Ela estremeceu sentindo um *déjà vu*, pois no passado, ainda criança, esteve em frente a um quadro parecido, mas de seu falecido pai.

Ela retrocedeu com passos curtos, até que esbarrou na mesa de escritório fazendo cair um objeto. Virando-se, olhou fixo para o caderno de anotações caído no chão. Ela dobrou os joelhos e o pegou. Curiosa, abriu-o revelando anotações estranhas: números, fórmulas e símbolos.

Folheando-o, encontrou o símbolo feminino invertido e uma anotação abaixo:

“Viu-se também outro sinal no céu, e eis um dragão, grande, vermelho, com sete cabeças, dez chifres e, nas cabeças, sete diademas. A sua cauda arrasta a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra; e o dragão se deteve em frente da mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o filho quando nascesse. Apocalipse 12:3 e 4.”

Bruna fechou o caderno de anotações e colocou-o sobre a mesa. Fixando seus olhos, notou uma folha solta. Com a ponta dos dedos, puxou-a.

– Uma lista? – indagou baixinho.

– Uma lista de suicidas – completou Hanz entrando pela porta.

Assustada, a perita virou-se para ele.

– O que você está fazendo? – perguntou ela com semblante preocupado.

– É apenas uma pesquisa – respondeu o mergulhador.

– Pesquisa? Você está ficando neurótico como meu pai!

– São apenas algumas anotações.

– Anotações? Isso é uma psicose. – Bruna parou soltando o ar dos pulmões. – Eu sei o motivo de você estar fazendo isso... Quando falei das anotações de meu pai, você deve ter achado a ideia fantástica.

– E realmente é; seu pai era um gênio.

– Ele era um doente! – exclamou ela a ponto de gritar.

– Você não entende, eu encontrei informações curiosas no material de meu cunhado. Não sou bom em cálculos, mas talvez realmente haja uma forma de prever nosso futuro.

– O futuro não nos pertence. Além do mais, o que adiantaria saber sobre o futuro se nem conseguimos gerenciar nosso presente? – ela soltou um arfar. – Você está realmente ficando psicótico.

– Mas, e se existe realmente uma força que vem nos guiar a um futuro predestinado? Precisamos descobrir!

– Hanz, não temos como provar nada.

O mergulhador, incomodado, apertou seus olhos com o polegar e o indicador.

– Olha, vamos fazer o seguinte...

– Estou escutando – interrompeu Bruna em sua pose de durona.

– Vou manejar nas investigações. Uma coisa que não quero, é vê-la chateada.

– É bom mesmo... E me diga uma coisa, e isto? – perguntou ela balançando a folha em sua mão.

– É uma lista de pessoas que, através do ato de aniquilar a própria vida, mudaram o destino de um país.

– Mudaram o destino de um país?

– Sim, como Getúlio Vargas, que através de seu suicídio, alterou os rumos do Brasil.

– Estou preocupado com você. Realmente acho que está surtando.

Hanz virou-se para o quadro.

– Ainda não consegui entender tudo isso, mas percebi que há um padrão; é como se a história se repetisse, tudo que já ocorreu no passado tem que ocorrer novamente formando ciclos quase perfeitos – ele olhava para as fotos. – Às vezes me pergunto se realmente existe uma linha de eventos da qual não podemos escapar.

Bruna voltou seus olhos para a lista.

– Quem era Eva Braun?

Quando Hanz preparava sua resposta, o telefone de Bruna tocou. Ela olhou para o *display* e franziu a testa.

– Número desconhecido!

Virando-se de costas, atendeu ao telefone.

– Alô?

– Eles voltaram – respondeu uma voz ofegante.

– Quem está falando?

– Eles querem o sangue de Victor Siegfried.

Bruna arregalou seus olhos.

– Do que você está falando?

O telefone foi desligado.

A perita virou-se enfurecida – Droga!

– O que aconteceu? – perguntou Hanz.

– Pegue sua carteira, vamos ao Leblon.

O dia estava claro e ensolarado na Barra, Rio de Janeiro. Carlão, na areia, passava parafina em sua prancha.

– Direita, esquerda... Direita, esquerda... – repetia o marombado rapaz fazendo movimentos circulares com os braços, enquanto aplicava a parafina.

– Ô ‘manezão, tu é vacilão’, ainda não terminou? – perguntou seu amigo com a prancha na mão.

– Não está vendo? Estou fortalecendo a mente e os músculos, aprendi com o senhor Miyagi em Karate Kid – respondeu Carlão.

– Eu ‘tô’ caindo dentro, não vou esperar.

Carlão continuou sem se importar.

– Direita, esquerda... Direita, esquerda...

– Carlão! – exclamou uma voz feminina.

O rapaz levantou sua cabeça e com o olho direito tentou enxergar por entre os raios do sol.

– Layla?

A gótica sorriu para ele.

Carlão levantou-se e a abraçou com carinho.

– Tudo bem contigo mulher? – ele se afastou um passo e encarou-a de cima a baixo. – Menina, como tu ‘tá’ mudada!

Layla realmente estava diferente; suas peças eram *top* e *short* pretos de renda, onde de forma elegante uma bela canga vermelha descia do pescoço cruzando seus seios deixando a barriga à mostra. No rosto, rímel nos olhos, uma base delicada nas faces e batom vinho. Definindo seu visual, seu novo corte: o cabelo que descia às costas, liso, sedoso como uma cascata.

Além dos acessórios, seu corpo e sua feição também haviam mudado. Ela não era a mesma menina de antes que temia o mundo e se fechava em um casulo de conflitos e contradições.

No período que permaneceu nas terras de Montesiano, ela teve tempo de condicionar-se a sua nova realidade e assim, uma nova personalidade havia sido descoberta. Aaron lhe ensinou a controlar seu espírito, pois temeroso, observou-a em muitos momentos de conflito. Mesmo assim, em muitas ocasiões ele não sabia quem estava no controle, afinal, Layla era uma fonte inesgotável de emoções negativas, o que tornava essa possessão uma das mais perigosas que ele tinha presenciado em carne e espírito.

Carlão fez uma cara interrogativa.

– O que faz aqui, ‘tu’ não estava no ‘xilindró’?

– Fui absolvida, havia uma testemunha que depôs ao meu favor.

– Maravilha, sempre soube que era inocente.

Layla mudou seu semblante. Através de seus olhos, a jovem menina exibiu sua preocupação.

– O que tenho para te falar é sério Carlão.

– Pode desabafar.

– Preciso de ajuda, eu estive com Victor, mas eles o levaram de mim.

– Calma aí mulher, agora tu tá pirando no tubérculo. Victor está enterrado a sete palmos.

– Sei que é difícil acreditar, mas ele veio até mim.

– Como assim? Estilo zumbi, porque para sair do caixão tem que ser aquele lance de morto-vivo.

Percebendo a dificuldade de se explicar, Layla exibiu um rosto aflito. Afinal, quem poderia acreditar em sua história? Apenas um louco, e realmente ela estava diante da pessoa certa.

A gótica retirou o anel de prata de seu dedo.

– Veja Carlão, o anel que lancei em seu túmulo, ele voltou a mim – ela segurou seu anel diante dos olhos do rapaz.

Carlão arregalou-se.

– Agora tu ‘tá’ me dando medo.

– Eu preciso de sua ajuda.

– Bem, se é para ajudar o Victor... O que precisa? – perguntou ele sem tirar os olhos do anel.

– Preciso de qualquer vestígio do sangue dele.

– Sangue?

– Sim, preciso do seu sangue para lhe trazer a alma.

– O papo não é mais de zumbis, agora o lance é de vampiros, ou pior... na verdade estamos falando de zumbis-vampiros?

– Estou falando sério Carlão.

– Eu também... Sabe, eu tinha um bisavô vampiro, só que como ele era velho, não tinha dentes, ele só lambia. Então tá ligado, ele usava um alfinete...

Layla o interrompeu. – Carlão, você já viu Victor sangrar?

Ele parou pensando, mas nenhuma cena se materializou em sua mente. De fato, ele nunca vira uma só gota de sangue sair do corpo de seu velho companheiro.

– ‘Caraca’, não lembro! E eu sangro todo dia, desgraça.

Layla levou seus olhos para a areia e parou pensando.

– Será que Rodolfo sabe?

– É provável.

– Me faça um favor... Preciso encontrar Rodolfo, mas tenho que escolher um lugar discreto.

– Discreto?

– Com poucas pessoas.

Carlão parecia perdido. Era uma resposta difícil para ele já que sempre frequentava os locais mais badalados e tumultuados da cidade. Entretanto, havia um lugar que sua mãe sempre frequentava.

- A igreja Metropolitana, dia de semana quase nunca tem ninguém
- respondeu ele.
 - Certo, pode ir até o Leblon e marcar o encontro?
 - Tranquilo, mas... o que digo para ele?
 - Diga que vamos trazer Victor de volta.

IV

Buscando a verdade

“A fé no sobrenatural não é necessariamente uma Fonte do mal. Homens sozinhos são capazes de qualquer fraqueza.”

(Joseph Conrad)

Em frente do edifício onde Rômulo Siegfried reside, Hanz e Bruna estacionados na rua conversavam enquanto vigiavam a portaria.

– Deixe-me entender: alguém desconhecido te ligou e disse que eles voltaram querendo o sangue de Victor Siegfried? – indagou Hanz.

– Foi o que entendi – respondeu Bruna sentada no banco do carona, sem tirar seus olhos atentos da portaria.

– Mas eles quem?

– Não tenho ideia.

– E o que significa “querer o sangue de Victor Siegfried”? É como se alguém quisesse matar o morto.

– Como vou saber?

– Então, por que estamos parados aqui?

– Tem algo estranho acontecendo; não sei, pode ser apenas intuição, mas creio que logo encontraremos as respostas.

– Mulheres e suas intuições!

Bruna virou-se para ele com a testa franzida.

– Acredita em um monte de bobagens sobrenaturais, mas não acredita na intuição feminina?

– Bem, não disse isso, mas sei que as mulheres sempre estão preocupadas com tudo, então é óbvio que em algum momento elas acertam suas previsões.

A perita levantou a sobrancelha direita.

– Você é desprezível.

– O que eu fiz? – indagou o mergulhador amofinado.

– O que não fez na verdade.

– Hei! – Hanz cutucou Bruna no ombro.

Saindo do edifício estava Rodolfo, o mordomo de Siegfried, acompanhado de Carlão, o velho escudeiro da família.

Bruna seguiu-os com os olhos.

Rodolfo acionou o alarme de seu carro e abriu a porta. Conferindo o perímetro, notou a Toyota estacionada do outro lado da rua. A perita, percebendo seu olhar discriminado, tentou disfarçar. Ela pulou sobre o mergulhador beijando-o com tamanha violência que tombou seu corpo na porta do veículo.

Ela continuou sua cena com volúpia até que, escutando o barulho do motor, retornou a seu assento encarando seu alvo, imóvel e solene.

– Muito bem, vamos segui-los – a perita deu o comando.

Sem resposta, ela repetiu.

– Ei, acorda, vamos segui-los!

Hanz, recompondo-se daquele ato involuntário e libidinoso, piscou seus olhos e ligou o carro.

Eles perseguiram com cautela o Gol modelo 2006 de Rodolfo que conduzia tranquilo com o jovem no banco do carona.

Quando alcançaram a Catedral Metropolitana, Hanz admirou-se com a arquitetura atípica daquela construção. Distraído, ele perdeu de vista o carro de Rodolfo assim que entrou no estacionamento.

Bruna esbravejou.

– Não acredito que você os perdeu!

– Calma, vamos encontrá-los – confirmou o mergulhador.

Rodolfo, acompanhado de Carlão, seguiu para a porta da Catedral Metropolitana.

– Esta Catedral me traz boas recordações – disse Rodolfo.

– Recordações? – indagou Carlão.

– Victor foi batizado nesta Catedral.

– Minha mãe costumava me trazer aqui quando eu era criança, até que comecei a escutar vozes.

– Vozes?

– Sim. Elas diziam que os alienígenas queriam me abduzir. – Rodolfo franziu sua testa quando Carlão completou: – É, eu tive uma infância conturbada.

Na porta, encontraram Layla ao lado de Aaron.

A menina correu e abraçou o velho mordomo.

– Que bom que está aqui.

– É bom vê-la novamente, querida – respondeu Rodolfo correspondendo ao seu abraço.

– Quem é o corvo? – perguntou Carlão apontando para Aaron que usava seu típico casaco escuro e o chapéu Panamá.

Aaron cruzou os braços olhando de forma repreensiva.

– Eu disse corvo, não confunda as bolas – completou Carlão tentando justificar-se.

– Este é Aaron. Ele tirou Victor do túmulo – apresentou Layla.

– Eu o conheço, Victor confiava nele – ressaltou o fiel mordomo.

– Pera aí, tu também viu Victor levantar dos mortos? – perguntou Carlão direcionando seus olhos de espanto para Rodolfo.

– Sim Carlos, Victor veio até mim pedindo ajuda.

– Será que sou o único que está são aqui? – o marombado rapaz parou por um momento. – ‘Caraca’, Victor virou realmente um zumbi-vampiro, irado!

Rodolfo guiou a Layla seus olhos preocupados.

– Ele está bem?

Ela balançou sua cabeça negativamente com semblante entristecido.

– Vamos entrar e conversaremos – ressaltou Aaron.

A Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, também conhecida como Catedral de São Sebastião, foi inaugurada em 1979. Com uma arquitetura moderna e inovadora, foi destaque em discussões assim que se iniciou sua construção. Seu formato cônico, com 106 metros de diâmetro e 96 de altura gerou muita polêmica na época. Católicos conservadores afirmavam que tal arquitetura pertencia ao diabo devido à semelhança com os edifícios Maias. Hoje, é um marco do turismo carioca.

Dentro da igreja, acomodaram-se nas últimas fileiras da esquerda. A igreja estava vazia, era dia de semana e o silêncio era mantido naquele

enorme espaço.

Layla, sentada ao lado de Rodolfo, olhava para os vitrais da bela Catedral. Após reagrupar seus pensamentos e apagar as velhas lembranças, ela direcionou-se ao mordomo.

– Rodolfo, Victor não se encontra entre os mortos, nem entre os vivos.

– Como pode ser isso? – indagou ele franzido.

– É complicado, mas podemos trazê-lo de volta.

– Com que coisas satânicas estão brincando? – perguntou Rodolfo com olhos frizados que transmitiam uma preocupação temerosa.

Aaron interrompeu.

– Satânicas? Meu caro homem, o que esta jovem quer é libertar Victor do mau.

– Mas para isso, precisamos de uma amostra de seu sangue – completou Layla com expressão esperançosa.

– Sangue? – indagou o mordomo.

– Sim, qualquer traço.

Rodolfo parou, olhando para frente. Ele direcionou seu olhar para o altar onde há anos o padre com a bacia de prata havia batizado Victor.

– Eu acompanhei Victor em todos os anos de sua vida, mas ele nunca se feriu, nem um resfriado. – Rodolfo franziu sua testa, pois até aquele momento, nunca havia pensado como aquilo era incomum para uma criança.

Layla abaixou sua cabeça, desfazendo suas esperanças.

– Precisávamos apenas de uma única gota de sangue, qualquer objeto onde seu sangue tenha sido despejado. Mas Victor nasceu perfeito, incapaz de se ferir. – A gótica estava triste, mas seus olhos estavam secos, como se o ferimento em seu coração houvesse se cauterizado.

– Não se culpe menina – afirmou Aaron confortando-a pelos ombros.

Pela porta entraram Hanz e Bruna.

De forma discreta, a perita virou seus olhos em direção dos presentes. O casal andou para a última fileira da direita e, silenciosamente, se acomodou nos bancos.

– É ele! – exclamou Bruna sussurrando.

– Ele quem? – indagou Hanz baixinho.

- Aaron Abrawanel.
- Tem certeza?
- Tenho – concluiu ela.

Sem um plano definido, a perita levantou-se do banco e retirou a pistola presa ao coldre.

– O que pensa que está fazendo? – indagou o mergulhador segurando a mão de sua colega evitando que ela sacasse a arma.

Em resposta, ela o empurrou com violência.

– Quero a verdade, agora! – olhos enfáticos revelavam um ódio iminente, uma represa que estava para romper-se.

Naquele ponto, a mente da jovem perita estava conturbada de emoções confusas. Todas aquelas informações sobre seu pai intrigaram-na de tal forma que a verdade, para ela, tinha que ser finalmente revelada.

– Aaron Abrawanel? – indagou Bruna com a mão na pistola.

Aaron virou-se e franziu a testa sem reconhecê-la.

– Quem é você?

– Sou Bruna, filha de Rogério de Carvalho – ela engatilhou sua arma.

Enternecido, o velho corvo a encarou.

Ela aproximou-se com movimentos medidos.

– Bruna? – indagou o mergulhador.

Ele encarou a expressão de sua amiga. Sua ira era clara, afinal, aquela mulher durante anos tinha sido atormentada pelos fantasmas do passado. Sem respostas, Hanz acompanhou-a temeroso, pois estava certo que ela cometeria um grande erro.

– Levante-se com as mãos erguidas! – exclamou Bruna indicando com a pistola o corredor central da capela.

Aaron levantou-se devagar e, obedecendo às suas ordens, seguiu para o ponto indicado.

– Agora diga: meu pai foi assassinado?

– Todo ser que respira é assassinado de alguma forma – respondeu Aaron.

– Não se faça de tolo, sabe do que estou falando.

– Tolo? Há mais sabedoria em minha resposta do que na pergunta que me lançou.

– E vou realmente te matar se não me responder – gritou ela repreendendo-o.

Layla levantou-se de forma tranquila, conduzindo seus passos em direção a Aaron. Bruna a seguiu com olhos tensos, sem saber como reagir. Ela apontava sua arma convicta, com as mãos firmes, mas sua face era preenchida com pequenas gotículas de seu suor, pois em seu interior, a incerteza perturbava sua alma.

– Menina! – advertiu a perita.

Sem responder, Layla colocou-se à frente do alvo.

– Você não irá matá-lo, pois preciso dele vivo.

– Saia da frente garota, ou vou atirar – frisou Bruna tentando intimidá-la.

Sem hesitar, Layla, no traçado da trajetória balística, seguiu com passos firmes em direção à perita. – Me dê sua arma, agora! – enfatizou ela estendendo sua mão.

– Não! – o semblante de Bruna mudou, ela mordida seus lábios enquanto a arma tremia em suas mãos. – Eu vou atirar... Eu juro!

Layla estava a dois metros quando pela catedral o som da arma disparada ecoou. Bruna, chocando os dentes, revelou uma expressão de terror.

Sentindo uma pontada em seu abdômen, a gótica desceu seus olhos. Abaixo, um orifício se formou. Dele seu sangue caia como cascata pelo piso da catedral.

Bruna caiu de joelhos com a arma na mão.

– O que eu fiz? – indagou ela, sem tirar seus olhos amedrontados do ferimento da garota à sua frente.

Layla, com o rosto enfezado, continuou andando em sua direção ignorando o sangue que era derramado. Próxima, tirou a arma das mãos de Bruna sem que ela esboçasse reação. Com um movimento veloz, apontou-a para sua cabeça.

– Isso machuca, sua vaca! – exclamou a baleada com semblante firme e insensível.

Bruna estremeceu sentindo o cano frio em sua cabeça, mas seu medo tornou-se sufocante quando pelo orifício na barriga da menina, a bala foi expelida.

– O que é isso? – indagou baixinho com olhos assombrados.

O ferimento em seguida foi lacrado como se a pele nunca tivesse recebido aquele impacto fatal.

– Layla? – indagou Aaron, atrás de suas costas.

A gótica fechou seus olhos. Um embate mental entre a razão e emoção ocorreu em sua mente. Após o resultado daquele conflito de nervos, ela soltou o ar dos pulmões e voltou a abrir seus olhos passivos.

Ela tirou o pente, engatilhou e travou a arma.

Hanz, com seu semblante de espanto, aproximou-se e abraçou Bruna que, no chão, derramava suas lágrimas devido a forte emoção.

Layla largou a pistola no piso, mas permaneceu com o pente da arma em sua mão.

– Vamos, não há mais nada que possamos fazer aqui – afirmou ela para seu comparsa que parecia hipnotizado pelas lágrimas da perita.

– Aaron? – a gótica chamou sua atenção.

Quando o velho mentor voltou a si, escutou as sirenes que tomavam o estacionamento.

Bruna instintivamente levantou-se e correu em direção de Aaron. Ele, receoso, deu um passo para trás quando a jovem perita caiu de joelhos segurando a sua mão.

– Eu posso ajudá-los, mas, por favor, eu preciso saber a verdade – seus olhos lacrimejados, negros e penetrantes revelavam um desejo intenso; o de libertar sua alma dos fantasmas de seu pai.

Aaron apertou seus olhos recordando-se de sua face.

– Agora me lembro. Você está diferente – ele sorriu. – Uma menina muito peralta. Realmente, você cresceu e se tornou uma linda mulher. Seu pai tinha muito orgulho de você.

As lágrimas de Bruna rolaram ao chão.

– Por favor!

Aaron não tinha como negar aquele pedido, entretanto não era pelo doce e melancólico olhar da filha de Rogério que se humilhava aos seus pés, mas sim por uma antiga dívida que tinha com seu pai.

– Eu aceito suas condições. Encontre-nos no Parque Lage às quinze horas – disse ele levantando-a do chão.

Bruna correu para o pátio tentando interceptar os policiais que seguiam para o local.

– O que está fazendo? – indagou Layla, surpreendida com a decisão de Aaron.

– Confie em mim – respondeu o velho corvo.

No pátio, Bruna tentava explicar o disparo acidental de sua arma, enquanto Layla e Aaron procuravam escapar por uma das laterais. Quando tomaram a rua, a gótica, encafifada com aquela proposta, voltou a perguntar.

– Por que pretende dizer a verdade a ela?

– Uma velha dívida – respondeu Aaron.

– Uma dívida?

– Entretanto, ela pode ser útil.

– Útil? Como?

– Ela é perita criminal.

– Como isso pode ser útil?

– Acesse as memórias de seu espírito, talvez venha a se lembrar de que Victor uma vez foi baleado.

Layla parou.

– Sim, um sobretudo. Ele largou no chão.

Aaron levantou seu chapéu com o dedo e deu um sorriso.

– Podemos salvá-lo.

V
Revelações

“Os ideais que iluminaram o meu caminho são:
a bondade, a beleza e a verdade.”

(Albert Einstein)

No Parque Henrique Lage, Bruna e Hanz esperavam ansiosos nas escadas, próximos ao grande casarão.

O Parque Lage remonta a história do Rio de Janeiro através de sua grandiosidade. Pertenceu à família Lage durante muitos anos até que, na década de sessenta, veio a se tornar público. O local possui uma beleza única com jardins, chafariz e bancos nos modelos europeus. Devemos também destacar a arquitetura, algo inovador para a época, misturando diferentes tendências da arte eclética.

– Será que eles vêm? – perguntou Bruna estalando seus dedos.

Hanz girou seu pulso olhando atentamente para os ponteiros de seu relógio.

– Quinze minutos atrasados.

A perita roia as unhas quando finalmente, através das águas do chafariz, visualizou Aaron e Layla que caminhavam em sua direção.

Naquele ponto Layla admirou-se com a beleza daquele espaço, entretanto, sua feição admirada foi transformada em melancolia quando levantou sua face para o imponente Corcovado. No alto, ela visualizou o Cristo Redentor que, de braços abertos, acolhia a cidade do Rio de Janeiro. Ela ainda se recordava do dia em que, junto a Victor, tinha contemplado aquele imensa estátua. Naquele momento, a mesma sensação de piedade aplacou seu coração. – Termine com meu sofrimento – disse baixinho.

– Layla? – indagou Aaron virando-se para trás.

– Vamos – respondeu ela.

Alcançando o grande casarão, Aaron educadamente cumprimentou o casal parado na escada.

Com o rosto entorpecido, Bruna virou-se para Layla.

– Menina, me desculpe, eu não queria atirar em você.

A gótica olhou fixo para ela sem esboçar nenhum sentimento. A perita sentiu um calafrio encarando seus olhos verdes, algo havia de perturbador naquele olhar.

– Esta é Layla Aina – apresentou Aaron.

Bruna, ainda atordoada, piscou seus olhos. – Desculpe... Bem, este é meu companheiro, quer dizer... amigo; seu nome é Hanz.

O mergulhador cumprimentou-os com uma saudação.

Aaron tomou à frente.

– Certo, acredito que estão se perguntando como esta menina recebeu um balaço e continua bem, como se nada tivesse acontecido.

Bruna e Hanz se entreolharam.

– Realmente – Bruna franziu sua testa. – Eu vi seu corpo expelir a bala, isso é alguma bruxaria?

Aaron riu.

– Vamos caminhar e todas as perguntas serão respondidas.

Eles atravessaram as portas do casarão alcançando o pátio onde, entre belas fachadas, uma piscina ao centro se destacava formando um inigualável e inesquecível conjunto de um tempo retrógrado.

Saindo do casarão, continuaram o caminho cercados pela exuberante vegetação do parque. Calado, Aaron admirava as folhagens, o que perturbou a perita.

– Aaron, não nos torture com esse silêncio.

Ele sorriu.

– Impaciente como seu pai.

Preparado para seu discurso, ele retirou seu casaco e deitou-o sobre o braço. Abaixando seu chapéu, começou suas explicações com uma pergunta capciosa.

– Me diga: acredita no sobrenatural?

Bruna mexeu o canto da boca.

– Não acreditava até hoje.

– Realmente, caminhando ao lado de uma menina que ontem foi baleada, é estranho – uma pausa na sequencia. – É engraçado como as

peças discriminam o sobrenatural. Os céticos com seu orgulho de pseudo-intelectuais brincam e deboçam desse universo quando, na verdade, suas vidas são controladas por ele – ele soltou um riso irônico. – Homens de pouca fé são os fantoches perfeitos.

– Mas o sobrenatural não pode ser comprovado, por isso, ele não é aceito como algo tangível – interpôs Hanz na conversa, pois se sentiu ofendido com a definição de Aaron.

– Veja bem, quando os médicos são frustrados por alguma anomalia no corpo humano a qual não podem curar, pois são incapazes de compreendê-la, eles resumem sua complexidade como sendo de causa genética. Pense bem, isso é uma grande besteira, pois adoecemos e morremos por causas genéticas – definiu Aaron.

– Não estou entendendo – disse Bruna.

– Simples, a verdade é: “Eu sou muito burro para compreender o que está acontecendo”. Esse sim deveria ser o diagnóstico daquilo que não está ao nosso alcance. Vivemos circundados por forças ocultas sobre as quais somos ignorantes.

– Forças ocultas? – indagou Hanz.

– Forças superiores, imperceptíveis, que nos conduzem em nosso dia-a-dia.

– Você disse ‘conduzem’? Por acaso sabe algo sobre os ‘Algoritmos Sagrados’? – o mergulhador jogou suas cartas na mesa.

Aaron virou-se levantando a sobrancelha esquerda.

– Da onde tirou esse termo?

– Nós temos uma pesquisa detalhada sobre o assunto, estamos trabalhando em cima dos dados colhidos por uma organização conhecida como Oráculo de Delfos.

– Então talvez saibam que brincar com esse poder é extremamente perigoso.

– Mas, os ‘Algoritmos Sagrados’ existem ou é apenas uma história mítica?

– Sim, eles existem.

– Você pertencia ao Oráculo?

– Não, mas minha compreensão dos ‘Algoritmos Sagrados’ está além das pesquisas humanas.

– Quem é você?

– Se eu respondesse, não acreditaria.

Hanz continuava caminhando com o corpo retraído, pois a presença de Aaron e Layla o intimidava.

– Você sabe como os ‘Algoritmos Sagrados’ funcionam?

– Sim, uma sequência lógica que avalia a diversidade e conduz a vida a um destino pré-programado.

– Destino pré-programado? Isso significa que, se conhecermos os ‘Algoritmos Sagrados’, poderemos prever o futuro?

– Prever o futuro? Me diga: se você encontra a agenda de uma pessoa onde estão anotados os seus compromissos, dia e hora, você estaria prevendo onde e quando ela estaria?

– Em parte sim.

– Assim funcionam as previsões feitas pelos ‘Algoritmos Sagrados’. Entretanto, essas agendas são conhecidas apenas em um plano desconhecido.

– Há alguém que possa compreendê-los?

– Grandes homens como Isaac Newton romperam barreiras para compreendê-los, mas em parte, todos falharam. Porém, houve uma mente conturbada que, através da morte de seus familiares, buscou respostas para as catástrofes da vida. Peregrino, encontrou pelo mundo mais do que respostas, ele solucionou parte do enigmático mundo dos ‘Algoritmos Sagrados’ e usou-os a seu favor.

– Quem era esse?

– Seu nome era Nostradamus.

Hanz arregalou-se, enquanto Aaron continuou:

– Existem dois tipos de algoritmos: positivo e negativo. Enquanto um conduz à redenção, o outro leva à destruição. Isso faz parte do equilíbrio, da justiça entre o bem e o mal.

– Se compreendermos sua lógica, podemos mudar nosso futuro?

– Em parte sim, entretanto quando um algoritmo é executado, a força pode ser tão poderosa que a linha de eventos não pode ser rompida.

– Mas, sempre há o livre arbítrio, não é?

– Mesmo que tivesse uma máquina do tempo, você seria incapaz de impedir a crucificação do homem chamado Jesus, o Cristo. Existem algoritmos que não podem ser interrompidos.

– Meu pai foi vítima dessa força? – perguntou Bruna, procurando respostas que justificassem a morte acidental de seu pai.

– Sim – respondeu Aaron com semblante abatido. – Seu pai era um grande homem de coração puro, mas motivado por seus desejos destrutivos.

– Mas quem está por traz dessa força? – perguntou Bruna em aflição.

– Espíritos – respondeu Aaron de forma seca.

– Espíritos? Espíritos dos mortos? – indagou Hanz.

– Não, espíritos bem vivos, criados para serem imortais.

– Do que está falando?

– De anjos e demônios.

O coração de Bruna acelerou lembrando-se das perturbadoras histórias que seu pai contava quando ainda era criança.

– Demônios existem? – indagou assombrada, tentando assimilar tantas informações obscuras que infundiam em sua mente.

– Sim. – Aaron virou-se para Layla. – Quantos demônios existem no Rio de Janeiro?

A gótica fechou seus olhos e respondeu:

– Trezentos e cinquenta mil duzentos e trinta.

Bruna e Hanz exibiram um semblante amedrontado.

– Como ela pode saber disso? – perguntou Bruna.

– Porque ela é o número trezentos e cinquenta mil duzentos e trinta.

Ambos arregalaram, fitando Layla que voltava para o mundo com espaçados piscar de olhos.

Bruna vasculhou suas memórias buscando qualquer vestígio que seu falecido pai pudesse haver deixado sobre aquele universo enigmático. Mas nada era parecido com aquilo. Ela estremeceu com medo de estar se envolvendo com forças que a levariam por uma zona perigosa.

– O que são vocês? – perguntou a perita, buscando um piso firme onde sua razão pudesse caminhar.

– Apesar dessa natureza sombria, fiquem tranquilos, somos os mocinhos – respondeu Aaron.

Hanz, apesar de intimidado, não parecia abalado o suficiente para abafar sua curiosidade sobre o caso e, sem pestanejar, retomou o assunto.

– Mas quem está matando os membros do Oráculo?

– Uma elite de demônios, os velhos carneiros, filhos de Aeon. A eles foi dada a responsabilidade de executar os ‘Algoritmos Sagrados’ de forma que abalassem o mundo – respondeu Aaron.

– Qual a precisão desses algoritmos?

– Por que quer saber?

– O corpo de meu cunhado José Luiz foi encontrado em um contêiner em 2008, entretanto recebi a informação que ele havia afundado junto à plataforma P-36 em 2001.

– Seu cunhado realmente deveria estar morto junto à plataforma, mas ele nunca esteve entre a lista de mortos.

Hanz franziu a testa. – Como?

– Isso é um mistério, algo perturba a ordem dos eventos.

– E o que pode ser?

– Não sei, mas anomalias começaram a ocorrer a partir de 1992.

– Anomalias?

– Sim, um terceiro algoritmo está sendo executado.

– Terceiro algoritmo?

– Foi o que ocorreu com seu cunhado, o que mudou completamente o jogo e a linha de eventos e fez do Brasil uma grande potência petrolífera.

Alcançando um lago de águas cristalinas, Aaron sentou-se em um banco. Após um alongamento dos braços ele puxou o ar pelas narinas.

– Isso é bom, sombra e água fresca.

– Tem ideia de quem está executando esse terceiro algoritmo? – Hanz voltou a seu interrogatório.

– Não; mas está exercendo muitas mudanças nos planos divinos – respondeu Aaron estendendo seus braços sobre o banco.

– Mudanças?

– Sim, sangue inocente está sendo derramado. – Aaron começou a lançar pequenas pedras no lago.

Bruna, lembrando-se da chamada telefônica que recebera, apertou seus olhos.

– Como o sangue de Victor Siegfried?

Com certa tensão, o velho corvo virou-se fitando os olhos da perita.

– Quem, ao certo, lhe disse isso?

– Recebi uma ligação anônima informando que alguém queria o sangue de Victor Siegfried.

Layla e Aaron se entreolharam.

– Bem, não sei, já que Victor Siegfried encontra-se morto e enterrado – respondeu ele virando os olhos para o lago e voltando a atirar as pedras em uma clara tentativa de camuflar qualquer sentimento sobre sua mentira.

– Sabemos que Victor não está em sua cova – completou Hanz.

Aaron franziu.

– Qual é o seu trabalho mesmo? – indagou, direcionando seus olhos para o mergulhador que cruzava os braços com pose autoritária.

– Sou perito em solda subaquática.

Aaron começou a gargalhar.

– Do que está rindo? – indagou Hanz impaciente com aquela risada descuidada.

– A frase “Deus escreve por linhas tortas” nunca caiu tão bem – o velho corvo ria sem parar.

– Não estou entendendo? – perguntou Bruna irritada, interpondo-se na conversa.

– Realmente vocês formam um belo casal. É impressionante como dois peritos como vocês tenham chegado tão longe.

Bruna encarou-o com o semblante interrogativo.

– Agora você pode me dizer por que no túmulo de Victor há o corpo de uma mulher?

Layla e Aaron arregalaram-se.

– Corpo de uma mulher? – indagaram juntos.

– Pensei que soubessem de tudo – a perita arqueou suas sobrancelhas em ironia.

Aaron guiou seus olhos para o chão.

– A não ser que... Não, ele não seria capaz, ou seria?

– Quem?

– Esquece.

– Esquece? – indagou Hanz. – Sabemos que há algo para acontecer, o Oráculo acreditava em um presságio, uma catástrofe que aniquilará a humanidade.

– Vocês estão a um passo da verdade. De fato, hoje, ambos possuem mais conhecimento sobre o destino do que o Oráculo de Delfos em meio século.

– Verdade, que verdade?

– Sabe, ao contrário do que muitos acreditam, o destino do mundo não está nas mãos de um grande conjunto, mas sim de pequenos fragmentos, vidas como eu e você – Aaron tirou uma antiga moeda de seu bolso. – Cada ação que realizamos é analisada, julgada e executada. Todos são iguais perante o acaso, entretanto, de forma cíclica, duas crianças nascem em períodos diferentes: uma para perdição e outra para salvação. – Aaron girava sua moeda diante de seus olhos.

– Crianças? Predestinadas?

– Ninguém nasce predestinado, mas o bem e o mal permitem que seus algoritmos sejam executados. – Aaron lançou sua moeda e a deixou cair na palma de sua mão. – Assim como essa moeda, um lado conhecerá as trevas e o outro, a luz.

Hanz olhou fixo para aquela moeda parada em sua mão compreendendo o que Aaron queria lhe dizer.

– Sorte e azar nunca existiram.

– Agora você está chegando ao ponto – disse Aaron sorrindo.

– Mas quando todas as calamidades ocorrerão?

– Só depende de pessoas como eu e você, Layla e Victor.

Hanz ficou receoso com aquela afirmação, pois não sabia se Aaron falava das crianças escolhidas.

– Podemos impedir o fim do mundo?

– Se realmente querem ajudar, eu digo o que precisam fazer.

Bruna parou ao lado de Aaron e colocou a mão em seu ombro.

– Estamos com você, basta falar.

– Precisamos de qualquer traço do sangue de Victor e sei que você, como perita criminal, pode nos ajudar.

Bruna olhou para Hanz e mordendo seu lábio, voltou-se para Aaron.

– Vocês querem o sobretudo – afirmou ela lembrando-se das marcas de sangue.

– Sim – respondeu Aaron.

– Ok, eu preciso apenas fazer uma ligação. – Bruna pegou seu celular e ligou para seu amigo Marcos da DRCPIM (Delegacia de Repressão aos Crimes contra a Propriedade Imaterial).

Enquanto aguardava a ligação, Hanz sentou-se ao lado de Aaron e lhe dirigiu uma pergunta.

– Victor também é um demônio?

– Por que pergunta? – respondeu Aaron com outra pergunta, tentando pescar as intenções do mergulhador.

– Nenhum homem corre e salta com tanta velocidade.

– Você estava presente?

– Não, mas vimos o vídeo de sua perseguição.

– E como foi? – Aaron exibia um desejo ávido em saber os detalhes daquela miraculosa perseguição.

– Impressionante, ele saltava e corria pelas lajes como se fosse um... um... Bem, na verdade nada era parecido com aquilo.

– Eu daria tudo para estar lá – desabafou com um arfar.

Bruna retornou com a cabeça cabisbaixa.

– Eu liguei para um amigo da DRCPIM, houve um incêndio na sexta-feira. Todo o material foi queimado, incluindo a delegacia da Defesa de Serviço Delegado, onde estavam as provas. Não sobrou absolutamente nada.

Sentindo-se derrotada, a gótica virou-se seguindo para o lago.

– Layla? – indagou Aaron, com a preocupação de um pai.

Na margem, ela sentou-se no chão com seu rosto desconsolado. Aaron seguiu em sua direção deixando Bruna e Hanz a sós.

Aproveitando o momento de recesso, Hanz aproveitou para discutir com Bruna um ponto delicado e importante.

– Você confia neles?

– É claro que não! – exclamou baixinho a perita, tentando conter-se. – Mas precisamos ficar ao lado, próximos, pois pretendo desvendar a verdade desse mistério.

Aaron permaneceu em pé, ao lado de Layla.

– Não se entristeça menina, você já fez muito.

– Muito? Nem ao menos iniciei minha busca e, falhei. – Layla girava a aliança de prata em seus dedos.

Aaron abaixou sua face procurando uma resposta ao sofrimento daquela pobre garota.

– Bem... – ele interrompeu ao escutar passadas e o ofegar de alguém em corrida.

Pela trilha, Carlão vinha todo alvoroçado carregando uma grade mochila em suas costas. No centro, cansado, ele caiu de joelhos.

– Estou pronto! – exclamou ele, tentando retomar o ar.

Aaron aproximou-se.

– Pronto para quê?

Carlão virou seu rosto suado.

– Bem, tipo assim... Lá na catedral fiquei realmente assustado com aquele papo de zumbi. Aí vendo Layla de pé depois de ter levado um tiro, eu falei para mim mesmo “ferrou, todos são zumbis e vão querer o meu cérebro”. Eu quase ‘mizei’, mas depois em casa caiu a ficha: que cérebro?.

Aaron exibiu seu rosto de descaso.

Puxando a alça de sua mochila, o marombado rapaz colocou-se de pé.

– Sabe, uma vez Victor salvou minha vida. Ele sempre me ajudou, eu devo muito ao ‘Leskinho’.

– Ele era muito amigo seu? – perguntou Aaron.

– Ele era meu ‘brou’... E aí, quando vamos resgatá-lo?

– Acredito que não haverá resgate.

Layla olhava para o reflexo de sua aliança de prata. Enquanto girava-a em seu dedo, ela apertou seus olhos percebendo uma marca em seu anel draconiano. Ela imediatamente retirou-o do dedo e olhou atentamente para um pequeno detalhe, uma mancha na cauda do dragão.

A jovem menina sorriu com os olhos lacrimejados.

VI
A órfã alienada

“Creio que quase sempre é preciso um golpe de loucura para se construir um destino.”

(Marguerite Yourcenar)

Carlão dormia tranquilo em seu colchão d'água quando um tilintar se propagou pelo quarto.

– Ahhhhhhh! Eles voltaram, é o fim! – gritou ele, levantando-se armado com o travesseiro.

– Bom dia! – exclamou Aaron na porta.

– Que coisa do inferno é essa? – perguntou o marombado rapaz apontando para o objeto em cima da estante.

– É um despertador.

– Um objeto para despertar as pessoas? – gritou Carlão descontrolado.

– Sim, uma grande invenção.

– Grande invenção? Tá maluco? Quem inventou essa parada está queimando no inferno.

Aaron desligou o aparelho.

– Ninguém queima no inferno, pelo menos não fisicamente.

– Que horas são? – Carlão apertou seus olhos tentando visualizar o *display* do relógio. – O quê? Sete horas da ‘madruga’?

Aaron franziu.

– Se realmente existe um inferno é na Terra. E a penitência? Acho que estou olhando para ela no exato momento.

– Hã?

– Coloque suas roupas, estou te esperando no carro.

Com certa dificuldade, Carlão colocou suas roupas e, entre tropeços, caminhou para fora onde Aaron e Layla o esperavam, uma Mercedes Classe E.

Ele abriu a porta e sentou-se no banco de trás.

– Não estou enxergando os dedos das mãos.

Layla riu – Bom dia, Carlão.

– O que tem de bom?

Aaron ligou o carro.

– Para onde vamos? – perguntou o sonolento rapaz com um bocejo audível.

– Para um hospital psiquiátrico – respondeu Aaron.

Carlão arregalou seus olhos.

– ‘Uol’, pera aí, as pessoas dizem que sou perturbado, mas não é para tanto.

Aaron virou seus olhos.

– Não vamos te internar, mas sim, resgatar uma menina internada.

– Resgatar uma menina internada?

– Sim, sem ela, não iremos conseguir salvar Victor.

– Pera aí, vamos resgatar uma louca para salvar um morto-vivo?

– Sim.

Carlão balançou sua cabeça.

– É, faz sentido.

Aaron seguiu para o bairro do Botafogo, enquanto explicava para Layla e Carlão seu plano para resgatar a menina do hospital psiquiátrico.

À frente do edifício, ele afirmou:

– Certo, chegamos ao Instituto Pinel.

Carlão começou a rir.

– Essa piada foi boa... Instituto Pinel.

– Philippe Pinel era um psiquiatra, pioneiro no tratamento de doenças mentais. Por isso, o termo pinel se popularizou como sinônimo de loucura.

– ‘Caraca’, não sabia disso maluco, quer dizer pinel – riu Carlão. – O cara deve ter tido uma vida louca – gargalhou.

– Realmente teve. Na verdade uma vida conturbada, ao contrário da sua real vocação que lhe prometia paz.

– E qual poderia ser? Chapelheiro? – gargalhou batendo em sua perna. – ‘Zoei’ de novo.

Aaron levantou suas sobrancelhas.

– Não, ele fez teologia, iria seguir o caminho de Deus, mas algo o perturbava a ponto de fazê-lo desistir de sua vocação. Tornou-se médico e devido a uma doença mental que aplacava seu amigo, seguiu a psiquiatria. – Aaron encarava Carlão pelo retrovisor. – Em sua profissão Philippe fez a diferença, retirou os loucos de suas correntes e começou a tratá-los como doentes normais. Advertiu aos religiosos que as doenças mentais não eram possessões demoníacas como afirmavam e, desta forma, alcançou seu reconhecimento no palco científico. Entretanto, antes que completasse seu estudo, ele veio a ser alvo da demência que ele tratou com tanto esmero e morreu em sua própria loucura.

– É como dizem por aí, para compreender um louco, só outro louco.

Aaron parou o veículo próximo ao edifício.

Do porta-luvas tirou um punhal.

– Vocês já sabem o que devem fazer? – perguntou ele entregando aquela arma branca nas mãos de Layla.

A gótica apenas balançou sua cabeça confirmando.

– Ótimo, estarei atrás de vocês.

Layla e Carlão seguiram para o hospital psiquiátrico.

Próximos à entrada, eles sussurravam atrás de um caminho:

– Tem certeza que vai fazer isso? – perguntou Carlão, com rosto angustiado.

– Tenho! – exclamou Layla.

Ela segurou firme o punhal e começou a rasgar a carne em seu abdômen.

Carlão mordia os dedos de pavor enquanto presenciava o sangue sendo expelido pelo profundo corte.

– Vamos, não temos muito tempo, vou manter-me concentrada, mas não sei quanto tempo ainda continuarei sangrando – afirmou a gótica lançando o punhal na caçamba do caminho.

Eles correram para a entrada e, na recepção, Carlão se pôs a gritar.
– Socorro! Minha esposa está sangrando!

Todos no recinto se alarmaram tentando socorrer a menina que sangrava sem cessar. Enquanto se mantinham distraídos, Aaron chegou à recepção carregando uma bolsa.

Ele olhou para Layla que desfaleceu no chão.

– Rápido, temos que ajudá-la! – gritou uma enfermeira na recepção.

Aaron sorriu e quando as atenções estavam voltadas à menina esfaqueada, ele sentou-se no balcão deixando sua bolsa no chão. Calmo, virou-se para a mesa e pegou o caderno de pacientes. Com o dedo ele passou as folhas rapidamente.

– Vamos ver... vamos ver... Achei! – exclamou quando encontrou o nome que procurava.

Eles trouxeram uma maca e colocaram Layla sobre ela.

– Por favor, salvem minha esposa, ela está grávida de trigêmeos – gritou Carlão aflito.

Enfuzada, Layla puxou seu cúmplice pelo colarinho.

– Quero dizer quadrigêmeos – completou Carlão.

Naquela hora a gótica teve vontade de estrangular o pescoço do marombado rapaz, mas soltou-o tentando manter a farsa.

Enquanto se dirigiam à emergência, Aaron pegou sua bolsa e seguiu-os sem ser percebido.

Alcançando as escadas, ele subiu ao segundo andar.

Aaron caminhava naquela velha construção com os olhos atentos, percorrendo caminhos nunca vistos pelos visitantes. Os sons das mentes perturbadas eram deixados para trás enquanto ele se distanciava do centro. O ambiente era sombrio e perturbador, com estruturas insalubres desmascaradas pelo odor contaminado. O descaso com os pacientes era evidente, onde o ultrapassado termo alienado ainda podia ser empregado.

No pavilhão de encarceramento, Aaron seguiu a numeração dos quartos. A estrutura formada por grossas paredes evidenciava um ambiente inóspito onde a vida era marcada a ferro.

– Treze – afirmou ele encontrando o quarto da lista.

Com cautela ele girou a maçaneta, mas a porta estava trancada.

Do bolso do casaco retirou um canivete suíço. Ele puxou um grampo preso à lateral e introduzindo-o na fechadura. Sem dificuldades, destrancou a maçaneta e silenciosamente tomou o recinto.

No quarto, nem uma fresta de luz entrava no cômodo sem janelas, a não ser pela porta semiaberta.

Aaron caminhou lentamente para o centro enquanto seus olhos acostumavam-se com a escuridão. À frente havia uma cama, onde repousava uma menina amarrada à cabeceira. Ele aproximou-se de seu rosto. Ela permaneceu inerte, com os olhos abertos sem piscar.

– Dasha, sou eu, Joel – sussurrou Aaron.

A jovem ruiva de pele rosada e olhos de mel não respondeu.

– O que fizeram com você, pequena? – perguntou-se, vendo os pulsos machucados pelas longas faixas de linho.

Ele desamarrou seus pulsos e tornozelos.

– Você está livre! – exclamou com entusiasmo quando a menina virou seus olhos.

Apertando suas unhas contra o colchão, ela impulsionou o corpo e pulou sobre o intruso derrubando-o ao chão. Descontrolada, ela agarrou-o para morder seu pescoço. Usando toda a força, Aaron segurava sua face tentando afastar sua cabeça que, com a mandíbula aberta, estava prestes a matá-lo.

– Não Dasha! – exclamou assustado.

A força daquela menina era sobre-humana. Percebendo que não conseguiria segurá-la por mais tempo, ele retirou do bolso um pequeno entalhe de madeira com a forma de um gato.

– Olhe Dasha! – afirmou ele, mostrando o entalhe.

Dasha fixou seus olhos no objeto de madeira e como mágica, seu semblante perturbado transformou-se. A menina conteve-se e com um belo sorriso, agarrou o entalhe de suas mãos.

Ela levantou-se e pulou sobre a cama, e de joelhos, acariciava seu novo brinquedo.

– Gatinho! – exclamou ela com uma voz doce.

Aaron levantou-se apertando os ombros doloridos.

– É Dasha, gatinho.

Após uma torção de pescoço, ele aproximou-se da menina com cautela, esperando que não fosse atacado novamente.

– Querida, preciso que me acompanhe.

A jovem encarou-o curvando suas sobrancelhas.

Aaron recuou um passo.

– Não, não... Vamos apenas levar seu gatinho para passear – completou, tentando acalmá-la.

Ela soltou um sorriso singelo e com a cabeça, confirmou. Aaron pegou sua bolsa caída no chão e retirou um conjunto colorido de roupas. Com cuidado, vestiu-as em Dasha.

– Ótimo! Agora você está pronta – exclamou ele.

Aaron agarrou sua mão e juntos seguiram para fora.

A menina retesou, havia dois anos que não saía de seu quarto. Após alguns puxões, eles alcançaram a escada. Degrau após degrau, eles ganhavam seu caminho, entretanto os olhos assustados de Dasha denunciavam a fuga.

No primeiro andar, após vencerem as escadas, ambos foram abordados por um enfermeiro.

– Bom dia, são visitantes?

– Sim, sim... Viemos ver o tio... – Aaron tentou mentalizar um nome. – Vinícius, de... de... Moraes.

– O compositor?

– É, não... – Que merda! Essa era a expressão em sua mente. – Bem, na verdade, seu nome é José. Zé para os íntimos. Mas durante a vida, ele acreditava ser Vinícius de Moraes, o compositor – respondeu Aaron tentando corrigir seu erro.

O enfermeiro riu – Ah sim, temos alguns Vinícius de Moraes, e outros Tom Jobins, mas a maioria é Chico Buarque.

– Tá certo – Aaron deu uma leve palmada no ombro do enfermeiro que se despediu subindo a escada.

– Essa foi por pouco – sussurrou ele seguindo para a recepção.

Quando eles tomaram a rua, Aaron suspirou aliviado. Dasha, ao lado, apertava com a mão o entalhe contra seu peito, pois temia as pessoas na rua.

No carro, ele acomodou a menina no banco traseiro.

– Fique quietinha – disse ele, colocando o cinto de segurança sobre seu corpinho.

Dasha calou-se, abraçada ao seu gato de madeira.

O velho corvo sentou-se no banco do motorista e guiou o veículo à frente do hospital psiquiátrico.

– Vamos escutar algo – disse ele ligando o rádio enquanto aguardava seus comparsas e amigos de sequestro.

No botão seletor escolheu a rádio de música clássica. Após um balançar lento de cabeça, ele fechou seus olhos e entrou em transe escutando os harmoniosos violinos.

Um momento de paz.

Parecia que ele havia deixado o mundo lá fora, entretanto, sua harmonia foi abalada pelos gritos na calçada. Na porta do hospital, Layla e Carlão eram enxotados.

– Da próxima vez que tentarem alguma brincadeira, eu vou chamar a polícia! – gritou o enfermeiro chefe.

Na emergência, os profissionais foram surpreendidos; estavam prontos para o atendimento, mas descobriram que o acidente foi forjado, já que a pele da garota que acreditavam ter sido esfaqueada não mostrava um único arranhão.

Na rua, Layla sorriu vendo Aaron lhe esperando na porta com a menina a bordo. Eles abriram a porta do veículo e se acomodaram nas poltronas.

– Deu tudo certo? – perguntou ela.

– Sim, acredito que não vão notar sua ausência nas próximas horas – respondeu Aaron tomando à rua.

Layla virou-se olhando para o rosto de Dasha que parecia em transe, perdida, agarrada ao pequeno objeto em mãos.

– Confia nela?

– Não há outra forma – respondeu Aaron.

Receoso, Carlão virou seu rosto para a menina ao lado.

Ela sorriu para ele e estendeu seu entalhe.

– Gatinho!

– É... muito bonito – respondeu ele com sorriso amedrontado vendo os pulsos machucados.

Aaron pegou o telefone no console e fez uma chamada.

– Alô, Bruna?

– Sim, pode falar – respondeu a perita.

– Consegui a peça que faltava, mas necessito de um favor.

– Pode dizer.

– Preciso de um documento falso, no nome de Elizabete Abrawanel, nascida em São Paulo, dia 11 de Setembro de 2001.

Bruna emudeceu no telefone.

– Bruna? – indagou Aaron.

– Certo, mas isso terá um custo alto.

– Dinheiro não é problema – respondeu Aaron virando seus olhos à herdeira de Montesiano.

– Vou ver o que posso fazer.

– Obrigado.

Antes que desligasse, ela dirigiu-lhe uma pergunta.

– Para quem é esse documento?

– Para uma menina, precisamos tirar seu passaporte o quanto antes.

– Passaporte?

– Estaremos na Inglaterra antes das festas.

– Inglaterra?

– Sim, algum problema?

– Não, mas... Por que levará essa menina?

– Porque seu demônio possui um talento único; sem ele, a morte será certa.

Atemorizada, Bruna permaneceu calada ao telefone.

VII Memórias

“Não é possível destruir o passado para reconstruir o presente, mas é possível reconstruir o presente para reescrever o passado.”

(Augusto Cury)

Nova York, 23 de Fevereiro de 2009.

Na cozinha em cima do fogão, uma chaleira apitava expelindo a água em ebulição. Pela porta, um senhor com um longo bigode grisalho e cabelos brancos e crespos esfregava suas mãos tentando aquecê-las. No corredor ele pegou uma xícara e colocou-a sobre a bancada. Segurando a chaleira com as mãos titubeantes, despejou a água fervente.

– Muito bem, onde está o meu elixir da juventude? – perguntou-se procurando algo no armário. – Encontrei! *Camellia sinensis* – completou sorrindo.

Ele abriu a caixa, pegou o sachê e o mergulhou na xícara. Sentou-se e abriu o jornal que estava sobre a bancada.

– Vamos ver a coluna de esportes – disse com um arfar no momento em que, na sala, escutou o toque de seu *laptop*.

Ele levantou-se e marchou para o local.

– Quem pode ser?

No cômodo mais amplo daquele apartamento havia livros empilhados e espalhados pelo chão. Era um labirinto de conhecimento que perturbava a ordem do ambiente. Ele desviava-se cauteloso, tentando alcançar a mesa ao centro, onde seu *laptop* repousava. Sentando-se na cadeira, segurou o *mouse* e com um *click*, recebeu a chamada. Na tela, a *webcam* foi iniciada.

Ele pegou seus óculos ao lado e colocou no rosto.

– Nikolay! – exclamou um homem grisalho de queixo anguloso que chamava através da *webcam*.

– Desculpe meu desleixo – respondeu ele ajeitando a armação em seu rosto.

– Quero informações; desta vez, convincentes. Os dados de Joe Labelle não são confiáveis.

– Eu compreendo sua frustração, mas veja bem, uma aldeia inteira simplesmente desapareceu.

– Eles eram esquimós, homens peregrinos.

– Não, eu procurei os detalhes. Apesar de o Canadá ter poucas informações sobre o ocorrido, o fato é verídico.

– Como posso acreditar?

– Veja bem, Joe Labelle informou no documento que nenhuma alma foi encontrada, entretanto a vila estava intacta; os caiaques dos esquimós permaneceram ancorados e, dentro das casas, tudo foi deixado, até mesmo o que era mais precioso para eles: as peles e seus rifles. Em outras, nem o cozido de carne de caribus foi tocado.

– E os trenós?

– Os *mounties* (Polícia Montada do Canadá), sabendo do ocorrido delegado por Joe Labelle, formaram uma expedição. Após uma minuciosa perícia, encontraram sobre o gelo os trenós e os cães mortos por inanição.

– Está me dizendo que existem documentos oficiais que comprovam o fato?

– Sim, estou.

– Os relatórios discriminam os corpos extraviados?

– Sim, no cemitério todos os túmulos foram abertos. Gerações estavam enterradas naquele lugar, nenhum foi deixado para contar história.

– Ajustando seus óculos ele completou. – Com certeza, esse é o maior mistério, pois parece que a terra foi mexida de dentro para fora.

– Acredita que eles levantaram?

– Sim, a data confere.

Houve uma pausa.

Nikolay, olhando para o homem petrificado, tentou retomar o assunto.

– Senhor, eu acredito na ressurreição dos mortos.

Olhos em brasa retornaram através da *webcam*.

– Se os seus dados estão corretos, por que minha filha continua confinada naquela sepultura?

O pobre homem de bigode grisalho afundou-se na cadeira.

– Senhor?

– Me responda!

Nikolay virou-se para trás observando um extenso quadro negro na parede. Nele havia todos os tipos de rabiscos. Era uma verdadeira obra de arte acadêmica aparentemente desconexa com números, fórmulas e símbolos.

Ele refletiu por um segundo focando-se em um desenho que parecia com um estranho diagrama.

– Ainda me falta compreender um último símbolo – respondeu de costas, olhando a figura no centro do quadro.

– Encontre-o, não há tempo a perder.

– Não se preocupe, eu sinto que estou perto.

– Sua descoberta de nada ajudará se o julgamento cair sobre nossas cabeças.

Pronto para responder, ele recebeu uma mensagem em sua tela.

“Não perca tempo, destrua os códices, há um Hellfire na cidade.”

Ele piscou os olhos amedrontados.

– Desculpe, mas tenho que desligar.

– Me atualize o mais cedo possível – o homem grisalho desligou a transmissão.

Apressado, ele pegou seu casaco e desceu de seu edifício no Brooklyn.

Caminhando pelas ruas na madrugada gelada, Nikolay, com seu jornal debaixo do braço, parecia aflito. Após duas quadras, alcançou a charmosa estação de Borough Hall. Ele desceu as escadas, passou seu tíquete na catraca e seguiu seu destino pela linha vermelha número dois.

Enquanto esperava o trem para embarcar, virou-se sentindo certo arrepio. Aquele pedaço abaixo da terra, morto, sem almas, possuía um aspecto lúgubre que o colocava em uma zona de desconforto.

Assim que o trem parou, ele embarcou.

Com os olhos atentos ele encarou um grupo de adolescentes afro-americanos residentes do Queens que se diferenciava pelas roupas largas e

bonés invertidos. Entre eles, havia um garoto alto com o violão no colo. Ele esbanjava talento nos acordes enquanto seus amigos improvisavam gestos e meneios desordenados de cabeça.

O náufrago naquela ilha abriu seu jornal tentando se concentrar na leitura, entretanto sua paz foi interrompida quando as portas fecharam e o trem partiu. O som vindo do instrumento se espalhou pelo vagão, tão alto que parecia entrar em sua cabeça. Ele tentou manter-se focado, mas após a introdução, o garoto começou a cantar. Nikolay levantou seus olhos através do jornal reconhecendo aquela música: *Sympathy for the Devil*, dos Rolling Stones.

Aquele pobre homem arregalou-se de medo, pois pouco saiu do Brooklyn com medo do mal encarnado. Naquele bairro ele encontrou a paz, nas ruas e nos templos que exaltavam o nome de Deus com melodias contagiantes da música gospel.

Sua face começou a suar e com as mãos trêmulas, tentava segurar o jornal.

Ao toque, anunciando a próxima estação, o garoto interrompeu-se. – *Let's go guys* – disse ele com o violão nas mãos.

Ao abrir as portas, Nikolay suspirou vendo o vagão vazio. O que ele temia até minutos antes parecia agora um conforto. Em seu julgamento aquele vagão havia sido abençoado.

Escutando o sinal de embarque, ele novamente levantou seu jornal à altura dos olhos e continuou sua leitura.

As portas do vagão foram fechadas, entretanto o trem não partiu.

– O que está acontecendo? – indagou, estranhando aquela situação atípica.

Ele conferiu o vagão de ambos os lados quando foi surpreendido por uma bengala de madeira que, através das portas, interrompia seu fechamento automático. Levantando sua sobrancelha de forma indagada, o assustado homem percebeu a bengala mover-se. Apoiando no assento, pôs-se de pé. Um bip tocou e as portas deslizaram para fora. Ele olhou fixo enquanto uma figura estranha entrava no vagão. Nikolay o encarou com discrição tentando manter-se oculto.

A figura albina, de olhos mortiços, careca e sem os lóbulos das orelhas usava a bengala como apoio, enquanto caminhava manco em direção ao pobre homem acuado.

– Senhor salvador! – exclamou Nikolay baixinho, com pensamentos duvidosos.

Com o rosto apreensivo voltou a sentar-se, submisso e com olhos para o chão. Ele levou o jornal à altura dos olhos e tentou simular uma leitura, enquanto disfarçadamente procurou encarar a figura misteriosa.

Sem expressão, ela sentou-se à sua frente.

Mordendo seus lábios, Nikolay virou a página e, suspendendo as folhas, tampou sua visão daquela figura assustadora.

Enquanto sua mente enuviava dos fatos presentes, sua atenção foi ganhando foco para as informações no jornal. No canto esquerdo, em uma nota obituária em letras pequenas, ele olhou para um mórbido desenho: uma lápide em granito com a cruz invertida, vazada na pedra.

– Uma tábua... Uma tábua de rocha... A rocha eterna... Um espírito... – ele arregalou os olhos com sua descoberta. – Um espírito eterno! O símbolo está claro! – exclamou.

Naquele momento, as luzes do vagão começaram a oscilar. Nikolay abaixou seu jornal quando num piscar encarou a face da medonha figura à sua frente. Ele soltou um grito, mas foi imediatamente acertado na garganta. Seguiram-se golpes consecutivos em sua cabeça. Do vidro, podia-se ver o sangue que era expelido naquela superfície translúcida a cada piscar. Ele gritava, mas ninguém o ouvia.

Quase sem vida, foi atirado ao chão.

A figura agarrou seu pé e começou a arrastá-lo pelo vagão. Nikolay, sem forças, via seu sangue no piso em um rastro disforme.

Ainda restando uma centelha de vida, pegou seu celular no bolso e chamou um número. Ele estava fraco e sua visão, turva. Sem força, deixou o aparelho cair.

Antes que desmaiasse, tornou a olhar para o aparelho que completava a ligação.

No display, o nome do interlocutor: *Olavo Hermes*.

– Alô?

VIII

Um estranho entre nós

“Os olhos do espírito só começam a ser penetrantes quando os do corpo principiam a enfraquecer.”

(Platão)

Londres, Inglaterra, 7 de Novembro de 2009.

No Aeroporto Internacional Heathrow, em Londres, Inglaterra, Aaron com suas roupas típicas esperava no desembarque.

Ao reconhecer Hanz e Bruna que chegavam com suas malas, ele levantou sua mão de forma discreta. Alcançando-os, educadamente cumprimentou-os.

– Como foi a viagem?

– Para mim foi tranquila, mas Hanz passou mal e ficou pálido, achando que a aeronave fosse cair a qualquer momento. Parecia uma criança assustada – respondeu Bruna.

– O homem não nasceu para voar – argumentou o mergulhador ainda abatido, relembrando sua experiência no ar.

– Realmente não nasceu meu amigo. Essa é uma habilidade que deveria ser apenas dos anjos – completou Aaron, ajudando a perita com suas malas.

Na zona de táxis, o clássico Black Cab modelo Austin FX4 esperava-os para embarcar.

– Que máquina linda! – exclamou Hanz admirando as curvas daquele modelo.

– Essa velharia? – indagou Bruna.

– Velharia... está louca?

– Ele me parece velho.

– James Bond por acaso é velho?

– Bem... – antes que a perita reformulasse sua resposta, o mergulhador introduziu seu gancho final.

– Minha querida, o agente 007 é eterno, assim como essa maravilha inglesa.

– Não vou discutir; mas, que parece velho, parece.

Eles colocaram suas bagagens no espaçoso porta-malas e embarcaram. Aaron, ao lado do motorista, indicou o destino com seu belo inglês britânico.

– Cadogan Hotel.

Balançando sua cabeça o engomado motorista confirmou o destino.

O veículo cruzava pelas ruas entre a velha arquitetura londrina em direção ao distrito de Knightsbridge.

Londres é uma cidade única, palco de grandes obras literárias que se destacaram naquele ambiente místico onde os mais habilidosos escritores divergiam entre as sombras do abismo e as rubras paixões.

O sol descia no horizonte pronto a se pôr, quando à frente do hotel o motorista desembarcou seus passageiros.

Hanz e Bruna descarregavam suas malas enquanto Aaron acertava a conta com o taxista. O funcionário na porta do Hotel veio recebê-los com suas bagagens.

– *Thank you* – agradeceu Bruna com um belo sorriso.

O hotel Cadogan foi construído em 1887, próximo ao Palácio de Buckingham e o Hyde Park. Com uma fachada elegante do período neoclássico, o edifício exibia o requinte de uma época de grande prosperidade inglesa. Foi marco de grandes eventos hospedando ilustres pessoas, principalmente escritores e poetas.

Na recepção, Aaron confirmou as reservas de Hanz e Bruna. Com um cordial e elaborado meneio de cabeça, o gerente lhe entregou a chave.

No lobby, entraram no pequeno elevador reformado que ainda mantinha seu velho aspecto do início do século 20. Projetado para apenas três pessoas, ele subia lentamente com leves solavancos a cada andar. O silêncio permaneceu até o terceiro andar, quando as portas deslizaram.

Aaron seguiu o corredor até seu final. Na porta, introduziu a velha chave na fechadura e destrancou-a. Com um toque na maçaneta, abriu a porta e conduziu-se ao interior do quarto.

– Vocês dormirão aqui. Bem, eu não sabia se... sabe, eram um casal.

– Não somos – afirmou Bruna.

Hanz ficou cabisbaixo, afinal ele acreditava que possuía uma relação mais íntima com Bruna do que apenas amizade.

– Está certo. As camas são separadas, mas se bater aquela vontade, sabe como é né, basta juntar as camas.

Bruna ficou vermelha e Hanz ainda com o rosto voltado para o chão, deu um sorriso condescendente.

– O funcionário já trará suas malas. Se precisarem de algo, estaremos ao lado.

Bruna entrou no quarto, seguida por Hanz.

O ambiente clássico mantinha-se em alguns espaços, entretanto o que predominava eram as tendências contemporâneas dos hotéis europeus.

Hanz, de costas, jogou-se na cama.

– Ah, eu precisava disto.

– Bem, vou tomar um banho – afirmou Bruna.

– Posso acompanhar?

– Depois do sorrisinho malicioso, nem que fosse o último homem da Terra.

– Eu não te entendo – ele apoiou-se nos cotovelos.

– Como assim?

– Por que me evita algumas vezes, como se competisse comigo?

– Não sei do que está falando.

– É, deixa pra lá.

Bruna seguiu para a suíte e abriu o chuveiro.

Hanz recebeu as malas e colocou-as próximas à porta. Deitado na cama, ele escutava a água cair. – Bruna – sussurrou. Um sentimento nostálgico invadiu seu coração. Retrospectos de seus casos amorosos e quase sempre fracassados eram vistos como um filme dramático em sua mente. Ele refletia sobre sua vida e rebobinava as palavras de Bruna. – É, já pensou, eu ter um casal de olhinhos azuis como os seus. – Naquele momento, pela primeira vez ele desejou ser pai ao lado daquela linda morena.

Bruna saiu do banho com a toalha em volta de seu corpo. Hanz olhou para ela, admirando-a com paixão.

Ela abriu sua mala e pegou suas roupas.

– Pode se virar? – perguntou ela com a postura altiva e forte de um general.

Sem hesitar, ele obedeceu e virou-se para o lado.

Ela deixou a toalha cair.

Pensamentos libidinosos alvoroçaram a mente do mergulhador. Sua vontade era de pular sobre aquela linda mulher, mas se conteve freado por sua educação moral.

Ela vestiu suas roupas tão rápida quanto um moleque pronto a brincar na rua.

Quando fechou o botão da calça, virou-se para seu companheiro.

– Vamos lá cumprimentá-los!

– Cumprimentá-los? – indagou ele, virando-se e apoiando suas mãos na nuca.

– Na verdade, eu quero mesmo é ver essa menina.

– A possuída?

– Isso! Quero ver o que há de especial nela.

– Ok, vamos lá.

Pondo-se de pé, Hanz acompanhou sua amiga ao quarto ao lado. Não havia como negar que sua curiosidade se inflamava quando o assunto envolvia o sobrenatural. Havia certa neurose no mergulhador, ele queria de qualquer forma extirpar a incerteza e possibilitar uma explicação empírica para aquele novo e desconhecido mundo.

Na madeira, Bruna bateu três vezes.

– Aaron? – sussurrou ela.

Carlão abriu a porta com seu típico entusiasmo.

– E aí galerinha do mal, o quê manda?

– Galerinha do mal? – indagou Hanz.

– É, foi um elogio.

– Podemos entrar? – perguntou Bruna com um sorriso.

– Claro, demorou.

Eles tomaram o quarto com olhos investigadores.

– Boa noite Layla – cumprimentou a perita.

A gótica estava apoiada na janela, olhando o movimento à frente do hotel. Ela virou seu rosto e de forma discreta, cumprimentou Bruna com um leve meneio de sua cabeça.

Aaron veio recebê-los.

– E aí, não querem apreciar uma bela refeição? Aqui em baixo tem um restaurante com uma comida fantástica. Tenho certeza de que vão gostar.

– Na verdade queríamos conhecer a menina – respondeu a perita.

– Dasha? – indagou Aaron, virando-se para o quarto onde a jovem menina brincava com seu entalhe. – Certo, vamos lá – completou ele.

No quarto, o velho corvo parou na porta e apresentou o casal para sua pequena órfã alienada.

– Dasha, esses são meus amigos, Bruna e Hanz.

A menina levantou seu rosto, levemente torcido, com expressão interrogativa.

Bruna aproximou-se e sentou na cama.

– O que é isso? Um gato?

Dasha sorriu. – Gatinho... miau – ela levantou o entalhe na altura dos olhos da perita.

– Que lindo! – exclamou Bruna tirando o objeto de sua mão. Dasha seguiu seus olhos para o entalhe que se distanciava de seu corpo. Por um momento, seu sorriso desapareceu e suas pupilas dilataram.

– Bruna, devolva o entalhe! – exclamou Aaron com tom preocupado.

– O quê? – indagou a perita. Atrás, ela escutou um arfar pesado.

Quando ela se virou na cama, seu rosto assombrou-se com o semblante perturbador daquela menina que a pouco estava sorrindo de forma meiga e carinhosa.

Com as mãos trêmulas, Bruna devolveu o entalhe à pequena. Dasha agarrou-o e levou a seu peito. Após um frisar repreensivo de seu rosto, ela voltou a sorrir novamente.

Bruna levantou-se da cama com os olhos arregalados.

– Eu tenho que entalhar outro gato, caso contrário, um dia desses, ela acaba nos matando – disse Aaron sorrindo.

Após aquele minuto de tensão, o casal saiu do quarto.

Bruna parecia chocada. Apesar de assistir a muitos filmes de exorcismo, aquela experiência havia passado dos limites. Seu amigo Hanz também ficou abalado, pois estava clara em sua face abobada que aquela não era a experiência empírica que ele esperava.

Após alguns minutos, Aaron trouxe uma bandeja de café. Hanz, com a mão trêmula, pegou uma xícara e aproveitou a gentileza para perguntar sobre aquela experiência um tanto assustadora.

– O que tem aquele entalhe de especial?

– Nada! – respondeu Aaron.

– Nada? Mas ela mudou completamente.

– O entalhe é um amuleto.

– Amuleto?

– Amuletos servem para aplacar ou espantar o mal.

– Como a cruz nos exorcismos?

– Na verdade, qualquer objeto pode ser um amuleto.

– Qualquer objeto?

– Ao contrário do que muitos acreditam, cruz, terço, água-benta, alho, arruda, entre outras parafernalias não são capazes de afetar os demônios, mas são ótimos amuletos para alterar o estado do possuído.

– Como assim?

– Os demônios que estão encarnados devem manter uma harmonia entre a mente e o corpo da pessoa. Entretanto, essa harmonia pode ser quebrada diante de um amuleto.

– Quebrada?

– A pessoa em contato com o instrumento que a traga um sentimento forte de tranquilidade ou repreensão, possui o poder de fortalecer ou quebrar essa harmonia.

– Entendo, qualquer coisa pode se tornar um amuleto, desde que esteja vinculado a um forte sentimento com o possuído.

– Exato! – ele apontou para um castiçal em formato de cruz que servia de peça decorativa naquele cômodo. – Foi assim que a cruz se tornou popular e virou o símbolo do exorcismo. Não tem como negar seu poder, afinal sua expressão de angústia e amor através da crucificação de Jesus é singular.

– Realmente, não vejo um único exorcismo sem que um padre não carregue sua cruz.

– Entretanto seu uso é perigoso, pois aqueles que a temem, normalmente são levados à morte durante o exorcismo.

– Morte?

– Sim, o medo e a perda do controle podem alcançar níveis que o coração não suporte.

– Entendo, mas... por que Dasha criou um vínculo com gatos?

– Sua mãe morreu quando ela tinha poucos meses de vida. Desamparada, a pobre criança veio a morar com seu pai que a educou com tapas e murros. – Aaron olhou para ela à distância. – Assim Dasha cresceu; uma menina cheia de ódio e rancor. Mas um dia, na laje de sua casa, ela encontrou três gatinhos que estavam juntos ao corpo da mãe falecida. Ela cuidou deles como se fossem seus filhos: deu água, comida e o mais importante: carinho. Ela passou a sorrir, mas durante uma tarde, não os encontrou. Aflita, procurou-os em todos os lugares, mas nenhum sinal dos seu filhinhos. Na manhã seguinte ela viu a terra remexida no quintal. Em lágrimas, ela cavou com as mãos encontrando seus amores mortos. A menina possuída entrou em sua casa e, com a pá que seu pai usou para enterrá-los vivos, golpeou-o na cabeça: uma, duas, três vezes, até que o corpo caísse sem vida.

Estupefata, Bruna levou sua mão à boca.

– Ela parece uma menina meiga.

– Dasha é um amor de menina, mas está pronta para matar qualquer um que esteja em seu caminho – completou Aaron.

De repente, escutaram o trepidar da cama ao lado.

Aaron correu para o local onde Dasha convulsionava em cima do colchão. Ele subiu na cama tentando segurar o corpo da menina.

– Hanz pegue a minha mala no canto. – O mergulhador olhou para o lado vendo a mala de mão. – Na lateral, tem seringas e uma caixa de ampolas – completou Aaron.

Ele abriu o zíper encontrando as ampolas e as seringas.

– Morfina? – indagou, reconhecendo a droga opioide.

– Cinco mililitros... Rápido! – exclamou Aaron tentando segurar o corpo de Dasha que se contorcia em espasmos cada vez mais velozes.

Obedecendo a ordem, ele preparou a seringa.

– Tem certeza sobre a dose? – perguntou Hanz com a seringa em mãos.

– É uma dose de cavalo... Mas vai por mim, é isso o que estou segurando na cama neste exato momento – respondeu Aaron. – Me ajude a segurar seu braço.

O mergulhador, tenso com a situação, segurou o braço da menina. Imediatamente ele sentiu a brutal força muscular que ela possuía. Ele admirou-se vendo que à sua frente havia uma criatura sobrenatural que durante anos ignorou sua existência.

Aaron pegou a seringa e aplicou em Dasha.

Em segundos seu corpo voltou ao normal e, exausta, a pequena menina adormeceu.

Hanz estendeu seus braços, relaxando os músculos.

– Por que ela precisa de morfina? – perguntou ele.

– Seu espírito causa-lhe dores horríveis, pois Dasha não é compatível. – Aaron pegou o entalhe no chão e colocou ao lado da cama. – Entretanto, eu havia administrado uma dose baixa há pouco.

– Então por que ela convulsionava na cama? – perguntou Bruna.

Aaron deu de ombros sem resposta, mas Layla interveio, respondendo:

– Temos um eLivros no hotel.

– Só faltava isso! – exclamou Aaron.

– eLivros? – indagou Bruna.

– Um espírito perdido, sem corpo, uma alma vagante.

O velho corvo direcionou seus olhos para a gótica.

– Conseguir rastrear a entidade?

– Consigo – respondeu ela.

– Certo, impeça-o, ele deve ficar longe de Dasha.

Layla confirmou com a cabeça e saiu do quarto.

– Por que esse espírito é perigoso para Dasha? – perguntou Hanz.

– Dasha é uma sensitiva.

– Sensitiva? Você está falando daquelas pessoas que de alguma forma, vem a sentir a presença dos espíritos?

– Sim, e ao contrário do que muitos creem ser sensitivo é uma doença e não um dom.

– Mas, como essas pessoas podem sentir os mortos?

– Bem, para você entender o que é um sensitivo primeiro tem que saber o que é um demônio. – Aaron sentou-se na cama. – É uma longa história, sentem-se.

Hanz e Bruna sentaram-se nas poltronas.

– Após a traição de Lúcifer, um terço dos anjos no céu foi expulso da grande esfera celeste. O cordão que ligava-os a Deus foi cortado e foram delegados a sentir a angústia pela primeira vez. Seus corpos, agora intermitentes, vagavam sem rumo pela Terra. Tornaram-se dependentes da energia de homens e animais, como parasitas. – Aaron fez uma pausa. – As primeiras possessões se tornaram um grande desafio, nem os caídos imaginavam a complexidade que envolvia compartilhar sentimentos humanos. Em muitos casos a incompatibilidade era de tamanhas proporções que a mente rejeitava o espírito transplantado. Alguns eram expelidos, outros adernavam com a morte do hospedeiro. Nesses casos, a entidade enfraquecida era incapaz de possuir um novo corpo e assim, vagavam como espíritos.

– Esses espíritos são os eLivross?

– Sim, e são inofensivos para grande parte da humanidade, com uma exceção.

– Qual?

– Os sensitivos.

Hanz levantou suas sobrancelhas.

Aaron completou apontando para o quarto de Dasha:

– Todos nós possuímos uma rede neurológica capaz de nos proteger contra esses espíritos, entretanto, Dasha, como algumas poucas pessoas, possui uma deficiência; sua mente está aberta, ela pode sentir e captar fragmentos dos espíritos a sua volta e ter acesso a suas lembranças.

– Mas por que isso é perigoso?

– Porque sensitivos podem ser possuídos pelos eLivross.

– Compreendo.

Bruna franziu sentindo naquele momento certo desconforto. – Mas, e os outros espíritos? Qualquer pessoa pode ser possuída por eles? – ela temia ser fraca.

– Não, apenas aqueles que aceitam sua intervenção, pois nenhum espírito arriscaria uma incompatibilidade.

Na porta, Carlão apareceu com várias barras de chocolate nas mãos.

– Não deveríamos estar ajudando a Layla? – perguntou com a boca cheia. – Essa situação está tensa. – O marombado rapaz comia as barras com ansiedade.

– Ela está em outro patamar, muito distante de nós. Só ela pode se conectar ao mundo deles.

Layla descia as escadas seguindo com os olhos um rastro invisível aos homens. No silêncio do *lobby*, dirigiu-se ao centro. Entre a bela decoração vitoriana, fechou seus olhos e exortou sua consciência a revelar um mundo que apenas os decaídos conheciam.

Seu corpo inerte respirava profundamente, enquanto suas pálpebras pulsavam. Ela entrou em transe. Seus sentidos gradativamente ganhavam um novo espaço, diferente daquele antes de fechar os olhos. Lá fora, pingos de chuva chapeavam o chão. Quando sua conexão havia se completado, ela abriu seus olhos e seguiu-os para o ambiente que havia mudado.

O ar estava cercado por partículas suspensas que difundiam as cores tornando cada detalhe de coloração sépia. O *lobby* não era o mesmo, as lamparinas a óleo evidenciavam que Layla estava em um passado, um tempo distante do seu. Ao seu lado, um casal trajando roupas do século XIX ria subindo as escadas sem que percebessem sua presença. O homem destacava o Dandismo com *frock coat* e uma cartola como complemento; a mulher, a Belle Époque, marcada pelo volume dos tecidos, rendas e penas como complemento.

– *Who are you?* – uma voz veio de trás.

Layla virou-se.

Sentada em uma cadeira de veludo, uma linda mulher chamava-lhe a atenção.

– *I asked a question!* – exclamou.

Ela usava um lindo vestido longo e preto que, em contraste, ressaltava a beleza de sua pele branca. Seu cabelo em coque descia pequenas mechas onde um belo lírio prendia-se em armação.

Layla torceu sua cabeça encarando-a.

– Na minha língua!

A mulher sorriu. – Eu te conheço?

– Não, mas eu sei quem é você.

Ela levantou-se gargalhando.

– Claro que sabe; afinal, quem na Inglaterra não conhece Jersey Lily.

– Acredita mesmo que seja Jersey Lily?

Ela a encarou.

– Vejo pela sua cor que é uma bastarda. O que aconteceu, seu pai gostava de escravas? – enquanto caminhava pelo *lobby*, Layla a seguia com os olhos sem esboçar qualquer sentimento. – Apesar da cor de sua pele, devo dizer que é uma bela menina, mas nada comparada a mim; é claro – ela sorriu com malícia. – Sou uma mulher desejada minha querida.

– Você não é Jersey Lily!

– Sou Jersey Lily, exaltada por muitos – ela levantou seus braços. – Uma noite no teatro, quando o pintor Frank Miles avistou-me, o pobre homem ficou estupefato com minha beleza e tentou descobrir meu nome, mas foi em vão. Nos clubes e entre seus amigos e artistas ele afirmou ter visto uma beleza única, e me descreveu a todos. Um dia, um de seus amigos me encontrou e fui devidamente apresentada ao Sr. Miles. Ele veio e me pediu que me sentasse para pintar o meu retrato. Concordei e, assim que ficou pronto, ele vendeu-o para o príncipe Leopold. Após esse dia, fui convidada por muitos membros da família real. Ganhei muitos admiradores e conquistei um espaço que poucas mulheres em meu tempo sonhariam...

– Eu disse que você não é Jersey Lily! – gritou Layla, interrompendo-a.

– Qual é o seu nome menina?

– Meu nome não te interessa.

– É claro que não, mas perguntamos por educação... Sabe, você gosta de cavalos?

– Você é um espírito e Livros, seu nome de origem é Rashade.

Ela franziu sua testa. – Quem é você?

– Durante anos você perturbou os sonhos, mas hoje, eu serei seu pesadelo.

– O que está dizendo? – indagou o espírito à sua frente quando veio a sentir dores terríveis. Ela levantou suas mãos e viu-as se enrugarem.

– O que está fazendo?

– Acha que é a única capaz de manipular este mundo?

Com o rosto assustado o espírito presenciou as paredes sendo deformadas e alteradas, tomando a forma do antigo quarto de Jersey Lily.

Debruçando-se no chão, o espírito começou a ofegar.

– Sangue! – atormentado, ele mudou sua forma, entrando em estado de decomposição. – Morra! – gritou.

Com garras armadas, partiu na direção de sua intrusa. Ele estava pronto a atacá-la quando Layla transformou-se.

O espírito se conteve com o rosto melancólico.

– Não... Não!

À sua frente, Layla figurava o rosto enrugado de Jersey Lily, o qual marcara seus anos antes da morte.

Caótico e catatônico, o espírito recuou acuando-se no canto.

Preso em um ciclo de loucura, aquela perdida entidade foi confinada entre as paredes que no passado o haviam levado ao exílio.

No lobby, Layla abriu seus olhos voltando à sua realidade.

– Terminado – disse ela.

Após arquejar, uma sensação estranha aplacou-a de forma que a fez cair de joelhos. Com as mãos em sua cabeça sentiu uma forte presença que invadiu seus pensamentos.

– *Sei onde estás, cumpre seu destino* – disse uma voz em sua mente.

– Não! – gritou ela quando foi acolhida pelo recepcionista.

– *You okay?* – indagou ele, segurando em seu braço.

Layla levantou-se. – *Yes. I'm fine.*

Atormentada, ela olhou para o espaço procurando algo que não pudesse ser visto pelos olhos humanos. Só havia o vazio. Ela estremeceu, pois sabia que alguém havia se conectado à sua mente.

[Retornar ao sumário](#)

IX Símbolo Oculto

“Pois não há nada de escondido que não venha a ser revelado, e não existe nada de oculto que não venha a ser conhecido.”

(Jesus Cristo)

A luz entrava pela janela naquela manhã de Domingo enquanto na cama, Layla dormia pesado.

Noite de 1914. Sendo chamado pela czarina, me locomovi ao hospital. Sabia que algo grave havia ocorrido e acreditava ser uma questão de tempo até que a vítima viesse a falecer.

Na recepção, uma senhora me recebeu e juntos, seguimos ao leito da moribunda. No quarto de janelas fechadas, olhei para a mulher desfalecida que exibia um corpo repleto de hematomas e contusões. Aproximei-me quando o médico que entrava pela porta repreendeu-me.

– Desculpe, mas o que faz aqui?

– Senhor, este é Grigoriy Novykh – respondeu a senhora ao meu lado. – Ele está aqui a pedido da czarina Alexandra Fedorovna.

– Grigoriy Efimovich Novykh, o curandeiro de Pokrovskoie? – indagou levantando suas sobancelhas.

– Sim, esse mesmo.

– Não há nada que possa fazer, os melhores especialistas estiveram aqui, a hemorragia simplesmente não pode ser contida – ele olhou para a vítima. – Esta mulher está apenas esperando que finalmente Deus a leve para seus braços.

– Deus não levará ninguém deste mundo – respondi aproximando-me do leito. – O que ocorreu? – perguntei, encarando seus ferimentos.

– Um grave acidente de trem – respondeu o médico.

– Qual é o nome da vítima? – perguntei levantando meus olhos com a desenvoltura assertiva de um verdadeiro curandeiro espiritual.

– Anya Vyubova.

Ajoelhei-me e segurei forte a mão daquela pobre mulher em quem ainda restava uma fagulha de vida. Em seguida fechei meus olhos e, durante a noite, clamei por seu nome sem cessar. Senti o piso gélido na madrugada, minhas pernas dormiram, mas não me abalei e continuei meu rito até que, pela manhã, a jovem acordou completamente curada.

As forças em mim foram exauridas e, abatido, desfaleci ao chão.

– Layla? – indagou Aaron na porta, percebendo seu sono intranquilo.

A gótica piscou seus olhos e guiou-os ao seu velho mentor na porta.

– Acho que tive um sonho – afirmou ela.

Sentando-se na cama ela esfregou o rosto dormente com as pontas dos dedos.

– Você sabe que não foi um sonho – retrucou Aaron.

Ela arquejou em negação.

– O que está insinuando, acha que estou perdendo meu controle?

– Não disse isso.

– Assim eu espero! – olhos enfáticos encararam seu mentor.

Pegando suas roupas, entrou no banheiro batendo a porta com certa violência.

Após um arfar, Aaron apanhou o despertador e entrou no quarto ao lado. Colocando-o em cima do criado-mudo, apertou o botão do alarme. Carlão, que dormia em uma estranha posição, pulou imediatamente da cama. – Ah! – ele tropeçou, rolou ao chão e bateu a cabeça na parede.

Aaron esboçou uma cara de dor, enquanto Carlão mandou um palavrão.

– ‘Putá que o pariu’!

– Olha a boca moleque – advertiu o velho corvo.

– Tu ‘tá’ a fim de sacanear comigo, não é possível.

– Veste as roupas que iremos sair.

– Falou carrasco! – exclamou o rapaz franzido.

Aaron virou-se, ignorando-o. Quando voltou para a sala escutou o ritmado toque na madeira da porta. Ele riu, reconhecendo o padrão da perita naquele chamado sufocante.

– Aaron? – sussurrou Bruna através da porta.

Ele a recebeu. – Bom dia – apoiando-se na batente, o velho corvo jogou seu charme. – Você poderia cuidar de Dasha enquanto saímos?

A perita arregalou seus olhos.

– Eu?

– Sim, qual o problema?

– Quer dizer... Eu nunca fui babá de uma possuída – Bruna apertou seus olhos. – Na verdade, eu nunca fui babá! – exclamou com os olhos bem abertos.

– Você vai tirar de letra – ele torceu os lábios.

Hanz se aproximou – Eu posso acompanhá-los?

Bruna imediatamente apertou o braço do mergulhador.

– Não, espere aí, você vai me deixar aqui sozinha com ela? – a perita apontou para o quarto de Dasha.

– Você é uma policial, tenho certeza que pode cuidar de uma criança.

Layla e Carlão saíram prontos, ajeitando os pesados casacos de inverno.

– Tudo bem, todos prontos? – perguntou Aaron.

Eles confirmaram com olhos firmes e meneios positivos de cabeça. Apenas a perita balançou sua cabeça negando aquela democrática decisão.

– Não... não... não... Pera aí, mas e se... se... aquela coisa do além aparecer de novo? – indagou receosa.

– Não se preocupe, Layla o isolou em um quarto.

– Mas... mas...

– Até logo – despediu-se Aaron com um aceno.

– Ei, vocês não vão me deixar aqui...

Em resposta, ela escutou o chapar da porta.

Bruna virou-se temerosa vendo Dasha levantar-se da cama com as mãos erguidas.

– O que faço agora? – perguntou-se com olhos perdidos.

Na rua, o Black Cab aguardava o grupo para embarcar.

Eles se acomodaram nos assentos: Layla, Carlão, Hanz e Aaron no banco do carona.

– *Where?* – o condutor perguntou o destino.

Do casaco, o velho corvo tirou uma medalha do bolso.

O motorista olhou atentamente para o objeto. No metal chanfrado destacava em relevo o pentagrama invertido. Ele torceu a cabeça lendo as inscrições na borda.

– *Notting Hill* – confirmou, reconhecendo a residência.

– *Ok!* – Aaron apenas balançou a cabeça.

O Black Cab seguiu o curto caminho adjacente ao Hyde Park, próximo à Knightsbridge.

Em Notting Hill notava-se as belas casas em estilo clássico, com fachadas limpas e claras que se destacavam no conjunto com seus detalhes decorativos. Apesar da arquitetura refinada e os padrões disciplinados da fria natureza londrina, o distrito curiosamente é famoso por seu Carnaval. Um aspecto que evoluiu durante as décadas com inspiração na cultura brasileira.

Em frente a um belo casarão, o Black Cab estacionou.

Aaron acertou com o motorista e saiu do veículo esticando seus músculos.

– Bela casa! – exclamou Carlão levantando a cabeça assim que saiu do carro.

O grande casarão possuía arquitetura eclética, onde a simetria neoclássica podia ser notada no frontão triangular, nos pilares com capitéis e na base romana. Uma harmonia que buscava alcançar a perfeição em seu estilo único e grandioso.

– Desculpe a minha curiosidade, mas o que fazemos aqui? – retrucou Hanz.

– Preciso da localização de uma caixa selada e apenas uma mulher neste mundo sabe onde encontrá-la – respondeu Aaron.

– Caixa selada?

– Dentro, repousa o coração de Victor.

As sobrancelhas do mergulhador arquearam.

Hanz parecia chocado, pois os segmentos que completavam cada linha de sua investigação beiravam à loucura. Mudo, ele apenas assentiu, e se limitou a seguir o grupo um tanto consternado.

Na porta, Aaron bateu a aldrava prateada.

Educadamente tirou seu chapéu, arrumou seu cabelo e permaneceu apumado, parado em frente.

A porta se abriu de forma silenciosa.

– Yes? – indagou uma jovem loira de olhos claros.

Aaron a encarou.

– É portuguesa?

A jovem sorriu. – Sim, como sabes?

– O pingente – apontou ele para o peito da menina.

Ela abaixou seus olhos.

– Sim, claro, Pedro de Rates – completou com um sorriso envergonhado.

Aaron retornou um sorriso de boca torcida.

– Helena Sales encontra-se? – perguntou Aaron.

Hanz arregalou seus olhos. – Helena Sales? – sussurrou reconhecendo aquele nome.

– Desculpe, mas Helena não recebe estranhos – respondeu a jovem de olhos claros.

Do bolso, Aaron retirou a medalha chanfrada. Ela olhou o objeto em suas mãos e rapidamente mudou sua postura; firme e solícita.

– Seu nome?

– Aaron Abrawanel – respondeu o velho corvo.

– Aguarde – ela fechou a porta.

Hanz, preocupado, puxou Aaron pelo ombro.

– Helena Sales, a única mulher na lista do Oráculo de Delfos. Que coincidência é essa?

Layla o encarou advertindo-o com os olhos.

Temeroso, ele largou Aaron imediatamente sem tirar seus olhos daquela perturbadora presença.

O velho corvo ajeitou seu casaco.

– Meu caro, nada neste mundo é uma coincidência.

– O que significa aquele símbolo? – perguntou o mergulhador, com ânimo alvoroçado.

– O pentagrama?

– O pentagrama invertido! – exclamou impaciente.

Aaron sorriu.

– Este símbolo em questão pertence a uma ordem maçônica.

– Ordem maçônica?

– A Estrela do Oriente, uma ordem mista, mas com o objetivo de dar suporte às ordens maçônicas compostas exclusivamente por mulheres.

– Mas, por que o pentagrama?

A jovem loira recebeu-os abrindo a porta.

– Podem entrar – disse ela com um sorriso.

A jovem recolheu os casacos e o chapéu de Aaron, colocando-os no suporte de mogno.

– Aguardem na sala.

O espaço recluso onde o grupo aguardava era um belo exemplo da magnitude e poder daquela organização. Suas curvas, estampas e lustres de cristais esbanjavam o velho charme vitoriano. Era uma passagem direta a um período de *glamour*, onde o poder era definido através do brilho de suas peças. No chão, o nostálgico piso xadrez, e nas paredes, o que realmente mais impressionava naquele ambiente: quadros temáticos com molduras italianas que eram intercalados em toda extensão por estátuas idênticas da deusa Vênus.

Com os olhos, eles percorreram o entorno daquele grande espaço. As belas pinturas a óleo eram lindas, e ao mesmo tempo, perturbadoras. Reconhecendo o propósito temático daquelas obras, Aaron voltou-se para seu colega consternado e resolveu lhe dar algumas pistas.

– Hanz, o que sabe sobre a Caixa de Pandora? – disse ele, admirando uma das pinturas.

O mergulhador virou-se. – Uma pergunta aleatória? – pensou. – Não – ele sabia que um jogo havia começado.

– É uma lenda grega – respondeu.

– Correto – Aaron fez uma pausa. – Pandora foi a primeira mulher que existiu, criada pelos Deuses Hefesto e Atena, os representantes do fogo e da guerra. Ela era um ser majestoso, uma dádiva da criação, dotada de linda beleza e dos mais variados talentos para subjugar os homens. Entretanto, seu propósito era obscuro, uma ferramenta de Zeus para punir a humanidade por receber de Prometeu o fogo divino.

– Cara, por que ninguém vem me punir com uma mulher assim? – perguntou-se Carlão.

Aaron cruzou os braços e continuou:

– Epimeteu, irmão de Prometeu, recebeu Pandora. Ele se encantou com sua beleza e tomou-a como esposa, apesar das advertências de seu irmão. Epimeteu era portador de uma caixa mística recebida pelos deuses, que continha em seu interior todos os males.

– Uma caixa com todos os males? Parece meu cesto de cuecas – interrompeu Carlão.

O mergulhador com rosto frisado advertiu o marombado rapaz.

Aaron continuou:

– Epimeteu instruiu Pandora que não abrisse a caixa, mas intrigada por sua curiosidade, ela não resistiu. Assim a terrível armadilha foi aberta e seus males foram soltos pela Terra. Assustada, ela esforçou-se em fechá-la, mas era tarde, apenas um único bem sobrou na caixa: a esperança.

– Esperança? – indagou Hanz.

– É curioso que em uma caixa contendo todos os males, o único bem que tenha restado seja a esperança; mas não se engane, pois essa é a chave para suas perguntas.

– Não estou entendendo, o que essa história tem a ver?

– Essa, como outras histórias, não possuem uma origem grega, mas sim, judaica.

– Judaica?

– Entre os vários planetas, Deus escolheu a Terra como exílio dos espíritos impuros, os renegados do céu e, no Jardim do Éden, eles permaneceram confinados na árvore da ciência do bem e do mal. Compreenda Hanz, essa era a caixa de Pandora, entretanto, o nome verdadeiro dessa mulher era Eva.

– Eva? – o mergulhador revelou seu olhar assombrado.

– Com o pecado a prisão dos impuros havia se dissolvido. A destruição era iminente, ninguém estaria a salvo, mas restou uma fagulha à humanidade, chamada esperança.

Hanz tentou cruzar as informações quando se lembrou de um símbolo importante em suas investigações.

– Isso tem a ver com o símbolo feminino?

– Três foram os protagonistas do surgimento do pecado, entretanto, apenas dois deles receberam seu castigo naquele momento; o dragão e a mulher. Esses seriam rivais até que a ordem fosse restabelecida.

Reflexões bombardearam a mente daquele mergulhador.

– Sabe algo sobre a inversão dos polos?

Aaron levantou sua sobrancelha direita.

– Me assombro com sua forma de pensar, acredito que esteja mais próximo de uma revelação do que imagina.

– Te fiz uma pergunta.

– Masculino e feminino, uma unidade separada pelo pecado.

– Por que fala por mistérios, com palavras que para mim, parecem não fazer sentido?

– Eu não preciso responder, já que as respostas estão presentes nesta sala.

– Como?

Aaron apontou para o símbolo maçônico em metal acima da porta.

– O que vê?

Hanz virou-se para o símbolo.

– O símbolo da maçonaria.

– Pois eu vejo os polos masculino e feminino, um homem e uma mulher.

– Está louco?

– Quais são as peças desse símbolo?

– O compasso e a régua, ferramentas que fazem referência ao Arquiteto Universal que neste caso é o G, “God”, Deus na parte central.

– Muito bem. Entretanto, cometeu apenas um erro, não se trata de uma régua, mas sim, de um esquadro.

– E daí, qual a relação?

– Olhe novamente e depois feche seus olhos e diga-me: se você desmembrasse aquele símbolo e fosse desenhar algo utilizando cada peça, o que teria?

Com os olhos fechados, Hanz mentalizou os desenhos.

– Com o compasso, um círculo... Com o esquadro, uma seta... Mas com o G... – sua mente estava em branco, mas por um segundo ela foi instigada por lembranças: a sela, os símbolos riscados na parede e os desenhos sobrepostos, masculino e feminino. – A cruz! – ele abriu seus olhos e admirou-se, percebendo que todos aqueles elementos estavam por coincidência mascarados naquele símbolo.

– Ótimo, está chegando perto!

– Mas, qual a relação com os maçons?

– Assim que os Templários foram dizimados, sobraram alguns remanescentes espalhados pelo globo. Percebendo os erros de sua ordem, eles fundaram organizações secretas para preservar os segredos encontrados na tomada de Jerusalém.

– Segredos?

– Sim, a descoberta dos ‘Algoritmos Sagrados’.

– Eles compreendem seu significado?

– Não, eles se responsabilizam apenas em sinalizar quem é do bem ou do mal.

– Mas como?

– Olhe para o chão.

Hanz abaixou seus olhos visualizando o piso xadrez.

Aaron completou: – Eles tornam claras as regras do jogo, casas brancas e pretas.

– Mas, qual o significado, afinal de que lado eles estão?

– Nenhum. O fundamento para os maçons é completar a vontade que eles acreditam ser de Deus, neste caso, a evolução do espírito humano.

– Mas, e a relação dos maçons com a inversão dos polos?

– Agora vou dizer: a inversão dos polos é um marco, uma era em que o mundo mudará. Haverá mulheres assumindo posições que antes eram tomadas apenas por homens. Na sequência, ocorrerão perseguições, pois o mal irá atrás do ‘Símbolo Oculto’ para que assim, possa finalmente destruí-lo.

– ‘Símbolo Oculto’?

– Olhe para todos esses quadros e diga-me: o que têm eles em comum?

Hanz visualizou-os tentando encontrar alguma peculiaridade. Ele girou na sala seguindo cada quadro com os olhos. Com minúcia, ele procurava destrinchar alguma informação importante. Após um giro completo em seu eixo ele parou diante à pintura de uma figura importante na história francesa.

– Joana D’Arc? – indagou em frente do quadro onde o corpo de uma jovem mulher estava pronto para ser queimado.

– Sim – confirmou Aaron.

– Vejo que todos esses quadros são pinturas que possuem em destaque figuras femininas.

– Está correto. Mais alguma coisa?

O mergulhador focou novamente nos retratos tentando encontrar algo em comum, mas foi frustrado, pareciam pinturas aleatórias sem qualquer ligação aparente.

– Tem uma cruz na cabeça das ‘minas’ – interpôs Carlão.

Com os olhos arregalados, estupefatos com aquela afirmação vinda de uma fonte improvável, Hanz e Aaron viraram seus rostos em direção do marombado rapaz.

Incomodado com os olhares, Carlão se justificou:

– Que foi? Eu tinha muitos livros do Wally.

Hanz voltou-se para os quadros e notou o achado que Carlão tinha mencionado. Realmente, lá estava uma cruz que no cenário aparecia mascarada acima da cabeça de cada figura.

– Mas o que isso significa?

– O ‘Símbolo Oculto’ é feminino, na verdade um espírito eterno; o círculo que não pode ser interrompido.

– O círculo, claro!

– Nas antigas pinturas havia um propósito de colocarem auréolas em certos personagens. Quando o pintor retratava uma figura com a auréola em sua cabeça, estava definindo que seu espírito era imortal.

– Existem pessoas que se tornaram imortais?

– Não, a imortalidade é apenas uma qualidade de Deus, mas ele concede a oportunidade de uma vida eterna, por isso ele afirma “Eu sou o Alfa e o Ômega”, o começo e o fim; essas são as regras.

– Alfa e o Ômega – sussurrou o mergulhador pensativo.

– Se você reparar na letra Ômega, ela nada mais é do que o círculo rompido, portanto a vida é cedida e apenas Deus pode determinar seu tempo.

– Mas, quem é esse espírito feminino?

Aaron apontou para um quadro na parede no centro da sala que se destacava pelas dimensões.

Hanz olhou fixo. O quadro era claro, não havia como não reconhecê-lo.

– A crucificação! – exclamou baixinho.

– Reconhece o espírito?

O mergulhador olhou atentamente para o quadro.

Jesus estava pregado na cruz entre outros personagens bíblicos. Entretanto, naquele contexto, o que lhe chamou a atenção foi a pobre mulher de joelhos, jorrando lágrimas aos pés de Cristo.

– Quem é essa mulher de tamanha devoção? Maria, mãe de Jesus?

– Não, é Maria, a Madalena.

Hanz empaleceu diante àquela afirmação.

– O círculo e a cruz: A forma invertida! – exclamou reconhecendo a forma do ‘Símbolo Oculto’ naquela pintura.

– Esse símbolo é um mistério para humanidade.

– Agora compreendo, é o espírito presente em todas essas mulheres – ele rodou mais uma vez na sala.

– Exato!

– E com que frequência esse espírito vem à Terra?

– Ele sempre esteve aqui, desde que o homem comeu o fruto proibido.

– Então, enquanto conversamos, há uma mulher carregando o espírito de Deus?

Aaron virou seus olhos para Layla que estava parada em frente do retrato de Joana de Castela. – Sim – ele arfou um sentimento doloroso quando a loira de olhos azuis finalmente regressou pelas portas.

– Sigam-me – ordenou ela, mudando de cômodo.

No encaicho da loira, eles continuaram através de um corredor com paredes decorativas, rubras, que encerrava em um arco com portas coloniais.

– Aguardem aqui, ela irá recebê-los – ordenou; em seguida, retirou-se.

Hanz olhava para seu relógio. Havia tensão em seu olhar. Ele aguardava impaciente enquanto sentia a adrenalina de uma revelação bater à sua porta. Era a primeira vez que estaria diante de um membro do famoso Oráculo de Delfos. Ele cogitou inúmeras possibilidades em sua mente quando finalmente, após o estalar da fechadura, uma velha senhora surpreendeu-os através das portas.

– Entrem, por favor – disse ela. No corpo vestia um curioso manto cerimonial.

Eles entraram na curiosa sala de reunião dos membros mais íntimos da Estrela do Oriente.

O espaço, talvez o maior cômodo daquele palacete, possuía um altar no centro. No chão, preenchendo parte da sala, havia um pentagrama invertido com cada ponta de uma cor. No fundo, uma cadeira aveludada discriminava em sua grandeza qualquer assento ao seu lado.

Aaron tomou à frente, seguido de Layla e Carlão. Hanz foi o último a entrar, intimidado pela grande figura no chão. Aquela imagem lhe trouxe recordações pesadas; a escrivanhinha de Midas.

A velha senhora sentou-se na cadeira ao fundo, o assento semelhante a um trono.

– Aaron Abrawanel? – indagou Helena.

– Sim, estou diante de você – respondeu o velho corvo.

– Então tu és o famoso anjo – seu sotaque lusitano era autoritário, intimidante.

– Anjo? – indagou Hanz ao fundo.

A senhora sibilou de um jeito ríspido.

Aaron arfou com descaso.

– Sempre que me revelam isso me sinto um criminoso.

Com o olhar profundo, Helena encarou Layla. Parecia ler seus pensamentos. Ela apertou seu colar no pescoço e sentiu o calor que se propagava para seus dedos.

– Preciso de uma informação – afirmou o velho corvo, retomando o assunto.

Helena voltou seus olhos para Aaron.

– Me digas primeiro: És tu um caído ou intermitente?

– Sou um intermitente.

– O que queres saber?

– Há um recente coração selado, preciso de sua localização.

– Andastes pelos dois caminhos e não és capaz de encontrá-lo?

– Tenho certeza que está em mãos humanas, por isso estou aqui.

Com seu rosto enrugado, a velha senhora sorriu.

– Como posso negar um pedido a um anjo? – ela fez uma pausa. – O coração que procuram está nas mãos do Hellfire.

– Esses lacaios continuam aqui? – indagou Aaron.

– Como vermes sobre a carne morta.

– Como posso encontrá-los?

– Nas festas esses degenerados estarão reunidos em Warwick.

– Obrigado, Helena – Aaron seguia para a saída quando foi interrompido pela velha senhora:

– O que querem com o coração selado?

– Vamos salvar o seu espírito – respondeu ele torcendo levemente seu rosto para trás.

– Acreditastes que possa ser possível?

– Não, mas seu dono era um homem de fé que me ensinou que nada era impossível para ele. – Helena admirou-se.

Aaron despediu-se uma última vez.

– Que os anjos lhe protejam.

Com uma expressão impassível, ela balançou sua cabeça em um momento reflexivo. Mesmo após todos partirem, ela permaneceu em um estado de serenidade profunda. Ela baixou seus olhos para o símbolo no chão e cruzou suas mãos na altura do queixo.

– Senhora, necessita de algo? – perguntou a jovem entrando no cômodo.

– Não, minha querida.

Sua criada curvou-se e saiu fechando as portas.

Helena pegou seu celular e discou um número.

Completo a chamada:

– Tenho informações. O espírito que seu bisavô perseguia retornou à Inglaterra. Esteve diante de meus olhos – houve uma pausa. – Sim, você terá sua vingança.

X

Medo de amar

“Sentir, amar, sofrer, devotar-se, será sempre
o texto da vida das mulheres.”

(Honoré de Balzac)

N aquele final de tarde havia um vento gelado e úmido. Layla, na janela, observava os carros que cruzavam a Sloane Street. Entediada, ela se dirigiu ao quarto onde Bruna, com uma escova, penteava os ondulados e ruivos cabelos de Dasha.

– Vejo que fez uma amiga – afirmou com tom acolhedor.

A perita, com as pernas cruzadas sobre a cama, retornou um sorriso admirado.

– Sabe, estamos aqui há semanas e você nunca me dirigiu a palavra.

– Talvez não tenha motivos para falar com você.

– Bem, sei lá, eu achei que já havíamos superado... sabe, aquele inconveniente na igreja.

– Você me deu um tiro! – afirmou Layla com seu rosto inexpressivo.

Bruna torceu a boca.

– É... realmente não fui legal com você.

A gótica sentou-se na cama.

– Eu perdoo o que fez, mas que aquilo não venha a se repetir.

Ironizando, a perita cruzou os dedos e beijou-os em um gesto infantil.

– Eu juro, não atiro mais em você.

Layla sorriu sem jeito.

Bruna voltou a escovar os cabelos da pequena enquanto ela, com um pedaço de lápis, desenhava estranhos símbolos em uma folha pautada.

Com pensamentos angustiados, a gótica virou-se para a janela e suspirou.

– Onde foi esse suspiro? – perguntou Bruna, pegando no ar aquela angústia repentina.

– Estou impaciente, não aqunto mais esperar – respondeu Layla.

– Hei, tive uma ideia. Por que não saímos e nos divertimos um pouco? Afinal, estamos na Inglaterra!

– Nós quem? – indagou a gótica.

– Vamos deixar aqueles bobalhões jogando seu *poker* e fazer um programa de mulheres. O que acha?

Layla sorriu – Ótimo!

– Legal! Pegue o casaco, pois teremos um dia inesquecível.

Enquanto a gótica saia para buscar seu casaco, Bruna preparou a pequena Dasha. No corpo, vestiu um belo capote com plumas roxas; na cabeça, ajeitou um elegante *cloche* vermelho. Após afofa-la, deu três passos para trás.

– Está pronta minha querida? – perguntou ela, vendo sua pequena boneca ruiva confortada dentro daquela grossa malha.

Dasha balançou sua cabeça positivamente.

– Ok, então vamos – afirmou a perita, pegando sua bolsa em cima da cadeira. Com os olhos, confirmou com Layla que a aguardava na porta.

No corredor, elas escutaram Carlão berrando.

– Truco!

– Cara, eu já te expliquei mil vezes, estamos jogando *poker*, você tem que apostar e não gritar truco – retrucou Hanz.

– ‘Mal truta’, é a força do hábito.

Bruna balançou sua cabeça com indignação.

– Homens!

Saindo de mãos dadas com Dasha, Layla e Bruna seguiram para o London Eye, a enorme roda gigante.

Na rua, o céu estava limpo, mas o ar era frio e úmido. Os músculos da face se contraíam ao toque do vento gelado que circulava em sua tranquilidade.

Atravessando o Green Park, Layla sentiu certo arrependimento. Era estranho estar ao lado de Bruna, uma pessoa desconhecida com quem trocara poucas palavras na vida. Mas algo a cativou na postura daquela

mulher, um olhar seguro que não media esforços para alcançar seus objetivos. Talvez no fundo, ela desejava ter aqueles atributos.

– Você sempre anda armada? – perguntou a gótica quebrando o silêncio que havia se mantido até aquele momento.

– Sempre. Devo dizer que me sinto nua estando na Inglaterra sem poder carregar uma arma – respondeu a perita.

– Por quê?

– Sei lá, acho que minha pistola faz parte de mim.

– Na verdade, acredito que você não confia nas pessoas.

– Como assim?

– Você acredita que sua arma nunca a desapontará, ao contrário do resto do mundo.

– Por que está dizendo isso?

– Eu era assim – ela tocou seu pingente.

Diante da sinceridade de Layla, Bruna seguiu reflexiva. Naquele momento um sentimento confidente encheu seu coração. A sensação foi de um calor em seu interior, algo quente, mas não abrasivo. Ela sentiu-se bem com tudo aquilo, afinal, fazia muitos anos que vivia confinada no universo masculino; agora quem sabe, ela poderia finalmente contar seus mais íntimos segredos.

– Quem é você realmente, Layla?

– Uma menina que na vida perdeu tudo, a frustração era meu estilo de vida. Mas um dia, encontrei uma pessoa que abriu meus olhos e me fez perceber que podemos alcançar o céu apenas com um gesto.

– Às vezes acho que reclamo demais.

– A vida é maravilhosa, mas passamos grande parte dela chorando, procurando respostas para nosso sofrimento.

– Por que será que fazemos isso?

– Curiosamente sempre olhamos para trás e caminhamos de volta para o ponto que deveríamos ter abandonado.

Bruna calou-se em uma melancolia.

Próximo ao Tâmis elas avistaram o Parlamento Inglês e o majestoso Big Ben.

– Esta cidade realmente é linda! – exclamou a perita.

Atravessando o Tâmis pela Westminster Bridge, alcançaram a bela London Eye, a maior roda gigante da Europa.

Antes do sol se pôr, Bruna, após enfrentar uma longa fila, comprou os tíquetes. Elas embarcaram na enorme cabine, que mais parecia uma gigante cápsula de observação.

A roda foi acionada e a cabine foi sendo erguida seguindo o movimento circular da grande estrutura.

Dasha apoiou-se próxima ao vidro observando lentamente a terra que era deixada para trás.

– Estou com medo! – exclamou ela.

Bruna ficou de coque e abraçou-a.

– Não precisa temer, eu estou aqui.

A menina pegou as mãos da perita e as apoiou em seu coração.

– Com você, eu não tenho medo mamãe.

Bruna emocionou-se umedecendo seus olhos. Apesar de manter a pose de durona, por dentro, ela estava louca para ser amada. Desde que tinha entrado para a polícia, o temor de formar uma família lhe aplacava, mas sentir o amor de Dasha fez com que desejasse ser mãe pela primeira vez.

O sol resguardava no horizonte, e do alto, a bela Londres era revelada em sua beleza única: o Tâmis entre raios alaranjados, refletindo o parlamento em suas águas tranquilas; o Big Ben no alto da torre que exibia em seus ponteiros a precisa hora londrina e a velha cidade, que aos poucos, deixava a marca de seu esplendor noturno.

– Layla, já amou alguém? – perguntou Bruna deixando-se levar por aquele momento mágico.

– Sim.

– Me diga, o que aconteceu?

– Ele foi levado pelo anjo da morte.

A perita arregalou seus olhos.

– Bem... É... Poxa menina, você não tem uma vida normal?

– Acho que não.

– Não sei como completar meu raciocínio agora. Sabe, sei lá, romper um relacionamento por traição, mentira ou descaso é uma coisa, mas ser levado pelo anjo da morte...

Layla a interrompeu com uma pergunta inesperada.

– Você está amando alguém?

– Tá na cara? – indagou Bruna, preocupada.

– Sim.
– Que ódio! – bateu seus braços no ar.
– Ódio? Acho que você está muito confusa.
– Será? Quer dizer, eu quero me apaixonar, mas... – ela franziu a testa. – Não sei explicar, pareço travada.
– Você não quer se apaixonar por medo de se magoar.
– Isso faz sentido. Mas, será que por sentir este ódio, sou incapaz de amar?
– O contrário do amor não é o ódio como muitos pensam, mas sim o descaso. Essa é uma lição que aprendi na vida.
– O garoto que você amou, era o Victor?
– Sim, quando o conheci odiava-o, fiz de tudo para ignorá-lo, até que percebi que o meu sentimento por ele era amor.
– Estou me sentindo uma tola.
– Por quê?
– Tenho uma pessoa magnífica que me ama, e o ignoro tentando me proteger.

Layla sorriu.

– É, parece que o amor não supera nosso medo de ser rejeitada.
Bruna parou refletindo, pois aquela frase ficaria gravada para sempre em sua mente.

Com trinta minutos decorrentes, a roda parou. Na sequência, as cabines foram desembarcadas, uma a uma.

A noite já havia caído, e as estrelas despontavam sua beleza no céu cristalino.

– Vamos dar uma relaxada? – perguntou a perita, olhando para a grama de um belo parque.

Próximo ao London Eye estava o Jubilee Gardens, um pequeno espaço com gramíneas e árvores que contornavam a área. No passado era um importante palco de eventos da aristocracia inglesa, onde se discutiam assuntos sobre a velha monarquia.

Na grama fofa elas empertigaram e apreciaram a grande abóbada celeste.

– Obrigada por me acompanhar – agradeceu Bruna, apoiando sua cabeça sobre os braços.

– Não agradeça, foi um passeio reconfortante – ressaltou Layla.

– Tenho certeza de que iremos trazer seu amado de volta.

Muda, a perdida menina parou olhando para o céu. Em sua mente passavam infinitas possibilidades. A dúvida a respeito de seu futuro era certa, mas desta vez, havia um motivo, que ao contrário de suas lamentações do passado, não era egoísta. – Sim, iremos trazer Victor de volta – ressaltou a frase em seu pensamento.

Enquanto relaxavam sobre a grama, Dasha, vendo uma coruja de celeiro pousar no solo, decidiu segui-la com cautela.

– Você trouxe a morfina da menina? – perguntou Layla.

– Sim, tenho duas ampolas na bolsa – respondeu Bruna.

– Ela fica mais tranquila com você por perto.

– É uma pena que uma menina tão jovem seja dependente de uma droga tão poderosa.

– Realmente – respondeu a gótica refletindo.

Na sétima série, a novata sentou-se ao fundo. Sem amigos, a pobre menina procurou se enturmar, mas foi rejeitada pelos companheiros de sala. Triste e cabisbaixa, ela teve o auxílio de Layla que, apesar das roupas góticas e do semblante emburrado, sempre se manteve alinhada na educação.

Com o tempo, tornaram-se amigas e a menina, cujo nome era Lilian, começou a admirar a personalidade de sua nova amiga.

Um dia ela apareceu com seu novo estilo, surpreendendo a gótica.

– O que é isso? – perguntou Layla vendo sua amiga toda de preto.

– Não fiquei bem? – respondeu Lilian com outra pergunta.

– Lilian, isso não é para você!

– Por que não?

– Por quê? Você tem tudo, pai, mãe e um irmão.

– Quem disse que para usar preto tem que estar de luto?

Layla franziu, mas não respondeu. Lilian não compreendia os seus verdadeiros valores.

A amizade entre as duas se tornou sólida, e a cada dia Lilian parecia-se mais com Layla. A gótica lhe deu um presente, um amuleto draconiano. Apesar da relutância contra aquela falsa imagem, havia um sentimento solidário.

Com o tempo, seus laços continuaram honestos, mas um dia, entrando pela porta do banheiro, a gótica deparou-se com sua amiga cheirando cocaína debruçada na pia.

– O que está fazendo? – esbravejou.

– Vem experimentar – convidou sua amiga.

– Não! – Layla exibiu sua face aflita.

– A vida é uma merda, é podre, é sórdida... Não tem espaço para pessoas como eu e você.

– Não Lilian! – exclamou mais uma vez, preocupada com aquela falta de noção de sua amiga.

Apesar de pouco se importar com sua vida, Layla sentiu uma profunda dor vendo sua mais íntima colega naquela triste situação. Ela tentou impedir suas ações, advertindo-a sobre o uso de drogas, mas a sólida amizade foi desfeita. Seguiram-se dias angustiantes, Layla abateu-se, pois sentia culpa naquela mudança de vida.

O segundo semestre mal havia começado e a linha do destino seguiu caótica, armando sua arapuca. Não poderia ser diferente para ela e, claro, seu desfecho mórbido era inevitável.

Ao entrar no banheiro Layla encontrou sua amiga morta, afogada na pia presa à corrente de seu pingente draconiano. Ela gritou em pânico e projetou-se para trás onde um pedaço de prego, mal preso à porta, feriu-a nas costas.

Essa era sua sétima cicatriz.

– Dasha, volte – gritou Bruna, percebendo a pequena se distanciar.

Distraídas, não perceberam um jovem de jaqueta de couro e boina que se aproximou furtivo. Ele se abaixou, agarrou a bolsa de Bruna e correu no sentido contrário.

Bruna virou-se percebendo o movimento de fuga.

– Hei... Droga! O maldito me roubou.

– Não mesmo! – afirmou Layla correndo atrás do larápio.

Bruna seguiu-a.

No estacionamento o jovem aflito olhou para trás e nem percebeu que Layla já o havia ultrapassado. Ele trombou no corpo da gótica, parecia uma muralha. Com o choque ele pendeu para trás e caiu no chão.

Bruna agarrou sua bolsa.

– ‘Qualé seu mané’! – exclamou ela.

Piscando os olhos, ele levantou-se. Após perceber sua situação inadvertida, tirou um estilete do bolso para se defender.

– *Give me the bag!* – afirmou ele, com os olhos esbugalhados.

– Tu ‘tá’ de brincadeira? – indagou Bruna.

Ele projetou o estilete em direção à perita. Com movimentos treinados, ela desviou e o agarrou por trás. Rangendo os dentes, o marginal girou o pulso e cortou o braço de Bruna. Quando ela sentiu a lâmina rasgar sua carne soltou-o imediatamente.

– Maldito! – exclamou, conferindo o dano de seu ferimento.

Enquanto ela tentava estancar seu sangue, o jovem pegou a bolsa no chão e virou-se para correr. Entretanto, ele mal se mexeu e foi agarrado por Layla que o puxou pelo braço. Impossibilitado de fugir, ele projetou novamente o estilete e desta vez, acertou o peito da gótica. Ela rangeu seus dentes quando sentiu a carne perfurada.

O delinquente sorriu com malícia, esperando que sua caçadora lhe soltasse o braço. Mas ela não o largou nem por um único segundo. O rapaz abismou-se, tentando entender como aquela garota continuava lhe puxando com tanta firmeza. Ele forçou sua mão, tentando retirar o estilete para mais uma tentativa, mas Layla lhe agarrou a mão. Ele encarou o semblante da gótica e se borrou nas calças.

– *What are you?*

– Seu maior pesadelo – respondeu ela em sua cólera.

Lentamente puxou o estilete de seu peito.

– *How?* – indagou assombrado.

Após um franzido olhar, a gótica descarregou seu ódio. O rapaz sentiu seus dedos sendo triturados por uma morsa mecânica.

– *No, please!* – exclamou ele caindo de joelhos.

Sem piedade, ela continuou apertando.

Bruna rangeu os dentes escutando os ossos estalarem.

O pobre rapaz pôs-se a chorar.

Subitamente a gótica pestanejou, com movimentos involuntários das pálpebras. Ela balançou a cabeça que latejou em protesto. Um combate entre a razão e emoção ocorria em seus mais íntimos pensamentos. No final, olhos neutros tomaram sua face e finalmente, largou o punho do rapaz.

– *Alive, to choose your path* – disse ela, apontando para fora.

Protegendo sua mão ferida, o delinquente correu apavorado deixando a bolsa da perita no chão.

Bruna se aproximou.

– Precisamos ir ao hospital! – exclamou ela mostrando o corte no braço.

– Eu cuido disso – Layla aproximou-se e afundou seus dedos nos sedosos cabelos negros da perita.

– O que está fazendo? – indagou, surpresa com aquela estranha atitude.

– Confie em mim.

Sentindo as mãos quentes em sua têmpora, Bruna de forma inconsciente fechou seus olhos e sentiu uma forte energia. Em segundos entrou em transe, dominada por uma presença enigmática. A sensação que se seguiu era de estar fora do seu corpo.

Enquanto permanecia naquela indolência, seu ferimento era milagrosamente regenerado. Quando a carne finalmente lacrou-se e voltou à sua textura lisa e rubra, Layla abriu seus olhos regressando ao seu estado normal.

– Feito – disse ela.

Bruna piscou seus olhos. Percebendo a ausência da dor, projetou-os para seu ferimento. Não havia um único arranhão.

– O que fez? – indagou, não acreditando naquele milagre.

– Apenas te ajudei.

A perita criminal exibiu sua face pasmada. Ela cutucou a carne de seu braço para conferir seu estado. Era como se não houvesse sido ferida. – Que bruxaria é essa? – sussurrou. Ela estava mais confusa do que nunca, pois aquela experiência fugia de qualquer lógica acadêmica. Apesar da ansiedade em querer descobrir mais, era fato que aquele novo mundo era assustador para uma mulher atea.

Enquanto regressavam para o Jubilee Gardens, Layla colocou a mão no peito sentindo uma forte ausência.

– Meu amuleto!

– Amuleto? – indagou Bruna.

– Um amuleto de Leprechaun, uma lembrança de meu falecido pai – ela voltou seus olhos para o estacionamento. – Aquele desgraçado me

passou a perna!

– O que vamos fazer?

Ela parou reflexiva, mas havia um ponto mais importante do que uma simples bijuteria.

– Vamos voltar, Dasha está sozinha.

– Mas...

– Vamos logo! – exclamou Layla.

– Tá, ‘tô’ indo – respondeu Bruna pegando sua bolsa.

No Jubilee Gardens elas rodopiaram em seu eixo, examinando cada metro quadrado do parque. Não havia sinal da pequena Dasha.

– Onde ela está? – indagou Bruna colocando suas mãos aflitas sobre o peito.

Os minutos passavam angustiosos, mas nenhum sinal da menina. O coração da perita acelerou. O medo do julgamento aplacava-o: irresponsabilidade, descaso e imprudência; estas eram as palavras que vinham em sua mente.

– Dasha! – gritou ela várias vezes.

Ela perdia as esperanças quando pensou em rezar pela primeira vez. Antes que fechasse seus olhos, o motivo de sua preocupação veio correndo entre as árvores.

– Mamãe! – exclamou a pequena correndo para os braços de Bruna.

A efusiva menina estava pronta para receber seu caloroso abraço, mas Bruna, procurando libertar-se da tensão que havia sofrido, decidiu repreender a menina.

– Onde você estava? – segurando-a nos ombros, a perita inconscientemente chacoalhava seu corpinho.

– Mamãe? – um sentimento duvidoso preencheu o coração da pequena. As lembranças suplantadas de seu violento pai de repente retornaram. Um embate começou a se formar, mas sua consciência infantil não tinha poder para controlar as emoções negativas que surgiam como cascatas.

– Por que me deixou preocupada? – advertiu-a uma segunda vez.

Aquele foi o gatilho final.

– Dasha? – indagou a perita ao ver as pupilas da pequena dilatarem e tomarem quase por completo a íris de seus olhos.

Em um movimento veloz a menina agarrou a perita pelo pescoço. Bruna tentou reagir, forçando os braços da pequena. Ela não podia imaginar que braços tão finos podiam reter tanta energia a ponto de subjugar sua força.

– Não Dasha! – exclamou, perdendo sua voz.

Layla interveio agarrando os braços da menina, forçando-os para fora.

– Solte-a! – exclamou ela.

Sentindo a força de sua adversária que a impedia de arrancar a cabeça da perita, a jovem possuía de uma torção de pescoço encarando a gótica com olhos monstruosos. Na sequência, uma voz rouca e assustadora foi emitida daqueles lábios delicados.

– Pare!

– Não! – exclamou Layla.

Apesar da força que ela exercia de forma contrária, Dasha continuou irreduzível. A gótica sabia que se algo não fosse feito naquele momento, logo Bruna estaria morta.

– Eu disse para soltá-la! – repetiu a ordem com tom enfático. De repente suas pupilas dilataram, seus olhos se tornaram negros como a noite. Seu espírito tomou seu corpo e uma força sobrenatural catalisou as necessidades de seus músculos.

Aquele embate reverteu-se, e aos poucos, Layla arqueou os braços finos daquela menina.

Quando sentiu seu pescoço livre, Bruna caiu no chão respirando profundamente.

A luta entre aquelas macabras entidades mal havia começado. A pequena menina não era apenas forte, mas muito ágil. Ela girou o corpo e libertou-se das amarras que prendiam seus pulsos. Após uma ríspida arfada, como um gato arisco, pulou sobre o corpo da gótica. Ela mal teve tempo de desviar e foi atacada no braço esquerdo. A carne quase foi arrancada. Em resposta, Layla apertou o fino pescoço da menina, mas se conteve naquele momento. Ela sabia que não podia feri-la, pois Dasha era uma ferramenta indispensável para salvar Victor.

– Pegue a morfina, rápido Bruna – gritou, assentindo que aquela fosse a única forma de conter aquela menina.

Bruna rastejou até sua bolsa, ainda tonta. Quando abriu seu fecho, teve uma surpresa desagradável.

– Não! – exclamou, vendo as ampolas trincadas.

– O que aconteceu? – perguntou Layla.

– As ampolas, estão trincadas.

– Droga! – a insegurança tomou conta dela. – O que farei? – pensou quando uma segunda voz em seu interior lhe aconselhou: – *Me dê o controle. Eu aplacarei o espírito da menina.*

Sem escolhas ela obedeceu, fechou os olhos e respirou profundamente. A percepção do mundo à sua volta perdia sentido, enquanto uma segunda personalidade assumia o espaço vazio de sua consciência.

Quando ela voltou a abrir os olhos uma expressão tranquila e segura tomou sua face. Olhando para a menina que se alimentava de sua carne, ergueu o braço e tocou sua cabeça.

– *Daemon somnum... Daemon somnum... Daemon somnum...* – repetia Layla de forma ininterrupta enquanto Dasha continuava tentando arrancar a carne de seu braço.

Subitamente a menina começou a retorcer em espasmos. Sem hesitar, a gótica continuou seu mantra até que finalmente a selvagem garota caiu desmaiada.

– O que fez? – indagou Bruna.

Layla pegou a pequena no colo enquanto o ferimento em seu braço era regenerado.

– Vamos voltar para o hotel, acho que chega de diversão.

– Mas...

– Se demorar, serei eu a arrancar sua cabeça fora! – Layla virou-se com suas pupilas dilatadas.

Bruna balançou a cabeça e a seguiu, temerosa.

Através de sua intuição, ela percebeu que aquela linda menina de olhos verdes possuía um perturbador espírito que estava sendo alimentado pelo ódio de seu coração gótico.

Na escuridão dos becos londrinos, o assaltante com a mão fendida estendeu o amuleto para uma figura misteriosa.

– Vejo que a menina possui um ponto fraco.

XI
Possuídos

“Minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem de grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite.”

(Clarice Lispector)

Warwick, Inglaterra, 24 de Dezembro de 2009.

P róximo à cidade de Warwick, na autoestrada M40, Aaron, trajando elegantemente um *smoking*, guiava a Mercedes alugada naquela noite escura de inverno. Layla acompanhava-o no banco do carona com um pesado casaco sobre o corpo, enquanto Hanz e Bruna, com trajes formais, acolhiam Dasha no banco traseiro com seu belo casaco de plumas.

– Tem certeza de que Carlão ficará bem sozinho? – perguntou a perita.

– Claro! – exclamou o velho corvo.

No Hotel Cadogan, Carlão entrava no quarto carregando uma sacola.

– Aaron, levei um ‘caldo’, mas achei suas castanhas.

Ele jogou as chaves no descanso e guiou seus olhos para o cômodo vazio.

– Aaron? – indagou sem ter respostas.

No canto, ao lado da televisão, uma árvore de natal surpreendeu o marombado rapaz. Na base havia um presente surrado embrulhado com jornal e fita crepe.

– Que merda é essa?

Ele pegou o presente nas mãos. Sobre o embrulho, encontrou um envelope escrito: “*Para Carlão*”.

Ele abriu o envelope revelando um colorido cartão de natal com os personagens clássicos da animação: Sherek e o Burro.

– Que será que essa pomba rola está insinuando?

Ele abriu o cartão e leu os votos.

“Carlos, Feliz Natal. Deixei panetone de frutas na geladeira, espero que aproveite. A propósito, estamos seguindo para Warwick, não vá botar fogo no hotel, voltaremos amanhã. Beijinhos, Aaron.”

– Eu odeio panetone de frutas! – exclamou com o rosto torcido.

Ele desembalou o presente de forma desajeitada deparando-se com um velho modelo de despertador.

– Filho da...

Saindo da autoestrada, eles entraram no perímetro urbano da charmosa Warwick.

A capital do condado de Warwickshire, cujo nome foi recebido por sua antiga fortificação Warwick — moradas à beira da barragem —, é uma pequena cidade localizada a noroeste de Londres. Seu aspecto acolhedor, um ponto atrativo aos turistas, é devido à manutenção da velha cultura anglo-saxônica que se manteve firme em seus alicerces, nas ruas e prédios da região.

Em um curto traçado pela cidade eles alcançaram a base do castelo de Warwick, uma das mais belas e clássicas construções da Idade Média.

Aaron saiu da Mercedes torcendo seu pescoço.

– Friozinho congelante – disse ele com o vapor condensando-se de sua boca.

Bruna saiu do veículo segurando Dasha pela mão.

– Então, qual será o plano? – perguntou ela projetando seus braços sobre sua boneca ruiva toda encapotada.

– Seguirei adiante com Layla e Dasha, enquanto o casalzinho espera no carro – respondeu o velho corvo ajeitando seu *smoking*.

– Que plano é esse? Não gostei! Como levará a Dasha e nos deixará de fora?

– Aqui só entram possuídos e servos.

– Servos? – indagou Hanz do outro lado da Mercedes.

– Pessoas que servem aos antigos espíritos.

– Pera aí, você está dizendo que existem pessoas neste mundo que servem aos demônios?

– Isso não deveria ser uma surpresa.

– Mas, por que tem que levar a Dasha? – retrucou Bruna, incomodada em separar-se de sua pupila.

– Não sei o que encontraremos dentro do castelo, preciso de todas as ferramentas em mãos.

– Eu não gosto disso, mas vou concordar – a perita assentiu com relutância. – Por favor, cuide dela.

– Fique tranquila, Dasha é capaz de derrubar qualquer força presente neste castelo.

– Como?

– Voltaremos logo – Aaron acenou sem responder.

Com passos firmes eles subiram em direção ao portão.

– O que ele quis dizer? – perguntou Bruna guiando seus olhos intrigados para seu colega.

– Não tenho ideia – Hanz deu de ombros.

Assim que atravessaram os muros externos, no belo jardim o majestoso castelo podia ser visto apesar da noite escura e da névoa pesada.

O castelo de Warwick situa-se sobre a mais alta colina da região, onde suas muralhas em pedra ondulam seguindo o irregular terreno nos moldes dos castelos *motte-and-bailey*. Suas características arquitetônicas mesclam períodos diferentes, pois passou por várias reformas e ampliações em sua história. Seu lado no centro ao sul, próximo ao rio Avon, é rústico, enquanto a grande concha protetora com suas torres e a fachada do edifício datam de épocas posteriores com detalhes clássicos da baixa idade média.

No grande pátio, Aaron foi surpreendido pelas pessoas que circulavam com trajes estranhos, uma mistura exótica entre a moda *burlesca*^[1] e o *steampunk*^[2]. – Que merda é essa? – retrucou ele baixinho. Era um verdadeiro festival de grotescas e bizarras caracterizações do típico ambiente do circo dos horrores.

Para completar aquele clima macabro, a cada quinze metros havia um homem encapuzado segurando uma extensa vara. Na ponta, presa a um suporte, uma lâmpada a óleo iluminava o circuito por onde os personagens circulavam.

Eles cruzaram o pátio por entre as figuras daquela estranha confraternização. Olhos desconfiados despontavam de todos os lados. Formou-se um clima de tensão naquele momento. Aaron cumprimentava a todos com um sorriso torto, e meneios medidos de cabeça. Às vezes elogiava algumas peças. – Belo bico! – afirmou ele para o homem alto com traje médico típico da peste negra. – Acho que estamos por fora da moda – sussurrou para a gótica ao lado.

Quando chegaram à porta do castelo encontraram sua primeira barreira: um homem grande e pálido vestindo um manto negro.

Antes que Aaron lhe dirigisse a palavra, foi agarrado pelo colarinho.

– Por que está aqui? – perguntou o grandalhão, faiscando.

– Não está claro? – ironizou o velho corvo. – Feio e acompanhado dessas lindas damas, claro que sou um servo.

Com os olhos marcantes e negros, ele encarou Layla.

O espírito daquela perturbadora figura tentou acessar os pensamentos da gótica; esse era seu poder. Entretanto, apesar de perceber sua possessão demoníaca, ele era incapaz de compreender suas intenções.

– Quem é você? – perguntou de forma repreensível.

Layla fechou seus olhos e imediatamente a estranha figura arregalou-se. Sua face trêmula revelava um terrível pavor, apesar de sua pose petrificada. Aaron encarou-o perplexo, percebendo o sangue que escorria de sua narina.

Ele virou-se para a gótica com olhos espantados.

– Menina? – indagou ele, quando o grandalhão afirmou.

– Eles aguardam no grande salão.

Aaron voltou-se para a sinistra figura com um sorriso forçado. – Está certo – ele bateu no peito do grandão. – Pare de usar anabolizantes.

A estranha figura bufou.

Ao entrarem, foram recebidos por um homem baixo e calvo. Ele curvou-se e estendeu sua mão. Layla retirou seu casaco revelando um belo e sensual vestido preto, longo, aberto nas laterais. Seu desenho era moderno: as costas nuas e à frente um provocante decote em “V” que descia até o umbigo. Observando a gótica, Dasha imitou seus movimentos e retirou seu casaco exibindo um charmoso vestido crepe, longo e com tiras cruzadas.

O homem calvo pegou os casacos e retirou-se.

Eles seguiram pelos cômodos decorados com peças medievais proporcionando ao ambiente uma retrógrada passagem a uma época de cavaleiros e donzelas.

Alcançando o local que o grandão havia mencionado, Aaron deteve-se olhando atentamente para os presentes.

O salão possuía todo o *glamour* vitoriano, com suas curvas e o tom dourado que marcavam seu estilo no teto, móveis, lustres, cortinas e o grande tapete floral.

– É, parece que temos uma festinha com os membros da mais alta sociedade inglesa – afirmou Aaron, direcionando seu olhar para o salão onde casais dançavam e se tocavam de forma sensual. Ao fundo, o som ritmado de uma estranha melodia tomava o ambiente. A bizarra orquestra mesclava o guincho dissonante de cordas de violinos e o grave rufar de tímpanos dos grandes tambores.

– Todos possuídos – ressaltou Layla.

– Que espíritos nós temos aqui? – perguntou Aaron, direcionando-se à gótica.

– Umbres, Natoques, Nephias e Mephistos – respondeu ela.

– Nenhum servo?

– Ao lado de Balor, o homem ruivo, sentado ao centro.

– Balor? O guardião do fogo? – indagou com semblante interrogativo.

– A mulher ao seu lado é sua serva.

O velho corvo projetou seus olhos para o homem que sorria ao término da melodia. – O pior dos espíritos para negociarmos – arfou ele, seguindo em direção a seu alvo.

A figura, um corpulento e maduro homem de queixo reto, encarou-o ao aproximar-se. Ele vestia um grosso manto rubro e se ostentava em seu trono com uma dourada coroa na cabeça.

– Balor, temos assunto a tratar – afirmou Aaron à sua frente.

– Quem és tu para te direcionares a mim, servo? – indagou o ruivo de forma a intimidar.

– Meu nome é Joel.

Balor encarou a gótica com olhos maliciosos.

– Joel... deveria te esfolar por essa intromissão, mas lhe darei a alforria com esse belo presente que me trouxeste. Por favor, sente-se e beba

conosco.

– Você não pode me ter – Layla retrucou, prevendo as intenções libidinosas do ruivo.

Rindo, ele direcionou-se à mulher ao seu lado.

– Traga-me as bebidas.

A mulher, que vestia um corpete e uma saia aberta na frente, curvou-se. Na mesa, encheu quatro taças de uma bebida vermelho-escuro, semelhante ao vinho. Colocando-as sobre uma bandeja de prata, ela retornou aos convidados.

– Sirvam-se – afirmou Balor com um gesto de mão.

Layla e Dasha pegaram suas taças, entretanto, Aaron, sentindo o odor, recusou-se.

– Não vai experimentar, servo? – perguntou o ruivo.

– Não, meu nutricionista tirou o sangue de boi do cardápio, ele disse que tem muito colesterol – respondeu ele, seguido de um sorriso torto e forçado.

Com riso bonachão, Balor tomou o sangue com um só gole. Sem intimidar pela prepotente figura, Layla o encarou e repetiu seu gesto. Aaron virou seus olhos indagados para ela. Sabendo que a menina era vegetariana, duvidou naquele momento de seu real controle.

Balor levantou-se e, ignorando Aaron, seguiu em direção à gótica.

– És latina, sinto o sangue arder em sua carne – Layla permaneceu muda. – Venha deitar-se comigo e aplacarei o fogo do seu corpo – com suas narinas ele cheirou o perfume que exalava da pele morena e juvenil.

As pupilas da gótica dilataram-se e de forma ágil, sua mão esquerda agarrou o pescoço de Balor.

– Esse corpo pertence a um único coração, e eu quero-o de volta – a expressão voraz era ressaltada pelos olhos negros.

– És uma controladora? – indagou ele com a voz sufocada, sentindo a brutal força da mão que o apertava.

– Não imagina com quem está lidando.

O ruivo arregalou-se com olhos enfurecidos. Após um grito raivoso, ele pegou a mão que o estrangulava e a apertou sufocando suas falanges. Layla encarou as veias palpitantes de seu adversário que pareciam eclodir com o aumento da pressão. Quando ela exibiu sua face duvidosa, Balor contra-atacou. Com sua mão esquerda, alavancou seu pesado braço

contra a face da menina. O poderoso golpe lançou-a em um rodopio completo em seu eixo, projetando-a a metros pelo salão.

– Layla! – gritou Dasha.

Aaron a segurou pelo ombro.

– Calma Dasha, ela sabe o que faz.

Sentindo seu pescoço dolorido, Balor colocou a mão massageando os músculos.

– Controladora, teu espírito é poderoso, mas sou um príncipe entre os caídos – ele fez uma pausa. – Ainda será grata por te manter viva. Seu corpo esta noite será meu, depois, irei destrincha-lo com minhas próprias mãos.

Com passos medidos, ele se aproximou da gótica que permanecia inerte no piso gelado. Agachando-se, ele agarrou os cabelos da indefesa menina e puxou sua cabeça com violência. – És minha! – com o dedo, seguiu o trajeto do sangue que escorria da boca de Layla.

Ele mantinha sua face prepotente até que seus olhos foram surpreendidos pelo crucifixo em sua carne.

– Uma cruz? – ele curvou suas sobrelhas e tentou acessá-la. – Quem és tu? – indagou, após sua tentativa frustrada de conexão.

Layla ergueu seus olhos.

Balor a encarou: o profundo machucado de sua boca que sangrava, agora desaparecia. Admirado, ele recuou.

– Que tipo de espírito tu és para realizar esse milagre?

A gótica, inexpressiva, levantou-se colocando a mão em seu machucado recém-curado.

– Você não deveria ter feito isso.

– O que está acontecendo? Por que não posso acessar sua mente? – indagou irado.

– Você não pode, mas eu... – suas órbitas foram tomadas.

Balor olhou para os presentes tentando encontrar respostas, mas os espíritos no grande salão estavam tão confusos quanto ele.

Layla sorriu. – Seu maldito! Você já amou na vida.

– O quê? – indagou Balor quando percebeu uma fina poeira que caía no salão. Os presentes foram desmaterializados em pó, com exceção de Layla que se manteve em seu vestido, e Balor que, com dores terríveis, alterava sua carne e seus trajés. Contorcendo-se, sua imagem

gradativamente ganhava outra forma: um homem loiro, com cabelos compridos e trajes do século XVI.

Parado e caído ao chão, ele presenciou o salão mudar de forma. As paredes se desmontavam, deformavam e mudavam sua coloração gradativamente.

– Não, controladores não podem manipular! – exclamou com cara de espanto.

Quando a estrutura tomou sua nova forma, Layla perguntou:

– Lembra-se deste lugar?

A nova estrutura era fria e sombria, mas Balor o reconheceu; o velho cárcere onde os corpos eram condenados.

– A torre de Londres! – exclamou perplexo quando foi surpreendido pelo carrasco que entrava pela porta com seu manto escuro e o capuz na cabeça. Na mão, ele carregava o machado que devido à ocasião, passou limpando-o durante aquela noite.

– Não... não! – ele parecia amargurado seguindo aquela figura perturbadora pronta para a execução.

O carrasco passou por Layla sem notá-la e seguiu para torre onde o bispo fazia a unção a uma jovem. Na ocasião, ela usava um lindo vestido branco rendado, com mangas longas, barras bordadas e saia de fios de prata que seguiam até o chão.

– Você a abandonou – disse a gótica olhando para a cena.

Em lágrimas, ele caiu de joelhos.

– Eu não pretendia...

– Pobre garota.

– Desculpe-me Joana.

Sentimentos conflitantes perturbavam aquele espírito que no passado havia assumido uma posição que levou a mente de seu hospedeiro à loucura.

– Joana Grey, rainha da Inglaterra. Ela tinha apenas dezesseis anos e você permitiu que fosse executada.

– Eu não podia ajudá-la.

– Joana reinou por nove dias e foi traída por todos aqueles a quem mais estimava.

– Ela era uma menina cheia de vida, mas Filipe via o perigo em sua impetuosa juventude.

Layla rangeu seus dentes, pois sabia que este era neto de Joana, "a Louca" e Filipe "o Belo"; e conectada, compreendia toda a sequência de eventos e seus pretensiosos 'Algoritmos Sagrados'. Uma maldição que sempre terminava de forma trágica, assim como sua vida.

– Demônios não discernem e não descansam, seja dia, seja noite.

O carrasco vendou os olhos da jovem que se mantinha firme. Debruçando-a sobre a base de carvalho, o bispo pronunciou suas últimas palavras.

O machado foi levantado no ar.

– Não, por favor, não posso suportar vê-la morrer novamente! – Podia-se sentir a aflição em seus olhos.

O golpe foi desferido e a cabeça da pobre garota rolou até seus joelhos.

– Feito – finalizou Layla.

As paredes voltaram à sua estrutura original e os presentes naquele grande salão foram materializados no cenário. A conexão havia se encerado.

Aaron olhou para Balor que de forma inexplicável, estava de joelhos em lágrimas. Pasma, ele confirmou seus temidos pensamentos. – Ela conectou-se – sussurrou, compreendendo o estranho desfecho daquele embate.

Aquele velho corvo sabia que uma conexão colocava o controlador mais próximo da intimidade do mal, entretanto, até aquele momento, não passava em sua mente que a gótica podia manipular o próprio inferno.

Layla aproximou-se calmamente de Balor.

– Agora sei o motivo de ter escolhido este castelo, ainda tem recordações de sua amada – disse ela para o homem que permanecia lamentoso, lavando o chão com suas lágrimas.

– Diga, o que queres? – retrucou o ruivo com tom revoltado em sua voz.

– Quero a chave do Hellfire.

– Gabrielle, entregue o que ela quer.

– Mas, meu senhor? – indagou a serva ao lado, sem entender a cena, pois com exceção de Aaron, ela era a única no salão que não estava possuída.

– Já disse, entregue o que ela quer – aumentou seu tom.

Layla olhou para o rosto de Gabrielle e notou sua semelhança com Joana Grey.

A jovem retirou de seu pescoço uma corrente presa a um redondo objeto. Aproximando-se, entregou-o nas mãos de Layla.

– Procure pelo Colecionador em Whitechapel, e entregue este objeto em suas mãos. – Layla olhou para o objeto: um velho astrolábio de bronze. – Ele lhe dará a chave para o coração perdido.

Balor bufou:

– Agora saia, e nunca mais apareça diante de mim.

Layla o encarou.

– Se diz a verdade, nunca verá minha face novamente, mas, se estiver mentindo, voltarei e levarei você e sua legião ao tormento – olhos enfáticos ardiam em fúria.

Sem aviso, do lado de fora se escutou um tumulto. Todos no salão ficaram alarmados com os gritos que se seguiam um atrás do outro. O barulho era perturbador, como se uma guerra estivesse sendo travada no pátio do castelo.

– Quem ousa tratar meus servos com descaso? – indagou Balor.

Houve um silêncio sufocante, todos pararam esperando a sequência do evento.

– Temos que sair daqui! – exclamou Aaron pegando nas mãos de Layla e Dasha.

As portas do salão foram escancaradas.

De forma sincronizada, doze homens semelhantes entraram no recinto com suas grossas malhas de cetim e a longa capa com a cruz da Ordem de Cristo.

Erick seguia comandando a formação segurando seu bastão, a cruz celta de ferro.

– Balor, você foi julgado pelo conselho e condenado ao exílio – sentenciou Erick no centro do salão batendo seu cajado no chão.

– Quem és tu para vir aqui e me condenar?

– Meu nome é Erick, o *Primicerius* dos doze homens de Alexandre.

O ruivo fez cara de nojo.

– Não vejo um único homem entre os doze.

O *Primicerius* levantou seu cajado pronto a executar sua sentença, entretanto seus olhos em fúria guiaram-no aos passivos verdes olhos de Layla. Erick permaneceu parado encarando a jovem menina. Um momento de solenidade se estendeu. – Finalmente! – exclamou em um sussurro gutural. Sem aviso, desviou de seu alvo e correu em ira em direção à garota.

– Corre Layla! – exclamou Aaron, percebendo o perigo que galgava a passos largos com seu cajado à mão.

Mas Layla nem se mexeu.

– Tenho contas a tratar – afirmou ela com tom sereno.

Aaron franziu. – Contas?

A formação de Erick partiu com gritos de guerra, iniciando uma batalha feroz contra Balor e sua elite, os pilares de Hellfire, guerreiros com talento no manuseio do sabre.

Zac, seu braço direito, percebeu a súbita retirada do líder na formação.

– Erick, o que estás fazendo? – gritou ele, enquanto lutava com adagas nas mãos.

Ignorando-o, Erick acelerou. – Você é minha, demônio! – com o cajado nas mãos, ele projetou-se contra o corpo de Layla.

Com as pupilas dilatadas e seu semblante inexpressivo, ela esquivou-se do primeiro golpe. A persistência de seu combatente era evidente, sua intenção era matá-la. Um embate feroz se iniciou onde o sangue seria jorrado.

Aaron apenas observava a luta à distância, enquanto Dasha acuou-se no canto.

Erick estava implacável tentando ferir sua adversária, mas Layla se movia com a desenvoltura assertiva de um beija-flor, esquivando-se e se defendendo sem tirar os olhos da arma que tentava lhe furar. A luta entre os dois era um espetáculo que mesclava um balé de estilos: o *Primicerius* executava movimentos habilidosos com seu cajado enquanto a gótica, usando apenas as mãos, aparava e saltava com a graciosidade do *Wing Chun*^[3], habilidades que apenas seu interior conhecia.

Após várias tentativas frustradas, Erick parou. O pesado cajado era uma poderosa arma para ataques fulminantes, mas consumia suas energias rapidamente. Apoiando-se na haste de metal ele respirou profundamente.

– Minha família esteve te caçando por anos seu monstro, mas hoje, em nome de Nicolas Van der Hell, te exilarei Grigoriy.

Erick regressou ao combate, e usando sua arma, iniciou uma sequência de movimentos rápidos. A lâmina girava no ar; o reflexo da bruxuleante luz dos castiçais oscilava no metal a cada volta. Layla se conteve por um segundo; um luxo temporário, um erro que ela não poderia cometer. O *Primicerius* continuou em sua inércia, e com determinação implacável, cortou a face da menina.

Ele parou, exibindo seu rosto de satisfação.

– Eu vou te matar demônio!

A gótica tocou seu ferimento com os dedos e lambeu seu sangue.

– Acha mesmo que pode me matar com isso? – indagou ela, com seus olhos focados no bastão.

– Sim, pois deve se lembrar desta arma; no passado, meu avô esteve a ponto de te matar com ela.

Layla riu enquanto seu ferimento era curado.

Curvando-se, ela tirou seus sapatos de salto sem tocá-los e rasgou a lateral de seu vestido.

– Prove-me – disse ela, chamando-o com a mão.

Aquela ousadia inflamou as intenções de Erick que, sem pensar nas consequências, avançou com imprudência, tentando acertá-la com golpes de ponta. Com um sorriso malicioso, a gótica continuou aquele embate como uma gata que brincava com seu rato. O *Primicerius*, esfolado, continuou sem perceber seu esgotamento. No decorrer, a cada novo golpe a menina com seus pés nus retribuía com um contragolpe. Ele recuava a cada choque, mas se projetava novamente em ira sem nenhuma avaliação tática.

Sentindo seus músculos dormentes, ele esbravejou.

– Onde aprendeu esta habilidade maldito?

– Habilidade? Lembre-se desse nome: Layla Aina.

Com seu rosto enfezado, ele lançou seu cajado com fúria. – Seu maldito! – mas a jovem menina antecipou-se. Junto ao corpo de Erick ela agarrou o cajado e girou seu próprio corpo, alavancando-se e arrancando a arma do poder de seu adversário. Ainda em movimento, projetou-se em seu eixo em um círculo perfeito e, sem piedade, acertou o *Primicerius* com seu próprio instrumento. Erick gritou de dor quando suas costelas foram quebradas pela pesada cruz de metal.

Ele caiu de joelhos e tombou ao chão.

Layla aproximou-se.

– Você não é nem a metade do homem que foi seu avô.

Erick virou-se para Layla com uma de suas mãos nas costelas.

– Não me subestime, pois tenho algo que meu avô não possuía.

– E o que pode ser?

– Tecnologia – de trás do mando ele sacou uma pistola e disparou um dardo acertando Layla no peito.

Ela desceu seus olhos para o dardo e imediatamente suas pupilas voltaram ao normal. Uma sensação estranha tomou seu corpo e caiu de joelhos acometida por uma forte tontura.

– Droga! – exclamou Aaron vendo a situação se revertendo.

Apoiado em seu cajado, Erick levantou-se.

– Agora não parece tão ameaçador, demônio.

A poucos metros, Aaron gritou:

– Dasha, Layla precisa de ajuda!

A pequena, que permaneceu toda luta acuada no canto do grande salão, levou seus olhos para a gótica que, de joelhos, corria um grande perigo.

– Dasha! – gritou Aaron.

Exibindo seu rosto aflito, a menina desmaiou.

Aaron sorriu. – Isso garota!

Erick aproximou-se e em lágrimas, ergueu seu cajado com a ponta voltada para a indefesa garota no chão.

– Finalmente irei vigar-te meu avô.

Pronto para dar o golpe fatal, o *Primicerius* foi ferido no ombro pela adaga de seu companheiro.

– Vem, seu garoto de merda. Quer machucar essa menina? Vai ter que me machucar primeiro – disse seu velho escudeiro com a adaga em mãos.

– Zac? – indagou Erick sem entender o motivo de seu velho amigo estar segurando o punhal contra sua pessoa.

Focados como adversários ambos se analisavam prontos para iniciarem o combate.

Aaron aproveitou a situação e segurou Layla pelo braço.

– Vamos garota, agora é hora de ir.

A gótica levantou-se ainda tonta e seguiu seu mentor. Aaron agarrou o corpo de Dasha e correu para fora do castelo. Com passos firmes, atravessaram o jardim alcançando a Mercedes que aguardava na base do castelo.

– Hora de partir! – alarmou Aaron, dirigindo-se a Hanz que estava no volante.

– O que aconteceu? – perguntou Bruna vendo Dasha desmaiada.

– Contratemos... Doze contratemos na verdade.

Eles entraram no carro e seguiram.

Na saída de Warwick, Dasha acordou.

– Você está bem Dasha? – perguntou Bruna no banco da frente.

Dasha olhou para ela.

– Sim, estou ‘mami’.

– Você foi grande minha menina – Aaron a beijou na testa encorajando seu ato de bravura.

– Os homens malvados vão vir atrás da Layla – completou a pequena.

– Droga! – esbravejou o velho corvo.

– Quem está atrás da Layla? – perguntou Bruna.

– Os doze discípulos de Alexandre – respondeu Aaron.

– Que Alexandre?

– Alexandre, o Grande.

– Quê? Alexandre, o Grande? – indagou Hanz.

– Tem eco aqui? – perguntou Aaron olhando para o teto.

– Alexandre, o Grande, já morreu há muito tempo.

– Realmente. Entretanto, mesmo após sua morte, esse ícone da história deixou seus comandantes que ao longo dos séculos viajaram pelo mundo julgando e condenando demônios.

– Como assim? – o mergulhador o encarou pelo retrovisor.

– Alexandre era um homem incapaz de cometer o erro...

– Incapaz de cometer o erro? – interrompeu ele.

– Eco... Eco...

– Responda a minha pergunta! – exclamou Hanz enervado, tenso pelo momento.

– Depois que assumiu o trono, conquistou inúmeros territórios e formou um dos maiores impérios já presenciados na história.

- Isso não indica que ele era incapaz de cometer o erro.
- Sabe quantas derrotas Alexandre sofreu durante as várias campanhas?
- Não tenho ideia.
- Nenhuma.
- Como assim nenhuma? Isso é impossível!
- Alexandre conhecia as forças que o impediam de cometer o erro e sabia que sua vida corria grandes riscos. Por isso, escolheu doze homens, assim como Cristo Jesus faria um dia. Esses eram os discípulos de Alexandre.
- Mas, qual era o propósito?
- Eram homens treinados, com habilidades únicas em caçar demônios.
- Espere aí, está me dizendo que Alexandre, o Grande, sabia da existência de demônios?
- Sim, ele não temia a lâmina nem a ponta afiada das lanças, pois nunca foi ferido, nem um único arranhão. Mas seu coração era aplacado pelo medo das criaturas do mal. Apesar das conquistas, seu maior desejo era alcançar os longos anos de vida, e para isso, contava com seus discípulos.
- Funcionou?
- Não. Alexandre, o Grande veio a falecer de uma doença misteriosa, algo inusitado para um homem que nunca se feriu.
- Mas, se Alexandre morreu há séculos, por que esses ainda continuam com essa insanidade?
- Com a morte de seu grande comandante, um entre os doze decidiu continuar os trabalhos em nome da justiça e tornou-se assim o *Primicerius*, o líder que nas gerações posteriores viria a comandar a família Van der Hell.
- Van der Hell? Esse nome é familiar.
- Van Helsing, o famoso personagem caçador de vampiros criado por Bram Stoker.
- Você não está dizendo que a história de Drácula é verdadeira?
- Tudo que Bram Stoker criou foi inspirado em mitos e lendas regionais, porém, como sempre digo, todo mito tem algo de verdadeiro em sua história.

– Certo, mas como essa família continua caçando vampiros, ou na verdade, demônios, até hoje?

– Nos países nórdicos nascia um menino de pele e olhos claros como o céu. Esse era levado para a província romana da Mésia, região da atual Sérvia e treinado desde pequeno nas artes que o transformariam em um discípulo de Alexandre. Completando dezesseis anos, ele era iniciado na família Van der Hell. Desta forma, gerações foram criadas; quando um discípulo morria, ele era substituído.

– Mas, como sobreviveram durante tantos anos sem ao menos serem notados?

– Astúcia e grande influência.

Pelo retrovisor, Hanz avistou uma luz.

– Alguém se aproxima.

– São os malvados – afirmou Dasha.

Aaron olhou para trás.

– Vão nos alcançar.

– Pare o carro, eu cuidarei deles – disse Layla.

– Não Layla, você não escutou o que Aaron disse? Esses homens são perigosos – contestou Bruna.

– Eu já disse, pare o carro!

Hanz virou-se olhando para o rosto de Aaron que confirmou balançando sua cabeça.

A Mercedes foi freada e a gótica saiu do veículo.

– Cuide-se menina – disse o velho corvo se despedindo.

– Pegue a chave por mim. – Layla entregou o astrolábio nas mãos de Aaron.

O carro partiu deixando uma poeira que se mesclou na névoa ondulante. A gótica virou sua face para a luz que se aproximava e faiscava nas partículas do ar. Seus olhos estavam convictos, aquele conflito teria que terminar ali, e naquele momento.

Dentro do veículo o pânico tomou conta da perita:

– Como pôde deixá-la sozinha?

– Grigoriy Yefimovich está no controle – respondeu Aaron. – Um espírito capaz de suportar todos os ferimentos, preso a um corpo capaz de suportar todas as dores.

Os olhos de Bruna se voltaram para a perdida menina no meio da estrada enquanto o carro se distanciava.

– Não!

Zac dirigia um Bentley Continental GT, enquanto Erick costurava o ferimento em seu ombro.

– Desculpe Erick, mas não tinha controle algum – afirmou Zac encarando o ferimento do amigo.

– Eu sei Zac – respondeu Erick.

– Como isso é possível? Fomos treinados, disseram que nossos corpos eram imunes às possessões.

– Esses espíritos são diferentes, não seguem as regras.

Zac apertou os olhos vendo alguém na pista.

Quando estava para acionar os freios, Erick pisou no acelerador.

– Não pare! – exclamou ele olhando fixo para a menina que continuava parada na pista.

O Bentley acelerou acertando Layla na altura das pernas. Seu corpo contorceu projetando-se por cima da carroceria e caindo na estrada.

– O que fez? – indagou Zac pisando nos freios.

Sem resposta o *Primicerius* saiu do carro, pegou seu bastão e com passos apressados, foi em direção ao corpo desmantelado da menina.

Ele projetou seu bastão para dar seu golpe, o suplício que de alguma forma resgataria a honra de sua família. – Morra! – O cajado projetou-se perigosamente. Layla teria sua desejada morte. Entretanto, o trajeto daquela arma foi desviado no último segundo.

– O que está fazendo? Não vê que o corpo da menina está destruído? – retrucou Zac ao seu lado.

Arregalando seus olhos, Erick encarou seu amigo. Um grito furioso ecoou naquele campo. – Ah! – O corpo de Zac foi lançado em direção ao veículo, chocando-se contra o porta-malas. O *Primicerius* encarou seu amigo rolar desmaiado no chão. Ele virou-se com o cajado nas mãos.

– Maldita! – exclamou ele, frustrado por ter chegado tão perto de seus objetivos.

Layla moveu-se para o lado, e com a perna, derrubou-o com um golpe rasteiro.

Erick ainda tentou recuperar-se, mas Layla arrancou seu cajado e com a ponta do pé pressionou sua garganta.

– Quem está por cima agora? – perguntou ela.

– Vai, anda-te demônio, me mate logo e pare de me humilhar – bradou Erick, mostrando seus dentes em fúria.

– Você tem herdeiros?

– Não demônio.

– Então viva para escolher seu caminho. – Layla levantou a cruz e desferiu um golpe em sua cabeça, deixando-o inconsciente.

Ela olhou para a cruz celta de ferro e lançou o bastão contra o corpo desfalecido de Erick.

– Feliz Natal, demônio!

[Retornar ao sumário](#)

XII O Colecionador

“A chave da felicidade não abre portas, mas
sim corações.”

(Marcia Esteves)

Whitechapel, Inglaterra, 25 de Dezembro de 2009.

Debruçado em sua bancada e sob a luz difusa do abajur, um velho senhor trabalhava nas engrenagens de um relógio de bolso russo feito em madeira, do século XIV.

O escritório onde trabalhava estava repleto de antiguidades: relógios, bússolas, sextantes, telefones, máquinas de escrever e rádios.

Ajeitando o foco e apertando seus óculos de aros redondos contra o rosto, posicionou com a pinça a última engrenagem. Fechou o tampo, deu corda e levou-o ao seu ouvido. Ele sorriu escutando o ritmado som das engrenagens. Levantando-se, foi à janela e abriu as cortinas. De repente, no primeiro andar, escutou o estalo na porta. Aflito, ele pegou um envelope em cima de sua bancada e escondeu-o em baixo de um baú de jacarandá. Atento, correu para o corredor e puxou uma corda que se estendia até uma portinhola no teto. Através do alçapão desceu uma escada permitindo acesso ao forro.

Ele subiu os degraus. Quando alcançou o topo, debruçado na viga de madeira, puxou a escada fechando em seguida o alçapão.

Apoiado sobre as traves do forro, ele engatinhou entre caixas de ferragens do século XVII. Havia dobradiças, ferrolhos, fechaduras e chaves antigas.

Abaixo, ele escutou passos. Com muita cautela, aproximou-se de uma fresta na madeira e olhou para o escritório. Suas pupilas dilataram em

um estado de frenesi. A três metros abaixo de onde estava, uma estranha figura usando um longo manto com capuz conferia seu espaço de trabalho. O coração daquele engenhoso homem pareceu receber um choque quando reparou nas mãos sem pele, segurando duas foices de cabo curto. Sua mandíbula começou a chocar-se com os espasmos dos músculos da face. Ele procurou se concentrar, mentalizando as engrenagens de seu velho relógio. Seus dentes pararam de bater feito martelo. De repente a estranha figura levantou sua face encarando-o. Um arrepio subiu por sua coluna: não havia pele em sua carne.

Com o susto, esbarrou em uma caixa de chaves fazendo com que parte delas caísse sobre o assoalho de madeira. Ele virou-se com o rosto torcido, observando as ferragens enferrujadas. Apreensivo, voltou a olhar pela fresta, mas a figura havia desaparecido. Avassalado pelo medo, seu corpo petrificou. Seu coração acelerou a uma velocidade que lhe fez imaginar uma parada cardíaca. A pele de seu rosto abriu seus poros e começou a gotejar. Ele engatinhou pelo forro tentando pelas falhas das frestas encontrar aquele monstro nos cômodos. Nada foi achado. Pingando, entorpecido pela adrenalina, parou e posicionou seus ouvidos: apenas o silêncio. Ele tirou um lenço do bolso e limpou seu suor. Movendo-se lentamente, voltou a olhar pela antiga fresta quando escutou uma respiração profunda pelas costas. Seus olhos esbugalharam e repentinamente veio uma dor aguda. Suas unhas cravaram na madeira e o velho engenhoso gritou de dor. Seguiu-se o som do metal perfurando a carne. Seu sangue se esparramou pelo assoalho e, estirado, veio finalmente a completar a temida parada em seu coração.

A estranha figura virou o desfalecido. Aproximando-se de sua face, apertou com os dedos o rubro rosto que se dobrou criando rugas. Com a ponta de sua foice penetrou a pele, cortando-a cirurgicamente. Com mãos firmes, a lâmina seguia retilínea, descolando a superfície cutânea como um pedaço de mortadela. Quando terminou o procedimento, escutou alguém bater à porta. Ela conteve-se, levantando os olhos sem pálpebras.

Na rua, Aaron acompanhado de Hanz e Carlão batiam.

Com um último e possante toque, a porta abriu-se levemente. O velho corvo arqueou-se com atitude desconfiada. Colocando sua mão na fechadura, ele percebeu que havia sido arrombada.

Olhando para seus companheiros, apontou para a fechadura danificada. Em seguida, levou seu dedo indicador à boca, pedindo silêncio. Aaron apoiou sua mão na porta e empurrou-a lentamente. Com passos cautelosos, seguiram subindo as escadas. No segundo andar, percorreram os cômodos; o espaço estava vazio.

– Não há ninguém! – afirmou Hanz.

Aaron levantou suas narinas sentindo um desagradável cheiro.

– Certo, vamos revistar o local. Tragam-me qualquer coisa que seja parecida com uma chave.

No escritório eles puxavam gavetas e abriam os armários.

Em cima da bancada o mergulhador encontrou um porta-retratos.

– O Colecionador – afirmou ele, olhando para o velho, que na foto exibia suas coleções.

Aaron, ao lado, pegou o porta-retratos, entretanto seus olhos foram guiados para uma carta de tarô que estava oculta atrás. Ele olhou fixo para a carta onde duas moedas de prata de D.Afonso VI repousavam sobre a face.

Colocando a moldura de volta, pegou a carta deixando as moedas sobre a bancada.

– O Ceifador – disse ele baixinho olhando para a carta onde na figura o esqueleto carregava sua foice.

Apreensivo, pegou uma das moedas e lançou-a. Com a mão direita agarrou-a no ar e projetou contra o dorso de sua mão esquerda. Em seguida conferiu seu resultado: cara ou coroa.

– O que está fazendo? – indagou Hanz, percebendo a cena atípica.

Aaron permaneceu calado, até que em seu décimo lançamento, a moeda caiu no chão. Ele seguiu-a, girando no piso, até que rodopiou e parou embaixo do baú de jacarandá.

Ele agachou-se e colocou sua mão embaixo do baú. Sentindo uma textura áspera, puxou o envelope sobre o qual a moeda havia repousado.

– O que temos aqui? – indagou, levantando-se.

Ele colocou as moedas no bolso do casaco.

Abrindo o envelope, puxou uma fotografia.

Na imagem desfocada havia uma parede de tijolos. No centro, uma cruz esculpida na horizontal com uma foice no final.

– A cruz da confusão – Aaron apertou seus olhos tentando definir os detalhes quando uma gota vermelha caiu sobre a fotografia.

Tenso, ele levantou sua face lentamente projetando seus olhos para o forro. Ele foi surpreendido pelo sangue, que do teto começava a gotejar pelas frestas da madeira.

– Vamos sair daqui! – exclamou ele.

– Mas não encontramos a chave! – exclamou Hanz.

– Não hesite, faça o que eu digo – completou o velho corvo com os olhos alarmados.

Eles desceram as escadas e pela porta, tomaram à rua.

– O que aconteceu? – perguntou o mergulhador impaciente.

Aaron encarava as pessoas nas ruas de Whitechapel.

– O Colecionador está morto.

– Como você sabe?

Entrando em um beco, ele parou. Com os olhos atentos, fiscalizou o perímetro.

– Havia sangue fresco no forro.

– Ele poderia estar vivo! – exclamou Hanz.

– A morte sempre completa o seu serviço.

– Como?

Sem respondê-lo, Aaron com o envelope em mãos puxou a fotografia desfocada.

Ele parou fixo, tentando encontrar alguma pista da localização daquela imagem. Entretanto, após segundos analisando, sua mente vagava sem respostas.

– Como localizar um tijolo perdido pelo mundo? – perguntou-se levantando seus olhos para o espaço.

– Com um bom GPS – respondeu Carlão.

– GPS? – Aaron curvou suas sobrancelhas, seguido de olhos arregalados. – Claro, GPS!

Ele tirou do bolso o astrolábio e examinou suas peças. Com o dedo, tentou mover os ponteiros, mas percebeu que estavam presos. Olhando para o centro, notou que as peças estavam oxidadas, parecia proposital.

– O que está procurando? – perguntou Hanz.

– Sabe o que é isto? – perguntou Aaron mostrando-lhe o objeto.

– Um astrolábio, uma ferramenta usada pelos antigos navegantes para localizar a latitude através da angular do sol ou das estrelas. Alguns

modelos possuíam um relógio no dorso, por onde era possível também calcular a longitude.

– Impressionante.

– Foi meu projeto da sexta série.

– Sabe usá-lo?

– Sim.

– Ótimo. – Aaron lançou o astrolábio em sua mão. – As setas estão travadas, preciso saber a latitude e longitude destas observações.

Hanz observou o astrolábio nas mãos e apesar dos estranhos símbolos, ele sabia como usá-lo. Retirando seu Iphone do bolso, iniciou uma sequência de cálculos com os dados colhidos.

– 51.5164, -0.0713 – respondeu ele.

– Próximo a Greenwich – afirmou o velho corvo, reconhecendo o marco zero da famosa linha de Greenwich.

– Na verdade... – Hanz em seu Iphone acessou o *Google Maps* e digitando a latitude e longitude no endereço, encontrou o ponto exato. – Whitechapel, *Gunthorpe street*, podemos ir a pé – disse o mergulhador sorrindo animado com a possível caça ao tesouro.

– Certo, vamos lá.

– Aqui em Londres tem espetinhos? – perguntou Carlão.

– Não! – respondeu Aaron e Hanz sincronizados.

– Acho que na verdade vocês querem me matar de fome.

Pelas ruas de Whitechapel eles seguiram um curto caminho, sentido norte.

Whitechapel é um distrito multiétnico. Nas ruas percebia-se a diversidade cultural, na grande maioria asiática, onde a comunidade islâmica predominava. No passado foi famoso, onde o assassino em série Jack o Estripador escolhia suas vítimas.

Em frente à galeria de Whitechapel, Hanz permaneceu parado, perdido, conferindo o mapa no *display*.

– O que foi? – perguntou Aaron.

– Por aqui deveria haver uma rua.

Eles seguiram pela calçada quando o mergulhador, olhando o mapa, parou entre dois edifícios. Através de um arco, um estreito beco seguia cruzando os prédios.

– Não é uma rua, e sim um beco – concluiu ele.

Com os olhos atentos, entraram no beco.

Havia certo desconforto naquele local, onde entre as velhas e estreitas paredes de um passado distante, mantinha-se um silêncio perturbador. Era um contraste para quem estava acostumado com os diversos sons da miscigenação das ruas de Londres.

Aaron seguiu olhando as paredes daquelas antigas construções que sobreviveram através dos tempos e da guerra.

Sem encontrar a marca, Aaron puxou a foto do envelope.

– Não será fácil!

– Essa é a chave? – perguntou Hanz, aproximando-se.

– Um tijolo entre milhares – afirmou o velho corvo, percebendo que os edifícios em Whitechapel mantinham um padrão bem peculiar, os tijolos à vista em todas as paredes externas.

Hanz pegou a fotografia das mãos de Aaron e examinou-a cuidadosamente. Apesar de estar desfocada, ele percebeu certas características que escaparam da avaliação do velho corvo.

– Não são tijolos comuns, são de terracota.

– Todos os tijolos à nossa volta são de terracota – confrontou Aaron estendendo os braços.

– Sim, mas estes foram submetidos à alta temperatura. Sua cerâmica é mais lisa e menos porosa. São tijolos feitos para aguentar calor, umidade e ataques químicos.

– Calor, umidade e ataques químicos – disse Aaron baixinho quando levou seus olhos para o chão. – Claro, não estamos no lugar certo!

– Como assim, eu conferi a latitude e longitude!

– Sim, mas não a altitude.

– Como?

– Em 1850, Londres era aplacada pela cólera. Apesar do conhecimento microbiológico da época ser precário, acreditava-se que a causa era sanitária. A solução era simples: jogar os dejetos humanos no rio, mas sua aplicação era um grande desafio. O projeto foi encabeçado por Joseph Bazalgette, um notável engenheiro que teve a brilhante ideia de criar um sistema de esgotos, algo único para a época. A magnitude dessa construção poderia ser comparada a uma das sete maravilhas do mundo se não fosse um esgoto, é claro.

Hanz olhou para a extensão da rua que formava o beco.

– Há uma tampa de bueiro, mas ela é muito estreita.

Aaron olhou para os prédios em volta.

– Na revolução industrial algumas empresas possuíam um tanque por onde eram despejados seus dejetos. Acredito que... – ao lado, havia um velho edifício, e na janela, Aaron forçou-a. – Possamos acessar o esgoto por ele. – Com um abafado som, a janela se abriu.

Aaron entrou pela abertura que acessava um grande galpão abandonado.

– Podem vir – afirmou ele com a reflexão das ondas sonoras que no ambiente repetia sua frase com um tom fantasmagórico.

Apreensivo, Hanz olhou para os lados e de forma furtiva, entrou pela janela. Carlão seguiu-os com um olhar um tanto preocupado.

O grande galpão estava todo empoeirado com uma pilha de peças velhas espalhadas pelo chão. O local mais parecia um ferro-velho. Eles andaram pelo ambiente até que, adjacente ao galpão, Aaron encontrou o tanque que procurava.

– Encontrei! – exclamou para seus companheiros.

O tanque, com dois metros cúbicos, foi escavado no solo e acabado com argamassa. Na extremidade, havia uma tubulação subterrânea isolada por barras chumbadas.

Hanz pulou no tanque examinando as barras de meia polegada.

– E agora?

– Arquimedes – respondeu Aaron.

– Certo!

Retornando ao galpão, Aaron e Hanz procuravam barras de ferro entre as sucatas.

– Hei! Alguém pode falar a minha língua? – indagou Carlão parado.

– Segure isso! – exclamou Aaron, entregando um velho lampião a querosene nas mãos do marombado rapaz.

Com dois vergalhões eles voltaram para o tanque e os posicionaram entre as barras chumbadas.

– No três – afirmou Aaron. – Um... dois... três.

Com muito esforço, as barras romperam-se cedendo o concreto no topo.

Hanz puxou a barra liberando a entrada do bueiro.

– Vocês não estão pensando em entrar aí? – perguntou Carlão olhando para o buraco que media cinquenta centímetros.

– Não deve ser pior do que seu quarto – afirmou Aaron.

– Tu ‘tá’ me chamando de porco?

– Eu não disse isso, agora me dê o lampião.

Carlão entregou o lampião em suas mãos.

– Vocês não acham estranha essa ‘parada’ ter grades?

– No passado não havia, mais depois que esses túneis foram usados por ladrões e assassinos, as coisas mudaram – respondeu Aaron.

– Assassinos?

– Incluindo o famoso Jack.

– Que Jack?

– Jack, o Estripador. O assassino em série mais famoso da história; responsável por onze mortes que ocorreram em Whitechapel – respondeu Hanz, intercalando na conversa. – Eu li muitos livros sobre o caso – justificou seu conhecimento.

– Na verdade, oficialmente foram apenas cinco mortes – completou Aaron.

– E as outras mulheres encontradas?

– Mortas por um segundo assassino que não compreendia o verdadeiro propósito de Jack.

– Você conhece a identidade de Jack, o Estripador? – indagou Hanz com os olhos perplexos.

– Sim, um barbeiro local.

– Hei! Querem que entremos em um buraco usado por assassinos? – indagou Carlão.

– Não se preocupe, eu vou à frente e você cobre nossa retaguarda.

Aaron aproximou o lampião de sua face e percebendo o cheiro característico do querosene, tirou seu isqueiro do bolso e o acendeu. Enquanto o segurava, agachou-se e começou a engatinhar no estreito bueiro.

Hanz o seguiu, mas Carlão estava relutante.

– ‘Mano’, isso é muito humilhante. Não sei o que será pior, engatinhar no esgoto ou um dos dois liberar uma ‘bufa’ na minha cara. – Apesar das reclamações, o marombado rapaz agachou-se e seguiu-os pelo bueiro.

A luz iluminava de forma tênue aquele pequeno túnel circular feito de tijolos e argamassa. A poucos metros havia uma bifurcação com altura de um metro e meio, feita em arco romano com uma canaleta por onde a água fluía.

– Estamos abaixo da Gunthorpe street. Hanz, para onde? – perguntou Aaron que se levantou curvado.

– Esquerda, em direção ao sul.

Aaron seguiu, guiando o lampião à sua frente.

Com os olhos atentos, fiscalizava os numerosos tijolos que pareciam iguais.

– Onde está essa marca? – perguntou-se o velho corvo de forma impaciente. De repente um vento frio soprou pelo túnel emitindo um som arrepiante.

– O que foi isso? – indagou Hanz.

– Um espírito – respondeu Aaron.

– O quê?

Aaron voltou seus olhos para os tijolos e percebeu que estava no lugar certo.

– É aqui. – Eufórico, ele iluminou as paredes. Em suas mãos, notava-se sua tensão.

Ele percorreu a parede de tijolos com os olhos, lendo-os como a uma carta.

– Achei! – exclamou, vendo o símbolo idêntico ao da fotografia.

Aaron tirou seu canivete suíço do bolso e com a lâmina serrilhada, começou a remover a argamassa das laterais. Usando os dedos forçou o tijolo e puxou-o para junto de seu corpo. Iluminando o buraco formado, estendeu sua mão para dentro retirando uma chave de ferro com seu corpo em cruz e o segredo em foice.

Ele virou-se sorrindo com a chave na mão, mas um cheiro pungente tomou o ar, devolvendo-lhe seu rosto de preocupação.

– Esse cheiro desagradável.

– Cara, aqui é o esgoto, esperava o quê? – ironizou Carlão.

– Não, o Carniceiro nos seguiu.

– Carniceiro? O que é um carnicheiro?

– Carniceiros comem carne, não importa se ela já esteja morta – respondeu Hanz como um dicionário online.

– Tá certo, mas o que é feito de carne aqui?

– Nós – completou Aaron.

Carlão parou reflexivo. Quando compreendeu o perigoso contexto, seus olhos arregalaram.

– Corre!

Obedecendo aquela ordem sensata, Aaron correu agachado até alcançar o largo túnel da Rua Whitechapel.

Muitos despreveriam os esgotos como um lugar úmido, com cheiro fétido e substâncias estranhas nas canaletas que lembrariam os típicos filmes de terror. Entretanto, o túnel da Rua Whitechapel em arco com tijolos era limpo e seco. Poderia se dizer que sua atmosfera era mais saudável do que a de muitas ruas pelo mundo. Ao lado, havia os canos de gás, hidráulica, energia, transmissão de dados e pneumáticos. As ligações eram organizadas pelos números de cada residência. Na altura daquele ponto, havia uma bela placa: Rua Whitechapel, pois cada túnel recebia seu nome de acordo com a malha urbana logo acima.

Na grande bifurcação ele parou e focou os olhos na penumbra que se formava a um corpo de distância.

– O que está acontecendo? – perguntou Hanz alarmado, quando percebeu Aaron inerte olhando fixamente para o túnel da Gunthorpe street.

O velho corvo, sem respondê-lo, continuava parado sem piscar. O fogo da lamparina dançava levemente no ar gelado que circulava os túneis. Sua luz de forma difusa perdia sua intensidade lentamente.

– O desgraçado parou? – indagou baixinho.

Com seu coração disparado, andou cauteloso a passos curtos em direção ao túnel.

Ele escutou um barulho abafado e posicionou seu ouvido. De repente a criatura de manto pulou sobre seu corpo com as duas foices projetadas em direção ao seu pescoço. Aaron largou o lampião que caiu ao chão espatifando o corpo de vidro. Apesar do impacto sua chama manteve-se acesa. Com as mãos, agarrou os braços daquela criatura medonha impedindo-a de finalizar seu golpe. Ele encarou-a com olhos tensos, vendo o rosto do Colecionador costurado sobre sua face.

Aaron mantinha-se firme, travando uma guerra entre seus braços. Com os músculos contraídos de sua face, ele usava de forças que ele

desconhecia para tentar repelir as lâminas da foice que se aproximavam perigosamente de seus olhos.

Subitamente o túnel começou a tremer. Indagada, a criatura conteve-se e Hanz, aproveitando a situação, gritou:

– ‘Hei’, você!

A criatura virou-se. Usando a lamparina, o mergulhador desferiu em sua cabeça o golpe. A lamparina apagou-se e o túnel parou de tremer.

A quarenta metros abaixo passava a linha verde do metrô District line com destino à estação de Whitechapel.

No escuro Hanz, usando a mão, levantou Aaron do chão e ambos correram pelo túnel no sentido oeste.

Hanz tirou seu celular do bolso e com sua luz iluminava o caminho.

– Carlão? – indagou o mergulhador.

– Aqui! – respondeu a voz no escuro.

Ambos correram alcançando uma ampla galeria com várias bifurcações.

Aaron e Hanz tomavam ar enquanto Carlão examinava os túneis.

– E aí, que lado seguir? – perguntou o marombado rapaz tentando enxergar algo naquela penumbra.

– Precisamos saber onde estamos, caso contrário, ficaremos presos neste labirinto – respondeu Aaron ofegante.

– E ficar preso com aquilo, seja lá o que for – completou Hanz.

– Aquela criatura é um Carniceiro.

– Está certo, você já disse isso. Agora, que inferno é um Carniceiro? – perguntou o mergulhador impaciente, percebendo claramente os riscos que sua vida corria naquela insana busca.

– São espíritos que por uma questão de incompatibilidade acreditam que seus hospedeiros estejam doentes e por isso, mutilam-se com o intuito de substituir partes de seu corpo.

– Eu vi o rosto daquela criatura, está me dizendo que ele matou o Colecionador apenas para substituir seu rosto?

– É, ele podia passar uma base, mas prefere trocar a cara, e às vezes, a pele toda.

Na escuridão um grito agudo ecoou no túnel.

Eles tamparam seus ouvidos, pois o som agonizante era perturbador; um cântico com cordas de dissonância que parecia entrar e travar a mente.

– Precisamos saber onde estamos e rápido! – exclamou Aaron.

Com a luz do celular, Hanz percorria a extensão da galeria. Sua mão tremia, pincelando as paredes com uma iluminação dançante. De repente, a almejada placa foi encontrada.

– Achei! Tower Hill.

Aaron levou seus olhos para as diversas bifurcações.

– Certo, vamos por aqui – afirmou ele, apontando para uma escada que descia para um piso inferior.

– Tu ‘tá’ de brincadeira né? Eu quero ver o sol criatura, e não descer mais fundo neste inferno – conclui Carlão com o rosto amofinado.

– Devemos estar próximos à estação de Tower Hill. Abaixo, deve haver um túnel de ligação.

– Túnel de ligação?

– Ele está certo Carlão, as linhas do metrô seguem adjacentes à rede de esgoto – completou o mergulhador.

Aaron desceu as escadas, seguido por Hanz.

– ‘Putz’, eu falei para não entrarem no buraco, mas não, é uma ótima ideia, eu quero que um troço chamado Carniceiro troque nossas peles. Deixe te falar: eu não sou cobra! – gritou o marombado rapaz para o túnel vazio. De repente, o som perturbador ecoou novamente na escuridão.

Com os olhos arregalados, ele pulou na escada.

No piso inferior avistaram uma luz.

– Acho que encontramos! – exclamou Aaron.

– Finalmente! Uma luz no fim do túnel – Carlão simulou um choro de emoção. – Eu nunca havia entendido essa frase até hoje.

Seguindo o túnel que percorria adjacente à linha de metrô, eles alcançaram uma porta de metal por onde as luzes halogênicas penetravam de forma acolhedora pelas frestas.

Eles forçaram aquela barreira, mas parecia emperrada.

– E agora? – indagou Hanz, quando perceberam ao fundo alguém se aproximando.

O mergulhador, desesperado, voltou a forçar. A porta nem se mexia. A adrenalina desencadeou seu fluxo por seu organismo embotando-

lhe o raciocínio. Naquele momento ele retificou sua morte em uma visão nítida e aterrorizante.

A poucos metros, no breu da escuridão, podia-se escutar o metal que era pressionado contra a lateral da parede. O cheiro ruim se intensificava na medida em que o som se aproximava.

Vendo o petrificado mergulhador, Aaron tomou seu lugar e com o ombro, bateu na porta; uma, duas, três vezes, mas sem resultados.

Parado, fitou-a procurando uma solução enquanto o barulho da criatura velada aproximava-se perigosamente.

– Somos estúpidos, isso é uma porta de emergência.

O velho corvo forçou-a, mas agora em vez de empurrá-la, puxou-a.

A porta finalmente se abriu. O acesso era um recuo de uma das passarelas que se estendia entre as estações ao lado da linha do metrô.

Percebendo a súbita aproximação da criatura, Aaron rapidamente puxou a porta, entretanto ela bloqueou-a usando a foice em sua mão.

– Maldita! – exclamou o velho corvo.

Olhando para aquele instrumento agrícola usado como uma arma letal, ele reparou no cabo chanfrado de ferro. Lembrando-se de uma velha história que ele presenciou em uma vida passada, reformulou um plano.

– Corram para o outro lado do trilho – ordenou virando-se para seus companheiros.

Eles confirmaram com a cabeça.

Sem questionar, pularam e atravessaram a linha alcançando a passarela paralela.

Aaron soltou a porta e pulou para o centro entre as linhas do metrô.

A criatura escancarou a porta.

– Hei feioso, você quer isto? – perguntou o velho corvo direcionando-se à criatura parada na passarela.

Ele pegou a chave de Hellfire do bolso e largou-a próximo ao trilho. A criatura pulou para a vala do metrô enquanto Aaron recuava seus passos. Sem tirar os olhos de seu inimigo, ela abaixou-se para pegar a chave de metal.

Quando a ponta de sua foice aproximou-se do trilho, formou-se um arco elétrico e a poderosa descarga percorreu seu corpo aterrando na chave que estava no chão. A criatura caiu sobre os trilhos com seu corpo

esfumaçando-se, pois sem a pele nos braços, um importante isolante elétrico, a corrente ferveu o sangue que percorria suas veias.

Aaron aproximou-se e, chutando o corpo dos trilhos, pegou a chave no chão.

– Acho que ele não conhecia a história de Benjamin Franklin.

– Com certeza! – exclamou Hanz.

Carlão aproximou-se do corpo que esfumaçava.

– Não era esse espetinho que eu queria.

– Vamos embora – afirmou Aaron.

Eles seguiram pela passarela até alcançarem a estação de Tower Hill.

– Finalmente! – exclamou o mergulhador vendo pessoas normais circulando em sua rotina diária.

Entretanto, vendo-os sair pelo túnel, os transeuntes ficaram alarmados, pois os ingleses eram desconfiados. O temor do terrorismo já era um aspecto cultural.

– Essa não! – exclamou Aaron avistando um policial inglês que se dirigia ao local.

Imediatamente ele temeu o senso de dever inabalável da justiça inglesa. Ele sabia que naquele ponto, se fossem levados, tudo estaria perdido. Entretanto, sua insegurança foi desviada. Diante de seus olhos, Carlão começou a dançar. Aaron arqueou suas sobranceiras com o rosto retorcido.

– Que merda é essa?

Carlão deu um giro seguido de um *moonwalker*^[4], um passe de perna, a mão direita na virilha, a esquerda para o alto e finalizando com um agudo gritinho.

– *Michael forever!* – gritou o marombado rapaz.

Todos na estação aplaudiram, contendo os ânimos eufóricos.

Aaron soltou um riso descontraído.

– E eu, que questionava a razão de ter trazido esse moleque.

Eles seguiram subindo as escadas alcançando a almejada superfície onde o sol, apesar de oculto entre massivas e cinzentas nuvens, despontava sua luz.

Carlão caiu de joelhos e ergueu as mãos para o céu.

– Eu nunca mais quero entrar em outro buraco em minha vida – ele parou revendo sua frase. – Quer dizer, no sentido literal é claro.

Na esquina pegaram um táxi.

– *Please, Cadogan Hotel* – afirmou Aaron ao motorista.

O Black Cab seguiu seu destino atravessando a famosa ponte de Londres. Aaron olhava o Tâmis à sua direita enquanto seus pensamentos vagavam. Havia receio em seu olhar, pois ele sabia que os demônios não iriam medir esforços para impedi-los de alcançar seus objetivos.

Na torre de Londres uma figura afro, magra, usando óculos escuros de aros redondos e longos cabelos grisalhos observava através da janela o veículo em movimento.

– O Carniceiro falhou.

– Não deveria mandar lacaios para fazer o seu serviço – retrucou o homem encoberto pelas sombras que atrás sentava-se na cadeira.

– Meus carneiros te serviram; todos executado com sucesso os seus algoritmos.

– Mas quando eu mais preciso, eles falham.

– Não se preocupe, eu executarei pessoalmente os seus algoritmos.

– Sabes que a rapariga possui dons especiais?

– Dons?

– Sua indagação apenas revela parte destes dons. Não a subestime, pois ela possui uma habilidade única que coloca nosso universo em perigo.

– Do que estamos falando?

– Não podemos acessar sua mente.

– Ela é uma Controladora?

– Sim – ouvia-se um riso na sombra de uma terceira pessoa. – Ela não apenas controla como também manipula.

– Isso é impossível.

– Não, não é – afirmou o homem sentado.

Houve uma pausa.

– Eu estarei lá, e quando ela estiver com o coração nas mãos, irei testar sua real habilidade de manipular o inferno.

XIII

Portões do inferno

“Sentido que eu me perdi no meu próprio caminho.
Com a cabeça no céu e os dedos no inferno. Só queria
não me apaixonar por você.”

(Taís Lima)

West Wycombe, Inglaterra, 29 de Dezembro de 2009.

Pelo retrovisor, no banco do motorista Aaron olhava a melancólica paisagem enquanto o clássico modelo da Van Fordson & Thames circulava derrapando na rua de terra batida. Layla, ao seu lado, estava dispersa. Pela campina ela seguia com os olhos os pequenos flocos de neve que caíam de forma suave.

Dentro do veículo, sentados no banco traseiro estavam Bruna, Dasha, Hanz e Carlão.

Próximo a uma colina, em uma área descampada, Aaron estacionou sob uma castanheira.

– Chegamos – disse ele puxando o freio.

– Ótimo, agora dá para tirar a gente daqui? – retrucou Carlão de forma áspera.

Aaron saiu do carro dirigindo-se à traseira do veículo. Puxando a maçaneta, abriu as portas. O marombado foi o primeiro a sair, fervilhando de impaciência.

– Com tantas opções no mundo e ‘tu’ escolheu essa lata de sardinha para nos levar? – indagou apertando os ombros doloridos.

– Não tenho culpa, afinal, você parece uma sardinha – brincou Aaron com seu despojado sorriso.

– Hum... E se você fosse um peixe, seria uma traíra.

O velho corvo sorriu.

– É, esse foi meu papel no passado.

Bruna desembarcou junto com Dasha e Hanz.

– Realmente estava apertado, mas não iria ficar nem mais um minuto enfiada naquele hotel – afirmou ela.

Abrindo a porta, Layla saiu do veículo e respirou profundamente segurando o ar nos pulmões. Ela usava uma casaca sobretudo *trench coat* preta. Por baixo, um conjunto grafite, blusa e calça de veludos.

Aaron aproximou-se dela. – Sente algo?

Layla soltou o ar.

– Os velhos espíritos ainda estão presentes.

– Umbreos?

– Sim.

– Espero que estejam dormindo.

Na região lúgubre se podia ver a bela campina que entre árvores centenárias exibia uma bela paisagem de inverno para um passeio gelado. No céu, o sol se escondia entre as nuvens, enquanto no solo, permanecia a neve que pela manhã havia coberto a vegetação exibindo sua beleza monocromática.

Eles subiram a colina em direção a uma curiosa igreja que ostentava uma grande bola dourada no topo. Suas paredes de brita e a arquitetura gótica infundiam um ar místico característico de West Wycombe.

– Que igreja é essa? – indagou Hanz olhando para a grande esfera dourada.

– Igreja de São Lourenço – respondeu Aaron.

– São Lourenço, o santo?

– O santo protetor das prostitutas.

Aquela resposta bagunçou a cabeça do mergulhador.

– Isso é... estranho.

– Estranho é saber que debaixo desse templo religioso encontra-se o caminho para o inferno.

– Inferno? Estamos falando da velha caracterização da igreja católica?

– Não; o inferno é apenas uma ideia metafórica.

– Como assim?

– Debaxo desta colina encontram-se túneis com o propósito de representar o inferno.

– Alguém escavou túneis para criar seu próprio inferno?

– Você quer saber toda história?

– Claro!

Aaron bufou, seria uma longa narrativa.

– Tudo começou há milhares de anos atrás, quando os descendentes de Caim migraram evitando serem perseguidos e mortos pelo pecado de seu progenitor. Novos continentes foram habitados, como a Europa, onde os espíritos atormentados pelo medo de perderem seus corpos se protegeram na atual Inglaterra. Nesta nova terra, isolados do mundo, eles iniciaram as pesquisas. Um período de crueldade se estabeleceu. A vida humana tinha pouco valor e a busca do poder era disputada por facções demoníacas.

– Mas e os túneis?

– Sobre os terrenos montanhosos os celtas encontraram antigos túneis, formados naturalmente. Neles habitaram os Umbreos, formas intermitentes que revivem os mortos.

– Demônios podem reviver os mortos?

– Sim, mas apenas o receptáculo, não a alma. Esses deram origem ao termo popular: vampiros, os mortos-vivos.

– Mas, não compreendi a ligação com os túneis.

– Os Umbreos enfraquecidos foram levados para os túneis, onde permaneceram até que, posteriormente, a Inglaterra foi povoada. Nesse período surgiram os primeiros conselheiros. Estes deram início aos rituais e se denominavam Druidas, aqueles que possuíam o conhecimento do carvalho.

– Carvalho? Que conhecimento uma árvore pode ter?

– O carvalho era o símbolo da sabedoria. Na verdade, o domínio dos ‘Algoritmos Sagrados’; pois era uma das mais antigas e icônicas árvores. Ela representa simbolicamente todas as demais, ou seja, quem tem o conhecimento do carvalho possui o saber de todas as árvores.

– Sabedoria... Agora eu entendo – Hanz lembrou-se das minas de Salomão.

– Nesse ponto, as coisas começaram a sair do controle. Durante os séculos posteriores inúmeros corpos foram levados para que os Umbreos

pudessem usá-los como receptáculos.

– Mas, e o inferno que mencionou?

– No século XVIII, servos que seguiam a linha escrita pelos Druidas criaram o Hellfire Club, o clube do Inferno, uma organização privada que a elite da Grã-Bretanha e Irlanda frequentavam. – Aaron fez uma pausa. – Entre os ilustres homens que comandaram o clube estava o exótico Sir Francis Dashwood. Muitos rumores foram especulados sobre o senhor do Hellfire Club, incluindo uma formal acusação de heresia que descrevia com detalhe os rituais de magia negra.

– Pera aí, a heresia não era condenável na Inglaterra?

– Sim. Por isso, quando o clube cresceu, Dashwood construiu um templo nesta colina, mas no subsolo iniciou uma mina de greda nas antigas cavernas. – Aaron olhou para a terra batida. – As irregulares passagens foram alargadas e modeladas com um plano perturbador: representar o inferno localizado cem metros abaixo do templo.

– Isso é insano, por que alguém construiria uma igreja para Deus em cima, mas cem metros abaixo um local de adoração ao Diabo?

– É uma questão de simbologia.

Alcançando o topo, Aaron entrou na igreja. De repente, ele virou-se advertido pelos berros de Dasha.

– Não! Esse lugar é ruim – gritou a pequena com suas veias saltadas pelo terror.

– O que aconteceu? – indagou Bruna acolhendo-a.

– Eu tenho medo, mamãe. Por favor, vamos embora!

– Tudo bem, eu não vou entrar na igreja – afirmou. – Que tal procurarmos uma flor nessa terra gelada?

A pequena concordou com a cabeça.

– Podem ir, eu cuido dela – disse a tutora para os demais companheiros.

Aaron seguiu através das portas.

Na entrada, um monge encapuzado de nariz adunco lhe dirigiu a palavra com tom repressivo.

– *Che cosa vuoi?*

– *Siamo venuti a recuperare il cuore del uno peccatore* – respondeu Aaron.

– *Hai la chiave?*

– *Sì, solo bisogno di rompere il sigillo.*

– *Vi aspetto.*

O velho corvo, de forma humilde, curvou a face e saiu pelas portas. Na saída foi interrogado pelo mergulhador que escutou a ecoada conversa em italiano.

– Você domina quantas línguas?

– Todas – respondeu Aaron de forma seca.

– Ninguém fala todas as línguas.

– Anjos e demônios possuem o dom de línguas, são capazes de compreender e reproduzir qualquer dialeto.

– Mas...

– Eu não pareço um anjo, e realmente não sou, mas como intermitente, mantenho neste corpo traços da minha antiga natureza.

– Do que falavam na igreja?

– Do coração de Victor – Aaron chamou a perita com um assobio.

Bruna e Dasha brincavam deitadas, modelando anjinhos na neve. Escutando o chamado, sentaram-se avistando Aaron no topo da colina.

– Estamos indo! – gritou a perita.

Quando elas alcançaram o topo, Aaron seguiu pelo cemitério ao redor da igreja. Imediatamente, uma construção chamou a atenção do grupo.

– O que é isso? – indagou Hanz.

– O mausoléu da família de Dashwood.

O mausoléu com planta hexagonal é um complexo com paredes extensas, sem teto, feito de pedras de Portland e sílex. Sua fachada com colunas e arcos imitava a arquitetura romana, destacando-se o plano eficiente das formas etruscas e as belas ornamentações gregas.

O mergulhador chocou-se, era uma enorme estrutura em pedra que no alto da colina exaltava seus mortos em direção ao céu.

À frente, Aaron abriu o portão de grades que deslizou pelas dobradiças com um leve rangido. Dentro, as sepulturas montadas de forma simétrica seguiam a área do complexo. No centro, entre colunas e grades de ferro, havia um baldaquino[5] onde repousava uma grande urna em pedra.

Aaron aproximou-se e, curvando-se com as mãos no joelho, examinou as inscrições.

– Nesse mausoléu houve várias procissões, entre elas, a de Paul Whitehead, um grande amigo de Dashwood. Seu corpo foi conservado em nome da ciência, mas seu coração foi retirado de seu peito e colocado em uma urna junto com o medalhão de Esculápio. – Aaron aprumou-se. – Na mitologia, dizem que Esculápio elevou seu dom de cura e adquiriu a habilidade de trazer os mortos de volta à vida.

– Trazer os mortos? Mas, como? – indagou Hanz.

– Através de seu cajado, onde a velha serpente envolvia-se; o mal perpétuo que usamos para representar nossa medicina.

– O coração dele está aqui?

– Não, foi roubado por um soldado australiano.

– Roubado? Por que alguém roubaria um coração?

– Assim como nós, ele desejava trazer dos mortos uma alma selada.

– O que quer dizer com alma selada?

– No princípio havia Caim e Abel, dois irmãos com caminhos diferentes. Naquele tempo o homem não conhecia a morte e a terra em sua pureza, não havia saboreado o gosto do sangue inocente. Mas Caim manifestou a ira, matou seu próprio irmão. A terra finalmente foi maculada com sangue. O transgressor apavorado enterrou o corpo sem vida e fugiu atormentado pelo peso da culpa.

– Mas você não explicou sobre...

– Posso continuar? – Aaron fitou-o com olhar repreensivo.

– Desculpa – Hanz retraiu-se ficando envergonhado.

– Bem, Caim temeu ser morto e Deus, em sua misericórdia, lhe conferiu um selo.

– Selo? Isso é Bíblico?

– Sim, o que não é descrito é seu poder: Uma marca que amaldiçoaria seus descendentes, mas o impediria de ser morto até que seus anos fossem contabilizados pelo céu.

– Era um dos ‘Algoritmos Sagrados’?

– Exato.

Seguindo o entorno daquela esplanada, Aaron conferiu o espaço e cada tumba. Ele arfou frustrado, sem encontrar uma pista que o levasse ao coração selado. Sem opções, virou-se para a gótica e apelou para a intuição de sua pupila.

– O que acha?

– Não está aqui – afirmou ela.

Aaron saiu do mausoléu e marchou por uma trilha em direção ao sul. Seus amigos lhe seguiram em fila indiana, descendo através de uma sinuosa campina.

– Para onde estamos indo? – perguntou Bruna caminhando de mãos dadas com Dasha.

– Às cavernas Hellfire.

– Cavernas? ‘Tu’ não vai nos meter em outro buraco, vai? – perguntou Carlão com o rosto preocupado.

– Não, apenas Layla abrirá os portões do inferno – respondeu Aaron.

– Cara, você fala isso com tanta tranquilidade; é como se eu abrisse o banheiro e topasse com minha avó pelada. – Carlão teve um tremelique. – Tem que ter sangue frio para isso.

A trilha terminava a trinta metros abaixo do nível da igreja, onde havia um pátio e a entrada do Hellfire caves.

– Chegamos – afirmou Aaron.

Com a ideia de representar um templo, a entrada do túnel possuía uma fachada gótica em brita, com arcos ogivais e colunas de sustentação.

Eles entraram pela funesta entrada; o início do túnel que, com a forma ogival da fachada, seguia até as escavações daquela bizarra mina de greta. O *hall*, onde funcionava a recepção, era feito de tijolos pintados de branco que se encerravam em uma pesada porta de madeira.

– Layla, agora é com você – o velho corvo lhe deu um sorriso temeroso.

– Não vou demorar – confirmou ela, convicta de sua missão.

– Não esqueça – Aaron entregou em suas mãos as moedas de prata de D.Afonso VI.

– Obrigada – um sorriso raro e amigável despontou de seu rosto.

Layla seguiu pelo corredor e parou no arco da pesada porta de madeira. Diante à escuridão, ela fechou seus olhos e parou em estado de transe. Seus sentidos pareciam se pactuar com o ambiente disforme, como se os túneis fossem artérias ligadas ao seu corpo.

– Estou pronta! – exclamou, abrindo seus olhos negros. A escuridão à sua frente tornou-se clara como a luz do dia.

Ela entrou pela longa e sinuosa passagem onde as paredes de tijolos se alteravam. Layla estava conectada aos espíritos, entretanto andava entre dois mundos: o presente e o passado. As formas sofriam mudanças revelando no presente o tempo marcado pelos cruéis rituais. Eram como pinceladas de um maquiavélico e sádico pintor.

Na recepção seus amigos viram seu corpo entrar na escuridão e desaparecer de vista.

– Você tem certeza que ela ficará bem? – perguntou Bruna, preocupada com a jornada que sua mais nova amiga iria percorrer.

– Não, mas ela é a única capaz de cruzar os portões – respondeu Aaron. Ele arfou com um sentimento pesado nas costas.

– Por que não podemos entrar? – perguntou Hanz.

– Seria perigoso – respondeu Aaron.

– Por quê?

– Qualquer alma pode varrer esses túneis, mas não onde Layla se encontra.

– Por que tenho tanta dificuldade de entendê-lo?

– Porque seu coração está preso ao seu corpo.

– Você nunca entrou nessas cavernas?

– Não.

– Nem sabe o que há lá dentro?

Uma voz esganiçada respondeu à surdina.

– Lá dentro encontra-se o verdadeiro mal, modelado em seu mais íntimo estado, sem pudor, coberto de malícia e devassidão. Uma jornada sem rumo ao abismo onde é oculto aos olhos de Deus. – Aquela presença só foi notada naquele segundo. Todos viraram seus rostos assustados para o homem que, de forma inesperada, entrava no *hall*.

Ele vestia um longo manto bege com um sudário marrom sobre os ombros com extensão até o chão. Na cintura, um cinto amarelo de lã.

Com um cajado de castanheira na mão esquerda e uma lanterna de bronze na direita, ele andava lentamente pela recepção. Em um momento solene, o grupo limitou-se a encará-lo com rostos indagados. Apesar da desconfiança, aquele velho encarquilhado passava paz e tranquilidade.

– Quem é você? – perguntou Aaron com suas sobrelhas arcadas.

– Apenas um eremita – respondeu ele.

O velho corvo encarou sua lanterna, em seguida olhou em direção de sua mão direita. Ele torceu a boca percebendo a ausência de sua sombra.

– Você conhece essas cavernas? – perguntou Hanz sempre curioso, pronto para absorver as informações como uma esponja.

Aquele vetusto homem parou olhando para a escuridão.

– A entrada feita de tijolos segue uma linha reta, onde em seu desfecho há uma pequena gruta. No local, eram armazenadas as ferramentas dos mineiros – ele deu um passo à frente. – Os homens seguravam suas picaretas e seguiam pelo túnel em direção ao próprio inferno. Eram bravos, mas estúpidos; e, um a um, se tornaram vítimas das criaturas veladas na escuridão.

Layla seguiu pelo túnel em linha reta, alcançando uma interseção logo à frente. Ela olhou para a gruta de pedras irregulares, justas, unidas por argamassa. De repente um vento gelado soprou; um guincho que parecia sussurrar.

– *Basar*.

Ela virou seus olhos e continuou à esquerda.

Colocando sua lanterna no chão, o velho eremita continuou sua descrição do inferno do Hellfire Club.

– Seguindo o percurso, a poucos metros há uma câmara à direita. Os mantimentos, incluindo os tonéis, eram armazenados no local. Paul Whitehead, um fiel servo e amigo da família Daswood, era responsável pelo cortejo de seus membros. Hoje, a urna que um dia guardava seu coração encontra-se protegida como uma mórbida lembrança.

Na câmara Layla guiou seus olhos entre as grades que, no presente, cerravam o local. Lá dentro se podia ver uma representação teatral, montada com bonecos. No canto havia uma figura sentada em frente a uma mesa, com pratos, taças e uma garrafa de vinho. Ao lado, sobre uma urna, um esqueleto.

Ela focou seus olhos negros no cenário estático. De repente, notou a face do boneco se torcer levemente em sua direção. Indagada, ela se aproximou. A textura lisa de cera alterava-se, o boneco parecia criar vida. Repentinamente, ele levantou-se com uma bandeja com taças na mão e seguiu o túnel atravessando o corpo de Layla como uma entidade fantasmagórica. Ela virou-se, seguindo com os olhos aquela assombração

que desapareceu a poucos metros. Franzida, voltou-se para a câmara presenciando o boneco estático.

O eremita: – O túnel bifurca-se agora em dois caminhos, mas que se unem formando um círculo perfeito. A iniquidade perpétua alimentada pelas criaturas do mal, os carcereiros que se escondem através de máscaras.

Na bifurcação, Layla, sentindo-se desconfortável, seguiu o caminho com certa tensão nos olhos. Um sentimento inóspito invadiu seu coração. Ela sabia que estava sendo observada e dançou suas pupilas para as paredes. No leito rochoso máscaras demoníacas haviam sido talhadas à mão. Com os olhos apertados, fixou nas diferentes e assustadoras faces. As rochas modelavam-se mudando as expressões das máscaras; expressões que repudiavam sua presença.

Ignorando as atemorizantes formas, continuou seu caminho pelas sombras.

O eremita: – Seguindo o perturbador trajeto, encontram-se as catacumbas, um complexo de passagens onde os óvulos seguem o seu caminho: a fecundação pelos mortos. Um triste fim para aqueles que amam a vida.

Layla, entre túneis segmentados, escutou o choro de uma criança. Ela seguiu o som que oscilou entre as covas esculpidas na parede. No final daquele beco encontrou uma pequena menina com um vestido rendado.

– Olá! Quem é você? – perguntou a gótica recuando um passo.

– Por quê? Meu sangue não era o bastante? – indagou a criança com olhos lacrimejados. Layla encarou-a desconfiada. De repente, as cristalinas lágrimas que corriam de seu rosto se tornaram rubras como o sangue fresco.

A gótica recuou outro passo e a criança desapareceu, assim que o cenário retornou ao presente. Layla soltou um arfar pesaroso, aqueles túneis estavam eclodindo de histórias perturbadoras.

O velho eremita, usando a cauda de seu sudário, limpou sua boca. Na sequência, tossiu, manchando de vermelho o tecido rugoso.

– Após a fecundação, a criatura era formada no útero da grande câmara sombria. Através do cordão de sua mãe ela era alimentada com carne humana.

Layla alcançou uma ampla sala, abobadada. Sua posição simétrica seguia os pontos cardeais. Em cada extremidade havia uma alcova fechada

contendo sua estátua: Hércules, Vênus, Afrodite e Baco. Do teto descia uma corrente grossa; na ponta, um monstruoso gancho saltava aos olhos.

Ela seguiu o contorno abobadado com os olhos. Com passos medidos, ela ganhou aquele espaço. No centro, tocou o gancho que caia acima de sua cabeça. De repente, percebeu um vulto em suas costas. Ela virou-se esquadrinhando o perímetro:

– Quem está aqui?

O silêncio permaneceu.

Layla projetou-se para frente sentindo uma entidade.

– Meu nome é Layla Aina e estou aqui para reivindicar a posse do coração de Victor Siegfried.

Uma mulher materializou-se. No corpo ela usava um longo vestido de noiva, branco, de cauda dupla.

Ela correu para o centro da câmara sem perceber a presença de Layla que a encarou a meio metro.

– Amor? – indagou o espírito à sua frente.

– Suki! – exclamou uma voz rouca na escuridão. Em seguida escutaram-se murmúrios e pelos quatro cantos, silhuetas de criaturas baixas apareciam através das sombras.

A entidade arregalou seus olhos e foi apedrejada pelas pequenas criaturas. Ela caiu ao chão, desfalecida. Na sequência, as grotescas criaturas desapareceram regressando ao seu breu.

Layla guiou seus olhos para o corpo estirado.

– O que está acontecendo aqui? – indagou olhando para o vestido, que agora marcava-se com sangue.

Quando ela levou sua mão para tocar a entidade, um rufo bradou da cabeça caída.

– Não há passagem para ti, seu coração não lhe pertence mais.

A gótica se enfezou:

– Não me censure, pois minhas intenções são puras! – afirmou ela com autoridade.

A entidade levantou-se exibindo um rosto diabólico. Com os olhos esbugalhados, ela gritou:

– Condenada! – uma baforada gélida oscilou os cabelos da gótica.

O corpo levitou. Uma névoa se formou e singrava suave em volta do longo vestido chapiscado de sangue. A brisa fria ondulava nos bordados

agitando o tecido com uma frequência ressonante. A pele viçosa de antes se afunilou nos ossos, fazendo seu vestido seguir o caimento do corpo cadavérico. Por fim, a turva névoa que antes a cercava materializou-se sem explicação em uma foice de cabo longo.

Layla encarou a figura sem medo nos olhos, pois ela conhecia as artimanhas do demônio.

A arma ceifeira projetou-se sobre sua cabeça. A gótica nem se mexeu. No último segundo ela interrompeu seu trajeto agarrando a lâmina de metal com uma das mãos. Naquele momento, sua face fleumática foi substituída por uma colérica. As artérias e veias de seu rosto se expandiram na pele suave como brotos que rompem a terra. Suas órbitas ficaram negras finalizando sua maquiavélica máscara de terror. Ela encarou a foice na mão e de repente, um fogo acendeu de seus dedos. O espírito tentou puxar sua arma, mas em segundos ela foi consumida pelas chamas. A entidade recuou; apesar de não haver expressão em seu rosto, Layla sentiu o cheiro do medo.

– Volte aqui sua aberração!

O espírito desapareceu.

O eremita: – Após a câmara sombria, a mãe estava pronta para dar à luz. Seguiram-se dores terríveis, por três dias. Nesse intervalo a filha do saber acreditou que suas entranhas iriam degradingolar naquele local. Ela soltou um grito que tomou o ar. Por um momento ela suplicou pela morte, mas o inferno não lhe deu ouvidos. Aquele suplício persistiu até o final da tarde do terceiro dia, quando finalmente a criança nasceu.

Layla continuou descendo cada vez mais fundo naquele inferno. No final do percurso íngreme, ela parou diante de uma bifurcação de ângulos retos. Olhando para os dois lados, percebeu que ambos os caminhos retornavam de forma aguda para um ponto central, formando um perfeito triângulo.

Ela escolheu o caminho da esquerda.

Enquanto caminhava, cólicas terríveis lhe açoitavam como coices de uma besta. Ela caiu de joelhos e gritou como se fosse morrer. Procurando amenizar as dores, seu corpo se contraiu em posição fetal.

– Não, eu preciso salvar Victor! – exclamou ela na culminância de sua agonia.

Mãos firmes empurravam o chão, instigando seu corpo a se libertar de seu torpor. Os músculos fraquejaram, mas sua determinação era implacável. Ela começou a arrastar-se pelo corredor. Em poucos minutos, Layla percorreu o curto espaço daquela escavação, entretanto, em sua mente passaram-se três dias até que finalmente alcançou o ápice do triângulo.

Ela seguiu ainda criando ranhuras na terra, mas suas cólicas eram amenizadas no decorrer daquele caminho. Quando se distanciou daquele ponto de tortura, pôs-se em pé e começou a caminhar.

O eremita: – A criatura, ao nascer, sentiu o frio pela primeira vez, pois havia deixado o tenro útero de sua mãe. Na câmara, alimentaram-na com o sangue dos mineiros. Quando restabelecida, ela foi confortada durante sua consagração no rio de sangue, o rio Styx[6]. Naquelas águas, um solene batismo foi realizado, e a jovem criança recebeu o dom da cura.

Alcançando uma câmara, Layla cruzou seus braços sentindo uma pesada brisa gelada. Pelo trajeto, ela percebeu que seus sentidos estavam confusos, com dificuldade de discernir o presente e o passado. No final daquela seção ela deparou-se com um brilho bruxuleante que deixava os contornos da passagem avermelhadas. Quando cruzou o último arco em pedra, deparou-se com um rio vermelho que se estendia por metros cruzando o túnel do leste para o oeste.

Levando seus olhos para a outra margem, ela avistou um barqueiro que vestia um longo manto negro e conduzia uma balsa com uma vara de acácia. Vagarosamente ele se aproximava. Assim que atracou ao lado, estendeu sua mão cadavérica.

Do bolso, Layla tirou as moedas do Colecionador e, com as faces trocadas — cara e coroa —, entregou-as em sua mão. Ela subiu na balsa para atravessar o rio vermelho.

Enquanto o barqueiro oscilava ondas navegando nas águas rubras, ela encarava as formações irregulares daquela câmara: estalagmites e estalactites que assombravam como dentes ferozes; um cenário semelhante aos desenhos mitológicos do inferno grego de Hades.

O barqueiro atracou na outra margem. Levantando seu rosto, encarou os olhos de Layla. – Siga seu destino – afirmou ele com o rosto sendo consumido por vermes.

O eremita: – Sob o templo havia uma caverna feita por alguns culpados e um escravo covarde, cujas ações foram levadas pelo medo e a repreensão. Um labirinto de caminhos intrincados e sinuoso que não se encontra sem uma pista, pois não há indícios; uma única passagem conhecida por poucos. Seu caminho o leva direto a uma célula, onde a fraude em segredo amava habitar – o eremita riu, um riso esbaforido. – E com todas as suas ferramentas e escravos sobre ela, nem ao menos temia que a honestidade devesse ser encaminhada a ela.

Layla seguiu o corredor que se encerrava na última sala.

Com acabamento rústico sobre rochas calcárias, a sala em formato de sino era pequena. No centro, a representação teatral montada com bonecos de uma típica reunião de libertinagem dos membros do Hellfire: Daswood em frente a uma mesa de base grega exibia seu suntuoso e exótico traje de sultão, uma lembrança de suas viagens pelos antigos reinos otomanos. Seus membros ao redor se divertiam entre bebidas e mulheres. No fundo, iluminada por uma lamparina que descia do teto presa a uma corrente, estava a estátua de Vênus. Naquela posição, parecia contemplar a sala.

– O que temos aqui? – elevando sua face, a gótica focou-se na estátua. Ela devolveu seu olhar com expressão grosseira. Por um mísero segundo, os lábios de mármore se mexeram:

– ‘Símbolo Oculto’! – sussurrou.

Layla fechou seus olhos e manteve-se concentrada.

Aspirando o ar, ela conectou-se aos espíritos.

A sala havia mudado, retornando ao passado. No chão, um pentagrama invertido, preto, desenhado com betume. Em volta, formando o círculo zodiacal na extensão da sala, havia doze monges que, com os braços erguidos, seguravam cada um sua lanterna a óleo. No centro, Dashwood de joelhos agarrava uma jovem mulher pelos braços. Ela vestia um manto branco de seda representando a pureza do espírito. Com uma adaga de cabo de marfim, ele cortou seu ventre e deixou o sangue da virgem derramar ao chão. Cada discípulo, com sua lanterna, acendeu o betume no chão. Layla rangeu seus dentes presenciando a cena quando escutou sussurros vindos das profundezas. Ela abriu seus olhos e voltou ao presente, onde os bonecos permaneciam estáticos.

De cima da mesa de base grega ela pegou uma garrafa de vinho e quebrou-a na mesa. Com a lâmina afiada do vidro estilhaçado, cortou seu ventre e deixou que seu sangue esvaísse ao chão.

Layla manteve-se concentrada para que seu ferimento continuasse sangrando. Após cinco minutos, uma quantidade suficiente para encher uma tina já havia se extraviado de suas artérias. Abatida, ela caiu de joelhos sobre seu próprio sangue. Sua consciência parecia lhe abandonar. No momento que suas pálpebras se fechavam, um estalar de rocha ecoou naquela câmara. Piscando os olhos, buscando forças para ficar consciente, ela checou o perímetro à sua volta. Após um grande estalo, os blocos de pedra no entorno moviam-se; doze no total, descendo de forma sequenciada formando uma escada em espiral.

Ela conteve seu sangramento e levantou-se apoiada na mesa.

O eremita: – Aquele que conhece o segredo de Hellfire será capaz de abrir o portão do ‘Templo Inferior’; o expurgo onde as terríveis criaturas são reveladas. Este é o teste final capaz de qualificar a criatura que acabara de nascer – ele fez uma pausa. – Sobre o grande altar das almas, ela deve encontrar seu coração. Mas sua meta será árdua, um caminho lapidado pela dor. Os Umbreos a abaterão sem piedade buscando enfraquecê-la, pois um corpo debilitado é uma porta aberta.

Layla desceu as escadas até alcançar o extenso corredor formado por uma fissura natural na rocha calcária. Ela estava no fim, nos mais recônditos recessos daquela insana organização. À frente, ela deparou-se com sua última barreira, uma porta de grades de ferro, rústica, com fechadura central e alavanca com travas laterais. Na parede ao lado, havia um número romano esculpido na rocha: LXI. Ela voltou-se para o portão e do pescoço, tirou a chave de Hellfire presa a uma corrente de prata.

Usando aquele segredo, destrancou o portão.

Transpondo-o, Layla deparou-se com uma imensa caverna com altura de quinze metros do teto que seguia em sua forma irregular para o oeste. Ela caminhou com cautela quando se deparou com um grande altar de doze metros de diâmetro. Sobre ele, uma pilha de esqueletos.

Ela seguiu lentamente, desconfiada do silêncio que naquele espaço parecia solene. Uma brisa lufou, fria como o granizo da manhã. Ela virou seus olhos e escutou sussurros, os mesmo que antes tinha ouvido no templo superior. Layla girou no espaço. Não eram sussurros, mas lamúrias que

agora oscilavam espalhadas pela grande galeria. Imediatamente ela conectou-se e na escuridão, as formas humanoides feitas de sombra se levantavam do solo caminhando em sua direção.

A jovem menina arregalou-se e correu para a pilha.

As sombras se erguiam, centenas, quem sabe milhares, em toda a extensão da galeria. Aflita, ela alcançou a pilha e escalou os ossos, mas seu progresso era vencido quando agarrada pelas sombras. Uma a uma, elas rasgavam sua carne. Layla gritava de dor a cada golpe. Esvaindo-se em sangue, ela seguiu firme para o ápice.

No topo, esticou seu braço por entre os ossos tentando tocar uma urna de chumbo repousada na base do altar.

– Não me abandone! – exclamou ela esticando-se ao máximo para alcançar o coração de seu amado.

Seu semblante era de dor provocado pelos inúmeros ferimentos que eram regenerados e novamente abertos pelas implacáveis criaturas fantasmagóricas. Layla chorava, mas as lágrimas em seu rosto eram provocadas pela frustração, pois fraca e quase sem sangue, ela temeu falhar.

– Victor! – gritou ela quando seu corpo foi tomado pelas sombras.

O eremita: – Por fim, a criatura que não entregar seu coração não regressará do abismo, pois os espíritos desejam seu receptáculo.

– Uol... que história! Como sabe de tudo isso? – indagou o mergulhador.

– Uma vez já trilhei o mesmo caminho.

Aaron encarou-o com olhar objurgado, ele sentia que aquela realidade não lhe pertencia.

– Devo regressar, creio que meu destino encontra-se esperando do lado de fora.

Ele partiu seguindo a luz que entrava pela porta, tão anônimo e manso quando entrou.

Após alguns segundos, reforçando aquela presença enigmática que acabara de partir, Hanz, piscando seus olhos, notou a lamparina no chão. Ele apanhou-a e correu para fora. – Hei, esqueceu sua... – no pátio o mergulhador bloqueava o sol com a mão, mas ficou parado com semblante indagado. O velho havia desaparecido. – Lamparina – completou estupefato.

Ele regressou com a lamparina na mão.

– Ele sumiu! – exclamou para seus companheiros.

Preocupado, Aaron seguiu em direção da pesada porta de madeira. Seus olhos vagaram na escuridão. Uma brisa de vento gelado vindo do túnel chicoteou seu rosto. Ele olhou para trás; a chama da lanterna nas mãos de Hanz se apagou.

– Alguma coisa está errada – afirmou ele com rosto apalado.

– Layla está bem? – retrucou Bruna percebendo a tensão do velho corvo.

Sem respondê-la, Aaron regressou seus olhos para o túnel. Um pesar lhe abateu; a possibilidade de Layla falhar o atormentou, era como uma martelada no osso frontal. Sua vida parecia repetir as tristes lembranças do passado, quando seu amor perdeu a vida na tenra idade.

– Aaron, te fiz uma pergunta! – exclamou a perita impaciente com aquele silêncio.

Ele escutou alguém se aproximar.

Através da escuridão, Layla apareceu com suas roupas esmiuçadas e impregnadas com seu sangue. Em suas mãos, ela carregava a pesada urna de chumbo. Enfraquecida, caiu de joelhos assim que cruzou a porta.

– Layla! – todos partiram tentando ajudá-la.

Aaron pegou a urna com as mãos.

– Bruna, segure isso.

A urna de chumbo, uma caixa com dimensões semelhantes à caixa torácica de um homem, possuía curvas e ranhuras em todas as dimensões. Na tampa, a cruz celta modelada no metal destacava-se em volta de um arco que se encerrava sobreposto ao trinco.

Bruna pegou a urna com certa dificuldade devido ao peso, enquanto Aaron agarrou Layla pelo braço.

Fora da caverna, a menina esmiuçada abriu seus verdes olhos apreciando o sol que lampejava seus raios discretamente através do horizonte.

– Apenas na escuridão é que damos valor à luz.

Aaron sorriu.

– Realmente minha menina.

Ao subir a encosta em direção à Igreja de São Loureço, Bruna e Hanz começaram a ofegar segurando a pesada caixa.

– Deixe que eu leve – afirmou Layla desvencilhando-se dos braços de seu mentor.

– Você está bem? – perguntou Aaron.

– Não, mas me recupero rápido.

Layla tirou a caixa das mãos de Bruna e Hanz e, colocando-a no ombro, caminhou subindo a encosta. O casal de peritos admirou-se percebendo que ela nem bufava, era como se o peso não existisse.

No topo Layla, Hanz, Aaron e Carlão entraram na igreja, enquanto Bruna e Dasha voltaram a brincar com a neve.

Na porta foram acolhidos pelo monge que, de braços abertos, recebeu-os com um sorriso.

– *Venite, figli miei... Ragazza, mettere la scatola sull'altare.*

Layla levou a caixa para o fundo, repousando-a sobre o altar. O monge, com passos cautelosos, trouxe em suas mãos uma bacia de prata com água benta. Cada solavanco de seu pisar fazia com que o líquido respingasse de seu recipiente.

– *Immergere la chiave nel bacino.*

Layla tirou a chave de seu pescoço e mergulhou-a na água cristalina. Ela encarou seu reflexo distorcido enquanto a chave ardia em brasa. O monge fez o sinal da cruz fechando seus olhos. Uma oração em latim; durou apenas um minuto. Quando abriu seus olhos, devolveu um sorriso.

– *Il sigillo è stato rotto.*

A gótica pegou a chave que voltou a seu estado, fosca e nefasta. Introduzindo-a na fechadura da urna, girou-a cuidadosamente. Com o estalar da tranca a urna se abriu. Lentamente ela articulou a tampa nas dobradiças chumbadas. Arregalada, ela admirou-se ao ver o coração de Victor. Com certo receio, levou sua mão para tocá-lo. O órgão estava intacto. Quando sua pele encostou à carne, o coração bombeou. Emocionada, ela riu e levou a mão aos seus lábios.

– Sim! – sem desmanchar aquele sorriso resplandecente, ela virou-se para seu mentor. – Vamos buscar seu corpo.

De repente aquele momento caloroso foi interrompido por berros. Através dos raios de luz que adentravam pela porta, Bruna revelou-se com suas roupas manchadas de sangue.

– Mataram Dasha! – gritou ela quando imediatamente uma lâmina de metal atravessou seu corpo.

– Não! – gritou Hanz vendo sua amada sendo transpassada.

Ele correu em sua direção e agarrou seu corpo.

As lágrimas escorriam de seu rosto enquanto tocava o rosto de sua amada.

O mergulhador escutou uma voz desconhecida:

– Deus se esqueceu dos homens.

Na luz ele avistou uma figura, um homem afro, magro, quase esquelético que usava uma cartola e um terno preto com extensão até os pés.

– Por quê? – indagou Hanz tentando entender o motivo daquele massacre. A figura não poupou tempo e com um movimento em arco, cortou a garganta do mergulhador.

– Não! – um grito abafado e Aaron correu com punhos armados.

No primeiro golpe o magro esquivou-se, e com o pomo da espada, golpeou o rosto do velho corvo. Uma cusparada de sangue ganhou o ar. Aaron recuou acometido pela dor do poderoso golpe.

– Quem é você? – indagou ele, surpreendido pela agilidade de seu oponente.

– Eu sou o medo, sou as trevas, sou aquele que conduz os vivos pelo rio embriagado com o sangue dos inocentes – respondeu o afro.

– Caronte!

– Meu nome deve ser esquecido pelos vivos. Apenas quando seu corpo estiver frio lhe dou a permissão de pronunciá-lo.

– Você não terá o que quer! – Aaron projetou-se em sua direção com a cólera imbuída de um senso de vingança.

Caronte não se amedrontou, e usando seus sabres com lâminas invertidas, projetava cortantes rajadas no ar. Apesar da idade, Aaron executava manobras com a desenvoltura assertiva de uma atleta. Quando teve a oportunidade, girou seu corpo e agarrou o magro pelas costas. Seus olhos encararam os olhos fleumáticos de sua pupila.

– Layla, fuja!

Farto daquele jogo de gato e rato, Caronte decidiu finalizar o embate. Curvando-se para frente lançou seu oponente por cima de suas costas. Enquanto o corpo de Aaron ganhava o ar, a cartola do magro rolou

de sua cabeça. Antes que ela caísse ao chão, ele rasgou o peito de seu oponente na altura do coração.

Abatido, o velho corvo caiu vencido.

Apesar daquela monstruosa atrocidade, Layla permaneceu parada, inerte e sem expressão no olhar.

Caronte seguiu pelo corredor em sua direção.

– Vim te buscar menina – afirmou ele.

De repente um vulto saltou, bloqueando seu caminho.

– Você não vai tocá-la! – exclamou Carlão engolindo a saliva em um surto de coragem que beirava a insanidade.

– E quem é você? O príncipe dos covardes? – perguntou o magro espadachim.

Mostrando os dentes, o marombado rapaz desferiu um soco no rosto do afro. Os óculos de aros redondos voaram do rosto. Caronte torceu seu pescoço encarando com olhos despigmentados o audacioso rapaz. Carlão arregalou-se, a feição moribunda daquela figura era assustadora.

O carrasco estalou seus ossos.

– *Death pascit animam meam* – disse ele, encravando o sabre no coração de Carlão.

O corpo do marombado caiu desfalecido no chão.

Caronte levantou seus olhos assustadores.

– Está sozinha menina!

Layla franziu.

– Eu nasci e vivi sozinha seu monstro – disse ela, permanecendo inexpressiva.

– Não há compaixão por esses que aqui jazem? – perguntou ele, girando suas lâminas na direção dos corpos.

A menina olhou para a cartola abandonada no chão.

– Acha que sou tola de acreditar em suas mentiras?

– Mentiras? – indagou o afro com olhos receosos.

– Não brinque comigo! – exclamou a gótica.

Olhos enfáticos destrincharam o inimigo. Ela largou a caixa no chão. Caronte recuou um passo. Layla abriu seus braços transformando-se em um grande demônio de fogo. Suas asas de um vermelho vivo arquearam-se para frente tomando por completo o teto da igreja.

O afro arregalou seus olhos e perdeu sua conexão.

Sentado sobre o capô de um Datsun Fairlady Roadster conversível, Caronte na base do pátio do estacionamento veio a piscar seus olhos tentando se adaptar à luz.

– Realmente o que dizem é verdade, a garota é poderosa – afirmou ele para o homem ao seu lado que usava um sobretudo grafite e chapéu de feltro com aba larga.

– O que pretende fazer? – perguntou o comparsa.

– Preciso me aproximar.

– Acha seguro?

– Não tenho opções.

Eles subiram o morro em direção à igreja.

Layla, saindo de seu transe, virou-se para Aaron.

– Caronte está aqui.

– Sozinho? – indagou o velho corvo.

– Não, há outro espírito, um Venator.

– Quem é Caronte? – perguntou Hanz.

– O barqueiro, príncipe dos carneiros, filho de Aeon – respondeu Aaron.

– O que ele quer?

– A urna.

Saindo da igreja eles avistaram as duas figuras que vinham subindo o morro.

– Os caras maus estão se aproximando, vamos ficar aqui parados? – perguntou Carlão um tanto aflito.

– Caronte não possui força física, não é uma ameaça a essa distância. O que me preocupa é o homem ao lado.

O afro aproximou-se de forma ofegante.

– Menina, preciso dessa urna.

Layla aproximou-se tomando à frente de seu grupo.

– Por que acha que eu lhe entregaria?

– Eu sou o único capaz de livrar-te de seu fardo – do bolso do casaco ele tirou o amuleto de Leprechaun. – Conhece essa joia?

A gótica franziu ríspida.

– Miserável!

– Essa foi sua primeira lembrança; seu pai, pobre homem. O corpo cremado entre os destroços naquele dia fatídico. Eu vi seu rosto, encarei seus pequenos olhos verdes; sim, havia medo, medo do desconhecido, do futuro incerto.

Layla chocou seus dentes. Um perigoso ressentimento estava sendo engatilhado em seu subconsciente. Lembranças veladas tomavam formas enquanto aquele homem cutucava suas antigas feridas.

– Você tem um espírito poderoso em seu corpo. Esperávamos que ele pudesse controlá-la, mas estávamos enganados – procurando intimidá-la, Caronte começou a caminhar iniciando um círculo junto à gótica. – De alguma forma, você subjuguou-o. Não sei como, mas agora é capaz de manipular nosso mundo – ele parou ao seu lado e apoiou a mão em seu ombro. – Mesmo a essa distância, sou incapaz de me conectar à sua mente, e isso me intriga – ele balançou sua cabeça com certa frustração. – Quem és tu Layla Aina?

Com ira, a gótica tocou na mão invasiva em seu ombro e naquele segundo, perdeu seus sentidos.

– Onde estou? – indaguei após o brilho da luz ofuscante.

Meus olhos pesados seguiram para os contornos.

– Estou na capela de Feodorovsky Sobor, devo ter adormecido?

À frente, caminhei com dificuldade me apoiando entre os bancos e fui surpreendido pelo velório que ali estava sendo conduzido.

Aproximei-me do caixão e foi quando me deparei com minha própria face.

– O que está acontecendo? – uma sensação perturbadora invadiu meu coração, olhando para meu próprio rosto dilacerado por profundas feridas na carne.

A sensação do medo me aplacou em seguida, quando a tampa do caixão foi fechada, e meus olhos, encerrados.

– Onde estou? – indaguei, sentindo-me intimamente confuso.

– Estás na capela Feodorovsky Sobor, em Tsarskoe Selo – respondeu ao meu lado a czarina Alexandra.

– Quando? – indaguei ainda confuso, perdido em meu próprio tempo.

– Quando? – ela curvou suas sobrancelhas. – Estamos em dia de páscoa, 1916, celebrando a missa de Ressurreição.

– Ressurreição?

– Grigoriy, estás a passar bem?

Perdido, levantei-me ao som do coro.

Ao final da missa, seguimos a comitiva. Do lado de fora, virei-me e olhei ao fundo, onde meu caixão havia sido lacrado.

Respirei pesado e vim a sentir o cheiro fúnebre dos mortos.

– Tu estás... – virei-me e com o rosto perturbado, interrompi a czarina.

– Vi minha própria morte.

– Quem é você Layla Aina? – perguntou uma voz em seu interior.

Um brilho ofuscante cegou seus olhos.

– O que está acontecendo comigo? – indagou em pensamentos profundos.

Lentamente seus olhos foram se adaptando à luz, e as formas difusas ganhavam seu foco.

Layla estremeceu quando reconheceu a cena.

Na capela em Botafogo, ela assistia ao enterro de Victor.

Parada na porta ela se viu caminhando e aproximando-se ao lado de seu amor.

– Por que está fazendo isso comigo? – indagou pranteada.

Sua imagem segurou as mãos geladas de Victor e acariciou seu rosto com um suave toque.

– Espero que um dia me perdoe, meu amor – disse ela.

Na porta, Caronte surgiu em suas costas.

– Pediste perdão? Qual era seu propósito? Sabes que todos morrem por te amar.

– Não, eu não sabia... – Layla exibia pavor em sua face.

– Não sabia, ou se iludia para suportar a dor?

– Me leve daqui, não me torture mais.

– Como havia dito, eu posso tirar o fardo de suas costas e finalmente aplacar a sua dor.

– O que queres de mim?

– O coração de Victor, devolva-o a mim.

– Não, eu vou trazê-lo de volta.

– Para quê? Fazê-lo sofrer? Quer mesmo compartilhar seu sofrimento com ele? Você já tentou tirar sua própria vida, pois era incapaz de suportar tamanha dor; agora quer que a pessoa que mais ama nessa vida sint-a?

– Não! – Layla abaixou a face e fechou os olhos.

– O que está fazendo? – gritou Aaron em frente da igreja, vendo sua pupila se entregar estendendo a urna para o inimigo.

Aproximando-se, o homem de sobretudo pegou a urna de suas mãos.

– Siga seu destino Layla Aina. Não lute, pois mais sofrimento lhe estará esperando – aconselhou Caronte.

Eles desceram seguindo para o Datsun Fairlady Roadster parado no estacionamento.

Aaron veio a segurar os ombros de Layla.

– O que fez menina? – gritou ele, balançando seu corpo.

– O que era certo – respondeu a gótica de forma melancólica.

– Não, isso não está certo!

– Não posso compartilhar meu sofrimento.

– Compartilhar seu sofrimento? Essa escolha não é sua garota, e sim de Victor.

– Aaron? – a gótica levantou sua face com olhos indagados, enquanto seu mentor continuou lhe reprimindo aos berros.

– Sim, a decisão cabe apenas a ele! Afinal, não sabia que Victor conhecia sua maldição? Isso mesmo garota, e mesmo assim ele escolheu ficar ao seu lado. Ele desejava compartilhar seu fardo, pois acreditava do fundo de sua alma que isso faria de você uma pessoa mais feliz. – Aaron virou-se olhando para Caronte à distância. – Agora aquele espírito está fugindo com seu coração, o único coração capaz de te amar e aceitar a linha caótica de sua vida.

– Não sei o que fazer... Ajude-me, por favor! – exclamou ela com seus olhos perdidos.

Aaron levantou sua mão e lhe desferiu na face um tapa violento.

O rosto da menina projetou-se para o lado.

Seguiu um momento de tensão para o grupo que aguardou a gótica se recuperar. – Layla? – indagou Aaron. Ela cerrou seus dentes e virou-se

com suas pupilas dilatadas.

Com a mão esquerda agarrou o pescoço de Aaron levantando-o no ar.

– O coração menina! – exclamou o velho corvo com a voz sufocada.

Layla olhou para Caronte que entrava em seu carro.

– Não! – exclamou ela, lançando Aaron que rolou no chão.

A gótica correu descendo pela campina com os braços estirados para trás. Seus cabelos balançavam ao vento enquanto suas lágrimas eram deixadas pelo caminho. Ela acelerava sem receio de cair, seguindo em linha sem ao menos recuperar seu fôlego. Não havia fadiga, seu espírito restaurava suas energias enquanto seu corpo em corrida frenética exauria-as. Em seu coração o medo foi esquecido, o que lhe restava era apenas o ódio.

Caronte, sentado no banco do carona, arregalou-se olhando para a menina que descia o morro como uma feroz chita atrás da carne fresca.

– O que essa garota pensa que está fazendo?

Percebendo sua aproximação, ele gritou:

– Vamos!

O homem de terno engatou a ré e acelerou, mas Layla saltou. A distância de dez metros ficou curta para ela. Caindo sobre o capô, ela desferiu um golpe poderoso com o punho na lataria. O metal foi transpassado como uma folha de papel. Ela gritou sentindo a carne e os ossos se romperem. Com a mão ensanguentada, agarrou os cabos das velas e puxou-os. O carro parou imediatamente.

– Desgraçada menina! – exclamou Caronte.

Layla colocou-se de pé sobre o capô e encarou seus ferimentos. Com a mão direita puxou seu braço esquerdo. Após um estalo, ele foi colocado em seu lugar. Caronte abriu a porta do veículo e correu em fuga carregando a pesada urna.

– Aonde pensa que vai? – perguntou Layla para o fugitivo que seguia bufando.

O homem de terno saiu do carro e se dirigiu calmamente à traseira de seu veículo.

– Agora suas palavras serão dirigidas a mim – disse ele retirando os sabres de lâmina invertida do porta-malas.

– Era você em minha mente? – perguntou Layla voltando-se ao homem de terno.

– Não, era Caronte, entretanto suas habilidades na luta eram minhas. A propósito, meu nome é Itonde – ele curvou-se em uma típica saudação oriental.

– Mostre-me do que é capaz.

Com dois pulos, Itonde saltou sobre o capô com um sabre em cada mão. Layla, evitando o golpe imediato, girou para trás com um mortal. Ele seguiu-a ao solo saltando como uma raposa atrás da lebre ativa. Golpes medidos revelavam o estilo estrategista daquele embate, talvez até aquele momento, o mais perigoso. Como peças de um jogo mortal, eles dançavam sobre a neve.

Caronte de longe assistia a briga, esperando que terminasse o mais breve possível, pois, carregando aquele peso, seus músculos se enfraqueciam a cada minuto.

– Mate logo essa menina! – gritou ele.

Layla estudava seu oponente sem tirar os olhos de seus precisos movimentos. A cada golpe ela notava que cada sabre funcionava como extensão de seus braços, entretanto em movimentos ímpares; enquanto um atacava o outro estava armado para uma possível defesa ou um futuro ataque. A situação era complexa, a gótica tinha que se proteger do ataque e ao mesmo tempo contra-atacar o oponente que estaria pronto a se defender.

– Ceder para vencer! – exclamou baixinho, lembrando-se dos antigos ensinamentos de uma vida passada.

Itonde projetou-se com o sabre, mas Layla antecipou-se segurando em seu pulso com a mão direita. Ela estava no controle da arma. Seguindo o movimento em curva do braço de seu oponente, direcionou o sabre para as pernas. O espadachim acionou seus reflexos e defendeu-se usando o outro sabre. Sua guarda foi aberta. A gótica, com o pulso esquerdo, socou-o deslocando seu maxilar. O corpo golpeado projetou-se para trás caindo ao chão completamente vencido.

Caronte arregalou seus olhos.

– Não, ela sabia que a única forma de atacá-lo era anulando suas armas. Essa habilidade não é de Asarluhi – enfezado, ele gritou: – Quem é você Layla Aina? – indagou furioso pela frustração da identidade incógnita daquela menina.

Layla pegou os sabres de Itonde e direcionou seus olhos para Caronte.

Assustado, ele tentou correr com a urna na mão.

Layla o seguiu com passos firmes.

O magro ofegava olhando para trás.

– Não, me deixe em paz seu monstro! – com suas forças exauridas veio a cair no chão.

A gótica arrastava as pontas dos sabres na terra molhada enquanto sorria de forma maliciosa. Era uma viúva negra articulando suas patas lentamente em direção à mosca rendida em sua teia.

Caronte se mantinha em seu traçado, arrastando-se na neve sem largar a urna estacada no chão. Sua respiração aumentava na frequência do som dos sabres que rasgavam o solo, aproximando-se de uma suposta punição.

– Me ajude Mastema! – suplicou ele cavando o solo.

Layla irou-se repudiando a figura suplantada.

– Seja homem seu covarde, e assuma seus atos.

– Não!

– Você é patético, cria as mais terríveis fantasias se exibindo em formas onipotentes e assustadoras. Alimenta-se do medo dos homens através da mentira. Mas, vendo você daqui, é apenas um verme esquelético – a gótica cuspiu no solo com desprezo.

Alcançando seu corpo, ela levantou os sabres no ar.

– Layla! – gritou Aaron junto aos outros que desciam a colina.

Ela lançou as armas. As lâminas afiadas seguiram perigosamente para a cabeça do inimigo. Caronte arregalou-se quando escutou os sabres cravarem o solo, um do lado do outro, próximos aos ouvidos. Ele respirou de forma acelerada. Uma última e intensa baforada e seu corpo contorceu-se com curtos espasmos. Exaurido, seu coração parou após uma pontada no peito. Todos olharam chocados para a figura esquelética que morreu com seus despigmentados olhos para o chão.

Layla se abaixou dobrando os joelhos e puxou seu pingente preso ao pulso do moribundo.

– *Carpe diem* – disse ela levantando-se com a recordação de seu pai nas mãos.

Ao olhar para trás, percebeu que o corpo de Itonde havia desaparecido.

– Desgraçado!

No horizonte, o último raio de sol repousava atrás das colinas.

Layla pegou a caixa de chumbo.

Eles seguiram para o veículo com os rostos abatidos.

– Cara, que dia tenso – afirmou Carlão, sem imaginar os obstáculos que Layla havia enfrentado.

– E agora, qual será o próximo passo? – perguntou Hanz.

– Antes de resgatarmos o corpo de Victor, precisamos encontrar o Santo Graal – respondeu Aaron.

– Cara, o Indiana Jones já fez isso! – exclamou Carlão, o último a entrar na Van.

– Acredite, o Santo Graal é bem diferente de uma taça – respondeu Aaron fechando as portas do furgão.

O velho corvo entrou no veículo.

– Layla? – indagou ele, vendo-a parada na porta.

A gótica fitava uma figura misteriosa no topo da colina.

– Estou indo – respondeu ela entrando no veículo.

No alto da colina, o eremita sorriu.

– Boa menina, continue executando os meus ‘Algoritmos Sagrados’.

[Retornar ao sumário](#)

XIV

Entre o bem e o mal

“Quem só tem o espírito da história não compreendeu a lição da vida e tem sempre de retomá-la. É em ti mesmo que se coloca o enigma da existência: ninguém o pode resolver senão tu!”

(Friedrich Nietzsche)

Warwick, Inglaterra, 30 de Dezembro 2009

E m um quarto fechado, entre parafernálias ligadas ao corpo, Erick, deitado em uma cama de hospital, veio finalmente abrir seus olhos naquela manhã. Respirando com certa dificuldade, ele virou-se escutando o barulho pulsante da máquina.

– Onde estou? – indagou, procurando se levantar.

Uma dor aguda nas costelas. Após um gemido jogou seu corpo de volta à cama.

– É melhor não se mover – disse uma voz na outra extremidade do quarto.

Virando sua face, deparou-se com uma senhora sentada em uma cadeira de aço forrada com couro. Em sua fleuma, ela lia um livro de Gershom Scholem.

– Helena? – indagou Erick.

– Não pensávamos que iria resistir – disse ela, repousando seu livro no colo.

– O que aconteceu?

É o que queremos saber.

As lembranças daquela noite vieram em sua cabeça. Ele balançou a cabeça que latejou protestando.

– Há quanto tempo estou aqui?

– Sete dias.

Ele rangeu os dentes. – Maldita menina!

Helena Sales levantou-se.

– Aquela jovem? Ela fez esse estrago? – ela se apoiou ao lado da cama.

– Eu a subestimei.

– Isso se percebe.

– Como está Zac?

– Sete ossos quebrados, mas ficará bem.

– Ela poderia ter me matado, mas não o fez.

– A menina não estava seguindo os algoritmos?

– Não... – ele parou reflexivo – pareciam agir por contra própria.

– Pareciam?

– Havia outra menina, menor, com o dom da possessão.

– Do que você está falando? – ela retornou um semblante indagado.

– A pequena tomou o corpo de Zac – ele soltou o ar de seus pulmões. – Eu nunca tinha visto algo parecido.

Helena riu.

– Levaste uma surra de duas meninhas?

– Não zombe de mim! – gritou ele afundando seus dedos no colchão.

– Tu afinal, achaste que dessa vez seria diferente?

Erick levou seus olhos para o teto.

– Sim. Estava convicto de que era a oportunidade de vingar meu avô e honrar o sangue dos *Primicerius*. Mas estava enganado, envergonhei o nome de meus antepassados e agora estou aqui, vivo para suportar essa vergonha.

– Não se torture, tu és o sétimo dos *Primicerius* da linhagem Lindbur, nunca na família Van der Hell houve tantos descendentes talentosos. Vocês fizeram história eliminando o mal desta terra.

– Mas falhei, Grigoriy continua livre.

– Talvez não.

– O que estás a falar-me mulher?

Helena pegou uma valise ao lado da cama. De dentro, retirou uma pasta preta. Ela jogou a pasta no colo de Erick.

– O que é isso?

– Hazenberg enviou-lhe.

– Hazenberg está aqui?

– Sim, creio que a situação seja crítica, todos os lados estão cooperando. Se o enigma não for resolvido, não haverá motivo de brigas ou discussões.

– Entendo – apoiando suas mãos, ele ergueu-se e se aprumou na cama.

– Para que o esforço?

– Como disse, não há mais tempo.

– És um rapaz de garra.

– Deixe os elogios de lado e deixe-me ver isso.

Com a pasta nas mãos, ele abriu-a. Seus olhos atentos seguiram os documentos, folheando-os de forma apressada.

Revelaram-se vários desenhos, símbolos e diagramas.

– O que é tudo isso?

– Houve um incêndio em Chinatown. O prédio ardeu nas chamas, todos os arquivos de Olavo Hermes foram destruídos.

– Todos?

– Com exceção desses que estão em suas mãos. Eles estavam protegidos pelo corpo de um desconhecido.

Ao final, havia dois envelopes. Ele tirou as folhas do primeiro; uma ficha detalhada com dados pessoais, árvore genealógica e fotos.

– Victor Siegfried?

– Olhe o segundo envelope.

Ele puxou as folhas do segundo envelope revelando dados como no anterior, entretanto, o material parcialmente chamuscado trouxe-lhe perturbação.

– Layla Aina? Que tipo de brincadeira é esta?

– Não é brincadeira. Talvez tu não saibas, mas já fui membro do Oráculo de Delfos.

– Por quê?

– Não pensávamos que eles eram uma ameaça, mas estávamos enganados – com semblante sereno Helena caminhou para a janela. – O

Oráculo quebrou barreiras que limitam nosso mundo. Havia uma mente, Rogério de Carvalho, um homem brilhante que parecia saber o que estava fazendo.

– Não estou entendendo.

– Rogério desvendou o jogo, mas morreu antes de revelar as peças.

Entretanto, Olavo sabia o que tinha que ser feito. Ele recrutou homens sábios, de mentes e espíritos abertos para a nova etapa de suas pesquisas. Estes o levaram a compreender parte da profecia dos códices.

Erick exibiu um rosto preocupado.

– A profecia! – exclamou levando seus olhos para a foto de Layla Aina.

Naquele momento, cenas eram infundidas em sua mente. As imagens de sua luta com a gótica vinham em sequências; um *trailer* que era revelado perante seus olhos. Seu coração acelerou e a máquina disparou seu bipe com frequência frenética.

Helena virou-se franzida.

– Erick?

Sentindo uma forte dor de cabeça, o jovem *Primicerius* caiu na cama convulsionando.

– Erick? – a voz parecia baixa e ecoada. – *Help me!*

Ele fechou os olhos e perdeu a consciência.

– *Erick?*

– *Erick? – um velho senhor de barba branca balançava o dorso do menino estirado de bruços no chão.*

– *O que aconteceu? – indagou o pequeno abrindo seus olhos.*

– *Você desmaiou em plena luta meu jovem.*

Na arena de toras de carvalho, Erick estava entre garotos, todos idênticos. Ele olhou para o lado vendo sua adaga no chão.

– *Eu perdi, mestre Hazenberg?*

– *Por que te preocupas tanto em vencer?*

– *Não quero ser um perdedor, não há lugar no mundo para eles.*

– *Quem lhe disse isso?*

– *Meu avô.*

Hazenberg fez uma pausa, fitando os olhos do jovem.

– *Levante-se e venha comigo.*

Após um gesto de sua mão, os garotos continuaram os treinamentos.

Saindo da arena, eles caminharam para o oeste em direção às margens do rio Drina. Acima dos olhos avistava-se a grande formação dos Alpes Dináricos. O mestre seguia à frente, com as mãos unidas nas costas. Seu discípulo, constrangido, seguia-o com a cabeça baixa limitando-se apenas a encarar as sandálias de seus pés.

Para completar, os figurinos. No corpo Erick vestia um manto marrom de linho com emendas simétricas nos braços e pernas. Na cintura, uma faixa vermelha com fios de prata. Em contraste ao discípulo, Hazenberg vestia um manto feito de linho fino azul e vermelho, com detalhes de fios de ouro que enfeitavam seu peitoral. Na ombreira direita, um ônix engastado a um detalhe em ouro prendia uma capa vermelha. Na cintura uma faixa dourada ornada com bordados vermelhos com formas circulares.

De repente, por um segundo, o discípulo elevou sua face.

– Mestre, minha mente está confusa, de dia meu corpo é perturbado pelo ódio e à noite, tenho sonhos com os espíritos.

– Sim, tu estás sendo confrontado pelo bem e o mal – respondeu o mestre sem interromper sua marcha.

– Como vou saber o caminho que devo seguir? Talvez eu não saiba julgar e discernir o bem e o mal.

– É uma decisão difícil a ser tomada, sabendo ainda que o julgamento e as leis dos homens são vaidades, e o que parece ser o bem é o mal, e o que parece ser o mal é o bem.

– Como posso escolher o caminho certo?

– É uma pergunta sábia, menino – ele parou. – Olhe para a outra margem e diga o que vê.

Na beira do rio uma cegonha branca se exibia ao sol. Sua pose, apoiada em apenas uma das pernas, ressaltava sua grandeza.

– É apenas uma cegonha – respondeu o discípulo, sem entender o propósito daquela pergunta.

– Sim, mas olhe e sinta sua tranquilidade.

Erick olhou fixo para o animal que, inerte, parecia uma estátua.

– Não entendo.

Hazenberg deu uma baforada no ar gélido e alisou sua comprida barba branca.

– Me diga, se esse animal fosse um homem, seria do bem ou do mal?

– Do bem – respondeu o discípulo sem pensar olhando aquele belo animal.

Enquanto admirava a ave, ela lançou seu bico no rio. Quando levantou a cabeça um pequeno peixe se debatia em seu bico. Erick olhou para o miúdo e frágil peixinho que se contorcia lutando para sobreviver. A ostensiva ave não esperou e lançou-o goela abaixo.

Hazenberg soltou um riso esbaforido.

– Percebe? Não podemos julgar pela aparência. Na natureza a vida é imposta pelo mais forte e não há escolhas.

– Escolhas?

– Sim, se queres discernir o bem e o mal é simples; o mal não lhe permite escolhas.

– Não! – na cama, Erick sofria com as imagens em sua mente.

Uma última imagem veio-lhe na sequência. Na cena, Layla segurava a pesada cruz sobre sua própria cabeça.

– “Então, viva para escolher seu caminho” – lembrou-se da frase em seu flash.

– Não! – disse baixinho.

Erick estava ofegante em um estado perturbado.

– O ‘Símbolo Oculto’ não pode ser um demônio! – gritou acometido de um terror cuja revelação ameaçava destruir seus alicerces morais.

Helena arregalou-se enquanto os enfermeiros seguravam o corpo trepidante na cama.

[Retornar ao sumário](#)

XV

O sacerdote de Axum

“Até Deus tem um inferno: é o seu amor
pelos homens.”

(Friedrich Nietzsche)

Axum, Etiópia, 7 de Janeiro de 2010.

Na estrada de asfalto uma Combe surrada seguia trepidando no percurso irregular. Carlão, sentado de lado na poltrona, com seus olhos castigados pela fadiga de uma exaustiva viagem encarava a jovem criança que à sua frente, brincava com o velho bode de seu pai.

– Merda! – exclamou o marombado pela milésima vez.

Aaron, junto à Layla no banco da frente, olhava a cidade de Axum pela janela.

– Tenha paciência, estamos chegando – afirmou o velho corvo.

Axum, antiga capital do reino Aksumita, é uma das cidades mais sagradas na África. Seu espaço é dividido entre a pobreza e as ruínas monumentais de estelas gigantes, obeliscos monolíticos, antigos castelos e túmulos reais.

Nas ruas, andarilhos e pastores seguiam em marcha conduzindo seu rebanho de cabras na peregrinação de todas as manhãs. No horizonte, as construções da velha cidade mesclavam-se com a modesta urbanização contemporânea.

– Cara, que saudade daquela lata de sardinha – Carlão reforçou sua indignação com a voz exaurida.

– Faltam poucos quilômetros, o pior já passou – completou Aaron quando a Combe sacolejou mais uma vez.

– Merda!

Após um espasmo abdominal a menina à frente vomitou no chão.

– Eca! – exclamou Carlão recuando as pernas.

Ele encarou o alimento regurgitado no piso. – Isso é nojento! – exclamou quando o bode se abaixou para lamber os restos. Enjoado, ele correu para a janela e vomitou em jatos.

– Hei! – exclamou Bruna atrás. O movimento do veículo fazia com que os respingos caíssem em sua janela.

– Lá se foi o cozido delicioso dessa manhã – disse o enjoado rapaz.

– Carlão, aquilo era testículo de carneiro – completou Hanz.

O marombado distorceu sua cara e voltou a vomitar.

Vendo os respingos voarem em sua direção, a perita acertou uma cotovelada no peito do mergulhador.

Na área urbana de Axum, a Combi parou ao lado de um conjunto de edifícios onde funcionava um hotel. O motorista, um homem afro de pele castigada abriu as portas emperradas com um solavanco. Aaron agradeceu com um balançar de cabeça e saiu com sua mochila nas costas, modelo exército. Na sequência, vieram seus companheiros Layla, Carlão, Hanz, Bruna e Dasha, que desembarcaram com suas bolsas e mochilas.

Na rua, Aaron organizou as tarefas:

– Bruna, você faz as reservas no Remhai Hotel.

– Reservas? Pera aí, que língua eles falam aqui? – perguntou a perita com olhos bem abertos.

– A língua semita amárica, mas no hotel alguém deve falar inglês. Caso contrário peça ajuda a Layla.

– Mas, e você?

– Eu e Hanz subiremos até Tsion.

– Por que não podemos ir?

– É uma peregrinação religiosa, portanto estão desclassificadas. Mulheres, mulheres endemoniadas, meninas endemoniadas e... – Aaron encarou Carlão e franziu, tentando encontrar uma palavra para defini-lo. – Bem, cuidem-se.

O velho corvo virou-se, seguindo acompanhado do seu braço direito, o mergulhador.

Enquanto partiam, o marombado enfezou-se.

– Hei, pera aí, aquele corvo ‘tava’ falando de mim?

– Vamos Carlão! – exclamou Layla.

– Aquele corvo corno ‘táva’ falando de mim, eu sei disso.

– Carlão!

– Indo... Ninguém respeita um cara bonito.

Axum era uma cidade pequena. A poucos metros, Hanz sentia-se regressando no tempo entre casas de pedras irregulares e argamassa de barro, com teto de estrados de madeira cobertos com palha.

– Eu imaginava que as cidades etíopes eram pobres, mas é espantoso de estar aqui e ver com meus próprios olhos este lugar; parece que estou voltando para a pré-história – afirmou o mergulhador, surpreso com as humildes infraestruturas daquela terra castigada.

– Não é pobreza, e sim simplicidade – definiu Aaron.

– Não vejo simplicidade e sim, privação.

– Os etíopes não pensam como o resto do mundo.

– Como assim?

– O trabalho para eles é visto como transtorno ao corpo, como uma espécie de punição.

– Eles não trabalham?

– Apenas atividades sustentáveis.

– Mas, por quê?

– Eles possuem uma crença conhecida como *iddil*, uma corrente que flui empurrando as pessoas para a destruição. – Aaron levantou sua face para o alto do planalto. – Então não importa a determinação do indivíduo, o destino de cada um sempre será cumprido, retornando a seu estado primitivo. Por isso o progresso do ponto de vista etíope não faz sentido.

– Que visão negativista.

– Negativista?

– É como se não houvesse uma esperança para o amanhã.

– Exatamente, por isso eles também não vêm o tempo de forma linear, mas sim cíclica.

– Cíclica! – exclamou baixinho lembrando-se das explicações de José Armando. – “Rogério acreditava que existia uma força desconhecida que influenciava a probabilidade das ocorrências e gerava tais ciclos”.

Hanz caminhava de forma automatizada, pois seus pensamentos vagavam.

Alcançando uma estrada de terra, Aaron chamou sua atenção:

– Oh! Bela adormecida; acorda!

O mergulhador piscou seus olhos. – Desculpe.

Vendo crianças correndo e sorrindo pelo caminho, o velho corvo alegrou-se espiritualmente. Após bagunçar os cabelos revoltos de um dos meninos que corria ao seu redor, ele voltou-se para seu amigo descrente.

– A pobreza que você descreveu não está neste lugar.

– Como não?

– Olhe para o rosto desse povo. Estes vivem bem e sorrindo. Na Etiópia não há tristeza, depressão ou suicídio; todos contemplan a grandiosidade de cada dia neste planeta. – Aaron fez uma pausa. – Veja a diferença dos que habitam as grandes cidades, que exaltam a frustração e o pessimismo, trabalhando exaustivamente para dias melhores que nunca serão alcançados. Eles são incapazes de reconhecer a verdadeira beleza da vida, revelada em sua simplicidade. Se o mundo diz que estes são pobres, eu digo: estes são ricos, ricos em espírito e alegria.

Eles seguiram por uma estrada batida que subia o planalto. Hanz parou tentando seguir o trajeto com os olhos. O irregular caminho parecia uma escada árida com destino ao próprio sol. Ofegante, ele começou a galgar aquela terra seca e íngreme atrás de seu guia.

A estrada, uma precária trilha, possuía pouco mais de dois metros de largura. Com formações rochosas, ela subia em pequeno ângulo o morro característico dos planaltos etíopes. As vegetações secas das estepes que seguiam em todo o contorno evidenciavam o clima árido tropical, apesar da altitude elevada que dificultava a respiração.

Tomando ar, Aaron parou. Pegando seu cantil preso ao cinto, tomou um gole de água.

– Calor do inferno! – exclamou ele, recebendo o sol a pino.

– Sabe, você ainda não deixou clara a definição de inferno. Afinal, ele existe ou não? – perguntou Hanz, procurando retomar o assunto pendente.

– Como havia dito, fisicamente não.

– Certo, mas em que plano ele existe então?

– Apenas aqui – Aaron apontou para sua cabeça.

– Na nossa imaginação?

– Não, implantado na mente.

– Agora estou confuso.

– São projeções, bem próximas a uma experiência verdadeira, mas que podem ser manipuladas.

– Projeções manipuladas?

– Sim, da forma que desejar, como por exemplo, os ambientes e figuras mitológicas que conhecemos nos livros de história. Não é coincidência que os povos mais desenvolvidos da antiguidade possuíam deuses bizarros e histórias macabras que pareciam fruto de uma mente doentia.

– Está me dizendo que povos como os egípcios foram influenciados por demônios?

– Ou acha que foram extraterrestres? – Aaron parou revendo sua frase. – Bem, extraterrestres são definidos como seres que nasceram fora do nosso planeta, então... É, as pirâmides foram criadas por ETs, ou demônios, tanto faz.

– Certo, deixe-me entender. Os demônios criam caracterizações em um plano próximo à realidade, mas que ocorrem apenas em nossas mentes.

– Na verdade, apenas possuídos, sensitivos ou pessoas muito debilitadas e enfraquecidas podem receber essas projeções.

– Debilitadas e enfraquecidas?

– Sim. Um bom exemplo é a tentação de Cristo.

– Certo. Mas, como isso funciona; é como um canal de televisão?

– Não! Assistindo televisão você não sente frio, ou calor, nem se submete a prazer ou dor.

Hanz parou pensativo compreendendo aquela definição, mas pegou-se indagado com outra pergunta.

– E quanto ao céu?

– Você diz onde Deus habita?

– Sim.

– Esse existe em dois planos, físico e espiritual.

– Espiritual?

– Espiritual é onde a mágica acontece.

– Deus realmente existe?

– Qual era a dúvida?

– Não, quer dizer, vivemos uma vida louca e sempre nos pegamos dizendo que acreditamos em Deus, mas falamos apenas da boca para fora. Sabe, acreditar em Deus é um aspecto cultural, mas não compreendemos o

que é realmente acreditar. – Hanz parou por um segundo. – Acho que não estou sendo claro, né?

– Eu entendi, é acreditar em alguma coisa só porque todos seguem a mesma linha, mas não porque se compreenda o que realmente significa.

– Exatamente.

– A questão é discernir fé de fideísmo.

– Como assim?

– Se eu disser que fé é um pensamento racional.

– Vou dizer que você é louco.

Aaron riu. – Pois bem meu amigo, fé é racional. Durante séculos as religiões criadas por doutrinas humanas deturparam a ideia de fé, transformando-a em fideísmo que em seu significado quer dizer: acreditar sem compreender.

– Fiquei confuso.

– A igreja nunca teve o interesse em divulgar o conhecimento, por isso as missas eram em latim, assim como o material literário da época. A população vivia um caos religioso e nesse mundo obscuro de ideias e pessoas ignorantes, surgiu a era do fideísmo. Os homens eram dominados pelo medo, como os demônios queriam, e nesse período foram criadas as definições do universo diabólico como conhecemos.

– Então a base verdadeira da fé está no conhecer?

– Na verdade são três pilares: conhecer, compreender e acreditar. Se qualquer um desses três pilares estiver faltando, sua base não é fundada na fé.

– Compreendi. Porém, isso torna as coisas difíceis.

– Se fosse fácil não precisaria de seleção.

– Como?

– Se queres conhecer a Deus, vou te dizer: Há um tempo indeterminado, havia um planeta em outra galáxia, habitado por uma raça evoluída que, ao contrário de nós, possuía o desejo de crescer espiritualmente. Entre seus membros seletos, estava um ser único de grande sabedoria que alcançou uma forma transcendental. Seu corpo não era mais necessário e desta forma, foi capaz de viajar no cosmo e aprender mistérios que sua forma material jamais sonharia alcançar. Entretanto, ao retornar ao seu planeta, todos haviam sucumbido; ele se tornou o único sobrevivente daquela espécie. Muitos ciclos estiveram diante de seus olhos e ele

compreendeu a principal lei que rege todas as coisas: início e fim, um estado perpétuo que se repete. Decidido a desvendar seus mistérios, focou-se na questão procurando uma brecha, uma forma de romper os ciclos. Havia um labirinto; informações que pareciam não ter respostas, mas através de seus esforços, encontrou a solução. Nesse dia, Ele tornou-se o Alfa e o Ômega de todas as coisas.

– Impressionante! Mas, e o céu?

– Quer compreender as lacunas da história?

– Você poderia me ensinar?

– Claro! – Aaron coçou sua garganta. – Bem, entre as galáxias não havia vida inteligente, ao contrário do que muitos acreditam. Desiludido, Deus criou seu reino, próximo a um aglomerado de estrelas, habitando-o com criaturas que hoje conhecemos como anjos. Tudo era perfeito, mas não completo, pois suas criações eram apenas uma extensão da sua própria divindade. Solitário, Ele desejou conviver com seres semelhantes ao seu planeta natal e, na escuridão do cosmo, criou a atual galáxia. Havia milhares de estrelas, mas na casa de dezenas, escolheu as melhores para plantar sua semente. A fauna e flora de seu antigo mundo foram recriadas com exatidão. Quando tudo estava pronto, transferiu sua energia para a matéria e criou o Neshamah, a criatura vivente, um em cada planeta, e deles, retirou seu código genético criando uma parceira.

– É uma história plausível, mas... viajar entre galáxias, mesmo à velocidade da luz, levaria uma eternidade.

– É por isso que eu digo: o homem está andando para trás, sempre preso à matéria.

– Bem, são leis da física, não dá para ignorá-las.

– As leis da física são limitadas ao conhecimento do homem que dá seu nome a fenômenos já existentes desde o princípio.

– Mas como isso seria possível?

– A questão aqui é achar que para sair do ponto A e chegar ao ponto B temos que percorrer uma trajetória; veja bem, esse pensamento é materialista. – Aaron levantou a ponta de seu dedo no ar. – Para alcançar qualquer ponto do universo não há a necessidade de locomoção, sem tempo, sem espaço.

– Isso não faz o menor sentido.

– Existem milhares de partículas viajando pelo cosmo que podem ser codificadas em informação. Assim, basta ter um receptor para lê-las e, bingo, você tem uma matriz de espaço e tempo nas mãos.

– É, parece algo que você compra em qualquer esquina.

– Se tiver um anjo lá, pode até ser.

– Bem, eu acredito.

– Em quê?

– Você era um anjo e com certeza foi despedido.

– Despedido não, eu pedi as contas, é diferente.

Ajeitando as mochilas, eles continuaram o caminho.

– Qual foi o motivo dos anjos se rebelarem?

– O homem.

– O homem? Somos medíocres.

– Nossa natureza atual é medíocre, mas possuímos algo que eles questionaram ter: a autonomia para evoluírem.

– Isso é tão importante assim?

– Para um terço dos anjos, era.

– Me sinto mal com isso.

– Por quê?

– É muita responsabilidade, somos os culpados de uma guerra.

– Não ligue para isso, um dia as contas serão acertadas e grande parte da humanidade será destruída para sempre.

– Você não é muito otimista – afirmou Hanz com tom irônico.

– Sabendo como acontecerá, nem um pouco.

– Como acontecerá?

– Sabe, as pessoas presenciam calamidades o tempo todo, há séculos muitos são os que dizem que o fim virá, mas ele nunca chega. Compreenda: não se preocupe com os sinais do fim. Pague suas contas hoje, pois quando o momento chegar, a destruição será tamanha que não haverá nenhum banco capaz de saldar suas dívidas no dia seguinte.

Hanz engoliu sua saliva.

– Isso é um pouco perturbador.

– *Don't Worry... Be Happy.*

Após uma longa caminhada alcançaram o topo, onde uma grande Igreja abobadada com arcos concêntricos ostentava sua beleza exótica.

Caminhando em sua direção, Hanz foi surpreendido por imensos obeliscos ao seu lado direito.

– O que são essas coisas?

– São obeliscos – respondeu Aaron.

– Disso eu sei, mas na Etiópia?

– Axum foi uma região importante para o antigo reino de mesmo nome. Aqui reis eram coroados e também sepultados. Esses obeliscos possuem a função de demarcar as tumbas subterrâneas embaixo de nossos pés. Quanto mais alto for o obelisco, maior a importância do personagem enterrado.

– Sempre tive a visão de uma Etiópia marcada pela pobreza e pela fome, me sinto surpreso com o que estou vendo.

– O que está vendo faz parte do enigma, a Etiópia na verdade tem muitos mistérios não resolvidos.

– Mistérios?

– Vamos à igreja, eu irei revelar os fatos.

No pátio, o velho corvo guiou seus olhos percorrendo o perímetro. Enquanto isso, o novato turista ficou parado encarando com semblante confuso o templo atípico.

– Qual é o nome dessa igreja? – perguntou ele diante ao templo arredondado, característica da arquitetura greco-bizantina.

– Santa Maria de Sião.

– Sião? – pensativo, o mergulhador baixou seus olhos tentando ligar o nome aos fatos. – Claro, lembrei! Priorado de Sião e o mistério do Graal.

– Sião é a resposta para todos os enigmas etíopes.

– Mas o que li nos livros sobre o Priorado de Sião e o Santo Graal são verdadeiras?

– Não. O Priorado de Sião foi uma plausível, mas modesta invenção de Pierre Plantard.

– Pierre Plantard?

– Um homem comum, que pretendia de forma esdrúxula reivindicar sua posição ao trono francês através de um documento, os Dossiers Secrets d' Henri Lobineau. Nesses documentos havia uma lista de grãos-mestres com nomes de personagens ilustres da ciência e das artes que

cogitavam-se serem homens de descendência Merovíngia. É claro, no final da suposta lista estava seu nome: Pierre Plantard.

– Certo, mas e a relação com Sião?

– Bem, Pierre Plantard criou uma fraude em cima de uma lenda. O Santo Graal e a linhagem de Cristo que se repercutiu pelo mundo e difundiu teorias confusas sobre a existência e propósito da organização, assim como o ‘Sagrado Feminino’, o ‘Símbolo Oculto’.

– Você está falando sobre Maria Madalena ter tido um filho com Jesus Cristo?

– Sim, a lenda existe, mas está longe de ser uma verdade.

– Então, qual é a verdade?

Aaron avistou um homem etíope de túnica e turbante brancos que, descalço, dirigia-se a uma pequena capela. Com passos apressados ele seguiu-o com intuito de interceptá-lo. Hanz, afastado, correu para alcançá-lo, mas foi barrado por um homem armado de fuzil.

Embaraçado, ele tentou arriscar seu inglês.

– *Sorry. What's happening?*

O etíope de camisa xadrez balançou a cabeça negativamente, enquanto segurava seu rifle apontado para o chão.

Hanz fez uma última tentativa. – *But, my friend...* – antes que terminasse a frase o etíope, percebendo o movimento furtivo de Aaron, levantou seu fuzil apontando para sua cabeça.

O mergulhador travou em um impasse, não sabia se tentava uma negociação verbal ou arriscava sua vida pulando sobre o homem armado.

– Aaron! – gritou ele.

O velho corvo parou levantando as mãos.

O etíope caminhou em sua direção com o rifle apontado.

O homem de túnica branca, percebendo a confusão, virou-se. De longe, Hanz escutava Aaron falar uma língua desconhecida.

– Hei? Está tudo bem? – perguntou o mergulhador em tom audível.

– Fique parado e me aguarde – respondeu o velho corvo permanecendo com as mãos para o alto.

Hanz acompanhou-os com os olhos. Eles seguiram em direção às grades que protegiam a capela. Lá de dentro saiu um velho curvado, usando um manto branco de cetim. Pelas grades, Aaron conversava sempre vigiado pelo etíope de camisa xadrez. Decorrendo os minutos, o mergulhador se

encontrava aflito. Suas mãos começaram a tremer. Ele cruzou os braços tentando conter-se quando finalmente Aaron retornou com um sorriso tranquilizador.

– Tarefa cumprida – afirmou ele ao se aproximar.

– Por que aquele homem estava segurando um fuzil apontado para sua cabeça? – perguntou o mergulhador franzido, despejando sua inquietude adrenal.

– Ele estava protegendo a Arca.

– Arca? Que arca?

– A ‘Arca da Aliança’.

– A que carregava os dez mandamentos?

– Existe outra?

– Por que a ‘Arca da Aliança’ estaria na Etiópia?

– Bem, existe uma história contada no *Kebra Negast*, o Livro da Glória dos Reis. Nela diz que Salomão, o rei judeu, teve um filho com a rainha de Sabá chamado Menelik. Quando adulto, o filho do grande rei retornou a Israel e recebeu o convite de seu pai para reinar em seu lugar. Três anos se passaram e ele recusou sua proposta retornando à Etiópia. Com o enfraquecimento do império israelita, Menelik retornou a Jerusalém e colocou para si a responsabilidade de levar e proteger a ‘Arca da Aliança’.

– Mas, essa história é verídica?

– Há rumores de que a igreja católica possui um tratado com a igreja ortodoxa etíope de um dia revelarem a verdade. Entretanto, o que era mais importante da arca sobreviveu às guerras e ao tempo.

– E o que era mais importante?

– As tábuas dos dez mandamentos.

– Sério?

– Sim, está em toda Bíblia Sagrada.

– Isso é desapontador.

– Desapontador? Estamos falando da única parte da Bíblia escrita pelo próprio Deus.

Hanz abaixou sua cabeça. – Ele escreveu nas tábuas com seu próprio dedo, eu não havia pensado nisso.

Em seu dialeto o etíope armado expulsava-os com um gesto de mão.

– Vamos indo – disse Aaron.

– Me diga uma coisa, se era tão perigoso aproximar-se da capela, por que você não esperou o homem sair de lá?

– Como sumo sacerdote, ele está confinado entre as grades até a morte.

– Pera aí, aquele senhor nunca mais sai de lá?

– Não, é uma tradição etíope.

– E o que queria com ele?

– A chave para o Graal – do bolso ele tirou um tablete de madeira com a inscrição hebraica **השכין** .

– O que é isso?

– Uma permissão para entrar no local Santo e quem sabe, encarar a face de Deus.

O coração de Hanz disparou.

[Retornar ao sumário](#)

XVI
O Graal

“Deus constrói o seu templo no nosso coração
sobre as ruínas das igrejas e das religiões.”

(Ralph Emerson)

Gorgora, Etiópia, 12 de Janeiro de 2010.

Aaron e Hanz caminhavam próximos do lago Tana. O sol despontou seu primeiro raio no horizonte que ganhou o céu de um azul turvo. O vento vindo do lago oscilava inquieto; uma brisa fria, quase congelante. O mergulhador, agasalhado, cruzou os braços tentando se aquecer. Ele chocou seus dentes, aquela temperatura era desconfortante para ele.

Enquanto caminhava ao lado da margem seguindo seu guia, uma cena lhe chamou a atenção: à beira do lago alguns homens recolhiam pedras. Com a água nas pernas, eles erguiam as pesadas rochas sedimentares em dupla, depositando-as no barco.

– Você não me disse que etíopes evitavam o trabalho pesado? – indagou o mergulhador encarando os homens que sofriam com sua carga.

– Sim, por quê? – indagou Aaron.

– Por que aqueles homens estão carregando pedras a essa hora da manhã?

– Uma herança dos Templários.

– Templários?

– Sim, no passado eles usaram o povo etíope para erguerem construções monumentais.

– Que tipo de construções?

– Paciência, e você verá.

Houve uma pausa quando Hanz, aplacado pela curiosidade, voltou a falar.

– Qual o nosso destino?

– Engoliu uma matraca? – retrucou Aaron.

– Desculpe, acho que estou ansioso – o mergulhador estralou-se apertando os dedos.

– Escondido lá – respondeu o velho corvo apontando para as águas que sumiam no horizonte.

– No lago?

– Sim.

O lago Tana, situado a 1.820 metros de altitude, é o maior e mais importante da Etiópia. Possui influências místicas para etíopes, sudaneses e egípcios, já que marca o início do rio Nilo Azul, um dos dois braços que forma o grande e majestoso Nilo. O lago possui um arquipélago, um total de 37 ilhas, das quais dezenove tinham ou teriam tido mosteiros onde as sagradas relíquias do cristianismo ortodoxo etíope eram guardadas, incluindo no passado a ‘Arca da Aliança’.

Seguindo à margem em direção ao sul, Hanz foi surpreendido por uma ruína de grande beleza e magnitude.

– Que ruínas são essas?

– Um complexo, a igreja de Gorgora-Nova e o conjunto de palácios, antiga residência dos jesuítas – respondeu Aaron olhando para as ruínas de pedras que no passado formavam um grande e majestoso centro religioso.

As ruínas de Gorgora-Nova se estendiam próximo ao lago Tama. O conjunto constituído pelo palácio régio da residência dos jesuítas e a catedral foram concluídos na segunda década do século XVII. Apesar da destruição, podiam-se notar os traços da arquitetura indo-portuguesa nas muralhas de pedras de planta quadrada e na nave única, ao estilo barroco.

– Jesuítas? – Hanz curvou a testa.

– Sim, basta olhar para esses muros e você verá a influência portuguesa do missionário Pêro Pais. Essa formação de pedras e argamassa você encontra hoje em toda a Etiópia.

– Mas qual o interesse de Portugal nestas terras?

Aaron riu. – O mistério logo será desvendado meu caro.

Na borda do lago, Aaron encontrou um homem etíope de pele marcada, com traços fundos no rosto. Ele seguia para a margem arrastando uma barca com lâminas de papiro.

Aproximando-se, o velho corvo iniciou uma conversa.

O mergulhador permaneceu na margem, e mais uma vez, frustrou-se escutando a conversa sem entender uma única palavra. Ele olhou para seu relógio, modelo submarino. Seu pé seguiu o ritmo do ponteiro.

– O que está acontecendo? – retrucou baixinho de forma impaciente.

Após dois minutos, Aaron retornou com um semblante torcido.

– Ei, o que aconteceu? – indagou o mergulhador percebendo a frustração do velho corvo.

– Bem, tenho uma notícia boa e outra ruim – respondeu Aaron.

– Qual é a boa?

– Consegui um barco para nos levar à ilha Dek.

– E a notícia ruim?

– Vamos navegar dentro de um caixão.

– Caixão?

– Um barco velho com motor de quinze HPs.

– Mas por que o chama de caixão?

Aaron assobiou para o etíope. Com um gesto de sua mão, o magro e castigado homem sorriu. Ele levantou sua camisa exibindo buracos e cicatrizes profundas em sua pele.

Hanz arregalou seus olhos.

– O que é isso?

– Presas de hipopótamo – respondeu seu guia.

– Hipopótamos! – exclamou surpreendido.

– Às vezes é arriscado navegar nessas águas.

O mergulhador olhou para o extenso lago. Seu semblante era de medo. Apesar de dominar até as águas mais geladas, ter uma enorme presa pronta para perfurar sua pele não fazia parte de seu itinerário.

Caminhando por uma trilha alcançaram o temido transporte que estava preso à margem. Hanz engoliu a seco vendo a precária embarcação.

O velho barco de madeira, com assentos transversais, possuía duas hastes presas a longas varas de papiro. Atrás, um motor enferrujado de quinze HPs de potência.

Aaron entrou no barco seguido de Hanz que, sentindo o balançar, acomodou-se com certo receio.

O etíope entrou no barco e puxou a corda de partida consecutivamente. Após um grande esforço o motor finalmente ligou. O barco começou a singrar lentamente ao som de um motor intermitente. Quando se distanciaram da margem, Hanz, em seu estado de preocupação girava a cabeça percorrendo a extensão até onde seus olhos alcançavam. Havia pelicanos, crocodilos e aves nativas, entretanto sua atenção estava voltada para os temidos hipopótamos.

O sol se elevava no hemisfério. O mergulhador, transpirando, limpou com um lenço o suor que escorria e atrapalhava sua visão. Ele focou-se no horizonte sem avistar a terra firme. Preocupado, ele voltou-se para o etíope. Enquanto guiava o barco o magro e castigado homem com uma cuia retirava o excesso de água que se acumulava dentro do barco. Naquele minuto Hanz imaginou como seria ficar à deriva perdido naquela imensidão de águas turvas cercado de possíveis presas assassinas.

O tempo seguiu; lento e angustiante. A cada hora decorrida o vento vindo do norte ficava mais forte balançando a embarcação. O mergulhador parecia no seu limite. Apesar de a água ser seu estado natural, naquele momento ele estava pronto a abortar sua razão em um estado de pânico. Por um segundo ele parou para pensar nas peripécias que passou para alcançar suas descobertas e lembrou-se de Bruna. Refletindo, ele julgou-se: – Será que sou psicótico?

Enquanto viajava em seus pensamentos, Aaron tocou-o e, sobre seu ombro, apontou acima. Hanz virou-se e sorrindo, avistou a tão prometida ilha.

A ilha Dek é a maior ilha localizada no lago Tana, com cerca de dezesseis mil metros quadrados. O local que no passado era deserto, por isso recebeu o nome aramaico Dek, hoje é habitado por famílias vinculadas aos mosteiros construídos na ilha durante os últimos três séculos.

O barco parou em um ancoradouro na península do lado ocidental da ilha, próximo às ruínas do antigo mosteiro.

– Onde estamos? – perguntou Hanz.

– Entrando no mosteiro de Narga Selassié – respondeu Aaron.

Eles saíram do barco e caminharam por entre as velhas construções que seguiam a mesma linha: pedras irregulares alinhadas e justapostas com

argamassa.

Subindo as escadas e transpassando uma torre abobadada, eles alcançaram o monastério de Narga Selassié.

O templo construído de forma circular era sustentado por vários arcos romanos em pedra e argamassa que seguiam sua forma. O teto era feito de palhoça com armação em madeira.

Seguindo com os olhares desconfiados dos monges, Aaron e Hanz entraram no templo.

No local, o mergulhador admirou-se com as diversas pinturas etíopes no tecido que revelavam em sua beleza colorida os mais variados temas bíblicos.

– O que viemos fazer aqui? – perguntou ele.

– Para entrar no Santo lugar preciso da permissão do sacerdote – respondeu Aaron.

– O Graal encontra-se neste monastério?

Aaron apontou para uma das figuras. – Bem ali.

Hanz aproximou-se do desenho.

No tecido havia um homem em cima de seu cavalo branco. Na mão direita, segurava uma longa lança que feria o peito do dragão.

– São Jorge? – indagou ele, reconhecendo a semelhança da imagem com o santo protetor do seu time do coração, o Corinthians.

– Olhe o desenho acima.

Quando Hanz ergueu seu rosto encontrou a pintura da crucificação. No detalhe, um soldado romano perfurava o corpo do messias usando uma longa lança romana.

– O Graal! – exclamou o mergulhador com seu coração disparado pela descoberta.

Saindo do interior do templo, entre os mantos que dividiam a seção, o Sumo Sacerdote vestindo um manto cerimonial seguia carregando uma cruz Templária nas mãos. Ele recitava seu sermão na antiga língua semítica: o ge'ez.

Aaron aguardou até que a cerimônia terminasse.

Assim que os livros foram guardados no *maqdas*, o local sagrado, ele dirigiu-se ao sumo sacerdote. Após uma longa e exaustiva conversa, Aaron retirou do bolso o tablete de madeira com a inscrição hebraica. O

sumo sacerdote baixou sua face e entregou em suas mãos um incensário de bronze.

Com a peça, o velho corvo virou-se e com os olhos, indicou a saída do monastério para o ansioso mergulhador. Do lado de fora, após distanciarem-se do monastério, Hanz sussurrou baixinho.

– Não conseguimos?

– Quem disse que não conseguimos? – indagou Aaron. – E por que está sussurrando, ninguém aqui fala sua língua.

– Mas estamos nos distanciando do monastério.

– Em nenhum momento eu disse que o Graal estava neste monastério.

– Onde está então?

– Me diga: conhece algo sobre o Templo de Israel?

– A cultura israelita não é meu forte.

– Bem, o templo é uma réplica do tabernáculo, uma tenda portátil carregada pelo povo de Deus durante o êxodo. Nele encontravam-se três divisões: o átrio exterior, Santo Lugar e Santo dos Santos, ou santíssimo. Em cada destas três divisões havia artefatos simbólicos da cerimônia de purificação.

– Aonde você quer chegar?

– Sua mente deve compreender a verdade simbólica sobre o santuário, pois nele, você encontrará a resposta de seu enigma.

– Sobre o ‘Símbolo Oculto’?

– Sobre a imortalidade da alma.

– Imortalidade?

– O templo de Salomão, assim como o tabernáculo, possuía uma edificação. Nela encontrava-se o Santo Lugar e Santo dos Santos, repartições que eram separadas apenas por um véu. Uma vez por ano havia uma purificação, onde o sangue do cordeiro era aspergido no véu.

– Mas o que isso tem a ver com a imortalidade.

– Essa edificação representa a passagem entre a Terra e o Céu, onde apenas o corpo imortal pode atravessá-lo.

– Mas, como conseguimos a imortalidade?

– Através do ‘Símbolo Oculto’.

– O círculo e a cruz – disse Hanz baixinho tentando entender o verdadeiro significado daquele símbolo enigmático.

Aaron dirigiu-se para a floresta entre as terras escuras do altiplano. Com passos firmes, marcharam para o leste através de uma trilha que sumia entre a vegetação.

– Aonde estamos indo? – indagou o mergulhador, seguindo naquele percurso que parecia levar a lugar nenhum.

– Para o Santo Lugar – respondeu Aaron convicto.

– Vamos ver realmente a face de Deus?

– Espero que não.

– Por que não?

– Isso implicaria submeter nossos corpos a partículas do cosmo, vai por mim, não seria nada agradável.

– Por quê?

– Já colocou um gato dentro de um micro-ondas?

– Claro que não!

– É, nem eu; mas já explodi uma lasanha.

Hanz exibiu um rosto confuso.

Aaron chamou sua atenção.

– Nos próximos minutos, não se afaste de mim, e até segunda ordem, chega de perguntas.

– Mas...

– Eu disse chega de perguntas!

Hanz balançou a cabeça confirmando.

O velho corvo seguiu desbravando a mata, sussurrando um cântico em uma língua desconhecida. O mergulhador seguiu seu guia o mais próximo possível procurando abortar seu cérebro que insistia em criar indagações contínuas.

Enquanto caminhava afastando com a mão a vegetação, Hanz, procurando uma distração, encarou uma borboleta monarca africana. Ele seguiu seu traçado, um balé no ar. De repente, de forma enigmática, ela desapareceu.

– O que foi isso? – parado, indagou baixinho.

– Eu disse para não sair de perto – advertiu Aaron.

– Desculpe, mas...

– Entramos! – exclamou, interrompendo o mergulhador.

A poucos metros adentro na mata, revelou-se um majestoso templo onde os raios de luz e a singela poeira no ar infundiam-se com tons que

pincelavam a cena de pura mistificação.

– O que é isso? – indagou Hanz movendo os arbustos que bloqueavam a visão daquela enorme construção.

O grande complexo possuía muros altos de pedras irregulares e argamassa que enquadravam o pátio. Os muros eram constituídos de seis grandes torres de vigia com distância simétrica. Em frente, no pórtico de dimensão retangular, sustentado por duas colunas quadradas, encontravam-se os grandes portões de carvalho entreabertos. Dentro, o templo de dimensões inigualáveis erguia-se em altura acima dos muros. No pináculo, como no resto da fachada, as formas da arquitetura eclesiástica eram modeladas na rocha seguindo em ângulos retos dispostos às duas grandes colunas retangulares entrepostas à entrada. No final, ressaltando toda beleza, encontravam-se as portas douradas que cerravam o ornamento.

– É apenas uma réplica do templo de Salomão.

– Como... eu... nunca ouvi falar desse lugar? – Hanz estava estupefato com aquela descoberta.

– Porque poucos sabem sobre sua existência.

– Como assim? Temos monitoramento global de satélites, nada desse tamanho poderia escapar.

– Meu amigo; não existem satélites lá no céu – apontou Aaron para as nuvens.

– Como não?

– Acha que estamos em 2010?

Hanz arregalou-se. – O quê? – o cérebro daquele mergulhador estava pronto a desligar em uma enxurrada de adrenalina.

– Aqui não há tempo.

– Mas como algo dessa magnitude pode se ocultar?

– Lembra-se do Priorado de Sião?

– Sim.

– Apocalipse, capítulo sete, verso três: “E ouvi o número dos assinalados, e eram cento e quarenta e quatro mil assinalados de todas as tribos dos filhos de Israel.” Estes são os homens que durante gerações guardam os segredos de Deus, a grande família de Montesiano.

– Segredos?

– Descendências que ocultaram os portais do céu, doze mil homens ao todo... doze mil de cada tribo, até que um dia, o juízo finalmente seja

sentenciado.

– Portões? Há mais de um?

– Doze.

– Cento e quarenta e quatro mil; é óbvio – sussurrou Hanz compreendendo a simples matemática.

O mergulhador arfou um sentimento de peso pela descoberta iminente. Reflexivo, procurou reiniciar seu cérebro e logo foi bombardeado por momentos que o angustiaram. Imagens do passado eram reveladas com um filme; uma intrigante encruzilhada de fatos.

– Rogério de Carvalho possuía uma mina onde guardava suas descobertas em um cofre. Ele foi meticuloso em deixar um velho calendário com doze combinações associadas às fases da lua. Bem, não acredito que seja apenas uma coincidência. Por acaso isso tem a ver com os portais?

Aaron sorriu. – Aquele velho arrogante...

– Mas, o que a lua tem a ver com os portais?

– As fases lunares são importantes para tomarmos certas decisões. De certa forma, ela exerce forte influência nos fluxos de nossas vidas.

– Que papo místico é esse?

– Não há nada de místico nisso, é apenas uma das variáveis propostas nos ‘Algoritmos Sagrados’; portas do céu e do inferno são intercaladas de acordo com o padrão lunar. Como havia dito, o céu é o calendário dos *Daemons*.

– Como assim? Portões do céu e do inferno?

– Lembra-se das projeções que mencionei?

– Sim, claro.

– Pois bem, em um período curto de aproximadamente três dias o Nefeshe, eu digo, a natureza humana em sua forma mais primitiva, é liberada. Nesse momento, a raça humana se torna um alvo dos implacáveis demônios que aproveitam dessa fragilidade para suplantar suas necessidades da energia vital dos seres humanos.

– Isso é sério?

Aaron riu – Sim, ou por que acha que no período da lua cheia os homens enlouquecem?

– Como assim, enlouquecem?

– Isso não é nenhum segredo, afinal, existem inúmeras pesquisas pelo mundo que comprovam que a criminalidade associada a transtornos

agressivos aumenta significativamente em períodos de lua cheia. Claro, o motivo dessa agressão ainda é um mistério, porém eles perceberam que animais também são afetados. Portanto, chegaram à conclusão de que existe alguma relação com nosso lado primitivo. – Aaron fez uma pausa com um sorriso ardiloso. – Esse é o Nefeshe, o portão que se abre para o inferno.

– Que história macabra! – exclamou Hanz nitidamente amedrontado.

– Controle a ansiedade, meu bom homem.

Aaron tirou o isqueiro do bolso e acendeu o incensário de bronze.

– Certo, agora é só me seguir.

– Para que o incensário? – perguntou o mergulhador com olhos cautelosos.

– São orações.

– Orações?

– Sim, não quero ser morto por querubins.

Hanz sentiu seus músculos tencionarem seguido de palpitações.

Eles caminharam lentamente até adentrarem no átrio exterior. No piso, havia dezenas de pombas brancas que, percebendo a presença humana, afugentaram-se pousando no muro. O mergulhador levou seu olhar para os pássaros parados que pareciam estar observando-o.

Aaron quebrou o silêncio.

– Sabia que a pomba branca é o símbolo de Vênus?

– Por que está me dizendo isso?

– Faz parte do enigma.

– Vênus... – parou pensando. – A mulher, o símbolo – mordendo os lábios ele se frustrou, não compreendendo o propósito daquelas peças. – Ainda me sinto confuso.

O velho corvo sorriu.

À esquerda, Aaron aproximou-se de uma bacia de prata sustentada por suportes de madeira. Dentro, a cristalina água refletia como um espelho o sol da tarde.

– Segure isto para mim – disse ele, entregando o incensário nas mãos de Hanz.

Ele tirou seu casaco e debruçou-o sobre os ombros. Esticando os braços, lavou-os da mão ao antebraço.

– Pronto – disse ele, estendendo os membros no ar.

O mergulhador teve uma epifania olhando a água que respingava.

– Agora está claro! O batismo de Cristo, a purificação e a pomba que desceu do céu... É um contexto simbólico... – ele levantou sua face jubilosa. – O Espírito Santo!

– Muito bem rapaz, o círculo está compreendido. Agora resta a cruz.

No átrio, ao centro, havia um grande altar com dois metros de altura. Seu acesso era através de uma escada de pedra. Galgando os degraus, eles alcançaram o topo. Na superfície calcária havia um cordeiro morto; entre suas costelas, parte de uma lança partida rasgava-lhe a carne.

Hanz olhou para o ferimento.

– O que fizeram com esse pobre animal?

– É um sacrifício – Aaron agarrou a ponta da lança e puxou-a. Assim que a arma saiu, o ferimento no cordeiro foi curando. O animal abriu seus olhos e levantou-se milagrosamente.

– Isso é impossível! – exclamou o mergulhador olhando fixo para o cordeiro que descia as escadas.

– Em Sião ninguém morre – respondeu Aaron.

Após recompor-se, o mergulhador voltou seus olhos para a arma.

– Essa é a lança?

– Sim, a Lança do Destino. – Aaron girou-a examinando o sangue diluído e quase cristalino na ponta chanfrada.

– Lança do Destino?

– Um apelido dado pelos homens; líderes mesquinhos que procuravam dominar o mundo. Eles acreditavam que enquanto tivessem essa arma, nunca poderiam ser derrotados.

– Hitler teve essa lança em seu poder?

– Por que pergunta?

– É apenas uma velha lenda que li nos livros.

– Hitler sobreviveu a várias tentativas de assassinato, parecia que era impossível matá-lo. Seus aliados e inimigos chegaram a acreditar que o portador da lança não poderia ser vencido. Uma grande ilusão, um equívoco que levou a guerra a se estender por dolorosos anos. Para o *führer*^[Z] alemão, a lança era apenas um amuleto. Aquele pobre diabo sabia que sua vida era regida pelos ‘Algoritmos Sagrados’.

– Tantas pessoas morreram nessa guerra.

– Esse é o saldo que pagamos pelo pecado.

– Meu avô lutou no fronte de batalha – do rosto de Hanz escorreu uma lágrima. – Desculpe, acho que estou emocionado – ele esfregou os olhos com as pontas do dedo.

– Muito bem rapaz, você está saindo melhor do que a encomenda.

Agora: – Aaron apontou a ponta da lança em direção de seus olhos. – Finalize o enigma.

O mergulhador visualizou o sangue na ponta da arma e, sorrindo, se abaixou pegando um pedaço de pedra.

Sobre a superfície do altar ele rabiscou um símbolo:

– Este é o feminino, Vênus.

– Certo.

– Mas invertido... – ele levantou-se virando seu corpo em frente ao colossal templo. – Representa o grande complexo à nossa frente. Para pisar no Santo Lugar é necessário adquirir o Espírito de Cristo e no Santo dos Santos o seu sangue, assim como este símbolo, o círculo e a cruz. Só assim será imortal e capaz de atravessar o portal.

– Ótimo, nunca tive um aluno tão aplicado. – Aaron tocou em seu ombro. – Agora guarde as minhas palavras: O que vê ao seu redor é simbolismo. Um dia todos os templos da terra irão ruir como viste à margem do lago Tana; e seus devotos irão se perguntar “o por quê”? Saiba que o verdadeiro templo de Deus não é feito com tijolos e argamassa, mas sim de pessoas que compreendam o verdadeiro significado do ‘Símbolo Oculto’.

– Quando todas essas coisas irão acontecer?

Aaron abaixou seus olhos para o símbolo desenhado.

– Haverá um tempo em que nascerá uma menina com o sangue e o Espírito de Deus e esta tomará a difícil decisão de escolher seu caminho. Neste dia, ela poderá restaurar a ordem e restabelecer o pacto que a antiga serpente desfez. Pois só assim, o juízo será sentenciado a Terra.

– Essa menina é um ciclo?

– Exatamente – Aaron sorriu com entusiasmo.

Compreendendo aquele enigma, Hanz alegrou-se demasiadamente, mas sua feição de contentamento foi interrompida quando inesperadamente sentiu o tecido de sua calça aquecer. Ele colocou a mão no bolso retirando

seu celular. O calor do aparelho queimou seus dedos. – Ai! – ele o largou. Na queda uma bola de fogo se formou.

– O que está acontecendo? – indagou ele olhando para seu aparelho explodindo na base do altar.

Aaron virou-se rapidamente para as portas abertas do templo e gritou:

– Pula!

Sem hesitar Hanz jogou-se para frente.

Ambos caíram sentados no chão na base do grande altar.

– O que está acontecendo? – indagou o mergulhador quando um brilho se expandiu como um grande pulsar. A energia radiante se afastou rapidamente do centro. Eles ficaram parados até que a luz finalmente se dissipou.

Hanz soltou o ar dos pulmões em frenesi.

– O que era aquela luz?

– Lembra-se do que eu havia dito sobre as partículas cósmicas? – perguntou Aaron.

– Sim.

– Algo atravessou o portal e veio para nosso mundo.

– Quem? – indagou o mergulhador com os olhos arregalados.

– Não sei, mas algo de ruim está para acontecer.

XVII

Ponteiros à meia-noite

“O tempo é uma ilusão produzida pelos nossos estados de consciência à medida em que caminhamos através da duração eterna.”

(Isaac Newton)

Sobre a Torre de Belém um homem alto de cabelos dourados olhava para as ruínas de Lisboa em uma cena apocalíptica. O ar turvo e pesado carregava cinzas que caíam como neve. No horizonte, nuvens negras piroclásticas castigavam a terra com raios alaranjados. As ruas abaladas pelo grande tremor se encontravam desertas, com exceção dos mortos espalhados em seus túmulos erguidos pelo pilhar dos escombros. Dos arranha-céus pouco ficou de pé, apenas algumas das antigas e tradicionais construções se mantinham sobre seus pilares.

O vento soprava em todas as direções. Seu manto vermelho com bordas esmiuçadas erguia-se no ar como serpentes que seguiam o seu movimento ondular. Ele desabotoou seu colete enquanto escutava cânticos eruditos vindo de todas as partes, milhares de vozes.

Sentindo o calor em seu peito nu, fechou seus olhos.

– O que fizemos? – indagou ele, quando de trás materializou-se um homem de manto púrpura com cabelos negros que seguiam até o chão.

Ele aproximou-se e prostrou-se de joelhos.

– Meu senhor!

– Levante-se Shullat e me digas: o que vês?

Ele se levantou e olhou a grande paisagem de devastação.

– Vejo destruição até onde meus olhos alcançam.

– Destruição, é isso que nos restará nesta terra?

– Meu senhor, és descrente dos mandamentos de Mastema?

– O que ele nos prometeu?

– Liberdade, meu senhor.

– Liberdade através do sangue inocente; afinal, esse não era o propósito de Deus? – ele exibiu seu rosto de indignação. – Não teremos liberdade, apenas essa devastação será esperada. Durante milênios esse povo reverenciou-me como a luz, mas nada sou senão uma sombra assolada pela dúvida. Não há sabedoria diante de meus olhos, apenas desilusão.

– Mas meu senhor, se não há sabedoria em nossos passos, o que devemos fazer?

– Quanto tempo ainda nos resta?

– Meu Teraphim está calculando.

– E a menina de olhos de esmeralda?

– Não fomos capazes de compreendê-la.

– Não há sabedoria – ele tirou sua capa que ardeu e incendiou-se no ar.

Shullat, percebendo a aproximação de uma entidade, retrocedeu seus passos.

– Um dos meus Venatores aproxima-se. Voltarei assim que o Therafim terminar os cálculos.

Imediatamente seu corpo foi desmaterializado.

Sobre a luz das estrelas, ele abriu seus olhos.

Circundando seu corpo de forma concêntrica, encontravam-se as rochas megalíticas da Idade do Bronze de Stonehenge. Shullat abaixou seus olhos para a lanterna a óleo que no chão difundia sua luz dançante nas texturas rochosas. No silêncio da noite, ele direcionou-se para um pequeno garoto encapuzado que, com um pedaço de greda, rabiscava fórmulas nos grandes monumentos de rocha através do alfabeto *futhorc*[\[8\]](#).

Um passo; alguém se aproximava.

– Mestre, eu devo receber minha penitência, pois falhei em executar seus ‘Algoritmos Sagrados’ – afirmou Itonde curvando-se diante ao grande monumento.

– Me diga, por que falhaste? – indagou Shullat.

– A menina é poderosa.

– Explique-se.

– Caronte esteve a poucos metros dela, mas foi incapaz de compreender os mistérios que envolviam sua mente.

– Caronte foi tolo! – um momento de fúria.

– Eu vi com meus olhos mestre, a menina manipula com a mesma habilidade de Mephistos. Não há relatos de que uma Controladora tivesse tamanho poder em suas mãos.

– Ela feriu-te?

– Sim, fui subjugado em minha própria arte.

– Que mistérios um único ser pode revelar? Ela é apenas uma jovem que nem ao menos se tornou mulher. Como pode uma menina se mascarar com seu corpo maculado; os males da terra, os alquimistas, os profanadores nada podem contra ela?

– Talvez o terceiro algoritmo exista.

– O terceiro algoritmo é uma lenda! – exclamou em fúria.

– Não há outra explicação meu mestre.

Shullat olhou para o menino que, ao esfarelar a greda de sua mão, parou com seus olhos perdidos.

– Tens razão!

– Sobre o terceiro algoritmo? – indagou Itonde.

– Não, sobre merecer uma punição – ele virou-se para o menino que balançava sua cabeça em um ciclo interminável. – Meu Therafim precisa de tinta para terminar a obra.

Itonde caminhou em sua direção. Próximo, curvou-se de joelhos saudando com a cabeça.

Shullat colocou a mão esquerda sobre sua testa.

– *Inferos redires obscurum.*

Itonde agonizou com dores terríveis, as artérias de seu corpo eclodiram e seu ventre se abriu. De olhos abertos, estendido no chão, ele arfou com um violento e último suspiro.

– Não se preocupes, trarei um novo corpo para ti – disse Shullat encarando a carne em sangue que jazia ao chão.

Sentindo o cheiro do sangue fresco, o jovem menino encapuzado aproximou-se. Abaixando-se, tocou com o dedo as vísceras do moribundo. Levando o dedo à boca sentiu o fluído viscoso. Levantando-se, conferiu o alinhamento das estrelas entre o par de rochas localizado a leste da

estrutura. Com a falange respingando o sangue de Itonde, continuou rabiscando o megalito.

Terminando as últimas inscrições, ele voltou-se para seu mestre e sentou-se cruzando as pernas.

Shullat girou seu corpo lendo as inúmeras inscrições.

– Não pode ser, há algo errado! – exclamou com o rosto perturbado. Na sequência fechou seus olhos.

Retornando à projeção apocalíptica de uma Lisboa devastada, ele prostrou-se novamente de joelhos.

– Meu senhor.

– O que tens para mim? – perguntou o homem de cabelos dourados.

– Não nos resta muito tempo.

– O que estás a me dizer?

– A data prevista foi novamente mudada.

– Como?

– Não haverás meses, mas sim semanas.

– O que está acontecendo? – disse o homem de cabelos dourados olhando a tempestade que se aproximava.

Ele parou pensativo, não havia como negar a existência de uma terceira força que debilitava os esforços para manter a ordem.

– Senhor, o que faremos? – perguntou Shullat erguendo sua face.

– Não estamos prontos. Precisamos impedir Mastema.

– Iremos desafiar o poder do sacerdote das trevas?

– Mastema deixou de compreender as forças dos ‘Algoritmos Sagrados’, a única centelha que lhe resta é seu ódio pela humanidade.

– Mas como faremos para impedi-lo?

– A menina não deve ressuscitar o descendente de Caim.

– Que linha será interrompida?

Ele parou guiando seus olhos para o leste.

– Em breve, a jovem de olhos de esmeralda estará em Bagdá. Ela não deve seguir seu rumo a Etemenanki. Impediremos seu progresso a qualquer custo.

– Não podemos impedi-la!

– Podemos e iremos fazer.

– Como?

- Usaremos os ‘Algoritmos Sagrados’ a nosso favor, a jovem menina deve tomar sua decisão imediatamente: viver ou matar.
- Mas ela pode ler nossos pensamentos.
- Usaremos os antigos enigmas.

[Retornar ao sumário](#)

XVIII Mudanças

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.”

(Fernando Pessoa)

O s raios de sol que entravam pela pequena janela do enorme jato esquentavam a pele de forma suave.

Eu abri meus olhos; havia dormido sentado, com a cabeça apoiada sobre a mesa. Pisquei olhando para a lamparina que permanecia acesa. Em cima da mesa estava a minha carta.

Suspendi-a no ar e tentei ler suas linhas, mas minha medíocre leitura frustrou-me. Percebi que a dificuldade de leitura acentuava-se e as letras pareciam se embaralhar.

Demasiadamente esforcei-me durante aquela semana. Era fato que estava atormentado com minha visão, afinal, o sangue dos czares estava em minhas mãos. Espero que meus esforços não sejam em vão, a guerra deve cessar. Mas havia medo em meu interior, Nicolau II poderia revogar meus pedidos angustiados.

Estava a terminar minha deliberada carta quando alguém bateu em minha porta. Levantei-me ainda pensativo e destranquei minha humilde alcova.

Quando a porta rangeu sobre suas dobradiças, fui surpreendido pela visita.

– Marta? O que fazes aqui? – indaguei para a mulher à minha frente que usava um provocante decote.

Sem tirar os olhos de minha face, ela sorriu e acertou-me no ventre com um punhal. Eu caí ao chão sobre os cristais de gelo que se formaram na soleira naquela manhã. Ainda sentindo a terrível dor provocada pelo golpe, olhei para a mulher que corria cambaleante; parecia embriagada.

– Matei o demônio! Matei o demônio! – gritava ela.

Sabia que o arquimandrista Teofano iria tentar me ferir, mas nunca me passou que Marta Gussewa poderia ser sua ferramenta.

Arrastei-me pela neve ainda sangrando quando um velho amigo veio me socorrer.

Fui levado a Boryenka, o cirurgião médico. Ele removeu meus trapos embebidos pelo sangue. Com meu corpo exposto, ele foi surpreendido com o ferimento que se lacrava diante de seus olhos.

Ele olhou para mim com olhos espantados.

– Quem é você? – perguntou-me admirado pelo milagre que acabara de presenciar.

– Eu sou Grigoriy Yefimovich – bradou Layla suave, abrindo os olhos.

– Menina? – indagou Aaron no corredor do avião.

A gótica piscou.

Sentindo uma forte dor na cabeça, ela pressionou sua área temporal com as pontas dos dedos.

– Estou bem.

– Você não está com uma cara boa, chegando em Bagdá seria bom tentar desconectar-se.

Ela levantou da poltrona. – Eu disse que estou bem! – exclamou com tom grosseiro.

– Hei moça! De acordo com a minha identidade, sou eu o senhor de idade aqui, portanto lhe darei as ordens.

– Nem se fosse meu pai. – Layla seguiu para se lavar.

Com o rosto preocupado, o velho corvo torceu a boca.

– Desencana Aaron, era apenas um sonho – afirmou Bruna no banco ao lado.

– Não era apenas um sonho.

– Quem é Grigoriy Yefimovich? – perguntou Hanz.

– Rasputin, o homem mais odiado da Rússia.
– Por que Layla estava sonhando com ele?
– Layla não estava sonhando com ele, Layla é ele.
– Como? – indagou o casal de peritos com as sobrancelhas arqueadas.

– Pessoas possuídas ou conectadas aos espíritos podem trocar antigas experiências de um antigo hospedeiro.

– Por isso algumas pessoas descrevem fatos do passado? – perguntou o mergulhador tentando associar aquela informação que beirava a um movimento espírita.

– Exato! Alguns creem que essas experiências são de uma encarnação, uma vida passada, o que não é errado pensar; entretanto, sua fonte é um demônio.

– É esse o mesmo demônio que cura os ferimentos de Layla?

– Bem, vou contar a história de Grigoriy Yefimovich. Talvez assim compreendam melhor suas reais habilidades. Tudo começou na pequena cidade de Pokrovskoie. Grigoriy Yefimovich e seu irmão, ainda pequenos, brincavam sobre as margens congeladas do rio Tura. Grigoriy corria lépido quando o gelo aos seus pés partiu fazendo-o cair nas águas congelantes. Seu irmão veio ao seu chamado e, esticando o braço, tentou ajudá-lo. A fina camada de gelo não suportou o seu peso. O corpo despencou nas águas congelantes. Eles se debateram, mas exaustos, cessaram prontos a sucumbirem sob o frio implacável. Os pequenos começaram a afundar quando um velho andarilho puxou-os pelos braços. Na margem, ambos foram socorridos. Grigoriy estava a ponto de desmaiar quando viu a cruz invertida presa ao colar do andarilho. Imediatamente ele agarrou o objeto e invocou o espírito errante.

– O andarilho era um possuído? – perguntou Hanz.

Aaron sorriu. – Os irmãos ficaram convalescidos, mas em estado de coma. Não havia esperança para eles, os médicos e curandeiros já haviam advertido. No segundo dia, Grigoriy se restabeleceu de forma milagrosa, mas seu irmão não aguentou e morreu.

– Que trágico – intercalou Bruna.

– Como ele sabia sobre o demônio? – perguntou Hanz, martelando sua ideia.

– Grigoriy era um garoto que desde cedo se interessou pela simbologia. Ele conhecia os traços deixados pelos mal, as máscaras eram claras para ele. Depois de possuído, passou a estudar as artes ocultas para compreender melhor suas habilidades e assim, tornou-se um Controlador.

– Controlador?

– Sim, ele podia manifestar as habilidades de seu demônio estando no controle de suas ações. Ele cresceu e virou uma lenda curando pessoas e profetizando aos czares. Mas Grigoriy desconhecia a consequência de seus atos. Com a fama, veio a depravação. Ele teve muitas mulheres, afinal era um homem incansável e insaciável, nada exauria suas energias. Rasputin poderia ter noites e mais noites de prazeres sem que perdesse sua virilidade. Mas um dia, veio a amar uma mulher, seu nome era Praskovia Fyodorovna. O místico de Pokrovskoie estava mudado, talvez em sua mente ele acreditasse fielmente que havia feito as pazes com Deus. Entretanto, suas alegrias logo se foram quando percebeu as amarras da maldição.

– Maldição?

– Os filhos de suas amantes morriam no parto, por isso, desconfiou que talvez os filhos que tivera com Praskovia Fyodorovna não eram seus. Desconsolado, ele viajou pelo mundo procurando respostas, mas apenas encontrou mais perguntas. Pelos seus atos de libertinagem e atual posição perante aos czares, o místico de Pokrovskoie foi chamado pelo povo de Rasputin, que significa homem depravado. Após sua imagem negativa ter se espalhado pelos quatro cantos da Rússia, inúmeros assassinos tentaram matá-lo, mas parecia impossível, o homem recusava-se a morrer.

– Mas morrer é uma condição humana, não?

– Sim, mas em parte, ele não era humano.

– Como?

– No dia 16 de dezembro de 1916, o príncipe Félix Yussupov, um bissexual herdeiro de uma das maiores fortunas da Europa decidiu matar Grigoriy Yefimovich. De fato, havia muitos homens que odiavam Rasputin, mas Félix Yussupov, sendo um homem da corte, possuía o desgosto de saber que sua esposa era amante do místico. Nesse dia, Yussupov convidou-o para uma noitada em seu palácio, prometendo vinho e libertinagem. Mesmo desconfiado, Grigoriy apareceu nas primeiras horas da madrugada. Logo ele foi acolhido na mesa. O príncipe fez questão de servir vinho Madeira, um dos mais desejados pelos russos. Yussupov queria embebedá-

lo acreditando que seria mais fácil matá-lo. Rasputin tomou garrafas inteiras, entretanto recusava-se a ficar alterado pela alta dose de álcool. O príncipe, impaciente, subiu as escadas onde seus comparsas Vladimir Mitrofanovich Purishkevich, um deputado de extrema-direita, e o Grão Duque Dimitri Pavlovich ouviam música. Nas mãos de Yussupov eles entregaram o cianureto de potássio, uma dose que mataria um elefante.

– Cianureto de potássio? – indagou Hanz.

Bruna intercalou na conversa com um sorriso.

– Cianureto de potássio é altamente tóxico, ele reage com a hemoglobina impedindo o transporte de oxigênio aos tecidos, a morte é quase instantânea. Era muito usado por soldados alemães quando eram capturados para que assim, não fossem torturados – ela empurrou o ombro do mergulhador mordendo os lábios. – Viu; você não é tão inteligente como parece.

– Posso continuar? – perguntou Aaron com descaso.

– Perdão – desculpou-se envergonhada.

– Yussupov colocou o poderoso veneno na garrafa de vinho e também na refeição. Grigoriy, sem perceber, se empanturrou com a comida e o vinho trazidos pelo malévolo anfitrião. O tempo passava e sem entender, o príncipe encarava a feição de satisfação de seu inimigo sem compreender como aquele homem ainda continuava vivo. Irado, ele saiu dos aposentos. Cansado da situação, retornou com uma pistola nas mãos e atirou em seu adversário à queima-roupa. O tiro acertou o pescoço de Rasputin. Mesmo com o sangue derramando-se pelo chão ele ergueu-se gritando o nome de Yussupov. Como um feroz leão, ele partiu de forma ágil para cima do príncipe amofinado. Aterrorizado com Grigoriy que se recusava a morrer, Yussupov correu para a antessala e trancou a porta. Seus comparsas aproximaram-se e escutaram o barulho da madeira arrebetando-se. O místico de Pokrovskoie estava destruindo a porta do palácio na tentativa de escapar. Yussupov e seus comparsas se armaram: três pistolas ao todo. Grigoriy finalmente arrombou a porta e correu para o pátio onde a neve cobria o chão com alguns centímetros. Vendo o místico a poucos metros, todos engatilharam as pistolas. Os tiros foram consecutivos, uma saraijada de balas atingiu o corpo, cinco no total. O fugitivo tombou, mas continuou se arrastando. Os homens correram e passaram a surrá-lo e a esfaqueá-lo, entretanto, o místico continuava sussurrando no chão. Inconformados, eles

se entreolharam quando um inglês aproximou-se. Ele sacou sua pistola Webley.455 e disparou contra a testa de Grigoriy com uma única bala de prata. Orientados pelo homem desconhecido, os conspiradores trouxeram correntes e prenderam as pernas e os pulsos do místico. Após ensacar seu corpo, atiraram-no às águas geladas do rio Neva.

– Puxa! Tudo isso para matar um homem? – indagou Bruna.

– Na verdade não seria o bastante para matá-lo, mas a água gelada é o calcanhar de Aquiles desses espíritos. A perícia resgatou seu corpo. Dentro do saco, Grigoriy havia se livrado das correntes. Levaram-no à autopsia. Apesar dos ferimentos demasiados, nenhum órgão foi danificado, mas havia água em seus pulmões.

– Você está de brincadeira? – indagou Bruna.

– Por quê? – perguntou Hanz.

– Se encontraram água nos pulmões, isso significa que, após a sequência de: envenenamento, tiros, surras e facadas, ele continuava respirando.

– E ele realmente estava – completou Aaron. – Bem, o corpo foi enterrado em Puchkin, Tsarkoe Celo, mas seu coração foi guardado na Academia Militar de Medicina, onde em 1930 foi roubado.

– *Déjà vu* – afirmou Hanz vendo a semelhança com a história de Paul Whitehead.

– Após sua morte, suas visões tornaram-se reais. Em outubro de 1917 os bolcheviques liderados por Vladimir Lênin tomaram o poder e proclamaram um novo regime. A nobreza russa, incluindo os czares Nicolau II, Alexandra, seu filho Alexei e suas filhas foram executados pelos bolcheviques na madrugada de 17 de Julho de 1918.

– Realmente estou toda arrepiada. Que história incrível, parece... – Bruna foi interrompida por Aaron.

– Eu ainda não terminei.

– Não? – indagou o casal.

– O túmulo de Rasputin foi venerado por peregrinos, o que não era de bom grado aos comunistas. Assim, o exército vermelho marchou para destruir seu sepulcro. Quando removeram a tampa do caixão tiveram uma surpresa, ele estava vazio. Com medo de criarem um mártir, em sigilo eles levaram um corpo indigente em vagão fechado até a estação de metrô Lesnaya, onde cremaram os restos.

Hanz e Bruna estavam boquiabertos quando, pelo comunicador, o piloto do avião transmitiu a chegada ao Aeroporto Internacional de Bagdá.

Aaron sentou-se e acertou um tapa na cabeça de Carlão que dormia com os fones de ouvido. O malandro, assustado, levantou-se com os punhos erguidos.

– Ah, moleque! – gritou ele.

– Coloque o cinto, estamos pousando – advertiu Aaron.

– Cara, eu ‘tava’ sonhando com Tókyo, eu era o maioral.

– Cantor de Rock? – perguntou Hanz com um sorriso.

– Não, o Godzilla... doido para surrar uns prédios.

– Bota o cinto animal! – exclamou Aaron.

– ‘Péla-saco’... Seu eu fosse o Godzilla não ‘tava’ botando o cinto e sim, comendo este avião junto com os passageiros indesejáveis.

Bruna balançou lentamente o bracinho de Dasha.

– Querida, estamos chegando.

A pequena se espreguiçou com um alongamento.

Layla regressou e sentou-se em sua poltrona enquanto o avião pousava na pista. Pela janela ela avistou aquela terra árida que prometia erradicar a dúvida e possibilitar o encontro com seu amor. Os desafios pareciam enormes, mas ela estava pronta, afinal, só lhe restou a vida, um saldo que ela estava preparada a liquidar.

Eles desembarcaram.

No portão um dos fiscais, um homem atarracado, encarou a mala prateada que Aaron carregava. Desconfiado, ele apontou para o objeto.

– *Stop, let me see your bag* – disse ele com seu sotaque árabe que arrastava os fonemas.

Aaron levou a mala colocando-a sobre o balcão.

– *Open* – ordenou o árabe.

Aaron puxou os fechos com um clique. Abrindo-a, virou-a na direção do fiscal. O atarracado homem franziu a testa olhando para o instrumento cuneiforme de ferro forjado que repousava sobre uma espuma de polietileno. Observando a ponta de coloração rubra, removeu o objeto de seu invólucro. Aaron observava-o enquanto colocava suas luvas de couro.

Repentinamente, o fiscal começou a tossir colocando as mãos sobre a garganta. Sua pele gradativamente ganhava um tom roxo enquanto o

sufocamento súbito agravava-se. Aaron agarrou a lança com as luvas e o fiscal caiu no chão.

Rapidamente foi socorrido e levado para a enfermaria.

– Olha a garganta, deve ser a língua! – gritou Carlão tirando sua própria língua para fora.

O velho corvo encarou-o arqueando sua sobrancelha direita. O marombado se incomodou com o rosto dissentido:

– Que foi? Isso sempre acontece comigo.

Eles seguiram para as esteiras e pegaram as malas.

Enquanto caminhavam à saída, Aaron perguntou:

– Alguém tem um celular para me emprestar?

– Eu tinha, mas ele pegou fogo – respondeu Hanz com tom broxante.

– Seu iPhone pegou fogo? – indagou Bruna.

– É uma longa história.

– Pegue o meu – a perita tirou seu celular da bolsa.

Aaron digitou um número.

– Alô! – exclamou ao completar a ligação.

Uma voz calma atendeu a chamada.

– Aaron?

– Estamos aguardando no aeroporto – o velho corvo desligou o telefone sem mais explicações.

– Para quem você ligou? – perguntou Bruna.

– Um velho conhecido que mora no Iraque.

– Espero que não seja o Osama bin Laden – Carlão soltou um risinho.

– Não, o Osama está ocupado no Paquistão jogando pebolim.

– Querendo competir com o rei da ironia?

Aaron olhou para o marombado de cima a baixo.

– Camisa havaiana, bermuda e chinelo. Isso não é uma competição, você é imbatível.

– Tá tirando com meu uniforme de trabalho?

Aaron torceu a boca.

Carlão circulou suas órbitas em um pensamento reflexivo.

– Ah, saquei, isso foi outra ironia. ‘Tu’ é bom! – ele exibiu uma expressão que oscilou entre a afirmação e negação.

Na saída, o grupo seguiu para o *lobby* do aeroporto, um grande setor com armações de abóbadas de ogivas consecutivas. Sentados em cadeiras forradas, esperaram o contato de Aaron chegar.

Com uma hora decorrente, tocou uma buzina. O som bovino ecoou pelo local.

– Nossa carona chegou – afirmou o velho corvo colocando sua mochila nas costas e agarrando a mala prateada.

Eles seguiram em direção à pista.

Na via estava estacionado um furgão. O motorista, um senhor de barba e bigode esgrouviados, acenava com um sorriso de dentes tortos. No rosto, ele usava óculos ‘fundo de garrafa’ que, com foco exagerado, esbugalhava seus olhos entre as lentes.

– Meu velho amigo Aaron! – exclamou o senhor com seu sotaque semita, seguido de um abraço e beijos na face de ambos os lados.

– O amor é lindo – ironizou Carlão.

– Abdul, esse é meu time – Aaron fez as apresentações.

– Venham, venham, entrem – ele abriu as portas do furgão.

Todos se acomodaram tentando se empertigar nas poltronas irregulares de felpos saltados.

Abdul apurou-se no banco do motorista e ligou o motor. Após um tiro de escapamento o furgão roncou trepidando como uma velha máquina de lavar.

– Para onde amigo?

Ao lado, no banco do carona, Aaron tirou os sapatos.

– Precisamos de roupas discretas.

– Ótimo! Tenho o lugar certo.

O velho árabe dirigiu-se ao centro comercial.

Bagdá, capital do Iraque, é uma grande metrópole com mais de nove milhões de habitantes. Situada no centro do país, às margens do rio Tigre, ela diverge em cultura com arranha-céus e edificações de origens pré-islâmicas. Sua estrutura urbana é dinâmica e acolhedora, apesar dos olhares desconfiados de um povo que aprendeu a viver em conflito.

Abdul parou no estacionamento e desembarcou os passageiros.

– Esta é a loja. ‘Esta’, você encontrar de tudo.

– Obrigado meu velho amigo. Retornamos em uma hora.

– ‘Eu esperar’.

Eles entraram na loja, uma grande galeria.

Aaron tomou à frente escolhendo as roupas.

Bruna, incomodada pela possibilidade de perder sua identidade, indagou:

– Quem terá que trocar de roupa?

– Todos – respondeu Aaron de forma seca.

– Por quê? Sinto-me ótima com que estou vestindo.

– Suas roupas são andrógenas.

– Quê?

– Ele disse que você se veste como homem – definiu Hanz.

– Eu não me visto como homem! – retrucou Bruna.

– ‘Hei’, você usa cuecas de algodão.

Bruna socou Hanz. – Não é para espalhar essas coisas... e as cuecas de algodão... são muito confortáveis.

Aaron tirou uma peça de roupa do suporte e lançou em direção à perita.

– Se não quiser morrer aqui, use isso.

Bruna olhou para o longo e incomum conjunto azul.

– O que é isso?

– *Jilbab* com *hijab*. Você não ficará desconfortável, o conjunto tem uma calça *baggy*. Ah! Leve este conjunto lilás para Dasha.

– Venha Dasha, vamos nos torturar – disse a perita com as peças na mão.

– Carlão, você é o próximo – Aaron retirou um conjunto esporte-fino.

– Tu tá tirando onda comigo? – indagou o marombado.

– Sabe, há várias formas de torturas usadas pelas facções neste país, entre as mais interessantes temos as genitais.

– Genitais?

– Sim, com o fogo eles incandescem um fio de arame e o introduzem pela uretra.

– Uretra?

– Por onde você faz xixi.

Os músculos do ventre de Carlão se contraíram e, com as mãos, protegeu suas genitais.

– Me dá essa porcaria! – exclamou resmungando.

Aaron virou-se para Hanz.

– Agora você... – ele curvou sua boca olhando para os trajes do mergulhador. – Está perfeito!

– Perfeito? – indagou Hanz.

– Venha Layla. Para você... – Aaron procurava as vestimentas adequadas. – Tem que ser algo bem largo que lhe permita mobilidade.

Hanz ficou parado, sozinho, tentando entender a afirmação de Aaron.

– O que ele quis dizer com perfeito?

Entre as várias peças, o velho corvo escolheu uma vermelha.

– Achei! Se você sangrar passará despercebida.

Layla pegou a peça e foi à cabine se trocar.

Aaron e Hanz ficaram sentados, desviando os olhares sem assunto para comentar.

O mergulhador inquieto lhe dirigiu a pergunta:

– O que você quis dizer com perfeito?

Aaron, colocando a língua no céu da boca, tentou esboçar uma resposta. Quando havia reformulado finalmente uma, Bruna e Dasha saíram da cabine.

A perita vestia o *jilbad* que se estendia até a cintura, com pregas e um belo bordado branco. A calça *cirwal*, de mesma cor, realçava o conjunto. Na cabeça, o *hijab* contornando o pescoço com caimento sobre os ombros. Dasha usava um *jilbad* e uma saia até os pés, rosa com florais bordados. Na cabeça, um véu de seda rosa.

– Estou parecendo uma palhaça – afirmou Bruna incomodada com as peças extravagantes.

– Não, você está linda! – exclamou Hanz.

– Mãe, você está linda – reforçou Dasha puxando seu *jilbad*.

– Obrigada, minha querida – agradeceu a perita com um sorrindo condescendente.

– Sabe Bruna, não há nada de errado em ser feminina de vez em quando – disse Aaron.

– Isso parece errado – afirmou ela, encarando suas vestes.

– Por quê?

– Não sei, estou igual aquelas odaliscas submissas, tratadas como objeto.

– O mundo está mudando, a mulher está ganhando seu espaço, mas para isso, ela não precisa abandonar sua feminilidade. Você não se torna melhor vestindo-se como os homens.

– Não sei, acho que sou incapaz de ser feminina.

– Isso tem um motivo.

– Como assim?

– Seu pai a tratou como homem.

– Do que você está falando?

– Rogério sabia que você, sendo mulher e filha de um dos membros do Oráculo de Delfos, poderia ser um alvo. Por isso tratou-a como homem.

Bruna baixou seus olhos. – Eu não tive escolhas?

– Todos nós temos uma escolha, mas seu pai a condicionou a estar aqui para escolhê-las com sabedoria. Ele foi um grande homem, você deveria se orgulhar dele.

Bruna sentiu remorso e, de sua face, as lágrimas começaram a rolar.

– Quando ele me mandou para o exterior, pensei que estava cansado de mim. Por um momento, acho que de alguma forma me culpava pela morte de mamãe.

– Não, ele sempre falava sobre você e do quanto se orgulhava de sua filha. Rogério não teve escolha. Quando iniciou as pesquisas sabia que correria riscos, por isso escolheu o melhor internato americano para você.

Aaron tirou um lenço de seu bolso e entregou nas mãos da perita. Bruna enxugou suas lágrimas em um momento íntimo que durou pouco. Quebrando aquele clima de nostalgia, Carlão retrucou do outro lado:

– Cara, estamos no Iraque, quem usa isto? – o marombado revelou-se usando uma calça e camisa social.

– Carlão, você está ótimo – interpôs Bruna desfazendo-se de sua tristeza.

O malandro, sorrindo, encarou-a com um olhar sedutor.

– Como vai você?

– Hei! – exclamou o mergulhador enciumado.

Bruna dirigiu-se a Hanz com rosto furioso.

– E você? Por que não foi trocar de roupa?

– Ele disse que estou perfeito – respondeu o mergulhador apontando para o velho corvo que deu de ombros.

– Ele está certo, porque você se veste como um terrorista.

– Bingo! – sorriu Aaron.

– São roupas confortáveis – justificou Hanz com a testa franzida.

– É Corvão, pelo menos ele não está parecendo nem cheirando à vela de macumba – cutucou Carlão.

– Esta é minha armadura, se algum demônio aparecer, alguém terá que lutar.

– Com esse cheiro espanta até defunto.

– Meu pai tinha uma colcha com esse cheiro. Por que você deu a ele? – perguntou a perita.

– Queria protegê-lo das bestas – respondeu Aaron.

– Bestas?

– Animais possuídos por demônios.

– Animais podem ser possuídos?

– Sim, você pode vê-los pelo mundo afora, no folclore; lendas que devido a certa veracidade, se tornaram parte da nossa cultura.

– Corremos os mesmos riscos que meu pai? – perguntou Bruna quando Layla saiu de sua cabine revelando-se com um belo conjunto vermelho.

A gótica vestia o *jilbad* longo até os pés, com pregas entrelaçadas com cordões dourados que seguiam a linha do pescoço até o chão. Na lateral, o tecido formava lâminas que permitiam flexibilidade ao vestido. Na cabeça, o *hijab* descia até o peito, cruzando com harmonia no centro entre os seios. O vestido ficava acinturado com um cordão vermelho com detalhes dourados.

– Ficou ótimo! – afirmou Aaron.

– Obrigada Aaron – agradeceu Layla.

– As laterais em lâminas permitem total flexibilidade. Não quero ver você rasgando suas roupas de novo.

– Funciona?

– Experimente!

A gótica estendeu sua perna elevando-a em ângulo. Com centro e trinta graus de amplitude, seu vestido de seda deslizou suavemente em sua perna.

– Uhu! Manda ver Layla ninja – animou-se Carlão, girando o punho no ar.

Envergonhada a gótica recolheu a perna.

O velho corvo ignorou a cena e voltou-se para a perita.

– Bem Bruna, sobre os riscos. Acredito que não temos muitas chances, e com certeza haverá perigos no caminho. Mas em se tratando de salvar o corpo de Victor, tudo é possível. Agora, devemos acreditar que Deus saiba o que faz.

Carlão interpôs.

– Saiba o que faz? Cara, ele colocou nossas bolas do lado de fora, é claro que ele não sabe o que faz! – ele apontou para seus testículos. – Pode me explica isso?

Layla aproximou-se e chutou sua virilha.

– Para nos proteger de assanhados como você.

Carlão caiu no chão em posição fetal com as mãos entre as pernas.

– Eu juro que tinha esquecido esse detalhe – grunhiu o marombado com a voz esganiçada pela profunda dor.

Todos riram da sua humilhante situação.

– Certo, hora de partir – ordenou o velho corvo levantando-se da cadeira.

– E agora, qual o próximo passo? – perguntou Bruna.

– Vamos nos hospedar no Hotel Al Hamra – respondeu Aaron estendendo sua mão a Carlão que continuava caído.

– E amanhã?

– Amanhã iremos comprar alguns explosivos.

– Explosivos?! – Bruna e Hanz arregalaram-se surpresos quando Aaron completou.

– Espero não acordar os mortos.

[Retornar ao sumário](#)

XIX

Uma noite em Bagdá

“Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores.”

(Cora Coralina)

Bagdá, Iraque, 24 de Janeiro de 2010.

N a noite gélida, a lua crescente elevava-se no horizonte acima das silhuetas amorfas da antiga cidade. Havia silêncio nas ruas que era quebrado de forma inconstante pelas sirenes de emergência. Dasha, debruçada no vidro do furgão, acompanhava as luzes da capital iraquiana enquanto o veículo rondava discreto.

Em uma parte periférica da cidade, Abdul entrou em uma viela e estacionou apagando as luzes do furgão. Ao lado, havia um bar de fachada maltratada.

Aaron virou-se curvado no banco.

– O plano é o seguinte: Hanz, vamos entrar com Abdul no bar... Carlão, você vigia à porta.

– Nada disso, onde tem bar tem biritas... Vocês não vão me deixar de fora – protestou o marombado.

– Tudo bem, não vou perder meu tempo discutindo com você. – Aaron bufou. – Hanz, você vigia à porta... Carlão, você vem comigo.

– Pera aí, e nós? – indagou Bruna.

– O bar não aceita mulheres.

– Por que estamos aqui então?

– Se algo acontecer, Layla seguirá o plano.

– Algo acontecer? Pera aí... – retrucou Carlão.

– Vamos Godzilla! – exclamou Aaron levando uma maleta preta com presilhas metálicas.

O bar de fachada aparentemente danificada possuía arquitetura islâmica: no topo, a cúpula árabe preenchida por ladrilhos era o grande enfeite do pavimento superior. A entrada, um enorme arco em ferradura com cores alternadas, possuía o charme dos antigos contos árabes. Dentro do estabelecimento, o rubro nas superfícies onduladas de uma argamassa pobre era ressaltado pelas lamparinas à vela.

– O que tá pegando nesse bar? – perguntou Carlão.

– Lembra-se que mencionei a compra de explosivos? – respondeu Aaron com outra pergunta.

– Explosivos? Mas em um bar?

– Estamos no Iraque, aqui quando você pede bisnaga para o padeiro ele pergunta “de pão ou dinamite?”.

– Cara, tu mandou uma piada!

– Não mandei não.

– Mandou sim.

– Quietos!

Eles atravessaram o arco e o *hall* de entrada, alcançando o grande salão onde um grupo discreto era atendido nas mesas.

O bar, todo decorado, possuía um ambiente que mesclava o velho e o novo da cultura islâmica. O grande salão de tijolos com mosaicos decorativos se estendia nos quatro cantos. Havia também os arabescos, desenhos epigráficos: inscrições com trechos do Alcorão em escritura cúfica[9] e claro, o jasmim com suas linhas delicadas. No centro, um balcão em curva era circundado por mesas quadradas. Remodelando aquele ambiente, no canto esquerdo havia um velho piano alemão H.Kohl.

Assim que se aproximaram do balcão foram encarados pelos homens: iraquianos que exibiam suas barbas e bigodes esgrouvinhados.

– É... não há muita hospitalidade neste lugar – afirmou Aaron baixinho encarando os olhares objurgados.

– E agora? – indagou Carlão.

– Vamos nos sentar em uma mesa, o Abdul identificará nosso homem.

– O cara que vende explosivos?

– Não, o cara que vende churros! – Aaron exibiu sua cara de indignação.

– É simples reconhecer um árabe com explosivos.

– Como é simples?

– Se haver um homem com um pacote comendo quibe com groselha, com certeza é o nosso homem – Carlão balançava a cabeça e apertava os lábios em uma cena típica de séries policiais.

– Quê? – Aaron levantou suas sobrancelhas.

– Se o cara vende explosivo, só pode ser terrorista.

– E o que isso tem a ver?

– Terrorista come quibe e toma groselha.

– Dá onde você tirou essa teoria?

– Confia em mim.

Encontrando uma mesa livre, eles sentaram-se aguardando a chegada do incógnito vendedor.

Impaciente, Carlão levou seus olhos para o salão.

– Um bar que não pode entrar mulher... Esses árabes sabem ser esquisitos.

– É a cultura islâmica Carlão – completou Aaron.

– Bem, eu vou ao balcão beber.

– Fique sentado.

– Cara, sabe quantas festas perdi no ano passado? – o marombado apontou o indicador. – Dez!

– E para quantas destas você foi convidado?

– Bem, nenhuma... incluindo a última da minha mãe – ele fez uma pausa. – Não sei por que ela brigava comigo, é normal as pessoas beberem e ficarem peladas. Mas estou passando uma borracha; hoje, eu vou beber.

Carlão levantou-se convicto e se dirigiu ao balcão.

Aaron levantou seus olhos em reverência.

– Senhor, contenha esse garoto.

Os minutos seguiram. Aaron à mesa, acompanhado de Abdul, tomavam vinho de procedência libanesa enquanto Carlão, no balcão, experimentava o Arak, uma bebida destilada à base de tâmara.

Aaron curvou-se na cadeira quando adentrou no *hall* um jovem rapaz vestindo um *sherwani* escuro. Nas mãos ele carregava um pacote suspeito.

Enquanto caminhava, o velho corvo seguiu-o com os olhos. O jovem sentou-se em uma mesa isolada nos fundos. Ele fez um pedido. Aaron virou-se para Abdul que confirmou a identidade com a cabeça.

– Certo! Hora de negociar – o velho corvo levantou-se.

Ele aproximou-se e cumprimentou o jovem.

Sentando-se, colocou a maleta na mesa quando à sua frente o jovem era servido com quibes e uma bebida vermelha. Aaron levantou sua sobancelha esquerda com rosto de desprezo.

A conversa seguiu em árabe. Ao final da cansativa negociação o velho corvo abriu a maleta: dois mil dólares em notas de cem.

O jovem reverenciou com a cabeça e pegou a maleta.

– *Shukran* – agradeceu Aaron com um sorriso.

De repente seus ouvidos foram surpreendidos por uma melodia desafinada.

Start spreading the news.

I'm leaving today.

I want to be a part of it, New York, New York.

These vagabond shoes.

Are longing to stray.

And make a brand new start of it.

New York, New York...

Com olhos de lamentação Aaron virou-se vendo Carlão ao piano. – O que fiz para merecer isso?

Ele pegou o pacote e direcionou-se à saída.

Quando o marombado terminou sua melodia com um desfeche memorável, ele gritou com tom embriagado:

– E aí Corvão; mandei bem!

Os iraquianos presentes se levantaram. Os rostos intimidadores e os olhos enraivecidos propunham um possível ato de crueldade.

Eles fecharam a roda obrigando Aaron a recuar em direção ao pianista sem noção. Aos ouvidos do marombado ele sussurrou:

– De todas as músicas no mundo, por que você tinha que tocar essa?

– Todo mundo é crítico! – exclamou Carlão seguido de um arrote.

– Neste país... Com certeza.

– Tipo assim; eu tinha uma professora de piano, sabe. Eu odiava piano, mas ela era mó boazuda. Não teve jeito, aprendi por gosto, ‘tá’ ligado – ele deu uma cotovelada no velho corvo.

– Mas *New York, New York*? – o velho corvo devolveu um rosto torcido e lamentoso.

– Eu sabia também *Song For Guy* do Elton John e *Colour My World* da Petula Clark.

Aaron virou-se com a sobrancelha direita arqueada.

– Iríamos morrer de qualquer forma.

– ‘Qualé’! Olha a discriminação contra a música de alto nível, minha professora tinha muitos talentos!

– Carlão, sua professora era uma *drag queen*!

O marombado arregalou seus olhos. – Cara... Será que era por isso que ela dava mó mole para mim e tinha aqueles dedos tão cumpridos? – seu rosto era de espanto.

– Bem, sua honra como machão não terá sentido se formos mortos.

O círculo fechava-se, seria um total massacre.

Carlão, sensibilizado com a bebida, começou a chorar.

– Cara, eu sou um traste! Agora os ‘Rabibes’ vão fazer um kafta[10] no espeto com a minha bela pele bronzeada.

Entre o grupo de iraquianos enfurecidos estava um homem árabe, vestindo um longo *dishdasha* branco com *guthramanto* vermelho na cabeça, ele tomou à frente.

– Desordeiros, ousam macular essa terra com suas ironias! – exclamou o árabe com um forte sotaque preso em sua fala.

– Foi apenas um mal-entendido – justificou Aaron.

– Silêncio! Sejam homens e aceitem as consequências.

– Desculpe, mas temos outros planos para esta noite.

O árabe sorriu com malícia.

– Quem acha que salvará sua pele, Alá?

O velho corvo direcionou seus olhos para a porta.

– Na verdade, acho que aquelas mocinhas na entrada – apontou Aaron para suas companheiras.

Os homens viraram-se e, avistando Layla e Bruna paradas na porta, gargalharam com deboche.

A gótica aproximou-se enfezada. Ela foi abordada pelo primeiro iraquiano que puxou seu braço. Com os olhos em fúria, ela pegou-o pelo pulso. Usando sua força girou o braço invasivo articulando-o de tal forma que o osso trincou, expondo-o para fora da carne.

– Quem é o próximo? – perguntou ela, guiando seus olhos verdes para o aglomerado de homens enraivecidos.

Seguiram-se ataques consecutivos. Layla e Bruna iniciaram um conflito sem armas. De forma harmoniosa, Layla curvava seu corpo, defendia-se usando as mãos e golpeava com as pernas; enquanto isso, Bruna, com uma postura de pernas que pareciam dançar, esquivava-se e golpeava com *jabes*[\[11\]](#) e cruzados de direita.

Aaron com as sobranceiras erguidas colocou a mão no ombro de Carlão.

– Vem garoto, vamos ver se conseguimos melhorar seu repertório – exclamou ele conduzindo o cambaleante amigo para o piano.

Ele puxou um banco e colocou seu pacote sobre a tampa de madeira do piano.

– Me acompanhe – o velho corvo começou a dedilhar.

Em frente ao instrumento, Aaron e Carlão fizeram um dueto.

Após a introdução, era notória a melodia. Uma das canções mais populares da Bossa Nova, “Garota de Ipanema”, composta em 1962 por Vinícius de Moraes e Antônio Carlos Jobim.

Aaron começou a cantá-la seguido por Carlão que se mantinha eufórico e demasiadamente alegre.

A briga seguiu-se com apelos: cadeiras, garrafas e castiçais eram usados no confronto enquanto a música seguia ao fundo.

Hanz, que vigiava à porta, entrou no bar guiado pelo intenso barulho da mobília se espatifando. No grande salão, ele retesou estupefato com o conflito tumultuado de braços e pernas.

– O que está acontecendo aqui?

Layla estava implacável derrubando cada homem no primeiro golpe. Seu estilo de luta era ávido e cheio de vitalidade.

Perturbado pela visão da menina guerreira, o árabe gritou enfurecido:

– *Sheitan!*

Com uma *koummya*, um punhal marroquino em mãos, ele correu com a intenção de matá-la. Girando a arma com o pulso, tentou ferir-lhe a carne.

Layla saltou para o balcão em esquivada.

– Criatura insolente! – exclamou golpeando suas pernas. A gótica esquivou-se mais uma vez, mas a lâmina raspou na altura de sua panturrilha.

Ela elevou sua perna, dobrando-a no ar.

O árabe encarava o ferimento com um sorriso ostensivo. – Vais morrer! – exclamou. Ele irradiava uma intensidade ardente pela vingança.

De repente seu semblante transformou-se. Arregalado, o árabe viu o ferimento lacrar-se na pele sem ao menos deixar a marca de seu punhal.

Layla virou-se para ele com sua íris tomada pela escuridão. Ela chutou o punhal de sua mão. Com um movimento preciso, saltou do balcão girando o corpo. No ar, apanhou a arma e seguindo o trajeto parabólico, caiu rente às costas do árabe. Finalizando com um movimento do pulso, girou o braço e encostou a lâmina na garganta de seu molestador.

– Queres viver? – sussurrou ela em seu ouvido.

– Morrer demônio, Alá executará a justiça em meu nome.

Layla apertou seus olhos e largou-o.

O árabe virou-se com semblante interrogativo.

– Por que não me ‘mataste’ demônio?

– Tu nem faz ideia do que estás falando – Layla apontou o punhal para a porta. – Agora vá!

O árabe seguiu sem olhar para trás.

O tumulto foi desfeito com o saldo de vinte homens estendidos ao chão.

Aaron pegou seu pacote. – Acho que tivemos muitas emoções por hoje – disse ele segurando no braço de Carlão que começava a adormecer.

Bruna virou-se para Hanz que estava parado na porta.

– Por que não veio ajudar?

– Eu... Eu... – o mergulhador gaguejou.

– Já sei, você é pacifista.

– Acho que podemos sempre dialogar.

– Em árabe? – uma repreensão explosiva.

– Bem... bem...

– Vamos embora, deixamos Dasha sozinha.

Eles seguiram para o furgão. Quando chegaram à viela foram surpreendidos pela porta escancarada.

Aaron correu.

Direcionando seus olhos para dentro conferiu o espaço vazio. No chão, um celular vibrou. Ele pegou o aparelho e atendeu a ligação.

– Quem está aí?

– Estamos com a menina – disse uma voz clara, masculina.

– O que querem?

– Estarei amanhã na Torre do Relógio, às três horas da tarde.

A chamada foi desligada. Aaron virou-se para Layla.

– Menina? – indagou ele com certa aflição.

Fechando os olhos, a gótica conectou-se.

Em sua mente vieram imagens de um hipotético futuro, onde o fundo alternava-se com um único tema: cidades devastadas; havia escombros e mortos espalhados. Ela observava as cenas sentindo um desconforto em seu coração. Ela pensou em desconectar-se, mas as formas intermitentes à sua frente se fundiram.

– Lisboa! – exclamou em sua mente. A cidade era revelada em sua total destruição. Havia um silêncio perturbador, apenas o agudo som da brisa soava enquanto de forma suave espalhava as cinzas no ar.

– O que está acontecendo? – perguntou-se.

Na rua, um homem encapuzado vestindo um manto negro com cauda longa caminhava entre os corpos no chão. Layla o seguiu até que seus passos cessaram. Ele olhou para o corpo de uma jovem entre os escombros. Agachando-se, prostrou-se ao seu lado. Curiosa, a gótica se aproximou. Sua expressão revelou o medo; ela olhava para seu próprio corpo. Naquele momento sentiu pontadas, como agulhas sendo enfiadas no coração. De repente a figura levou seus olhos para as terríveis feridas em seu ventre e com o dedo, molhou-o no sangue que ainda era derramado de suas entranhas. Com a ponta de sua falange, desenhou na testa da moribunda o ‘Símbolo Oculto’: o círculo e a cruz.

Assustada, seus olhos encaravam seu terrível desfecho.

– Não! – gritou Layla.

– O que aconteceu? – perguntou Aaron.

A gótica piscou os olhos saindo ofegante do transe.

– Não há nada! – exclamou ela com certa dificuldade em sua fala.

– Droga! – exclamou Aaron.

Com medo de seu futuro, a perdida menina procurou apagar sua memória evitando chocar-se com seu destino desolado.

XX
Babel

“Só os mortos conhecem o fim da guerra.”

(Platão)

Bagdá, Iraque, 25 de Janeiro de 2010.

No hotel Al Hamra, Aaron olhava as notícias pela emissora Al Jazeera. Em pé, parado na sala com nítido olhar de preocupação, tentava compreender o propósito daquela súbita mudança nos ‘Algoritmos Sagrados’. Ele sabia que algo estava errado, um clima de suspense estava no ar, a incerteza seguia para todos os caminhos.

No quarto, Layla vestindo seu *jilbad* olhava pela janela as ruas daquela insegura e perturbadora cidade. Seu coração estava acelerado pensando em seu futuro, havia medo; ela não queria seguir adiante, pois sabia que a morte esperava-a para aplacá-la a qualquer momento.

Olhando para o sol acima de seus olhos, ela sabia que chegara o momento.

Na sala, chamou: – Aaron, temos que ir.

– Está certo – respondeu seu mentor piscando os olhos.

No apartamento ao lado eles comunicaram a saída.

– Estamos partindo, fiquem no hotel – ordenou o velho corvo para seu grupo.

– No hotel? Não podemos sair? – indagou Carlão.

– Não, fiquem no hotel, acredito que estarão mais seguros.

Bruna levantou-se da poltrona e abraçou Layla.

– Por favor, tragam Dasha de volta.

– Iremos trazer, não se preocupe – respondeu a gótica com certo receio.

Prontos para partir, Hanz de forma tímida chamou:

– Aaron.

– Diga.

– Uma última pergunta: existe alguma forma de prever um algoritmo?

O velho corvo colocou a mão no bolso interno de sua casaca.

– Tome – disse ele lançando uma moeda.

– O que é isto? – perguntou o mergulhador pegando-a no ar.

– Uma relíquia portuguesa, 960 réis de 1812.

Confuso, ele encarou a moeda.

– O que faço com isto?

– Lance a sorte.

– Lance a sorte? Como isso pode funcionar? – indagou olhando para a moeda.

– Você encontrará a resposta – completou Aaron partindo.

O mergulhador permaneceu parado.

– Sorte... – ele ergueu seus olhos lembrando-se de suas antigas indagações. – Uma força que, de forma prevista, proporciona eventos positivos e negativos. Sorte e azar – ele arregalou seus olhos encontrando a solução. – Claro, não existe sorte e azar!

No saguão do hotel eles contataram um motorista para levá-los à Torre do Relógio em Bagdá. Na porta, o Volkswagen modelo Voyage esperava-os para conduzi-los ao seu destino.

Aaron e Layla se acomodaram no banco traseiro.

– Baghdad Clock – informou ao motorista.

Ele ligou o taxímetro e seguiu.

Pensativa, a gótica olhava os prédios através do vidro tentando de alguma forma superar sua ansiedade pelo medo de um evento destrutivo. Os minutos galgavam interrompidos e seu coração continuava a acelerar.

– O que aqueles desgraçados pretendem? – indagou em seus pensamentos quando, no horizonte, avistou a enorme torre cônica onde um enorme Rombicuboctaedro, exibindo quatro grandes relógios em suas faces, ostentava-se no topo.

O Relógio da Torre, sede do Supremo Tribunal do Iraque, localiza-se na Zona Verde, em Bagdá. Possui uma base octogonal semelhante aos antigos zigurates[12], com pavilhões onde no centro se eleva um edifício

com oito colunas que sustentam o grande e pesado conjunto de relógios no topo.

O motorista parou na entrada. À direita, através da portaria, uma longa pista arborizada seguia para a torre. Aaron pagou a corrida com a moeda corrente, o dinar iraquiano. Quando se direcionaram para a entrada, foram barrados na guarita. O velho corvo, usando sua diplomacia, negociou em árabe sua passagem. Através de suas artimanhas ele confirmou a entrada. Tomando a passarela seguiram a pé diante da grande torre octogonal.

Aaron elevou seu olhar para o relógio no topo. Dez minutos para três horas. Alcançando a praça central eles percorreram o perímetro daquela esplanada com os olhos. Não havia uma única pessoa que pudesse contar uma história.

– E agora? – perguntou Layla.

O velho corvo tirou do bolso o celular que havia encontrado no piso do furgão. Ele olhou atentamente para o *display* aguardando qualquer forma de retorno. A tensão aumentava a cada minuto. Aaron colocou suas mãos inquietas no bolso. Ele olhou para o alto: três horas da tarde. Seguiu-se o silêncio. De repente ele tremeu sentindo o celular vibrar em sua mão. Com um toque no botão, atendeu no viva-voz.

– Estamos aqui! – exclamou com tom autoritário.

– Certo Aaron Abrawanel, ou devo dizer Joel? – disse uma voz grossa na chamada.

– Onde está a menina?

– Por que a pressa?

– Não viemos aqui brincar, onde está Dasha? – disse ele em um tom impaciente.

– Acalme-se, a menina encontra-se bem.

– O que querem?

– Vingam nosso sangue.

– Como?

– Três são os patriarcas: Abraão, Isaque e Jacó, homens de valor que no passado humilharam os filhos de Mastema. Hoje é o dia, não haverá remissão amanhã. Três também são os símbolos, três são os pontos onde o sangue inocente será derramado. Haverá lamúria onde o manto de fumaça

encobrirá os corpos para que Deus não os reconheça e assim, faça justiça perante nossos olhos.

– Do que está falando?

– A menina deverá escolher, pois a lua-mãe não tardará e o corpo do escolhido será cremado.

O telefone foi desligado.

– Desgraçados! – exclamou Aaron.

– Eles falam por enigmas para confundir os demônios – afirmou Layla compreendendo as intenções de seus chantagistas.

– Por que eles mencionaram os patriarcas? – indagou ele, quando foi surpreendido por Dasha que, saindo do edifício, perambulava em direção ao centro do pátio.

Layla correu em sua direção, mas conteve-se vendo o ‘Símbolo Oculto’ desenhado com sangue na testa da jovem menina.

Enfraquecida, Dasha caiu no chão.

Aaron aproximou-se olhando sua feição.

Ele levou os dedos indicador e médio à sua artéria, verificando sua pulsação. Erguendo suas pálpebras conferiu a coloração de seus olhos.

– Acho que ela está bem.

Levantando sua face, observou Layla parada em estado de choque.

– O que aconteceu?

Com certo receio, ela aproximou-se. Com passos medidos, rodeou o corpo de Dasha sem tirar seus olhos daquele símbolo perturbador.

– Layla? – indagou seu mentor, percebendo o olhar perdido da jovem menina.

– Esse símbolo... Eu havia visto em minha visão.

Aaron voltou-se para o rosto da pequena encarando o símbolo desenhado com sangue.

– Três são os símbolos, três são os pontos onde o sangue inocente será derramado.

– Ele mencionou fumaça – lembrou-se Layla.

– Onde há fumaça, há fogo...

– Para encobrir os corpos apenas...

– Uma explosão! – exclamou Aaron com olhos perturbados.

– São três pontos, três explosões.

– Exato! Mas onde?

– Em Bagdá?

– Ele mencionou três símbolos.

– Sim, mas vejo um único à minha frente – apontou Layla para a testa de Dasha.

Aaron encarou o símbolo com rosto consternado.

– O que isso significa?

Com um lenço, ele limpou a testa de Dasha.

Layla abaixou-se e agarrou o corpo estendido da menina abatida.

– O que faremos Aaron?

– Não sei – disse ele voltando seus olhos para o símbolo borrado no lenço que revelava sua forma invertida. Naquele segundo ele teve uma epifania. – O feminino – com os olhos fixos, ele parecia vagar em pensamentos lúdicos. As lembranças vinham em sua mente como mosaicos que preenchiam a linha do tempo.

– Aaron? – a voz de Layla parecia ecoar em outro plano. Piscando seus olhos, regressou sua mente à perturbadora realidade. Ele finalmente sabia a resposta, afinal Hanz já o havia ressaltado, assim como Dashwood e as cavernas de Hellfire.

– Não há um único símbolo!

Aaron estendeu o lenço.

Layla olhou para a mancha borrada no lenço.

– O feminino?

– Vênus, o feminino. Em qualquer lugar do mundo eu poderia fazer uma interpretação correta deste símbolo, mas estamos no antigo reino de Babilônia, onde os polos se invertem: mentira e verdade.

– Do que está falando?

– Babilônia possuía um grande e imponente portal que, por um tempo, foi considerado uma das sete maravilhas do mundo.

Layla franziu, seu conhecimento histórico era limitado, mas seu espírito preenchia as lacunas que faltavam para sua compreensão.

– A Porta de Ishtar, o oitavo portal da capital Babilônica, ornado com a antiga serpente: o caminho da mentira.

– Esse é o primeiro.

– Certo, mas e os outros símbolos?

– O ‘Símbolo Oculto’, a inversão da polaridade que na forma grega do nome Babilônia, do Acadiano Bāb-ilu, significa "Portão de Deus".

– E o último.

– Na verdade, esse intercala os outros dois símbolos, o vermelho do sangue.

– Do árabe Al Hamra – os olhos de Layla arregalaram-se completando a imagem do quebra-cabeça. – Hotéis: Ishtar Sheraton, Babylon e Al Hamra... Nossos amigos!

– Exato, existe um contexto simbólico aqui. É uma representação do local Santo e Santo dos Santos; entretanto, uma forma distorcida da verdade criada por Mastema. Babilônia e o enorme zigurate, a torre que, através do sangue dos homens, desejou alcançar o céu.

– Isso pouco me importa, temos que salvá-los!

– Espere, há mais uma coisa: a menina deverá escolher, pois a lua-mãe não tardará e o corpo do escolhido será cremado. – Aaron parou olhando fixo para os olhos de Layla. – Estamos em Janeiro, em que dia cairá a lua cheia?

– Dia trinta, no sábado.

– Temos que entrar hoje em Etemenanki.

Layla permaneceu com os olhos perdidos.

– Se os portais estiverem fechados não sairemos vivos e o corpo de Victor será cremado.

– Xeque-mate! Eles nos pegaram.

A gótica petrificou sem saber qual caminho deveria escolher. Como sempre em sua vida, a decisão a ser tomada lhe traria dor. – O que devo fazer? – indagou com semblante de agonia. Ela encontrava-se em um impasse; se escolhesse sua felicidade e o amor, viveria com o sangue dos inocentes em suas mãos, mas se escolhesse a vida de seus amigos, viveria infeliz sem seu amor.

Aaron olhou para o relógio da torre.

– Layla, não temos muito tempo.

– Preciso salvar Victor! – gritou com os olhos úmidos.

– Essa é sua escolha?

– Não, Victor não pode morrer! – reafirmou Layla mudando seu tom.

Aaron franziu sentindo uma presença duvidosa no corpo daquela menina.

– Layla?

– Vamos salvar nossos amigos! – completou com seu tom firme.

Aaron balançou sua cabeça. Ele duvidou do julgamento da menina, entretanto, aquela decisão parecia sensata aos seus ouvidos.

No estacionamento, em frente ao relógio, Aaron checando o perímetro encostou-se ao lado de um Audi A3. Ele tirou seu sobretudo e começou a enrolá-lo no braço.

– O que está fazendo? – indagou a gótica franzida.

– Não quero machucar meu braço.

Layla, com Dasha no colo, chutou o vidro do veículo. O alarme foi disparado no mesmo momento.

– Você e Victor realmente se merecem – gritou Aaron tentando superar o barulho do alarme.

A gótica acomodou a pequena no assento traseiro. – Você ficará bem menina – puxando o cinto, posicionou-a junto ao banco.

No veículo, Aaron removeu o painel do tambor de ignição. Colocando sua mão debaixo, desligou o alarme desconectando o fio de transmissão da buzina. Usando seu canivete, girou um interruptor ao lado da caixa do volante ligando o veículo.

– Estamos prontos!

Layla sentou-se no banco do carona. Virando-se para seu mentor com o rosto apreensivo, ela perguntou:

– Ishtar Sheraton realmente é o primeiro alvo?

Aaron tirou o celular de seu bolso conferindo a hora da chamada.

– Acredito que sim. Ishtar é a deusa da fertilidade, os antigos representavam o útero como símbolo, o feminino. Lembra-se: três são os patriarcas, Abraão, Isaque e Jacó. Abraão é o primeiro, que por coincidência teve oito filhos: Ismael, Isaque, Zinrã, Jocsã, Medã, Midiã, Jisbaque e Suá.

– O oitavo portal de Ishtar e a forma octogonal da base do zigurate – afirmou Layla cruzando as informações.

– Exato!

Enquanto manobrava olhou uma última vez para a torre octogonal do relógio. Aaron acelerou o veículo cantando os pneus. Por um acesso à esquerda, eles tomaram a avenida sem que a portaria notasse sua saída.

O velho corvo acelerava buscando brechas, fazendo ultrapassagens bruscas para avançar.

– Quanto tempo acha que temos? – perguntou Layla.

No passado as laçadas do destino mantinham a gótica na clandestinidade. Nada parecia ter mudado, mas havia esperança no seu coração, desta vez despontou fé de que suas forças poderiam lutar contra o mal.

Sem tirar os olhos do trânsito, Aaron entregou o celular em sua mão.

– Olhe a chamada.

Com o celular nas mãos ela acessou na lista a última chamada.

– Desconhecida, dia 25 de Janeiro, hora... – Layla arqueou as sobrancelhas. – Três horas e quarenta minutos da tarde?

– Sim, o relógio do celular está exatamente quarenta minutos adiantado, o que significa que, levando em conta o tempo que perdemos, temos trinta minutos para chegar ao local, localizar a bomba e desarmá-la.

Layla exibiu sua preocupação através dos olhos ávidos.

Aaron acelerava cada vez mais rápido. Concentrado, mantinha-se focado na estrada quando o som de uma sirene de um veículo tático desviou sua atenção.

Ele olhou para o retrovisor.

– Não acredito nisso! Dentre todos os veículos da segurança no Iraque tínhamos que nos deparar justo com um militar Hum-vee.

O possante veículo, uma versão militar produzida pela AM General, com tração nas quatro rodas e motor de oito cilindros, aproximava-se rapidamente.

– O que pretende fazer? – perguntou Layla olhando para trás.

O velho corvo levou seus olhos para o rádio do veículo.

– Preciso de tranquilidade para pensar – ele ligou o aparelho quando foi abruptamente perturbado por muitos decibéis.

– Ah! Que coisa é essa? – gritou.

– Thirty Seconds to Mars! – respondeu a gótica em alto tom referindo-se à banda que castigava os autofalantes do carro.

– Quem é o árabe que escuta essa insanidade?

– Eu escuto isso! – exclamou ela com olhar objurgado.

Aaron torceu sua boca.

De forma insana ele procurou ganhar espaço nas ruas, entretanto a tensão aumentava quando se aproximava a inevitável interceptação.

Percebendo que não havia saída, a gótica ordenou:

– Emparelhe o carro.

– Como? – indagou seu mentor.

– Emparelhe o carro.

Layla saiu pela janela segurando-se no capô.

– O que pensa que está fazendo? – gritou Aaron.

– Fique tranquilo, Victor me ensinou essa manobra – gritou ela colocando seu corpo para fora do veículo em movimento.

O velho corvo reduziu e emparelhou ao lado do Hum-vee. Dentro do veículo, através do intercomunicador, um dos policiais da guarda nacional deu a ordem em inglês:

– *Stop the vehicle or, we will shoot.*

– Layla! – gritou Aaron dentro do carro.

Preocupado em ser alvejado pelas balas, ele suava sentindo a tensão. O experiente mentor sabia que qualquer exaltação naquele país era respondida com chumbo do mais alto calibre.

– Eu disse para encostar! – gritou ela se segurando nas laterais do veículo.

Aaron aproximou-se colado ao possante veículo. Por uma portinhola no teto do Hum-vee, um soldado posicionou seu fuzil calibre.50. O velho corvo arregalou-se olhando para o cano da enorme arma.

A guarda repetiu a ordem de comando.

– *Stop the vehicle or, we will shoot.*

– *Shut up!* – gritou a gótica enfezada.

O atirador disparou. Houve um zunido no ar.

Layla abaixou seus olhos, o tiro havia acertado seu peito e varado seu corpo.

Com os dentes rangendo pela dor, ela saltou sobre o Hum-vee. Tentando uma reação, o soldado levantou o fuzil do ferrolho, mas Layla tomou a enorme arma de suas mãos.

– Durma com os anjos – ela girou a arma no ar acertando o rosto do soldado com o pesado apoio de metal.

Percebendo a ação inesperada, os homens no Hum-vee discutiam, pois de fato, aqueles movimentos não eram incluídos nos treinamentos táticos.

Com o enorme fuzil às mãos, Layla apontou-o para o capô do possante veículo. Posicionando a arma para múltiplos disparos, ela puxou o gatilho. A blindagem do Hum-vee iraquiano era surpreendentemente mais resistente do que outros modelos, entretanto, os projéteis feitos para perfurar tanques abriram caminho através do resistente metal.

– *Gotcha!* – exclamou a gótica.

Atingindo partes do motor, o veículo perdeu sua potência.

Os soldados preparavam uma abordagem, mas foram surpreendidos pela vingativa menina que, levantando o fuzil no ar, projetou-o desferindo um poderoso golpe contra o para-brisa. A devastadora força trincou o vidro do blindado sem despedaçá-lo, entretanto a arma em suas mãos espatifou-se em inúmeros fragmentos.

Percebendo que o Hum-vee seguia lentamente, Aaron aproximou-se. A caçadora de blindados saltou sobre o Audi. Posicionando seu corpo sobre o capô, entrou pela janela e retornou à sua poltrona.

Seu mentor pasmo virou-se para ela.

– Victor ensinou-te tudo isso?

– Sim, com algumas improvisações – ela sorriu torto.

Aaron seguiu o caminho pisando fundo no acelerador.

Com o celular nas mãos, Layla conferiu o relógio.

– Iremos conseguir?

Ela tinha esperanças de alcançar o Ishtar Sheraton e salvar as pessoas de um evento catastrófico. Entretanto, a força que a conduzia para o penhasco era mais poderosa do que sua humilde determinação.

Próximo ao rio Tigres, a ponte que cruza para a região leste encontrava-se interdita. Aaron freou bruscamente tentando evitar a colisão contra os veículos que permaneciam parados.

Layla voltou a conferir o relógio.

– Não.

Aaron saiu do veículo desconsolado esperando por um milagre. A gótica não tirava os olhos daquele instrumento digital que cantava os segundos de um evento destruidor.

De repente ouviu-se um som agudo seguido de um estrondo que se propagou junto a uma poderosa onda de choque. À esquerda, na outra margem do rio Tigres, podia-se ver a grande coluna de fumaça onde no topo, a forma semiesférica figurava a imagem de um enorme cogumelo.

Layla fechou seus olhos e começou a chorar. Naquele breve segundo ela sentiu a agonia das pessoas que perderam suas vidas subitamente.

A princípio, Aaron não havia se apiedado daquele senso de responsabilidade, mas logo sua consciência foi abalada pela balança do dever. Com os segundos, seu estado racional tomou as rédeas, ele precisava continuar nessa insana empreitada.

– Vamos embora, não há o que fazer aqui.

Ele entrou no carro e tomou o volante. Com um cavalinho de pau, seguiu seus planos intuitivos de acordo com o mistério envolvido pelos ceifeiros de vida.

Após uma prece solene, Layla abriu seus olhos e com o rosto em lágrimas, voltou-se para Aaron.

– Qual o próximo alvo?

– Abraão tinha um filho, Isaac, que foi levado ao monte para imolar o cordeiro em sacrifício. Entretanto, o patriarca, a pedido de Deus, tinha outros planos: imolar seu próprio filho. No alto do monte, eles construíram o altar. No momento do sacrifício, explicou os planos de Deus a seu filho, e ele, um devoto ao Senhor, aceitou a insana proposta. Abraão amarrou seu amado primogênito. Com a adaga nas mãos, prostrou-se em uma última oração. Ele levantou a arma com mãos trêmulas, pronto a oferecer o sangue inocente quando Deus mandou o cordeiro para tomar o lugar de seu amado filho – explicou Aaron enquanto os pneus cantavam na curva.

– Isaac, Al Hamra – disse Layla baixinho.

– Eu fui idiota, sabia que algo estava para acontecer, mas dei a ordem para que não saíssem do hotel.

Layla olhava as ruas de forma melancólica. Suas pernas estavam dobradas e encolhidas sobre o banco. Ela sentia medo do desconhecido, mas nada a abalava mais do que o pavor pela súbita razão de um destino fadado a torturar seu espírito.

– Tudo ficará bem – Aaron colocou sua mão sobre a mão da gótica em um gesto confiante.

Ele acelerou com volúpia e ofegou fundo. Obviamente havia um sentimento incerto em seu coração.

Assim que alcançaram o cruzamento do hotel, Aaron derrapou os pneu. Eles saíram frenéticos conferindo o perímetro.

– O que devemos procurar? – perguntou Layla perdida.

– Um veículo que possa carregar toneladas de explosivo.

Atentos para as peças suspeitas, eles seguiram pela rua buscando seus possíveis terroristas.

As íris de Layla se dilataram, nada fugiria de sua percepção. Ela olhava para os veículos com perícia quando um espirro nervoso cutucou seus sentidos. Após, ouviu-se tiros. Apesar da suspeita, ela ignorou aquele som e voltou-se para a direção daquele singelo espirro. Encarando um furgão suspeito, os espirros se tornaram frequentes. Ela fitou o motorista que percebeu seu olhar desconfiado. Tirando o lenço do nariz ele pegou seu celular e discou rapidamente um número.

– Não! – exclamou ela.

Aquele segundo pareceu durar uma eternidade.

Instintivamente a gótica projetou-se sobre o corpo de seu mentor. Avançou a poderosa onda de choque que os derrubou ao chão. Juntos, inúmeros fragmentos voaram pelo ar. Na sequência a poeira levantou-se cobrindo uma grande área.

No escuro empoeirado Layla gritou de dor. Em seu corpo vários ferimentos foram abertos.

Atordoado, Aaron abriu seus olhos. Sua visão ainda estava turva. Colocando as mãos em sua cabeça, sentiu o sangue em sua nuca.

– Layla? – murmurou ele, apertando os olhos em uma dor massiva.

Mesmo seu corpo protestando, ele levantou-se. Curvando-se com as mãos no joelho, ele tentou acionar seus sentidos, mas um zunido constante dominava seus tímpanos a ponto de abalar qualquer percepção.

– Layla? – voltou a chamar.

Piscando os olhos, focou na menina que, de joelhos, chorava enquanto seu sangue esvaia-se de seus ferimentos.

– Layla!

– Todos mortos, Aaron! – exclamou a jovem menina de olhos verdes.

– Detenha seu sangramento.

– Não.

– Irá morrer se continuar a sangrar!

– Estou cansada, quero apenas dormir.

– Não diga essa besteira.

– Todos mortos Aaron! – Layla não estava falando das vítimas do Al Hamra, mas sim, de todos os que ela já amara em sua vida.

Aaron aproximou-se e a abraçou com ternura.

– Sabe minha querida, talvez nem tudo seja possível para Victor Siegfried. Há forças que não podem ser vencidas.

A gótica ergueu sua face e lhe devolveu seus olhos compungidos.

– Eu estava enganada; você é o pai que nunca pude ter.

Aaron, com os olhos úmidos, tocou a face da menina. Não havia como não amar aquela criatura que durante sua vida experimentara todos os desgostos em um banquete de frustrações.

Layla sentiu-se fraca e sua visão perdeu o foco. Fechando os olhos ela descansou, eliminando por completo quaisquer convicções. Ela estava pronta para morrer.

De repente escutou uma voz feminina que parecia do além.

– Layla! Levante-se.

– Mamãe? – indagou em seus pensamentos.

– Layla!

Com a energia que ainda lhe restava, a gótica se esforçou para restabelecer seus sentidos em uma tentativa de reconhecer aquela voz.

Suas feridas eram curadas e sua visão ganhava foco.

Esvaziando o ar de seus pulmões e elevando seus olhos, ela reconheceu sua amiga.

– Bruna? – indagou ela com a voz enrouquecida.

A perita lhe deu um forte abraço.

– Que bom que está bem! – seu semblante era de emoção.

Ao seu lado estavam Carlão e Hanz.

Por um momento, Layla pensou que estava no céu, entretanto, ao virar-se, ela encarou a enorme cratera formada ao lado do hotel parcialmente destruído.

– Como conseguiram escapar? – perguntou ela.

Do bolso, Hanz tirou a moeda e lançou para Aaron.

– Ele me ensinou o caminho.

O velho corvo sorriu.

– Sabes discernir inteligência de sabedoria.

Seguiu-se o terceiro estrondo. Todos ficaram alarmados. Ao norte, outra coluna de fumaça ergueu-se ao céu.

Aaron virou-se encarando a destruição.

– E Jacó sonhou: Eis posta na terra uma escada, cujo topo atingia o céu; e os anjos de Deus subiam e desciam por ela.

Os atentados ocorridos neste dia ficaram marcados. O resultado: 36 mortos e pelo menos 71 feridos. Alguns analistas consideraram o saldo um milagre, pois devido a grande magnitude das explosões que derrubaram muros de contingência, o número de vítimas deveria ultrapassar centenas. Os três hotéis sofreram grandes danos, porém, sem comprometimento para a integridade dos edifícios.

Abatido, Aaron olhou para o sol que descia no hemisfério.

– Nossa missão foi subitamente frustrada.

– Do que está falando Aaron? – perguntou Hanz.

– Só um milagre do céu será capaz de salvar Victor.

– E Dasha? – indagou Bruna preocupada.

– No carro. Está desacordada, mas está bem.

Layla virou-se para o Audi. Levando seus olhos para o céu, teve seu momento de revelação. Ela apoiou-se nos ombros de Aaron, levantando-se com muita dor.

– O milagre do céu veio até nós.

– Como? – indagou seu mentor.

– Vamos salvar Victor Siegfried.

XXI
O mausoléu

“Todo aquele que não declara o seu amor, mas o guarda para si, torna-se um túmulo vivo de sentimentos mortos.”

(Monique Frebell)

O vento dissipava a poeira que persistia em contaminar o ar após a grande explosão. Ao longe, sirenes eclodiam de todos os pontos. A cena era de guerra, feridos e mortos compartilhavam o mesmo espaço em ruínas.

– Temos que sair daqui! – exclamou Aaron.

Ele segurou sua pupila, ajudando-a caminhar.

Hanz, acompanhado de Bruna, retirou Dasha do carro. No colo do mergulhador ela foi carregada com pressa para o furgão. Advertidos pelos bombeiros que ganhavam a cena, entraram no veículo e se acomodaram sem se preocupar com a segurança dos cintos.

Aaron, ao lado de Abdul, chamou sua atenção.

– Meu amigo, eu lhe pedirei um último favor.

– O que precisar.

– Não nos acompanhe, não quero mais sangue derramado em minhas mãos.

– Que Alla cuide de suas almas.

– Assim seja Sua vontade – com um abraço, o velho corvo se despediu.

O furgão foi fechado.

Aaron sentou-se como motorista. Layla, ainda abatida, afundou-se na poltrona ao lado enquanto seus amigos permaneceram nos assentos traseiros aguardando com euforia o ronco do motor.

O mentor deu partida e virou-se para sua pupila.

– Certo menina. Agora, qual é seu plano?

– Olhe para cima.

Aaron abaixou-se no volante conferindo o céu.

– Não! Você não está pensando em...

– Sim, é a única forma – a gótica virou-se para a perita. – Bruna, preciso que acorde Dasha.

– Acordá-la? Mas...

– Apenas faça!

– Está bem.

Bruna balançava a pequena tentando acordá-la, enquanto Aaron seguiu guiando sempre olhando para o céu.

– Dasha meu bem, acorde, por favor... Dasha! – da alça de sua mochila a perita retirou o entalhe. – Olhe o que eu trouxe – ela levou o gato de madeira à frente dos olhos da menina desacordada.

Lentamente a pequena abriu seus olhos. Quando focou seu olhar no objeto de madeira, um sorriso despontou dos lábios miúdos.

– Gatinho – sussurrou ela.

Suas mãos pegaram o objeto e levaram-no ao peito em um movimento frenético.

Confusa, ela virou-se indagada para a perita.

– Mamãe?

Bruna abraçou-a com amor.

Layla virou-se sentindo tristeza em seu coração. Por um momento, ela iludiu-se com pensamentos fraternais quando na verdade, ela nunca soube o que era sentir o amor de uma mãe.

A poucos quarteirões Aaron freou o veículo.

– Acho que esta distância será satisfatória.

A gótica saiu do carro e abriu o furgão.

– Você está bem menina? – perguntou ela, pegando na mão de Dasha.

A pequena balançou a cabeça positivamente.

– Venha comigo – ela guiou-a para fora do furgão.

Layla curvou-se ficando à sua altura.

– Está vendo aquele objeto no céu? – a gótica apontou para um helicóptero da NBC.

Novamente a pequena balançou sua cabeça.

– Ótimo, precisamos dele; acha que consegue?

Dasha voltou a olhar para a aeronave no céu.

– Não sei tia – disse ela com um franzir duvidoso.

– Não se preocupe, eu vou ajudá-la – Layla sorriu.

A menina apertou os olhos concentrada olhando para o helicóptero que pairava próximo à grande explosão. A gótica segurou-a pelos ombros. Fechando os olhos, iniciou seu rito de conexão.

– O que ela está fazendo? – sussurrou Bruna.

– Apenas contemple – respondeu Aaron.

Layla mantinha-se inerte, enquanto a pequena se concentrava em seu alvo. Entretanto, a distância da aeronave era demasiada para ela. A menina abatia-se; seu semblante de esforço era visível. Da face trêmula despontou um respingo grosso de sangue pela narina. Bruna partiu para interromper aquele martírio.

– Layla!

Aaron, com o braço, a bloqueou. – Espere.

Conexões voaram, sinapses despertaram com um fluxo irradiante de uma energia desconhecida da fisiologia humana. Um embate se estendeu por um segundo, mas a enxurrada de dados transmitida pela gótica tomou por completo todas as ramificações neurais da pequena.

– Transferimos! – exclamou Layla.

Ela segurou o corpo de Dasha que desmaiou imediatamente.

– O que aconteceu com ela? – pergunto Bruna aflita.

– Fique tranquila, ela está bem; já o piloto... – disse Aaron olhando para o céu onde a aeronave rodopiava sem controle.

– Meu Deus!

A tensão durou alguns segundos. Após quatro parafusos, a aeronave estabilizou no ar.

– O que está acontecendo? – indagou a perita tentando assimilar o confuso contexto.

– Todos para dentro, temos que interceptar um helicóptero – ordenou Aaron.

Com o furgão eles seguiram o traçado da aeronave que descia suavemente. A um quarteirão ela pousou sobre um pátio cercado por alambrados.

Entre solavancos, Aaron arrebentou a proteção e invadiu aquele espaço. O cinegrafista e o repórter discutiam com o piloto quando pararam assustados olhando o veículo desgovernado derrapando os pneus. Eles fecharam os olhos esperando a colisão. Com perícia o velho corvo, após um cavalinho-de-pau, parou o furgão.

Ele foi o primeiro a sair do veículo com sua postura intimidadora.

– *Ok, That's show is over.*

– *How are you?* – perguntou o repórter.

O piloto, um homem magro de boné, acertou-os com socos. No chão, caíram atordoados. Aaron encarou o magro com uma afirmação torcida, depois voltou para sua turma que saltou do furgão.

– Certo, carreguem a aeronave.

Após ter visto a cena, Bruna aproximou-se do piloto tentando pescar a conclusão daquela proposta um tanto perturbadora.

– Dasha?

O magro sorriu com malícia.

Ela arregalou seus olhos.

Com a bagagem no helicóptero — apenas as ferramentas para o resgate —, Aaron virou-se para Bruna.

– Eu, Layla e Dasha iremos sozinhos.

– De forma alguma! – exclamou a perita.

– Estamos na etapa final, será muito perigoso.

– Se você levar Dasha, eu vou junto.

Aaron suspirou tentando resolver aquele impasse, quando Hanz completou:

– Se Bruna for, eu irei também.

O velho corvo mordeu os lábios. – E você Carlão?

– Eu vou bem, obrigado – respondeu o marombado.

– Quero saber se prefere ficar ou se submeter a uma possível e fatídica morte?

– Tá maluco? A terra aqui está explodindo, uma bomba em cada esquina. Acha que eu quero ficar aqui?

Aaron torceu seu semblante.

– Sabe que tem razão? Certo, todos para dentro.

Layla acomodou Dasha no banco.

– Obrigada Layla – agradeceu Bruna.

Escutando o barulhento rotor das hélices eles apertaram seus cintos prontos para a última e decisiva aventura. A aeronave ergueu-se levantando a poeira que, ao seu redor, seguia o movimento frenético das hélices.

– Para onde vamos? – gritou Bruna, tentando superar o barulhento som do helicóptero.

– À proibida terra dos Caldeus – respondeu Aaron em alto tom.

Nas alturas ainda se podia ver o caos pela cidade em três diferentes pontos. Layla olhava com lamentação, pois sabia que pessoas inocentes haviam se submetido àquela desolação.

Saindo da cidade o helicóptero voava sobre os planaltos desérticos seguindo uma rota em direção ao sul.

O sol no oeste descia no hemisfério enquanto a perdida menina encontrava-se apreensiva. Seus desejos eram conflitantes, ela queria salvar seu amado, ter um final feliz, mas havia um borrão. Em seus ideais, ela estava pronta a sacrificar e sacrificar-se.

Com uma hora de voo, as planícies próximas ao rio Eufrates foram avistadas. As terras férteis, ricas em vegetação rasteira, formavam um belo contraste com o deserto no oeste.

– Que bela paisagem! – exclamou Bruna.

– Foi por isso que Deus escolheu esse local como berço do homem – disse Aaron.

– Berço do homem?

– O Jardim do Éden encontra-se a sudeste, cem quilômetros da cidade de Ur.

Bruna voltou-se para a bela paisagem, imaginando como essa terra poderia ter sido em um passado distante.

O helicóptero, ao lado da margem, voava seguindo o leito do rio Eufrates. As ruínas da antiga civilização mesopotâmica eram reveladas em todo o contorno, exibindo as mais antigas construções do mundo.

No sudeste, Aaron avistou uma curiosa formação rochosa. Sem uma única palavra, ele bateu no ombro do piloto que confirmou o destino com a cabeça.

O helicóptero desceu sobre uma planície.

Os rotores foram desligados.

– Peguem apenas o necessário, teremos apenas duas horas antes do sol se pôr – ordenou Aaron abrindo a porta do helicóptero.

– Duas horas? Caso contrário? – indagou Hanz, percebendo claramente que faltava um complemento naquela frase.

– Estaremos mortos.

– Sempre tem que ter um caso contrário? ‘Tu’ nunca ‘dá’ uma boa notícia Corvão? – perguntou Carlão.

– É a vida meu jovem – respondeu Aaron.

Cada um carregava uma mochila nas costas. Entre as peças mais importantes estavam a lança do destino e o coração de Victor.

– Estamos prontos? – perguntou Bruna.

– Espere um momento – respondeu Aaron.

Com uma corda, ele amarrou o piloto aos patins de aterrissagem. Com os dedos, contou até três quando o piloto desmaiou. Ele virou-se para Dasha, que abriu seus olhos.

– Agora estamos prontos – completou.

– Onde estamos? – perguntou Hanz.

– Esta é a antiga terra proibida dos Caldeus.

– Proibida?

– Um lugar desabitado, isolado por Deus onde nenhum homem pode armar sua tenda.

– Por quê?

– O anjo da morte protege esse lugar.

– Anjo da... morte?

Aaron seguiu deixando Hanz sozinho com sua indagação.

Caminhando em marcha, o grupo aproximou-se das margens do Eufrates.

– O que estamos procurando? – perguntou Bruna.

Aaron parou no leito, olhou para os lados e lavou seu rosto com a água turva do rio. Posicionando-se apumado, contou as rochas à sua volta.

A estrutura circular composta de enormes pedras sedimentares circundava aquela esplanada com extrema precisão. O ponto concêntrico situava-se exatamente no rio. Era fácil perceber que não se tratava de uma coincidência; aquela formação possuía o propósito de marcar um segredo esquecido.

– Estamos no lugar certo – afirmou Aaron.

De sua mochila ele tirou o pacote, a bomba comprada em Bagdá. Rasgando-o, revelou dois cilindros de Pentaerythritol tetranitrate com um

detonador digital. No *display* acionou cinco segundos.

Carlão arregalou-se. – Cinco segundos? Não dá nem tempo de ‘mijar’ nas calças!

– O que está fazendo Aaron? – retrucou Hanz apreensivo com a situação.

– Aaron? – indagou Bruna, protegendo Dasha com os braços.

O velho corvo virou-se para eles.

– Alguém aí tem a vara de Arão em mãos?

Eles entreolharam-se com semblante interrogativo.

– Certo. Layla – ele entregou a bomba nas mãos da gótica.

Sem pensar, ela acionou o interruptor e lançou o pacote no centro do rio. Assim que mergulhou na água, o explosivo foi detonado. Seguiu-se o estrondo e a onda de choque. Ergueu-se uma coluna de água e a terra estufou dividindo o leito em dois braços com uma ilha ao centro.

– Na falta de intervenção divina, um bom árabe resolve sempre com explosivos – Aaron sorriu.

Eles atravessaram o leito e escalaram a recém-formada ilha. Hanz admirou-se ao ver uma gruta ali, bem no meio. Ele pensou em todas as probabilidades geológicas para explicar aquela formação, mas é claro que nenhuma delas poderia ser plausível naquele momento.

Vendo um pedaço de madeira singrar em rodopios no rio, Aaron correu para pegá-lo. Retirando um pano encharcado de betume na lateral da mochila, acendeu uma tocha.

– Por que não usamos lanternas? – perguntou o precavido mergulhador que já havia se preparado com todo aparato como um lobinho escoteiro.

– As baterias seriam rapidamente consumidas – respondeu o guia.

– Consumidas?

– Por espíritos.

Hanz, com olhos amedrontados, seguiu-o conferindo a assombrosa entrada. Estava claro para ele que sua experiência como escoteiro não lhe ajudaria em nada naquela empreitada. Ele decidiu ficar mudo e entrar junto ao grupo naquele buraco.

A caverna natural era úmida e gelada. O leito seco que seguia descendo entre projeções irregulares de rochas sedimentares revelava um percurso aparentemente seguro.

Aaron seguiu conduzindo o grupo. Após algumas bifurcações ele alcançou uma câmara. No local, ele conteve-se escutando um zunido no ar.

– Silêncio! – exclamou projetando seus ouvidos. Olhando para o fogo de sua tocha ele percebeu a perda imediata de sua intensidade. – Layla, o selo.

A gótica agachou-se e retirou de sua mochila a pequena caixa de madeira com os caracteres hebraicos na tampa. Ela olhou atentamente para o objeto. Um arfar pesaroso; seu espírito temia aquela antiga relíquia. Tomando coragem, abriu a caixa e com cautela, retirou o anel de Salomão. Aspirando o ar e renovando sua convicção, ela introduziu-o em seu dedo anular, na mão esquerda. No mesmo segundo, os vasos de seus olhos se dilataram. Uma dor lancinante tomou seu corpo. Ela gritou sentindo sua pele arder. Sem estrutura para manter-se de pé, ela tombou ao chão.

Carlão tentou avançar para ajudá-la, mas foi segurado por Aaron.

– Pirou Corvão? – indagou o marombado com o rosto franzido.

– O anel está selando o espírito em seu corpo – respondeu o mentor em sua fleuma.

Eles olhavam Layla se contorcendo. As feições eram de angústia assistindo aquela pobre menina sendo torturada no chão.

Após um grito de guerra, a gótica serrou seus dentes e levou suas mãos ao chão. Com os braços arqueados ela lutou para se levantar. Era uma tarefa árdua. Olhando para ela parecia que estava empurrando o mundo. Depois de uma luta, ficou de joelhos e rangendo os dentes, venceu seu desafio. Recompondo-se, virou-se para seu braço. Com as unhas cortou seu pulso. O sangue respingou no chão. Com o anel, mergulhou o selo em seu sangue. Ela olhou para a joia que agora refletia o rubro fluído.

– Estamos prontos – pondo-se em pé, dando as costas ao grupo, ela começou a caminhar com o punho esquerdo à frente dos olhos.

– Layla, seu espírito foi selado? – perguntou seu mentor.

Ela virou seu pescoço de forma discreta.

– Não.

Aaron franziu com pensamentos suspeitos, olhando fixo para os olhos negros daquela menina. Ele havia arquitetado seu plano com esmero, mas as variáveis caóticas que a gótica persistia em carregar surgiam como engodo para sabotar qualquer tentativa de sucesso. Mesmo assim, ele

decidiu seguir com fé, acreditando que até as peças mais desconexas montariam no fim o complexo quebra-cabeça.

Eles seguiram pelo túnel que continuava a descer.

À frente, Layla, conectada aos espíritos, caminhava sem esbarrar em nada; a escuridão era clara para seus olhos. Nas paredes, as formas intermitentes exibiam cabeças, braços e pernas como em um macabro show de sombras que apenas ela podia ver.

– Layla? – indagou Aaron vendo a menina desaparecer.

– Estou aqui! – exclamou ela na escuridão.

– Por que está tão frio? – indagou Bruna abraçando seu próprio corpo e friccionando seus braços com as mãos.

Alerta, o velho corvo guiou a tocha para os lados.

– Layla? – indagou mais uma vez em alto tom, reverberando o som nas paredes daquele labirinto de aspecto lúgubre.

Seguiu-se o silêncio. De repente Bruna sentiu algo tocar sua pele. Houve um momento de pânico. Ela ofegou com espanto.

– Tem algo aqui!

– Layla! – gritou Aaron quando, diante da chama, a gótica revelou-se com seus olhos perturbadores.

A perita gritou.

– Estamos perto – disse a guia de olhos macabros.

Por um quilômetro o percurso seguiu revelando o mesmo padrão de rochas. No seu desfecho as formas naturais e intermitentes perdiam seu espaço para rochas cunhadas. Após atravessarem o último arco, uma sacada natural servia como tablado a uma gigante câmara que sumia nas profundezas de um longo e profundo abismo calcário.

Hanz aproximou-se olhando para o vazio sem dimensões.

– Fim da linha?

– Apenas uma parada – respondeu Aaron.

– Parada?

– Agora é com Dasha.

Colocando suas mãos no ombro da pequena, o velho corvo curvou-se. Com um sorriso, encarou seus olhos.

– Dasha, preciso que acenda as luzes de Etemenanki.

A menina sorriu e, fechando os olhos, entrou em transe.

Layla olhava para o profundo abismo, aguardando o sinal. – Ela está pronta! – exclamou, sabendo que aquele era o momento.

Elevando a tocha, Aaron lançou-a. A chama seguiu girando com um rastro luminoso. Ao final de sua parábola ela sumiu na escuridão. O grupo parou em um momento de tensão sem saber o que esperar. De repente, de forma sequenciada, luzes oscilavam naquele abismo revelando uma forma tridimensional de proporções inigualáveis.

Na enorme galeria, uma colossal estrutura era revelada em pisos pelas luzes que eram acesas. Estupefatos, eles contemplaram sua sequência até o oitavo piso, onde finalmente finalizou a exibição daquele impressionante monumento.

– Que inferno é isso? – indagou Hanz.

O enorme zigurate, uma construção piramidal em níveis, oito no total, medindo aproximadamente 260 metros de altura, era uma forma intimidadora. Nas plataformas de cada andar, havia rampas que seguiam a estrutura quadrada, formando um percurso iluminado da base ao ápice. No topo, a construção inacabada revelava parcial destruição dos tijolos de alvenaria.

– Vocês estão diante da torre conhecida como Babel.

O mergulhador, encarando aquela revelação arqueológica, veio a sentir um calafrio. Era como vivenciar a história que, para ele, era apenas uma lenda de um povo esquecido.

– O que a torre de Babel faz nas profundezas da Mesopotâmia?

– No momento é o mausoléu dos Nefilins, porém, no juízo, ela será erguida à superfície e todo olho na Terra a verá. – Aaron fez uma pausa. – Só assim serão reveladas as iniquidades dos homens.

– Você disse mausoléu dos Nefilins?

– Uma antiga raça de guerreiros.

Aaron virou-se para Layla. – Vamos seguir.

De sua mochila a gótica retirou uma corda de poliamida de 10 mm, usada para alpinismo. Em uma das pontas, as fibras trançadas eram presas a um gancho triplo de aço carbono. Com certa folga, ela rodopiou o aparato. Ele girava em seu eixo cada vez mais rápido. Quando a força inercial centrífuga alcançou seu limiar, ela lançou-o. Serpenteando no ar, a corda foi descarregada em direção à torre. No ápice, a mais de sessenta metros de distância, o gancho quicou.

– Belo arremesso – disse Aaron.

Ele pegou o cabo das mãos da gótica e puxou com suavidade. O gancho se arrastou até prender-se no diedro formado pelas fissuras no topo danificado.

– Perfeito! – exclamou ele devolvendo-lhe a corda.

Usando sua força, Layla puxou o cabo fazendo com que a corda esticasse ao seu limite.

Hanz amedrontou-se olhando para a cena.

– Vamos ter que seguir pelo cabo?

– Voando não irá ‘rolar’ – Aaron martelava na rocha um pitão de inox.

– Cara é moleza, é só não olhar para baixo – aconselhou o marombado.

O mergulhador imediatamente olhou para o enorme poço que, em profundidade, ultrapassava qualquer edifício já conhecido por ele.

– Você já fez isso? – direcionou a pergunta a Carlão.

– Eu moro no Rio... Cara, eu e Victor ‘trepávamos’ nas rochas toda semana.

O coração de Hanz acelerou em uma frequência descompensada.

– Pronto! – exclamou o velho corvo terminando o nó que prendia a corda ao mosquete preso no pitão.

Com o cabo esticado, ele posicionou-se na borda.

– Façam como eu.

Trançando as pernas sobre a corda, ele deslizava seu corpo na horizontal usando a força dos braços.

Assim que atravessou alcançando o ápice da torre, seguiu Carlão. O marombado exibiu talento; percorreu o trajeto rapidamente sem ofegar.

Bruna virou-se com o rosto tenso.

– E Dasha?

– Não se preocupe, eu irei levá-la – respondeu Layla.

Bruna sorriu, mas mantendo ainda seu semblante de preocupação. Ela seguiu na corda com muita tranquilidade, pois já havia passado por testes rigorosos da polícia.

Vendo Bruna se aproximar do ápice, a gótica tirou seus sapatos. Ela dobrou os dedos em um alongamento de falanges. Com um confiante

balançar de cabeça voltou-se para a pequena que se mantinha parada em seu transe.

– Acorde menina! É a nossa vez.

Dasha abriu seus olhos e sorriu.

– Oi, tia.

– Você confia em mim?

– Confio.

– Ótimo! Agora segure nas minhas costas. – Layla se abaixou em posição de cavalinho e colocou Dasha sobre suas costas. No chão pegou sua mochila. – Certo... Está pronta?

– Sim tia.

Como uma acrobata circense, ela andou sobre a corda tocando-a com a sola de seus pés nus. Bruna esbugalhou seus olhos; de fato, ela não havia pensado qual método a gótica usaria para atravessar a menina.

Entretanto, após alguns metros, a acrobata provou ser a mais apumada do grupo. Sem muito esforço, ela seguiu ereta sem ao menos desalinhar seus ombros.

Quando chegou ao outro lado, Aaron gritou:

– Sua vez, Hanz!

Pálido, o mergulhador olhou para a corda. Daquele ponto, ela parecia infinita.

Após uma sequência de arfadas ofegantes, ele tomou coragem e agarrou a corda. Seu cérebro embotou, e naquele momento, apenas assentiu copiar os movimentos de seus companheiros. Com as mãos firmes, ele posicionou seu corpo trançando as pernas sobre ela. Lentamente, ele começou a deslizar um tanto desengonçado.

Aaron, impaciente, vendo seu desarranjo de braços e pernas, retrucou do outro lado:

– Vamos homem, não temos o dia todo.

Hanz sentia a pressão e seus braços tremiam.

– Ele não conseguirá – concluiu o velho corvo observando os músculos dançantes do mergulhador.

Bruna gritou para ele.

– Vamos seu frouxo!

– É difícil! – gritou ele na metade do caminho.

– Garota, ele não precisa de insultos e sim de motivação. Pare de representar, você não é o Braddock de Chuck Norris e nem seu namorado é o Rambo de Sylvester Stallone.

A perita mordeu seus lábios.

Hanz perdia as forças, suas mãos suadas esgarçavam-se na corda. Aflita, Bruna fechou seus olhos tentando lutar contra seu orgulho, seu ódio pelos homens e a amargura de ser subjugada como mulher.

Respirando profundamente, ela veio a abrir seus olhos gritando:

– Hanz, eu aceito seu pedido.

– Pedido? Não fiz nenhum pedido! – exclamou o mergulhador.

– Então venha, estou pronta para dizer sim.

Serrando seus dentes, ele emergiu forças. Aquela frase pareceu incendiar seu interior. Ele começou a puxar a corda, convicto e motivado.

– Isso, você vai conseguir! – gritou Bruna com certo entusiasmo.

Hanz seguiu firme, mas próximo do ápice suas mãos escorregaram.

Bruna gritou, mas Aaron o segurou pelo braço.

– Vejo que atividades acrobáticas não são seu forte – disse Aaron puxando o corpo do mergulhador.

Hanz sorriu sentindo-se aliviado.

– Com certeza não.

A salvo, Bruna veio abraçá-lo.

– Você é um paspalhão, mas é o meu paspalhão – ela beijou-o com paixão.

– Então, você aceita se casar comigo? – perguntou o mergulhador com um sorriso radiante.

– Oh galera, não estávamos atrasados? – interrompeu Carlão quando na sequência levou um tapa na nuca desferido por Aaron. – Ai, Corvão! – exclamou o rapaz sentindo a mão gelada de seu molestador.

Bruna sorriu. – Eu aceito – eles se beijaram.

– Certo, vamos indo – interrompeu Aaron.

Eles seguiram pelas rampas descendo os pisos da torre.

Hanz estava fascinado. De perto, ao lado dos grandes blocos cozidos e unidos com betume, era possível avaliar a veracidade daquela construção. Ao longo de toda a história, as linhas escritas na Bíblia sempre desencadearam fascinação através de sua imaginação. Estar diante àquela

descoberta de forma palpável era como participar da própria história para ele.

Percebendo o olhar vago de seu companheiro, Bruna chamou sua atenção.

- Hei, para de olhar para essas paredes.
- Desculpe, é que esta construção é magnífica.
- Magnífica? Mais que a mim?
- Sim... Não... quer dizer, é diferente.

Bruna soltou a mão do mergulhador e cruzou os braços.

Naquele momento, Hanz estava dividido entre suas grandes paixões. Confuso, não sabia qual escolher.

– Desculpe-me, é que não me expressei bem – tentou ele se justificar.

Aaron colocou a mão em seu ombro.

– Bem-vindo ao mundo feminino, aonde vais do céu ao inferno em menos de um segundo.

– Mas... Eu... – gaguejou o desolado mergulhador.

Após um arfar frustrado, ele seguiu acompanhando o grupo.

Alcançando a base da torre, Aaron guiou-os ao seu interior. No local, uma porta com colunas quadradas seguia em pares, ornando e sustentando a estrutura. Atravessando-a, adentraram em uma sala cúbica. No centro, através de uma escada que seguia a forma quadrada do fosso, acessaram o piso inferior. Abaixo da torre havia uma enorme tumba que delineava com o mesmo espaço do grande zigurate acima de suas cabeças. Os corpos mumificados repousavam em sarcófagos escavados e esculpidos na rocha.

– Onde estamos? – perguntou Hanz admirado com aquele mausoléu de uma cultura esquecida.

– Nas antigas tumbas dos Caldeus – respondeu Aaron.

– Quem são esses?

– Reis da antiga Babilônia.

– E a tumba que mencionou, dos Nefilins?

– À esquerda – ao norte encontrava-se um grande portal medindo dez metros de altura. Nas colunas que a sustentavam, antigas inscrições semitas com indicações astrológicas percorriam o espaço.

Eles atravessaram o grande portal e foram surpreendidos por uma longa câmara iluminada por pares de tochas, um à direita e outro à esquerda.

O pavimento, com quinze metros de altura, possuía a forma retangular com colunas quadradas que seguiam de dez em dez metros. O corredor que se estendia além dos olhos era silencioso, apenas se podia escutar o estalar das tochas que queimavam o betume de forma lenta e graduada.

Hanz olhava para a rústica arquitetura quando percebeu altares que se encontravam intercalados nas áreas sombrias.

– Onde realmente estamos? – perguntou baixinho.

Na parede havia correntes chumbadas às rochas que repousavam seus grilhões sobre a base de um enorme altar.

Agulhado por sua curiosidade, ele se aproximou.

Em cima da prancha do altar de pedra calcária havia um longo conjunto de panos mortuários que se enrolavam sobre uma forma desconhecida. O mergulhador mediu com os olhos sua extensão: possivelmente uns quatro metros. Ele aproximou-se, galgando a passos desconfiados. No ar havia um cheiro estranho, rançoso, adocicado. A cada passada seu coração acelerava; era como viver em um filme de horror.

– Que coisa é essa? – indagou ele vendo a figura disforme. Próximo, focou na carne: um rosto que parecia medir um metro de diâmetro.

Quando Aaron tocou o seu ombro ele deu um salto.

– Ah! – gritou assustado.

Aterrorizado, o mergulhador virou-se gaguejando:

– Que... que coisa monstruosa é essa?

– Você não queria conhecer os Nefilins? – o velho corvo mediu com os olhos o gigante corpo que ultrapassava os quatro metros.

– Isso não é humano! – exclamou Hanz voltando a se aproximar do altar.

– Esse é o resultado da transgressão.

– Transgressão?

– Essa enorme tumba não é apenas um cemitério, mas uma prisão dos espíritos impuros, os mais terríveis deste planeta.

– Impuros? O que quer dizer?

– Transgressores, com atos que interferiram na ordem.
– Ordem?
– Interpor-se aos ‘Algoritmos Sagrados’.
– Como assim?
– Nos textos bíblicos a transgressão mais conhecida é a de Sodoma e Gomorra.

– Os espíritos de Sodoma e Gomorra se encontram aqui?
– Sim, mas nenhuma transgressão foi maior do que essa – ele sinalizou com um gesto de cabeça.

Hanz voltou-se para a enorme múmia.

– Como essa criatura pôde existir?
– Alterando o DNA do homem – Aaron apontou para os dedos dos pés e das mãos daquele monstro que somavam vinte e quatro.

– Isso é possível?

– Sim; demônios aprenderam a alterar o DNA humano ainda no útero. Como consequência, essas aberrações nasceram. A Bíblia menciona esse episódio. Após o dilúvio, os possuídos tiveram relações com as filhas de Noé gerando mutações.

– Eu conheço esse texto. Após esse episódio, Deus limitou o homem a viver cento e vinte anos.

– Exato! Devido ao perigo Deus foi cauteloso; esse foi o momento em que o homem perdeu a essência de sua verdadeira natureza.

– Mas como essas aberrações puderam ficar escondidas sem vestígio?

– Sem vestígios? Nefelins foram exibidos em museus pelo mundo, entretanto, a maioria das peças hoje está sobre a tutela de organizações privadas.

Hanz continuou olhando aquele medonho gigante quando Aaron chamou sua atenção:

– Vamos, curioso.

Eles continuaram por quilômetros exibindo aquele sinistro show de horrores entre altares e sarcófagos esculpidos em pedra. Era uma natureza sombria onde se revelavam os mais variados corpos: hominídeos de grande estatura que possuíam em suas mãos e pés vinte e quatro falanges.

As correntes presas às argolas chumbadas e os grilhões nos tornozelos evidenciavam as penalidades submetidas naquele local que no

passado serviu como uma severa prisão para aquela raça de almas transgressoras. Eram inertes cadáveres para os olhos humanos, mas a gótica podia ver além da matéria. Do seu ponto, os espíritos de corpos torcidos e turvos se debatiam sobre o altar presos por um breu betuminoso. Em agonia profunda, eles forçavam para alcançar o calor dos corpos presentes como famigerados parasitas.

Após uma considerável distância, seguindo o extenso corredor, eles finalmente alcançaram seu final. O último portal que finalizava a grande estrutura conduzia ao salão principal. No local erguiam-se oito colunas que compunham a nave abobadada no teto. As tochas, oito no total, seguiam de forma regular o perímetro circular. No centro havia um altar redondo, de calcário, medindo oito metros de diâmetro. Sobre ele, o corpo de Victor repousava nu em um círculo menor com a simetria de seus braços e pernas abertos.

Identificando seu amor, Layla correu saltando sobre o altar. Ela tocou sua face acinzentada sentindo seu gélido corpo.

– Finalmente te encontrei – disse ela com olhos umedecidos.

De forma frenética, abriu sua mochila e tirou uma mala de chumbo revestida de couro preto. Destravando os feches, abriu sua tampa. O coração de Victor foi revelado.

– Rápido Aaron! – exclamou ela.

O grupo se posicionou ao lado do altar.

Bruna parou olhando o corpo inerte com as típicas características da morte, as quais havia evidenciado em sua carreira como perita. Era difícil acreditar que alguém naquele estado poderia voltar à vida.

– O que faremos? – perguntou ela, tentando ajudar.

– Afastem-se – respondeu Aaron com autoridade.

Frustrada, ela obedeceu.

O velho corvo colocou sua mochila sobre o altar, abriu seu zíper e retirou a maleta prateada. Destravando os feches, abriu-a com cautela. De seu bolso retirou as luvas de couro e colocou-as nas mãos.

– Certo, estamos prontos, espero que isso funcione.

Layla pegou o coração de dentro da maleta que começou a pulsar em suas mãos. Sobre o peito aberto de Victor, ela conduziu-o lentamente para dentro de sua caixa torácica.

Ela olhou para seu anel draconiano. – Está na hora – girando-o de seu dedo, retirou-o e depositou-o sobre o coração pulsante.

– A lança Aaron – disse ela estendendo as mãos.

– Precisa de luvas, menina – completou seu mentor.

– Me dê a lança Aaron – ordenou ela.

Ele retirou a lança de seu invólucro e entregou-a nas mãos da pupila.

Assim que ela tocou no metal, seu coração disparou. O golpe foi imediato: um choque contra seu peito. Ela ofegou, era como se o ar fosse de chumbo.

Rangendo os dentes ela ergueu a lança no ar.

– Volte à vida! – exclamou, desferindo o golpe.

A ponta da lança acertou o centro do anel partindo-o e despedaçando o metal.

Aaron revelava em sua face uma expressão de ironia; aquela cena lembrava-o a pintura de São Jorge.

Finalizando o golpe, a lança perfurou o coração, onde repousou atolada. Todos pararam esperando o desfecho daquele momento poético; entretanto, o silêncio perturbador tomou a cena.

Frustrada, Layla virou-se para Aaron com olhar melancólico.

– O que fiz de errado?

O velho corvo parou tentando encontrar a resposta. Ele olhou para o corpo de Victor e voltou seus olhos para a menina sentada em seu colo. De repente, a resposta pareceu óbvia para ele: a transgressão deveria retornar ao corpo do transgressor.

– O espírito em seu corpo, ele deve retornar ao dono.

– Não! – exclamou Layla com olhos repreensivos.

Aaron levantou suas sobrancelhas.

– Não queres Victor de volta?

– Não!

– Menina, traga Victor de volta! – gritou o mentor percebendo que o espírito de Rasputin controlava as razões de sua pupila.

Layla começou a gritar e a se debater. Em sua mente era travada uma guerra.

– *Não me abandones!* – exclamou uma voz em seu interior, semelhante à voz de Victor.

– Saia de mim abominação! – exclamou ela. A menina desesperava-se com prantos e soluços.

– *Eu preciso de ti, minha amada!*

Layla cerrou seus dentes apertando-os com força.

– Você não é Victor! – gritou.

– *Tu não podes me abandonar.*

– Eu te renego Asarluhi, antigo espírito de Rasputin. Tome o corpo deste jovem em nome do Deus vivo – gritou ela num clamor sincero.

Layla caiu desfalecida ao lado de seu amor.

– Eu preciso de ti.

Sua mente vagou através de um véu branco. Em seguida uma cena foi materializada. No parque, Layla e Victor abraçados sorriam vendo um casal de crianças, gêmeos, que alegres corriam brincando.

– Victor! – ela abriu as pálpebras e através da turva imagem olhou para o rosto de seu amor estendido, ainda morto sobre o altar.

Arrastando-se, ela aproximou-se de sua face. – Victor – em lágrimas, Layla beijou sua boca de forma suave. Ela sorriu para ele com um olhar melancólico, mas terno. – Ninguém lhe amará como eu – concluiu ela.

Naquele segundo ela viu os lábios do seu amado tremerem. Assustada, guiou seus olhos para seu tórax. O profundo corte no peito estava sendo lacrado, enquanto sua carne era regenerada. Ela levou sua mão à boca enquanto seu corpo tremia devido à forte emoção de vê-lo aspirar o ar da vida. Layla chorava em prantos, mas sorria ao mesmo tempo; um riso que enchia sua alma de alegria.

Sem pensar, saltou para seu colo e puxou-o contra seu peito. Ela fechou seus olhos enquanto sentia o coração de seu amado pulsar novamente. Victor ganhava a cor rubra, enquanto a cruz celta em sua carne desaparecia do centro às extremidades.

Seus olhos abriram-se lentamente e ganharam seu foco no decorrer.

– Onde estou? – indagou ele, perdido naquele tórrido abraço.

Em lágrimas, Layla tocou em seu rosto.

– Está seguro meu amor, é tudo o que mais importa.

– Layla? – ele olhou para sua amada e sorriu.

– Como eu precisava ter esse sorriso de volta – ela voltou a abraçá-lo suspirando por entre soluços.

Aaron aproximou-se.

– Realmente garoto, você é um homem único.
– Aaron? – indagou Victor reconhecendo seu velho companheiro.
– Nem a morte consegue cumprir seu papel diante de alguém incapaz de cometer o erro.

O velho mentor tirou um conjunto de sua mochila: calça e camisa de algodão cinzas. Layla, sempre atenciosa, ajudou-o a vesti-las, mas desta vez, sem medo de encarar sua nudez.

Carlão foi o primeiro a pular no altar de forma eufórica.

– ‘Leskinho’, meu irmão! – exclamou com um forte abraço.

– Carlão, você está me sufocando! – exclamou Victor.

– Desculpa, foi a emoção irmão.

– O que está fazendo aqui? – ele levou seus olhos para o grande salão. – Na verdade, o que eu estou fazendo aqui?

– É uma longa história – respondeu Aaron.

Layla ajudou-o a sair do altar.

Assim que seus pés pisaram no chão houve um tremor de terra. Todos ficaram alarmados.

– O que está acontecendo Aaron? – perguntou Layla.

O velho corvo, com o indicador, pediu silêncio. Seus ouvidos ficaram atentos.

Seguiu-se outro tremor.

– Não! – exclamou ele. Os tremores apresentaram uma frequência ritmada.

– Aaron? – indagou a gótica preocupada.

Seu mentor correu para o portal olhando para o extenso corredor onde as tochas seguiam se apagando de forma sequenciada em direção ao grande salão.

– Dentre todos os Nefelins, esse não!

– De quem está falando Aaron? – perguntou a perdida menina com seus olhos aflitos.

– Ninrode, o caçador!

Sob o portal, a enorme múmia de cinco metros revelou-se com um grito que ecoou como uma onda.

A grotesca criatura usava um manto escarlate e por entre os trapos e ataduras, notava-se a rústica armadura da era de bronze: ombreiras,

peitoril e cinto de couro. Na mão esquerda, uma enorme espada de bronze forjado.

Aaron arregalou-se encarando a enorme criatura.

– Aaron! – gritou Layla.

Seu mentor virou-se imediatamente para a menina quando ela concluiu: – Tire-os daqui! – exclamou aos berros apontando para uma fenda que se abria na parede.

O velho corvo correu colocando a mão em seu ombro.

– Sabe que estas são as artérias de Gilgamesh?

Layla segurou na mão de Aaron.

– Não temas meu irmão, estarei contigo – ela entregou em suas mãos uma esfera de fogo brilhante. – Enquanto o selo estiver comigo, a luz irá protegê-los.

Estupefato, Aaron apenas balançou sua cabeça confirmando. Ele sabia que sua pupila não se encontrava mais no controle de seu corpo.

Segurando Victor pelos ombros, ele correu para a fissura aberta na rocha.

– Vamos! – exclamou ele ordenando a seus amigos com movimentos frenéticos de braço.

Hanz, Bruna e Dasha correram para a fenda enquanto Aaron e Carlão ajudavam Victor a atravessar as rochas que sediam aos abalos.

O jovem abatido galgava confuso, mas gritava para seu amor. – Layla! – quando olhou para trás viu sua amada. Naquele segundo ele foi surpreendido pelas asas que rompiam na carne e erguiam-se nas costas da gótica. De forma majestosa elas ganharam o ar.

– Aaron? – indagou ele sem tirar seus olhos da menina que se transformava em seu mimetismo místico.

O velho corvo virou-se vendo os braços de sua pupila se incandescerem. Um fogo ardente dançou em parafuso projetando-se para seus punhos como armas flamejantes.

– Vamos garoto, não se preocupe, Layla é uma guerreira – respondeu ele voltando a se focar em sua escapada.

– Não posso deixá-la sozinha! – o jovem atordoado tentou desvencilhar-se dos braços que o carregavam, mas fraco, pôs-se a cair.

– Garoto, no momento só iria atrapalhá-la. Entenda, você perdeu sua alma, mas ela lhe trouxe de volta; agora não anule seu ato de amor.

Com os olhos perdidos, Victor virou-se para Aaron.

– O que quer que eu faça?

– Venha e viva, assim como Layla desejou – seu mentor estendeu sua mão.

Atrás de si, ele olhou para o amorfo caminho de rochas que serpenteava em direção à escuridão. Uma dúvida persistiu, abortando qualquer reação imediata.

– Garoto! – chamou mais uma vez.

Ele encarou a mão de seu mentor e destravou sua determinação. Ofegante, levantou-se e seguiu apoiado, mas demasiadamente enfraquecido, desmaiou tombando seu corpo.

Enquanto Victor lutava para permanecer consciente, seu amor, com olhos convictos, encarava o gigante. Layla não exibia medo, apenas um olhar medido e fleumático. A criatura não se intimidou e partiu sobre ela enfurecida.

A jovem ergueu seus punhos flamejantes.

– Serás selada neste antro de abominações! – gritou em fúria.

Layla saltou impulsionada por suas asas. Um conflito de impulsos seguiu-se de forma ardente. Era um balé de peças opostas: força e destreza.

A criatura bradava sua espada no ar tentando acertar seu alvo frenético. O punho pesado do gigante golpeou muitas vezes para todos os lados, mas Layla com agilidade desviava-se usando suas asas. Seus movimentos no ar eram como os de um falcão, e no firmamento da grande abóboda, suas pernas corriam como uma cheetara, não importando o ângulo proposto na formação rochosa. Naquele ponto era difícil determinar quem venceria aquele embate.

Os movimentos da grande criatura oscilavam, mas com o tempo, pareciam perder seu vigor. Através dos olhos de Layla, o espírito da grande esfera celeste percebeu a fraqueza do oponente. Quando o monstro baixou sua guarda, a gótica pulou sobre o corpo moribundo. Os punhos de fogo atravessaram a carne putrefata. A criatura gritou; um guincho ressonante que ecoou na grande abóbada como um cântico com vibrações agônicas.

Mas o embate apenas havia começado. Assim que o monstro se restabelecia e socava seu peito, Layla saltava e regressava a sua corrida. Quando conseguia outra oportunidade, enfiava sua arma cauterizante novamente na carne do inimigo.

Naquele ponto, aquele embate parecia ter um vencedor, mas o espírito da grande esfera celeste subestimou seu oponente. Quando regressou em um grito de guerra, a criatura não se amedrontou e girou seu braço acertando o pomo de sua espada no corpo da gótica.

Ela foi atirada contra a parede que se fendeu em um desabrochar de pura violência. Levantando-se ainda atordoada pela descomunal força, a jovem menina levou seus verdes olhos fitando a enorme espada que partia em sua direção. Sem tempo para esquivar-se, ela cruzou seus punhos tentando aparar o golpe.

A enorme espada alavancou seu corpo contra o chão.

Sentindo seus ossos se despedaçarem, Layla permaneceu caída sem força para levantar.

– *Layla, erga-se* – escutou uma voz em seu interior.

Ela forçou seu corpo contra o chão, mas não conseguiu.

– *Não desista, há alguém que te ama.*

As memórias de sua vida lampejaram naquele segundo. Sorrisos daqueles que a amaram se materializaram em quadros junto com o arrebentar de sentimentos que lhe trouxeram alegria.

Layla gritou, e emergindo-lhe forças, colocou-se de pé.

Ela ergueu seus olhos de fúria.

– *Irás sucumbir!* – o fogo que se propagava nas tochas ergueu-se ao teto. Uma onda flamejante tomou conta da grande abóboda.

Atormentada, a criatura levantou seu rosto. Havia uma discordância nos olhos carnicentos. Ela sabia que aquela energia não poderia ser de um querubim muito menos de um serafim.

Aproveitando sua distração, Layla pulou na garganta da grande criatura. Um único golpe que atravessou seu crânio. Não houve tempo de reagir, o monstro foi vencido. Assim que ela pulou para fora, o corpo da terrível criatura tombou ao solo como um grande carvalho em chamas.

Layla caiu de joelhos exausta.

– *Finalmente livre!* – afirmou ela quando seus ouvidos foram surpreendidos pelo trincar de uma pedra.

Ela ergueu sua mão.

Seus olhos se arregalaram vendo o selo do anel de Salomão partir-se em dois fragmentos.

– *Estamos mortos!*

Carlão caminhava carregando Victor às costas, enquanto Aaron conduzia o grupo no caminho intrincado com uma misteriosa esfera de fogo.

– Onde estamos Aaron? – perguntou Hanz, perdido.

Apesar da percepção acentuada do mergulhador, a única conclusão de um posicionamento era a altitude, pois a escarpa rochosa parecia não ter fim.

– Nas artérias de Gilgamesh – respondeu Aaron, enquanto caminhava apressado guiado apenas pelas labaredas que circulavam na palma de sua mão.

– Gilgamesh?

– O lendário rei da Suméria, filho de Mastema; o homem que buscou a imortalidade para igualar-se a seu pai.

– Quem é Mastema? – perguntou ele quando um vento gelado vindo das profundezas apagou a esfera de fogo que Aaron conduzia na mão.

– O que aconteceu? – indagou Bruna na escuridão.

– Corram! – exclamou Aaron.

Apressados, eles seguiram pelo túnel subindo rumo ao sul.

Percebendo que Carlão perdia suas forças, Aaron voltou-se olhando na escuridão.

– Aaron! – gritou Bruna, iluminando o túnel com a luz de seu celular. O momento era de pavor, as sombras agarraram o corpo do velho corvo. – Não! – ela assistia sua carne sendo dilacerada sem poder enxergar as entidades que executavam aquela crueldade.

Carlão caiu vencido pela fadiga.

Bruna correu em direção de Victor que, no momento, ainda se encontrava convalescido.

– Victor... – gritou em estado de pânico.

– Victor... – gritou enrouquecida tomada pelas lágrimas.

O jovem abatido abriu seus olhos.

A perita, arregalada, clamou sofrida: – Por favor, ajude Aaron!

Ele virou-se.

Os olhos de *Neshamah* revelaram a cena perturbadora: criaturas grotescas com a forma de espectros dilaceravam a carne de seu mentor enquanto ele lutava para tentar escapar.

Victor rastejou com os dentes cerrados. Estendendo seu braço, ele gritou:

– Sumam! – da palma de sua mão ergueu-se uma chama que afugentou os espíritos.

Enfraquecido, ele continuou se esforçando para alcançar o corpo de seu velho amigo.

– Aaron! – exclamou o jovem.

Ao lado, ele chorou em martírio olhando as terríveis feridas que não podiam ser curadas.

O grupo se aproximou entristecido.

As marcantes arrebentações da morte estavam diante de seus olhos, não haveria retorno. Assim como a ave agourenta, o velho corvo seguiu seu destino; morrer nas mãos do ceifador.

Percebendo a inevitável morte, Aaron direcionou seus olhos para o pupilo desconsolado.

– Não permita que a menina faça sua escolha, ninguém está pronto para o confronto final.

– Aaron, o que devo fazer? – os olhos de Victor lacrimejavam com medo de perder seu mentor, amigo e pai.

– Apenas escute garoto! Tudo faz sentido. Eles queriam que Layla estivesse em Etemenanki para que o selo fosse finalmente destruído. Agora, os mais terríveis espíritos poderão retornar ao mundo e o juízo poderá ser sentenciado.

– Como podemos evitar?

– Volte para Pokrovskoie.

– Pokrovskoie? – indagou Victor tentando entender o propósito de regressar a terra natal de Grigoriy Yefimovich.

– Não estarei contigo, mas saberás o que fazer.

– Por quê? Não era para terminar assim.

– Garoto não chore; acredite nas minhas palavras. Você fez muito mais por mim do que fiz por você – Aaron sorriu.

De seu bolso ele tirou a moeda de 960 réis e estendeu sua mão trêmula para o mergulhador. Em lágrimas, ele aceitou seu presente.

Aaron veio a falecer com seus olhos abertos.

– Não!

– Não!

– Não! – gritou Victor abraçando forte o corpo de seu mentor.

Abatida, Bruna se aproximou e fechou os olhos de Aaron. Mordendo seus lábios com um aperto no coração, ela tomou coragem para assumir a liderança.

– Temos que ir Victor – disse ela repousando sua mão no ombro do sofrido rapaz.

Enraivecido, ele voltou-se para aquela estranha mulher.

– Quem é você? – havia medo nos olhos do descompassado rapaz.

– Calma meu irmão, ela veio ajudar – interveio Carlão estendendo o braço para seu amigo.

– O que está acontecendo? – confuso, Victor olhou para seu velho companheiro de guerra.

Era fato, aquele pobre garoto não sabia reagir perante as inúmeras adversidades implicadas naquele contexto. A lógica embaralhava-se em sua mente. Mesmo reconhecendo seu braço direito, algo ainda o incomodava. Mas diante aquele caos, seria irresponsável não cogitar ao menos a possibilidade de que seu amigo estava ali para ajudá-lo.

Com expressão dolorosa, aceitou o apoio.

Eles seguiram o túnel que parecia não ter fim, até que finalmente encontraram uma fenda por onde a luz transpassava.

A terra voltou a tremer. Afoitos, seguiram pelo caminho irregular temendo que tudo viesse abaixo.

Bruna, a última a passar, enroscou sua mochila na estreita passagem. Dasha, que presenciava a cena, aproximou-se para resgatá-la.

– Mamãe! – a jovem menina tentava puxá-la pelo braço com expressão angustiada.

Seguiu-se outro tremor e a terra começou a desabar sobre sua cabeça. Com seu canivete, o mergulhador cortou as alças, separando-a da mochila. A perita foi puxada no momento que o túnel desabou. As rochas degradingolaram levantando a poeira no ar. Ela olhou para trás e suspirou aliviada.

– Foi por pouco.

– Você está bem? – perguntou Hanz.

– Estou, obrigada – agradeceu Bruna no momento em que um grito tomou o espaço. O grupo voltou-se para a pequena possuída que gritava sem parar.

– O que aconteceu?

– A mochila! – apontou Bruna para os trapos que foram soterrados entre a fissura aberta. O velho entalhe havia se perdido, assim como as esperanças de controlar Dasha – A morfina estava nela!

Sem recursos, a perita abraçou a pequena tentando consolá-la através de seu amor afetivo.

– Calma minha menina.

– Não, meus gatinhos soterrados, meus gatinhos sepultados – dizia a pequena ofegante.

– Filha, acalme-se.

Os lábios da pequena tremeram e seus dentes chocaram-se dentro da boca. Um pânico crescente; sentimentos eclodiram e a criança perturbada voltou a reprisar suas lembranças mais dolorosas.

– Aaaaaaaaah! – ela gritou.

Com os olhos tomados, ela curvou-se como um animal. A perita tentou imobilizá-la, mas a forte menina desvencilhava-se de seus braços. Ela se afastou e regressou com um pulo tentando cravar seus dentes na carne em um ataque mortal.

– Dasha, não! – Bruna tentou se proteger.

Antes que completasse seu ataque, Victor interveio segurando o pulso da menina. Imediatamente ele sentiu sua força descomunal. Espantado, ele olhava para o espírito branco de longos cabelos agarrado às costas daquela jovem menina.

– Contenha-se! – exclamou ele, sem saber que aquela criança não poderia ser controlada.

Victor estava fraco, a derrota era inevitável.

– Você precisa fazê-la adormecer! – exclamou Bruna.

– E como eu faço isso? – perguntou o jovem no embate.

– Não sei, foi assim que Layla conseguiu acalmá-la.

– Só há uma forma – disse ele baixinho.

Seus olhos ficaram negros. Dobrando os pulsos de Dasha, ela recuou. Ele ganhou um segundo para pensar; entretanto, as soluções eram turvas como a noite que caía sobre sua cabeça.

– Não irei aguentar por muito tempo.

Victor fixou seus olhos na menina endemoniada. Sem opções, ele decidiu desobedecer as orientações de seu mentor.

– Eu reivindico o seu espírito!

Dasha arregalou seus olhos, uma expressão assombrosa. Seguiu-se uma bufada enraivecida. Sem se intimidar, o jovem domador voltou a repetir a ordem imperativa.

– Eu reivindico o seu espírito!

Após um espasmo, o corpo da menina desfaleceu ao chão. O espírito ondulante percorreu o ar, criando raízes em seu novo hospedeiro.

Quando Victor recebeu o espírito, gritou caindo ao chão. Ele retorcia-se tentando controlar a entidade que parecia mais feroz do que suas antigas possessões.

– O que aconteceu? – indagou Bruna.

Todos pararam com os rostos assustados olhando para o rapaz que se debatia no chão.

– Ele foi possuído? – supôs Hanz.

– Como? – indagou Bruna olhando para Dasha caída.

Victor, com os olhos fechados, se concentrava enquanto seus músculos pulsavam.

– Irmão, tu está legal? – perguntou Carlão preocupado.

Houve uma pausa quando Victor, no chão, abriu seus olhos. Uma reação de espanto tomou o grupo. Os olhos do rapaz estavam tomados pelo sangue.

– Sim, agora me sinto bem melhor – respondeu o possuído, chorando lágrimas vermelhas.

– Cara, seus olhos! – exclamou o marombado amigo.

– Vamos – disse ele levantando-se, ignorando por completo os rostos preocupados.

Hanz pegou Dasha no colo e, receosos, seguiram Victor.

A câmara subterrânea acessava uma escada por onde a luz da lua difundia seu brilho azul. Eles subiram os degraus alcançando a superfície. No tocante da noite, silhuetas de uma antiga ruína circulavam ao redor.

O mergulhador espantado perguntou:

– Onde estamos?

– Não tenho ideia – respondeu Victor.

– Seus olhos! – exclamou Bruna sorrindo, vendo que a coloração voltava ao seu normal.

O rapaz tocou seus olhos que se curavam lentamente.

– Precisamos encontrar o helicóptero, caso contrário, iremos congelar neste deserto – afirmou Hanz que sentia a fria brisa do norte.

– Você pode localizá-lo? – indagou Bruna.

– Creio que sim – ele olhou para as estrelas. – Acho que a noroeste da nossa posição.

– Acha?

– É apenas um palpite como navegador.

– Ok. Vamos embora.

– Eu vou ficar! – exclamou Victor.

– Como? Vai morrer neste deserto! – exclamou Hanz.

– Eu disse que vou ficar! – afirmou enraivecido.

– Acha mesmo que Layla tenha sobrevivido?

O rapaz agarrou o mergulhador com fúria.

– Sumam da minha frente!

Bruna franziu. Ela poderia refutar, mas encarando os olhos de Victor, percebeu que corriam perigo permanecendo no local.

– Vamos Hanz – disse ela.

O casal seguiu sob a luz da lua, mas Carlão permaneceu parado com os olhos perdidos. Ele frisou seu olhar em seu amigo. Apesar de distraído, o marombado sabia que havia algo de errado com seu velho companheiro.

– Victor?

O rapaz virou-se enfezado. – Vá com eles!

– Mas irmão...

– Eu disse, vá com eles! – exclamou mais uma vez em estado de cólera.

Cabisbaixo, Carlão seguiu o rastro de Hanz e Bruna.

Victor sentou-se à beira da escada, esperando que seu amor de alguma forma regressasse daquele inferno.

[Retornar ao sumário](#)

XXII
Perdidos

“O amor é a asa veloz que Deus deu à alma para
que ela voe até o céu.”

(Michelangelo)

Victor estava sentado na escada observando. Fazia horas que estava ali, parado.

Durante muito tempo, o jovem rapaz procurou sua onda perfeita, entretanto, nem em seus pesadelos mais sombrios ele imaginou passar por tamanho suplício para alcançá-la. Era como escalar uma montanha de farpas sem uma corda. Mesmo assim, ele continuava acreditando que seu final feliz a qualquer momento subiria aquelas escadas.

Seus olhos permaneciam inertes, sem piscar.

Estagnado, Victor parecia escolher a morte esperando sua amada retornar das profundezas.

Tudo indicava a perdição, mas na escuridão, Layla apareceu carregando o corpo de Aaron.

Victor correu em sua direção.

– Layla!

A menina caiu de joelhos e suas asas retrocederam à carne. Com os olhos lacrimejando, ela desceu sua face.

– Que pecado cometemos? – indagou baixinho.

Victor tocou seu rosto com olhar confuso.

Layla acariciou a pele de Aaron que havia perdido seu rubor. Soltando o ar, a menina pôs-se a chorar. As gotas desciam de seus olhos e caíam sobre o corpo do amado conselheiro.

Levando seus olhos ao chão, o jovem rapaz refletiu em um momento solene. Lembranças de seu treinamento vieram à tona e cada

ensinamento de seu velho mentor aninhou-se em seu coração. Motivado em continuar, ele tocou no ombro da gótica.

– Vamos enterrá-lo, ele merece um sepultamento.

Layla negou com um balançar de cabeça.

– Não, iremos cremá-lo, assim suas cinzas serão levadas ao céu.

Estendendo seus braços, Victor segurou o corpo de Aaron. Saindo das tumbas, caminharam pelas ruínas. Entre as sombras diversas eles procuravam uma superfície que serviria como altar.

Após minutos de caminhada eles encontraram o lugar perfeito. Ao centro, na antiga cidade de Ur, Victor repousou o corpo de Aaron sobre uma pedra recortada.

Abatida, Layla chorava calada.

– Devemos orar – disse ela levantando seus olhos.

Victor confirmou com um balançar de sua cabeça.

Em frente do altar improvisado, eles prostraram-se de joelhos.

A gótica fechou seus olhos, ela sabia orar com fervor, afinal, tinha passado sua vida ajoelhada clamando por dias melhores. Entretanto, o jovem abastado encontrava-se inquieto, com um sentimento inseguro e atravessado; era a primeira vez que ele colocava-se de joelhos em oração.

Layla foi a primeira a recitar:

– Senhor, leve ao seu seio esse homem de bom coração que me ajudou em meu difícil caminho. Dou o meu testemunho em favor de sua alma; que sejam perdoados os seus tropeços para que ele finalmente possa beber da fonte do Seu conhecimento – ela arfou em um descarregar de sentimentos. – Amém.

Sem saber o que dizer, Victor parou e pensou em permanecer quieto. Mas, sentindo um calor em seu peito, lembrou-se de um verso que Aaron havia lhe ensinado. Ele suspirou e recitou baixinho:

– Seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu.

Abrindo seus olhos lacrimejados, Victor deu seu adeus.

– Um dia iremos nos ver meu velho amigo.

Pondo-se de pé, ele colocou sua mão no peito frio e sem vida de seu mentor. Concentrando forças na palma de sua mão ele gerou um fogo ardente que se propagou pelo corpo tomando por completo a superfície do altar.

Afastando-se, o casal observava as chamas que queimavam a carne. Um tributo; o holocausto em sua forma simbólica de remissão aos homens.

O corpo de Joel havia se desfeito pela última vez.

Sentindo um aperto em seu coração, Layla abraçou Victor tentando buscar conforto em seu peito. Fechando os olhos ele retribuiu acariciando seus cabelos sedosos. Um momento de paz se estendeu durando apenas até o reabrir dos olhos. Entre as ruínas, espíritos brotavam da terra.

– Temos que partir! – exclamou ele, com pupilas tensas, fixas na escuridão.

Layla virou-se sem nada enxergar.

Um sentimento frustrante lhe rebateu, afinal, durante o tempo que seu corpo esteve possuído ela experimentou dominar o mundo das trevas; agora, tudo havia se perdido retornando ao seu estado original, onde ela era incapaz de controlar seu próprio mundo.

Eles correram para o deserto.

Percorrendo quilômetros naquele cenário inóspito, Layla, enfraquecida, apenas queria fechar seus olhos e descansar. Porém, quando seu corpo protestava por repouso, ela apertava a mão do amado buscando recarregar sua motivação. Mais um quilômetro foi vencido, mas sua fadiga alcançou seu limiar. Exaurida de forças, ela desligou-se caindo desfalecida.

– Layla! – gritou seu amado.

Victor pegou-a no colo e continuou caminhando pelo deserto. Quando encontrou um monte onde uma árvore de jasmim ostentava-se no topo, decidiu descansar. Sob seus galhos, pôs sua amada deitada e ao seu lado, repousou.

A gótica respirava pesado, repondo suas energias em um sono profundo. Mas, após alguns minutos, em um surto de responsabilidade, seu corpo liberou uma carga adrenérgica. Abrindo os olhos assustados ela encarou os galhos sobre sua cabeça. Uma pétala dançou no ar e caiu sobre sua face. Ela balançou seu rosto libertando-se da intrusa de aroma adocicado. Virando seu rosto, encontrou seu amor estendido ao lado. Com um sorriso confortante ela o tocou.

– Quantas noites eu não sonhei com esse momento.

Victor deslizou sua mão sobre o braço carinhoso de sua amada. Seu olhar subiu pela pele morena até alcançar os olhos ávidos que o

encaravam sem cansar.

– Vou estar ao seu lado Layla, ninguém irá nos separar.

– Tenho medo, medo de perdê-lo – seu sorriso foi desfeito. – Passei minha vida acreditando que nunca poderia ser feliz. A morte varria meus amores, e meu coração sangrava abrindo feridas que com o tempo pareciam incuráveis. Aprendi a viver enclausurada na minha melancolia achando que havia sentindo todo tipo de dor; mas aí, eu te conheci. Quando você partiu, presenciei a dor final, pois sei que não haverá dor que possa ser maior.

Victor abraçou-a aproximando seus lábios dos dela. Com seu coração acelerado, beijou-a com paixão.

Layla fechou seus olhos e sentiu o toque quente e úmido. Havia um sentimento único, um calor que aquecia seu corpo e alterava sua respiração. Por dentro, ela parecia elevar sua alma ao céu e queimar-se na atmosfera como uma estrela cadente.

Assim que Victor se distanciou, ela abriu seus olhos.

– Queria morrer em seus lábios!

Exausta, Layla segurou-se firme no corpo de Victor, posicionando-se sobre seu peito.

Sentindo a brisa congelante em sua pele, ela acuou-se com suas pernas entre as pernas de seu amor. Deitada sobre seu peito, ela veio a adormecer. Victor abraçou-a sentindo o doce aroma de sua pele e procurou aquecê-la com seu calor.

Eles adormeceram sobre as estrelas como na primeira noite.

O sol no leste revelava seus primeiros raios. O vento, ainda gelado, soprava a poeira que seguia em círculos no ar.

Layla acordou escutando lamúrias.

– Victor? – indagou tocando seu rosto com a mão.

Sobre o corpo do amado, a menina pôs-se de joelhos. Ela guiou seus olhos para o deserto. Uma máscara de medo tomou sua face.

– Victor! – gritou ela assombrada pela cena perturbadora.

O jovem abriu seus olhos.

– Layla? – indagou ele quando escutou os gemidos que pareciam vir de todas as partes.

Layla levantou-se puxando Victor para junto de seu corpo. Seus olhos arregalados fitavam o perímetro daquela planície. Do solo erguiam-se

corpos, dezenas de milhares que seguiam em fileira desorganizada até o horizonte.

Eram mortos que caminhavam, receptáculos dos espíritos que agora se encontravam livres de sua prisão. Sodoma e Gomorra se erguiam para sua decisiva batalha.

Victor abraçou Layla com olhos aflitos.

– Precisamos de um milagre! – exclamou ele.

– Não haverá milagres, pois as portas do céu se encontram fechadas – completou a gótica.

Ele virou-se encarando a face assombrada de seu amor.

– Não importa o que aconteça, não importa para onde iremos; eu sempre amarei você.

– Victor! – exclamou ela com olhos comprometidos e um sorriso esperançoso.

Eles se abraçaram esperando a morte inevitável.

A brisa soprava de forma tranquila quando subitamente cessou e foi substituída por uma lufada morna parada no ar. A poeira dançante sobre o solo se afastou do centro. Houve um segundo de silêncio. De repente, em volta de seus corpos, ergueram-se três colunas de fogo equidistantes. Seus olhos se arregalaram e cerraram-se na sequência, deslumbrados pela claridade das enormes labaredas que giravam em seu eixo. Antes que pudessem exclamar, o som de uma tormenta foi desviado ao céu.

– O que está acontecendo? – gritou Layla, indagada pelo fenômeno sobrenatural.

Antes de ter sua resposta, as colunas moldaram-se: três foram os anjos revelados em sua beleza única.

Um sentimento perdido tomou o casal. Estagnados, eles encaravam as majestosas entidades que trovejaram suas asas de fogo para o céu.

Sem direcionar seu olhar, um deles exclamou:

– Levante suas faces, estamos em guerra.

[Retornar ao sumário](#)

Ishtar: a deusa dos acádios.

Ishtar é a personificação do feminino, da fertilidade, representada pela estrela de Vênus. É considerada a deusa mais poderosa do panteão Assírio. Em sua natureza, possuía muitas faces, de acordo com a necessidade regida: mãe benevolente, virgem guerreira, amante sedutora e anciã conselheira. Entre as várias facetas dessas personificações, as mais curiosas ocorriam na inversão dos polos: guerreira destemida na estrela matutina, e cortesã sedutora na estrela vespertina. Às vezes, as duas formas se fundiam e emergia a “Senhora da Vida e da Morte”.

De acordo com sua lenda, na juventude Ishtar amou Tamuz, o Deus da colheita e prosperidade. De cara, ele retribuiu seu amor, formando com ela uma única unidade. Segundo os antigos textos, esse amor lhe causou a morte através do véu negro que a deusa arrastava. Após a morte devorar seu grande amor através das entranhas da terra, ela, sofrida, decidiu descer ao mundo dos espíritos na esperança de salvá-lo. Por cada um dos portões pelos quais passava, deixava uma peça da sua vestimenta, pois deveria abandonar a vida terrena (origem da dança dos sete véus). Quando chegou ao mundo dos espíritos, completamente nua, travou um confronto contra a deusa do submundo, mas foi derrotada e aprisionada. Durante esse tempo em seu cativeiro, não houve fecundação. Homens, animais e plantas deixaram de produzir seu fruto, o que causou uma desolação no céu e na terra.

O pai da deusa, Sin, o deus Lua, disposto a reatar o equilíbrio, convocou a Ea, guardião da Sabedoria. O poderoso braço direito do grande deus, encarregado de velar o destino, alterou as intrincadas linhas de um futuro incerto. Diante à poderosa força que reata nossos caminhos, a rainha do mundo dos espíritos se vê forçada a libertar Ishtar.

A deusa retorna das profundezas com seu amor, o final parece perfeito. Mas, segundo alguns textos posteriores, o jovem deus que havia

perdido a alma, retorna mudado tendo em si duas naturezas que se intercalavam ao ano. Assim, torna-se justificável a morte da natureza no outono, e seu renascimento na primavera.

Série: Algoritmos Sagrados

Almas Seladas
Máscaras Reveladas
Símbolo Oculto
Sombras Noturnas
Laços Mortais

Quando a alma, ao termo de mil hesitações
e desenganos, cravou as raízes para sempre
num ideal de amor e de verdade, podem calcá-la
e torturá-la, podem-na ferir e ensanguentar, que
quanto mais a calcam, mais ela penetra no seio
ardente que deseja.

(Abílio Guerra Junqueiro)

[1] Burlesca é uma tendência que remonta aspectos escrachados e lúdicos do século XVII e XVIII. É uma descendente da Commedia dell'arte, por isso, possui componentes de comicidade.

[2] Steampunk é um subgênero da ficção científica, ou ficção especulativa, que ganhou fama no final da década de 80 e virou uma tendência. Trata-se de caracterizações inspiradas principalmente no período da revolução industrial, porém os paradigmas tecnológicos ocorreram mais cedo do que na História não fictícia.

[3] Wing Chun é uma arte marcial singular, desenvolvida no século XVIII por uma mulher chamada Yim Wing Chun. Seu estilo permite que qualquer tipo de pessoa, independentemente de tamanho, força ou sexo, possa se defender de agressores maiores e mais fortes.

[4] Moonwalker é o nome do passo de dança de maior sucesso de todos os tempos, executado por Michael Jackson. O movimento ilusionista dá a impressão de estar sendo puxado ao mesmo tempo em que anda para frente.

[5] Baldaquino se refere a qualquer obra de arquitetura ou remate escultórico constituído por uma cúpula sustentada por colunas e que resguarda um altar onde normalmente peças sagradas são colocadas para adoração.

[6] Styx (Estige) de acordo com a mitologia grega é um rio de águas revoltas de cor escura; o único meio viável para que os mortos cheguem ao Hades. O transporte só é feito pelo barqueiro, e se o corpo tiver sido devidamente enterrado com a moeda (óbolo) debaixo da língua. Caso contrário, a alma será condenada a vagar pelo limbo por 100 anos.

[7] Führer em alemão, o "condutor", "guia", "líder" ou "chefe". Deriva do verbo führen “para conduzir”. Embora a palavra permaneça comum no alemão, está tradicionalmente associado a Adolf Hitler, que a usou para se designar líder da Alemanha Nazista.

[8] Futhorc é o alfabeto rúnico – com 26 a 33 letras – usado pelos anglo-saxões e frísios a partir do século V. É derivado do Futhark antigo que possuía apenas 24 runas. O alfabeto foi amplamente usado na Inglaterra anglo-saxã até o século X.

[9] Escritura cúfica (Kufic) é um dos mais antigos estilos de caligrafia da língua árabe. Recebeu este nome por ter sido utilizada primeiramente em caráter oficial na cidade de Kufa, na Mesopotâmia, região correspondente ao atual Iraque. Caracteriza-se por ser anguloso e rígido. Os primeiros exemplares do Alcorão foram escritos com esta caligrafia, que se desenvolveu a partir da escrita siríaca.

[10] Kafta (Cafta) é o nome de um prato da culinária árabe. Consiste em bolas de carne feitas de cordeiro ou carneiro. Variações modernas aparecem no espeto sendo de boi ou frango.

[11] Jabe (jab) é o golpe da classe dos socos retos, usados por boxeadores e lutadores de kickboxing com a finalidade de manter o oponente distante ou para abrir a guarda para um segundo golpe mais potente.

[12] Zigurate é uma obra de arquitetura característico da Antiga Mesopotâmia. Possuía o propósito de ser usado como templo. Sua construção tinha o formato de uma pirâmide, porém com a presença de rampas ou escadas que acessavam diferentes pavimentos.